

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

RENATA RIBEIRO GÓMEZ DE SOUSA

Os sentidos da antivacinação em um grupo brasileiro do Facebook e suas relações com o discurso dominante sobre imunizações

RIO DE JANEIRO

2018

RENATA RIBEIRO GÓMEZ DE SOUSA

Os sentidos da antivacinação em um grupo brasileiro do Facebook e suas relações com o discurso dominante sobre imunizações

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto sensu do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Igor Sacramento

RIO DE JANEIRO

2018

Ficha catalográfica elaborada pela
Gestão do Conhecimento – GC
Bio-Manguinhos / FIOCRUZ - RJ

S725

Sousa, Renata Ribeiro Gómez de

Os sentidos da antivacinação em um grupo brasileiro do Facebook e suas relações com o discurso dominante sobre imunizações / Renata Ribeiro Gómez de Sousa. – Rio de Janeiro, 2018.

xiv, 296 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2018.

Bibliografia: f. 155-160

1. Saúde. 2. Vacina. 3. Risco. 4. Discurso. 5. Facebook. 6. Políticas Públicas. 7. Produção de Identidades. I. Título.

CDD 614.47

RENATA RIBEIRO GÓMEZ DE SOUSA

Os sentidos da antivacinação em um grupo brasileiro do Facebook e suas relações com o discurso dominante sobre imunizações

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Igor Sacramento

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Sacramento

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Dr. Wilson Couto Borges

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Dra. Adriana Andrade Braga

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio

Dr. Carlos Fidelis Pontes

Casa de Oswaldo Cruz – COC – Fiocruz

Dedico essa dissertação ao meu filho Mathias. Que o gosto pela aprendizagem e o desejo de autoconhecimento – que já me faz admirá-lo tanto - seja a sua fortaleza e o seu refúgio.

AGRADECIMENTOS

A primeira reverência é para Maria del Carmen e Maria da Conceição, avós queridas e mestras.

À minha mãe, por me ensinar na prática o que é ter e ser um lugar de fala.

Ao meu pai, por ter me transmitido o gosto pela Saúde Pública que tempera o nosso amor na Comunicação.

Se ao folhear essa dissertação por acaso cintilarem tons de rosa, alaranjado e nascer entre capítulos o mais solar dos amarelos, ainda são os efeitos dos escritos na Estância Cerro Branco: lugar no mundo onde entreguei o meu coração, mas de onde também nasce o que eu entendo por inteireza. E isso dialoga com o processo de construção desta dissertação que finalmente inaugura o início da minha vida acadêmica.

Aos meus irmãos de caminhada e de sangue, amigos para toda a vida, Susana e Fabio, seus amores, Tati e Mark, que me deram os mais adorados sobrinhos: André, Julieta, Rafael e a fofura que a minha cunhada traz na barriga, a Gabriela. “Juntos sempre que possível, separados quando necessário” (Grande povão, 2017).

Às minhas irmãs espirituais Ana Kutner, Juliana Mattar e Vanessa Sattamini.

Aos primos do coração pela escuta cada dia mais afinada.

À analista, que com delicadeza demonstrou que “dissertar simplesmente não cabe”, mas paradoxalmente viu nascer uma pá de coisas!

Aos meus chefes:

Dr. Akira Homma por ter me transmitido o amor pelo tema “Vacinação” e pela Unidade, Bio-Manguinhos.

Ao Artur Couto por ter apostado imediatamente nesta pesquisa.

Ao Mauricio Zuma por encorajar práticas inovadoras com autonomia e responsabilidade.

Ao Dr. Reinaldo Martins pela consultoria, indicação de leitura e acompanhamento tão próximo.

À melhor equipe de comunicação de todos os tempos: Alessandra, Bernardo, Carla, Danielle, Diego, Fabio, Gabriella, Lívia, Isabela, Fabio, Paulo, Rodrigo e Talita, pelas contribuições precisas, generosidade e parceria sem restrições.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS), pelo acolhimento, estímulo e oportunidade. Foram dois anos intensos que nutriram e oxigenaram todas as células do meu corpo.

E uma especial deferência ao meu orientador, Igor Sacramento, por dividir conhecimentos com entusiasmo, sabedoria e cordialidade. Por apontar os limites da pesquisa e trazer sempre novas

leituras, trocas em grupo e possibilidades. Igor me apresentou belas paisagens e me ensinou a suportar a solidão dos passeios. Me presenteou com tecidos finos, dividimos escolhas e adentramos o vasto e pouco explorado ainda, universo das redes sociais *online*. Mergulhadores vão fundo e como o processo de aprendizagem não é linear, eu espero que tenhamos outros voos.

As mestras que atravessam os tempos:

Lucia Ferreira Reis, Isabel de Assis Ribeiro de Oliveira, Tânia Celeste e Katia Loyola.

Ao professor do Programa, que deu os primeiros contornos ao trabalho com sagacidade, precisão e humor. Obrigada, André Pereira Netto.

À turma mais parceira de todos os tempos, PPGICS 2016! Destaque aos queridos Allan Gouveia & Catarina pela nossa trindade e por me apontarem caminhos nas duas maiores encruzilhadas.

Amor que não se mede!

Pelo café feito na hora, pelo bolo morno, pela paciência diária e pela dedicação, minha funcionária, Luísa.

Pelo bom humor, paciência, alegria, atos e palavras de incentivo, Thayná.

Ao “V” da Vitoria que é Eugênia, fonte de inspiração para seguir em frente.

À Priscila por fechar a porta e apagar a luz.

À mim mesma.

RESUMO

Esta dissertação tem como propósito analisar os fluxos dos discursos produzidos por um grupo brasileiro, antivacinação, em uma rede social *online*, o Facebook, examinando de que forma tais enunciados dialogam com os discursos sobre imunizações e produzem interdiscursos que estão imersos em nossa prática social discursiva. Pretendemos compreender em que medida a nossa sociedade, ao assumir características neoliberais, marcada pela lógica da responsabilização individual, do autocuidado e do risco, torna-se mais sensível e aderente (ou não) às políticas públicas de saúde. Para isso, analisamos as 10 postagens mais curtidas e comentadas (durante o período de um ano – abril de 2016 a abril de 2017) do grupo “O lado obscuro das vacinas”, utilizando a ferramenta Netvizz, aplicativo gratuito e colaborativo do próprio Facebook. Esse trabalho analítico põe em articulação os conceitos de governamentalidade; biopolítica e biopoder; risco; além dos estudos sobre construção das identidades, proposto por Hall, e sobre o sujeito contemporâneo, proposto por Giddens e Bauman. A estratégia metodológica, portanto, baseia-se na análise dos fluxos dos discursos à luz do pensamento foucaultiano, com contribuições sobre o conceito de risco trazidas por Lupton, Rose e Beck. Nossas análises nos mostram que o tema da (anti)vacinação está inserido na relação entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado; tensão essa atravessada, na contemporaneidade, por uma falta de confiança nas representações de autoridade: nos governantes, nas instituições, na grande mídia, nas recomendações médicas, na indústria farmacêutica. Este debate trata, portanto, da perspectiva das práticas e lógicas que regem a sociedade contemporânea, da produção dos sujeitos e, sobretudo, das identidades que os discursos constroem a partir de si mesmos, pois são por excelência fundantes. Com isso, pretendemos contribuir para a reflexão sobre como as redes sociais deslocam as formas tradicionais de se pensar a comunicação, uma vez que funcionam não apenas como alternativa para a disseminação de informações oficiais ou não, mas também como lugar de compartilhamento de angústias, medos, riscos e ideias, espaço propício à interação, ao autocuidado, à autoajuda e à mobilização social, estimulando debates livres de territórios físicos, sem exposição da face, com expressivo alcance e baixo investimento. E isso pode fazer repensar as estratégias de comunicação adotadas, sobretudo no campo da Comunicação e Saúde.

Palavras-chave: Saúde; Vacina; Risco; Comunicação; Discurso; Facebook; Políticas Públicas; Produção de Identidades.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the flows of discourses produced by an antivaccination Brazilian group on an online social network, Facebook, examining how such statements dialog with discourses regarding immunizations and produce interdiscourses that are immersed in our discursive social practice. The goal is to understand to what extent our society, by assuming neoliberal characteristics, marked by the logic of individual responsibility, self-care and risk, becomes more sensitive and adherent (or not) to public health policies. Therefore, the 10 most liked and commented posts (for a period of one year - April 2016 to April 2017) from the group "The Dark Side of Vaccines" were analyzed using Netvizz tool, a free and collaborative application of Facebook itself. This analytical work articulates the concepts of governmentality; biopolitics and biopower; risk; as well as the studies on identity construction proposed by Hall, and on the contemporary subject proposed by Giddens and Bauman. The methodological strategy is based on the analysis of the flows of discourses in the light of the Foucauldian thought, with contributions on the concept of risk brought by Lupton, Rose and Beck. Our analysis show that the (anti)vaccination theme is constituted by a tension between the individual and the collective, between the public and the private; this tension is crossed in contemporary times by a lack of confidence in representations of authority: in governors, in institutions, in mainstream media, in medical recommendations, in the pharmaceutical industry. Thus, this debate deals with matters concerning the perspective of the practices and logics that govern contemporary society, the production of subjects and, above all, the identities that discourses construct from themselves, since they are founders par excellence. Thereby, we aim to contribute to the reflection on how social networks move traditional ways of thinking about communication, since they function not only as an alternative for the dissemination of official information or not, but also as a place for sharing anguish, fears, risks and ideas, a propitious space to interaction, self-care, self-help and social mobilization, stimulating debates free of physical territories, without face exposure, with significant reach and small investment. All this should make us rethink the communication strategies adopted, especially in the field of Communication and Health.

Keywords: Health; Vaccine; Risk; Communication; Discourse; Facebook; Public Policies; Identity Production

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Calendário Nacional de Vacinação 2018	52
Tabela 2	Calendário Nacional de Vacinação dos Povos Indígenas	53
Tabela 3	Número de estados membros da região europeia da OMS por status de eliminação de sarampo e rubéola	55
Tabela 4	Doenças evitáveis por vacinas	57
Tabela 5	Apresentação das características dos enunciados mais curtidos na seleção realizada	102
Tabela 6	Enunciados mais comentados: síntese dos temas e número de comentários que recebeu cada postagem	105
Tabela 7	Temas mais comentados	106
Tabela 8	Apresentação das identidades (posições de sujeito assinaladas nos discursos)	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Taxa de vacinação de Poliomielite em 2016	58
Gráfico 2	Cobertura vacinal contra sarampo, caxumba e rubéola no CE e PE	59
Gráfico 3	Imunização contra sarampo, caxumba e rubéola	60
Gráfico 4	Vacinação contra a poliomielite em decadência	61
Gráfico 5	Temas mais presentes nas postagens mais curtidas	104
Gráfico 6	Temas mais comentados e suas origens	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
PNI	Programa Nacional de Imunizações
CDC	Centro de Controle de Doenças dos EUA
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OMD	Objetivo de Desenvolvimento do Milênio
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
TEA	Transtorno do Espectro Autista
FA	Febre Amarela

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Campanha Nacional de Vacinação	51
Imagem 2	Família Zé Gotinha	51
Imagem 3	Estados brasileiros com cobertura vacinal acima de 90%	62
Imagem 4	Os cinco estados brasileiros com cobertura vacinal acima de 90%	63
Imagem 5	Número de casos de doenças por região	65
Imagem 6	Visualização das relações do grupo	86
Imagem 7	Exemplificação do uso do código “Ac” no grupo do Facebook	87
Imagem 8	Imagem do grupo “O lado obscuro das vacinas”	88
Imagem 9	Postagem mais curtida: depoimento de uma mãe realizada	98
Imagem 10	Crítica à indústria Farmacêutica	99
Imagem 11	Postagem fixa da administradora com as regras de convivência no grupo	100
Imagem 12	Nos comentários, a administradora reforça as regras do grupo e tem o apoio dos membros	101
Imagem 13	H1N1	112
Imagem 14	Busca por informações	115
Imagem 15	Link compartilhado por participante do grupo	121
Imagem 16	Autismo	125
Imagem 17	Enunciante buscando mais informações sobre H1N1	128
Imagem 18	Advogada solicita artigos científicos para embasar defesa de sua cliente	131
Imagem 19	Busca por informações/Medo	134
Imagem 20	Link compartilhado em defesa da amamentação	137
Imagem 21	Testemunho de uma mãe	141
Imagem 22	Mulher contesta risco real da Febre Amarela	144

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	RISCO E BIOPOLÍTICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	24
2.1	EM DIREÇÃO À BIOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA	24
2.2	A SOCIEDADE DO RISCO E OS SISTEMAS DE CONFIANÇA	30
2.3	O RISCO E O ESTILO DE VIDA NA BIOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA	37
2.4	A INTERNET E O PACIENTE-EXPERT	43
3	A HISTÓRIA DA IMUNIZAÇÃO E OS MOVIMENTOS ANTIVACINAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO	46
3.1	A REVOLTA DA VACINA COMO ACONTECIMENTO FUNDADOR	46
3.2	A RECENTE POLÍTICA DE IMUNIZAÇÃO NO BRASIL E A ANTIVACINAÇÃO	49
3.3	O MAPA DA ANTIVACINAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO	63
4	METODOLOGIA	67
4.1	DA ETNOGRAFIA À ANÁLISE DOS FLUXOS DOS DISCURSOS	67
4.2	POR UMA ANÁLISE DOS FLUXOS DOS DISCURSOS	72
4.3	UMA ANÁLISE DE DISCURSOS PARA A INTERNET	84
5	OS FLUXOS DOS DISCURSOS PRODUZIDOS PELO GRUPO O LADO OBSCURO DAS VACINAS	95
5.1	PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	95
5.2	ANÁLISE DOS ENUNCIADOS MAIS COMENTADOS: OS CINCO PRIMEIROS	112
5.3	ANÁLISE DOS ENUNCIADOS MAIS COMENTADOS: OS CINCO ÚLTIMOS	131
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
	ANEXOS	161

1 INTRODUÇÃO

O sujeito falante é destinador e destinatário da sua própria mensagem, porque ao emitir uma mensagem, é capaz, ao mesmo tempo de decifrá-la. Ou seja, antes de destinar a mensagem a outro, o emissor destina-se a si próprio, daí falar é falar-se.

Julia Kristeva

Assim como a maioria das crianças brasileiras, fui vacinada e, hoje, trabalhando em uma unidade produtora de imunobiológicos pública, federal, brasileira, da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), que é sujeita à fiscalização – auditoria e inspeção – por órgãos de controle, temos a carteira de vacinação em dia. Não decidi me vacinar, mas optei por vacinar meu filho.

No Brasil, a cobertura vacinal em relação a outros países é acima da média, resultado de políticas públicas e dos 45 anos de atuação do Programa Nacional de Imunizações (PNI) da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, que conta com diretrizes bem definidas e campanhas nacionais veiculadas nos principais meios de comunicação do país. Esses investimentos contribuem para a presença massiva da população a cada edição dessas campanhas.

Contudo, de dois anos para cá, isso vem se modificando. Recente artigo publicado pelo médico Dráuzio Varella no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 25 de maio de 2017, relaciona a disseminação de informações contra as vacinas na rede social Facebook com o surto de sarampo na Europa que afetou mais de 7 mil pessoas. Segundo informações obtidas por Varella, o crescimento desses movimentos preocupa o Ministério da Saúde brasileiro que registrou queda no último ano na cobertura vacinal da dose de reforço da tríplice viral, que protege contra o sarampo, a caxumba e a rubéola, com adesão de apenas 76,7% do público. A preocupação é que, se a cobertura vacinal cair, é provável que doenças imunopreveníveis, até então controladas, retornem. O maior receio é que o aumento do deslocamento populacional entre diferentes países coloque em risco o controle epidemiológico mundial.

De acordo com a OMS, em 2017 houve um aumento de 400% dos casos de sarampo nos países europeus. No total, foram registradas 21 mil pessoas infectadas e ao menos 35 mortes. Os números impressionam, pois até 2016 havia um controle e baixa incidência desta doença, conquista esta que foi revertida logo no ano consecutivo.

No Brasil, em 2017, foram entregues ao Programa Nacional de Imunizações pela Fiocruz, 129.186.000 de doses de diversas vacinas. Essa produção é garantida,

majoritariamente, pelo Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz), dentre outros produtores nacionais e internacionais. O orçamento anual da Fundação é da ordem de 3,5 bilhões de reais, sendo uma parte considerável destinada ao desenvolvimento e produção de imunobiológicos, o que demonstra a relevância dada à vacinação por nossa sociedade.

Há mais de dez anos coordenando a Assessoria de Comunicação de Bio-Manguinhos, sentimos o interesse em pensar academicamente a nossa prática profissional e aprofundar algumas reflexões sobre o papel social da Assessoria, enquanto parte integrante do Sistema Único de Saúde (SUS). Um dos pontos de partida foram os dados coletados em parceria com o Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) do Instituto, que atende às solicitações dos mais variados segmentos sociais.

Desde 2001, quando foi implantado o Serviço, até março de 2018, foram contabilizados 8.740 registros referentes a vacinas, via ligações telefônicas, e-mail, fax, carta ou até mesmo pela ferramenta “fale conosco”, que faz parte de um amplo serviço oferecido pela Fiocruz. O sistema é subdividido em duas categorias: *solicitação*, para informações técnicas, comerciais e pedidos não classificados; e *notificação*, para queixas técnicas, eventos adversos e erros programáticos. As notificações são acompanhadas e tratadas pela área da Qualidade e Farmacovigilância, que monitora continuamente a eficácia e a segurança dos produtos distribuídos, utilizando procedimentos padronizados para a detecção, avaliação, compreensão, comunicação e prevenção de questões referentes às vacinas e demais produtos fornecidos. De 2008 até 2017, foram contabilizadas 907 notificações – queixas técnicas e eventos adversos – referentes a vacinas.

Em janeiro de 2018, quando foi confirmado definitivamente o surto de febre amarela e a sua intensificação em algumas regiões, questionamentos referentes à doença e a possíveis eventos adversos provocados pela vacina foram feitos pelo Facebook. Nesse período, o site do Instituto teve mais de 2,2 milhões de acessos, além de solicitações da imprensa brasileira e internacional. As agências de notícias mediaram as principais questões que afetavam a população de um modo geral, além de serem tratadas individualmente às demandas que vieram pela Ouvidoria da Fiocruz, dentre outros canais de diálogo disponíveis, em consonância com a Lei de Acesso à Informação. Esses canais e os sistemas integrados funcionam como indicadores estratégico e operacionais da instituição, além de reunirem um volume considerável de informações que são tratadas individualmente e eventualmente de forma descentralizada.

Essas dúvidas estão relacionadas a diferentes anseios: interesse sobre as quantidades de vacinas ofertadas ao Ministério da Saúde; economia de divisas com a produção de

imunobiológicos; e desejo de visitar as instalações para melhor conhecer a história da imunização no Brasil e a trajetória de Oswaldo Cruz, patrono da Fundação, seus feitos, os registros históricos e suas contribuições à saúde pública do país desde a Revolta da Vacina. Além disso, questionamentos sobre eficiência, eficácia e segurança das vacinas estão presentes nos 118 anos de Fiocruz. Mesmo em menor quantidade, questionamentos sobre eventos adversos, sobre a correlação entre vacinação e autismo, dúvidas, queixas, sugestões, elogios e críticas são conteúdos que igualmente atravessam a história da instituição.

Os desdobramentos são solicitações por artigos científicos que tratem da relação entre os temas acima; questionamentos sobre a existência de pesquisas ou de estudos que aprofundem os eventos adversos; dúvidas sobre os riscos nas doses de vacinas combinadas; sobre as normas de uso dos diluentes utilizados ou sobre a quantidade de mercúrio adotada para a conservação do produto. Ainda estão presentes indagações sobre as adequações dos produtos à realidade brasileira, sobre ampliação das faixas etárias de cobertura vacinal, procura por ofertas de vacinas com novas abordagens, desenvolvidas a partir do DNA ou produzidas em plataformas vegetais, assim como o acompanhamento sobre os estágios da pesquisa das vacinas para Zika, Chikungunya e Dengue e estudos a nível molecular, conhecidos como *big data* que modificam substancialmente tudo que se pensava até hoje sobre imunizações. Através da computação e do uso de sistemas integrados, os profissionais da saúde agora podem aprofundar seus estudos e fazer análise mais detalhadas de grandes volumes de dados, em um sistema biológico. A medicina personalizada ou de precisão emergindo como uma alternativa, traz a possibilidade de novas ofertas e revisão dos cenários. E tais descobertas dialogam com os anseios dos grupos que querem saber quais são as alternativas à vacinação.

Para boa parte destas questões, são dadas respostas – o grau de satisfação, registrado pelo próprio usuário no sistema, é elevado –, quando se trata do Serviço de Atendimento ao Cliente e entrevistas diariamente são concedidas. Ainda que nem sempre as informações sejam conclusivas. O próprio Oswaldo Cruz referia-se à ciência como “um sonho quase realizado”, citação retirada de um cartão postal enviado por Oswaldo a Ezequiel Dias¹. A frase do cartão poderia ser complementada com a sua célebre frase: “não esmorecer para não desmerecer”, dada a dinâmica da natureza em “fazer” ciência.

Na esfera social, com alguma frequência deparamo-nos com debates sobre vacinação que com frequência, tendem à polarização. Com o intuito de defenderem pontos de vistas

¹ O postal pode ser encontrado no acervo digital da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, disponível em <<http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/postal-enviado-por-oswaldo-cruz-ezequiel-dias-contendo-imagem-do-castelo-de-manguinhos>>. Acesso em 16 jun. 2017.

diferentes, surgem com frequência, informações divergentes daquelas propagadas pelo Ministério da Saúde. No grupo do Facebook nomeado “O lado obscuro das vacinas”, um usuário afirma que a vacina deveria ser vista como um direito de escolha e não como um dever

Lutar pelo direito de escolha sobre vacinar ou não em nosso país é como abrir uma nova trilha numa mata fechada, cheia de ameaças, vulnerabilidades e espinhos em busca de alcançar o horizonte da liberdade sobre o cuidado do organismo de nossos filhos (USUÁRIO DO FACEBOOK, 2016).

É muito comum se crer que essa opinião é fruto da desinformação e da ignorância, mas não raramente acolhemos as percepções de colegas, estudantes e da própria imprensa que eventualmente querem saber qual é a nossa opinião sobre o movimento *antivacinação* no Brasil e no mundo, além de administrar expectativas em receber informações em “off”. Essas interações informais rendem, no universo de atuação da comunicação do Instituto, o recebimento de documentos, como o mapa *antivacinação* no mundo trazido por um colega, a oferta de depoimentos de pais de autistas, além de documentários *antivacinação* para análise e apuração e, se possível, um pedido de resposta de “uma fonte confiável, amiga” – usando a expressão utilizada pelos próprios interessados – e outras fontes científicas e formais.

Parece-nos que essa busca por informações de bastidores, “privilegiadas”, sem filtro, é sustentada por uma desconfiança nas fontes oficiais governamentais, como se elas negassem ou ocultassem o acesso a “informações verdadeiras”. E, traçando um paralelo, em uma pesquisa sobre a circulação de discursos de confiança e de desconfiança em relação à vacina contra a Influenza H1N1, Kátia Lerner e Igor Sacramento observam uma disputa entre o conhecimento médico e as informações anônimas na internet sobre vacinação:

No anonimato, os discursos se associam de modo a configurarem uma rede de significações anônima, evocando “medos” que existem em relação aos efeitos das vacinas de modo geral. Todavia, talvez seja justamente por esse anonimato que o texto tenha esse impacto de denúncia (mostrando a “verdade” sobre a vacina, para além do que é dito oficialmente). Ficam, então, os discursos em disputa pelo poder de serem aceitos como confiáveis (LERNER; SACRAMENTO, 2012, p. 49).

Estamos vivendo uma experiência diferente da do discurso anônimo. Hoje, existem falas pautadas pela identificação da autoria (com nome, pessoa, origem). Em grupos no Facebook, blogs, sites, vídeos no YouTube, pessoas assumem suas opiniões, compartilham informações, debatem, negociam e disputam sentidos sobre os mais diversos assuntos. Há, cada vez mais, como apontam Muniz Sodré e Raquel Paiva (2011), um anseio obstinado pela vocalização, pelo

direito à voz e por transformar a opinião pessoal em pública. Isso se dá ainda pela proximidade com aqueles que pensam e agem de modo semelhante, configurando em grupos online um sentimento de pertencimento comunitário: o grupo do “nós” diante do “eles” (que apresentam condutas e ideologias contrárias), independentemente dos territórios físicos. Ainda segundo os autores, “na ambiência das novas mídias e das redes sociais, sem mediações cívicas, cada um de nós é no fundo qualificado como ‘tábula rasa’, capaz de gerar e receber informação” (SODRÉ; PAIVA, 2011, p. 28). Nesse contexto, as redes sociais corroboram para essa disputa de território, sem lugar de fala neutro.

Para Zygmunt Bauman (2001), o estágio da sociedade atual poderia ser classificado como a da modernidade líquida – em substituição ao conceito de pós-moderno –, pois assume características mais ideológicas do que afeitas à condição humana. Para ele, a sociedade líquida pensa a curto prazo, é individualista, tem como valores a independência, a autossuficiência e o baixo comprometimento e engajamento social. Essa sociedade, portanto, tende a ser cada vez mais desregulamentada e desordenada, estimulada pelo mercado que, através da mídia, reforça esses discursos individualistas, valorizando os objetivos econômicos em detrimento dos sociais que fortalecem os pilares do sistema capitalista e a busca pelo prazer através do consumo. O desafio, portanto, do sujeito pós-moderno está em arquitetar, construir, gerenciar a si mesmo e sustentar isso por um longo tempo, se quiser ser bem-sucedido.

O modelo neoliberal, como matriz de desenvolvimento econômico, se materializa nas orientações de discursos e práticas sociais específicas. A produção de subjetividades no contexto da governamentalidade neoliberal de que fala Michel Foucault (2008) se dá sob uma nova dimensão: a da autorregulação. Há um deslocamento sensível na norma: do corpo social para o corpo do indivíduo. Isso significa que, ao contrário do que se pode pensar, existe uma nova configuração da dinâmica normativa do poder. Não se trata exclusivamente de um poder disciplinar, baseado nas instituições e seus meios de confinamento (a escola, a prisão, a caserna, a fábrica, a igreja), mas de um poder pós-disciplinar, que atua sobre os indivíduos de modo a “inserir” em seu registro a escolha do próprio estilo de vida. É justamente por isso que existem falas sobre a vacinação como uma escolha, mas não como uma obrigação. Acreditamos que é essa mudança sócio-política que legitima esse movimento que reivindica mais autonomia sobre si mesmo, sobre o próprio corpo e de suas famílias, além de mais autoria sobre os lugares de fala e a produção de sentidos alternativos aos dominantes, o que mobiliza a demanda de vocalização de ativistas e usuários da internet e de seus grupos virtuais.

De acordo com Raymond Williams,

[...] a cultura dominante não pode permitir demasiada experiência e práticas residuais fora de si mesma, pelo menos sem um risco. É pela incorporação daquilo que é ativamente residual – pela reinterpretação, diluição, projeção e inclusão e exclusão discriminativas – que o trabalho de tradição seletiva se faz especialmente evidente (WILLIAMS, 1979, p. 126).

Por esses motivos, é que esta cultura negligencia, não valoriza, reprime ou simplesmente não reconhece e ignora essas manifestações. Nosso objetivo é trazer para o centro a discussão sobre os discursos antivacinação, emergentes e alternativos às condutas recomendadas pelo governo. O sentido dominante é, sem dúvida, a vacinação. Há um entendimento amplamente difundido de que as práticas de prevenção ao adoecimento populacional se dão pelas campanhas de saúde, especialmente as de vacinação, cabendo ao Estado dispor de biotecnologias, para além de serviços de atendimento clínico, mas que proteja os indivíduos dos riscos de adoecer.

No caso da vacinação, o cuidado com a saúde se dá por meio de campanhas vacinais (como a poliomielite, Influenza H1N1 e HPV) e pelos surtos ou epidemias (como o caso recente dos surtos de febre amarela a partir de 2016). Já o emergente nos discursos antivacinação diz respeito à configuração da biopolítica contemporânea, na qual emerge aquilo que Nikolas Rose (2013), a partir dos estudos de Michel Foucault (2008), nomeou de tecnologia da autonomia, que se trata de uma nova configuração de poder por meio do qual o sujeito é instado a se autocontrolar, se autodeterminar e se autogovernar.

Nesta dissertação, pretendemos analisar como se dá a produção de sentidos dos discursos antivacinação em ambientes comunicacionais online, como as redes sociais, que constroem outras dinâmicas de mobilização, interação, disseminação, circulação e diálogo, em tempo real e com a possibilidade de amplo acesso. Mais precisamente, serão analisados os fluxos dos discursos sociais em um grupo brasileiro antivacinação no Facebook, “O lado obscuro da vacina”, com o intuito de investigar, por meio dos seus enunciados e das suas interações, quais são os seus argumentos técnicos e políticos acionados, suas motivações e suas relações, além de observarmos de que maneira se dão as vinculações com o discurso científico como legitimação, recusa ou refutação, por exemplo.

Assim sendo, para a investigação e para tratamento e coleta de dados desta pesquisa, será utilizada a ferramenta Netvizz que, por ser um aplicativo gratuito do próprio Facebook, mostrou-se o mais apropriado. Definido o campo da pesquisa, o primeiro passo foi testar algumas palavras-chave para localizar os grupos antivacinação. A palavra-chave que mais rendeu resultados foi “vacina”, o que demonstra que os membros não necessariamente sejam contra. São pessoas que buscam informações para formar a própria opinião.

Um outro eixo importante dessa pesquisa é que o tema vacinação precisa ser entendido

nas suas dimensões políticas, culturais e sociais, uma vez que a prática atua diretamente no corpo dos indivíduos. Isto tem influência direta nas relações estabelecidas entre a sociedade e o Estado, pois a vacinação ainda é questionada nos dias de hoje não só em sua condição de alternativa a outras maneiras de prevenção de doenças, mas também em relação ao direito que o Estado tem ou não de impor, compulsoriamente, um determinado procedimento às populações e quais seriam os limites de sua intervenção sobre os indivíduos.

Por outro lado, a prática da vacinação é da ordem do coletivo, pois para que seja efetiva é necessária uma vacinação *de bloqueio*, que consiste em

[...] vacinação feita com o objetivo de imunizar toda uma comunidade em caso de surto, visando impedir que apareçam novas ocorrências de determinada doença. Quando começam a acontecer registros de alguma doença em uma comunidade, em número fora do esperado, as autoridades de Saúde podem decidir vacinar toda esta comunidade para evitar que o agente infeccioso encontre mais pessoas desprotegidas e continue se espalhando. [...] Esta ação não impedirá a doença em pessoas que já foram contaminadas, mas protegerá aqueles que ainda não tiveram contato com a bactéria, mas convivem com os que estão doentes ou infectados, bloqueando a transmissão (SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES, 2017).

A vacinação produz uma proteção coletiva, tanto maior quanto mais elevado é a cobertura vacinal, o que requer a cooperação dos que residem em determinado território, chegam a ele e dele partem. Também é sabido que algumas pessoas apresentam alergia ou alguma condição médica específica que compromete o sistema imunológico. Isso reforça a teoria de que é benéfico vacinar o maior número de pessoas, criando, assim, uma “proteção de rebanho”, em torno daqueles que não podem ser vacinados ou daqueles para os quais a vacina simplesmente não foi tão eficaz, denominada “falha vacinal”. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES, 2017). De outro lado, os riscos associados às particularidades de cada organismo fazem com que alguns pais prefiram não vacinar seus filhos.

Considerando o exposto, cabe postular o seguinte problema de pesquisa: numa sociedade marcada pela governamentalidade neoliberal, marcada pela lógica da responsabilização individual e do risco, quais são as motivações e os principais argumentos dos membros de um grupo antivacinação no Facebook? Responder a essa questão é o objetivo principal do trabalho e para alcançá-lo, será necessário cumprir quatro objetivos específicos, que são analisar: 1) as configurações da subjetividade no contexto de uma sociedade marcada pela lógica do risco; 2) as políticas públicas de imunização e seus sentidos sobre as vacinas; 3) os temas e interações enunciativas presentes no grupo selecionado; e, finalmente, 4) as identidades construídas a partir das interações realizadas no grupo.

Com o intuito de atender aos objetivos mencionados, a pesquisa consistirá na observação do grupo no Facebook “O lado obscuro das vacinas”, de abril de 2016 até abril de 2017, onde será realizada uma análise dos fluxos do discurso a partir das 10 postagens mais comentadas. Coletadas as principais postagens compreendidas no período de um ano, será possível circunscrever com o rigor necessário, as dinâmicas culturais contemporâneas da biopolítica que estão em jogo, em uma sociedade marcada pela lógica do risco, mas que se empenha em buscar formas alternativas de obter “mais saúde”.

Em um primeiro momento, tratamos do contexto atual da biopolítica e da política de imunizações brasileira. O primeiro capítulo traz o olhar do filósofo francês Michel Foucault, a partir de quem a vacinação pode ser entendida como um dispositivo de biopoder, porque através de procedimentos e cálculos que buscam a maximização da vida, acaba por projetar e sustentar ideais de longevidade e de bem-estar. Além disso, tanto na obra de Foucault quanto na de outros teóricos (posteriores a ele e influenciados por ele, tal como Rose e Lupton), comentaremos as transformações sociais relacionada aos processos de autorregulação da vida e dos riscos e suas relações com as configurações da saúde coletiva na perspectiva dos usuários. Para embasar questões relativas à busca pelo maior cuidado de si, num contexto marcado pela lógica da autogovernança do risco na perspectiva da saúde pública contemporânea, serão utilizados argumentos de Beck (1997; 2011) e Rose (1989; 2013). E para contextualizar questões relativas à modernidade tardia, deslocamentos, encaixes e reencaixes serão empregados os conceitos de Giddens (1991, 1997, 2002), correlacionando com os temas segurança, perigo, confiança e risco, sendo esse último, problematizado por Beck (2011).

O capítulo seguinte articula as Políticas de Imunizações no Brasil e os movimentos antivacinação dentro e fora das redes sociais, descrevendo o panorama encontrado a partir dos recortes eleitos. Ainda nessa primeira parte, para contextualizar a história da imunização no Brasil, serão utilizadas as contribuições de Jaime Benchimol (2003), José Gomes Temporão (2003) e Anne Moulin (2003). Nessa perspectiva, serão apresentados o mapa do movimento antivacinação no mundo, matérias publicadas na mídia, a historicidade da imunização no Brasil e dados extraídos de relatórios da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde brasileiro.

Posto isso, são detalhadas as escolhas metodológicas e os procedimentos de análise dos enunciados extraídos do grupo do Facebook. Inicialmente, partimos de uma análise etnográfica, mas realizamos o que nomeamos de análise dos fluxos dos discursos que articula os enunciados mais comentados com o referencial teórico escolhido.

Ao problematizar as questões trazidas pelos grupos antivacinação nas redes sociais, o

objetivo é que o trabalho interesse aos profissionais da saúde pública e coletiva, meio acadêmico, profissionais e estudantes da área da comunicação e saúde, mídia, segmentos sociais, contribuindo na identificação dos elementos que mobilizam esses atores, para que se possa refletir sobre o modo como as instituições – especialmente as públicas na área da saúde – planejam, tomam as suas decisões e se comunicam com a sociedade. A proposta é contribuir para a reflexão sobre as estratégias e práticas de comunicação adotadas pelas instituições públicas, com especial atenção às redes sociais online.

Trazer à tona as lógicas da produção discursiva de um grupo antivacinação pode ser um primeiro passo para compreender a natureza da adesão ou da rejeição à prática vacinal, o que é tão importante quanto à formulação de novas vacinas e políticas; uma vez que a aceitação da população será sempre fator preponderante para o êxito de qualquer prática.

2 RISCO E BIOPOLÍTICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Onde há poder, há resistência.

Michel Foucault

Neste capítulo, buscaremos entender as transformações sociais contemporâneas em relação às dinâmicas entre poder, saber, norma e individualidade no âmbito da saúde. Consideramos, inicialmente, a abordagem de Michel Foucault e de comentadores de sua obra como Deborah Lupton e Nikolas Rose na análise da configuração da biopolítica contemporânea. Para tratar especificamente da lógica do risco prevalente na sociedade atual levaremos em conta as contribuições dos sociólogos Anthony Giddens, Ulrich Beck e Zygmunt Bauman.

2.1 EM DIREÇÃO À BIOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA

O conceito de biopolítica, proposto por Michel Foucault (2015), pode ser entendido como uma racionalidade política que leva à sujeição da administração da vida e das populações no sentido não só de assegurar, sustentar e multiplicar a vida, como também, colocá-la em ordem. A noção de biopoder denomina o modo como a biopolítica é posta em prática na sociedade e envolve o que Foucault descreve como uma transformação muito profunda dos mecanismos de poder da era clássica ocidental. Foucault está falando, aqui, de um poder que – de forma significativa – tem uma influência positiva sobre a vida. O biopoder constitui uma profunda transformação dos mecanismos de poder, na medida em que difere do que Foucault associa às conceituações jurídico-discursivas do poder como repressivo e negativo: um poder cujos efeitos tomam a forma de limite e de falta. Importante, o biopoder não substitui as funções repressivas e dedutivas do poder, mas trabalha em conjunto com essas tecnologias de poder.

A biopolítica marca uma transformação histórica significativa de uma política de soberania para uma política da sociedade, em termos de disciplina. Daí, genealogicamente, Foucault (2015) nos leva de um soberano que deve ser defendido a uma sociedade (uma espécie, uma população) que deve ser protegida. Na perspectiva de Foucault em uma política de uma população e espécie, o sujeito biopolítico deve ser trabalhado em conjunto com outras tecnologias de poder – poder repressivo e disciplinar – que operam mais diretamente no corpo e na subjetividade. Isso diz respeito especificamente aos meios de confinamento de que tratou Foucault: a escola, a fábrica, a igreja, a prisão, a caserna e as instituições de um modo geral.

Desde o século XVI, existe uma tensão entre segurança, população e as formas de construção dos governos e estados. Para Foucault, muito resumidamente, trata-se de responder “como se governar, como ser governado, como fazer para ser o melhor governo possível” (FOUCAULT, 2015, p. 408). Essas questões tiveram o seu início quando pareceu interessante criar condições para a manutenção do poderio de um soberano sobre o seu Estado. Inicialmente, o príncipe “maquiavélico” – no contexto do regime absolutista – se coloca em posição de exterioridade, transcendência, sendo o único que governa, mas, com o tempo, ele passa a ceder espaço para formas múltiplas de governança, encorajando para que a própria população passe a governar suas casas, o convento, as escolas, as repartições públicas, ocupando, assim, os espaços sociais e políticos. Sua governança, então, passa a ser mais indireta, pois se dá por meios de dispositivos sociais que operam no coletivo tornando essa influência menos visível e, logo, mais potente e preservada pelas mediações que assume.

Desse modo, o somatório de governos vai construindo um Estado único. Em um texto que narra a formação do século XVII, Foucault (2015) descreve basicamente três formas de governo: o governo de si mesmo; a arte de governar uma família; e a ciência de bem governar o Estado, que tem relação direta com a política. O território, nessa época, significava um elemento fundamental do principado ou do soberano. Independentemente de ser fértil ou estéril, com população densa ou escassa, produtiva ou não, o que estava em jogo era o domínio da localidade onde o poder se dava e que cederia, mais à frente, lugar para o domínio das populações, suas relações com as coisas, além dos seus costumes e hábitos, incluindo as formas de lidar com a fome, com as doenças, a morte e outras questões da vida.

A arte de governar seria uma tentativa de equilibrar essas forças para que se produzisse a maior riqueza possível, fornecendo às pessoas condições de subsistência suficientes de forma que a população se multiplicasse e seguir incrementando a economia. Essa arte instituiria um sentido de continuidade, ascendente e descendente, com o intuito de somar e reunir forças. Para que os objetivos da soberania se cumprissem nessa nova perspectiva, foram criadas as leis para disciplinar os homens, garantir a obediência necessária e favorecer o seu pleno exercício.

Assim, a própria população vai autorizando desvincular o conceito de família da noção da economia, transformando-a em algo menos privado e mais resultante do que é produzido pelo coletivo. A população passa a produzir efeitos econômicos (estatísticos) e a família é percebida como um modelo de governo (econômico) que se fortalece como elemento constituinte. A arte de governar começa a se configurar enquanto ciência política e a disciplina segue sendo reforçada nas escolas, nas oficinas e em exércitos, contribuindo para a gestão das populações e buscando mecanismos para operar nos detalhes, refinando a operação. Para

Foucault, não existe a substituição de uma sociedade soberana por uma sociedade disciplinar, que depois se tornaria uma sociedade de governo; segundo ele, “[...] trata-se de um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental, que tem a população como seu alvo principal e os dispositivos de segurança como seus mecanismos essenciais” (FOUCAULT, 2015, p. 428).

A partir de meados do século XVIII, o conceito de população é amadurecido e passa a ser percebido enquanto um conjunto de indivíduos, uma unicidade que pode ser descrita, contabilizada e governável. Nesse momento, o Estado passa a assumir como parte das suas responsabilidades a promoção da vida, exercendo sobre o corpo (vivo) a sua autoridade. A população, portanto, se evidencia mais como fim e

[...] instrumento do governo que como força do soberano; a população aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça (FOUCAULT, 2015, p. 426).

Em suma, todo esse processo é uma construção histórica que envolve populações, Estados e formas de governo, nas quais ele se constitui ora como um campo de intervenção, ora como representação do próprio poder, não sendo, portanto, o resultado da realização de uma potência da qual uns seriam dotados e outros desprovidos; visto que até mesmo sua identificação com uma instituição (a mais importante delas, o Estado) ou com qualquer outra estrutura dada seriam sedimentações de força somadas a estratégias plurais que atuam no tecido societário. E se o poder não está em um objeto, mas em uma situação estratégica, é porque não é facilmente localizável nem pode ser apropriado por alguém. O poder não está nas partes, mas entre elas, na tensão entre as forças, nas quais uma eventualmente é apenas mais predominante que a outra.

Dessa forma, caberia “analisar como opera seu funcionamento em redes, como o poder transita por intermédio dos indivíduos, sem que estes sejam seu lugar de origem ou seu alvo privilegiado” (FOUCAULT, 1997, p. 26). Nesse sentido, os poderes sociais se encontram “nas suas malhas, [em que] os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; (...) são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (FOUCAULT, 1989, p. 183). Ainda, o poder emana sem polarizar, pois é da sua natureza promover a alternância.

Para Foucault (2015), a biopolítica, como vimos, consiste na elaboração de estratégias que são utilizadas para a mobilização, a sensibilização e o direcionamento do comportamento e das ações das pessoas e se fundamenta no conceito de biopoder, que é a ação sobre o corpo, no qual se dá literalmente a “incorporação” da biopolítica. Na medida em que se coloca em discussão quais comportamentos humanos precisam ser adotados, circulam e se estabelecem tensões entre o Estado e as populações.

Trazendo esse debate ao momento atual, a intenção seria influenciar os indivíduos para que adotem uma determinada prática ou comportamento, tendo como justificativa a promoção da saúde pública e a prevenção de doenças e tais práticas estariam inseridas no conceito de biopolítica. Um exemplo dado pelo próprio Foucault (2015) são as campanhas de vacinação realizadas pelo Estado e que, de alguma forma, exercem o governo das populações pela lógica da disciplina. Os corpos são sujeitados às políticas de vacinação e às normas vigentes de poder.

Poderíamos considerar um traço neoliberal a influência direta que a racionalidade econômica teria na vida dos indivíduos; o conceito de liberdade seria cultivado apenas como um dos elementos do exercício do poder político. Por outro lado e de forma paradoxal, os mecanismos de segurança fariam a gestão dessa liberdade. O conceito de governamentalidade, com explora o próprio Foucault (2015), inclui dispositivos de segurança e de controle que foram sendo “institucionalizados” por meio de políticas, para garantir a segurança e a integridade das populações, acomodando as tensões sociais e institucionalizando as formas de poder. Isso não acontece de forma transcendente, mas se manifesta na própria sociedade, por meio das tramas societárias. Resume Foucault (1995, p. 245): “uma sociedade sem relações de poder só pode ser uma abstração”.

O Estado de governo deixa de ser definido pela extensão e ocupação da sua territorialidade para ter como alvo a população, utilizando e instrumentalizando o saber econômico e criando uma sociedade controlada por dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2015). As relações de poder não se restringem somente ao Estado, ainda que este seja a instância mais visível; elas se espalham microscopicamente e se instalam nas tramas das redes sociais através dos seus dispositivos de controle. A partir desse entendimento, o termo “governo” diz respeito às instâncias centralizadoras do Estado, enquanto “governamentalidade” passa a designar todo o conjunto de ações sociais, sendo uma manifestação desse poder, que muito especialmente acontecem por meio dos discursos que orientam quais comportamentos devem ser adotados e o que pode acontecer, caso não sejam.

A política pública igualmente se manifesta no conjunto dos seus enunciados, o discurso, para fazer acontecer a circulação dos conteúdos que se entendem como verdade e seguem

regras para o seu pleno funcionamento. As campanhas públicas sustentam discursivamente o interesse governamental ao colocarem em circulação as diretrizes do que se quer propagar nas escolas, empresas, igrejas, conquistando territórios físicos e simbólicos. A governamentalidade se dá em um modelo fragmentado e articulado entre estado, mercado e sociedade civil. Os processos de governamentalidade tendem a dissolver as próprias raízes dessa compartimentalização. As fronteiras entre público e privado, estatal e não estatal, político e não político são criadas e definidas dentro da esfera governamental através de séries históricas de conflitos, continuidades e novas construções que combinam poderes, saberes, práticas e discursos. Uma mudança na forma de governamentalidade significa uma mudança nas formas em que os mundos do Estado e da vida estão sendo definidos e separados. Como sugere Foucault (2015), a governamentalidade neoliberal é muito ativa e intervencionista, mesmo quando é alegadamente mínima. As intervenções estão acontecendo, e o poder se infiltra através de vários capilares entrecruzados no corpo social: redes heterogêneas de atores, discursos, práticas e tecnologias.

O objetivo da governamentalidade é constituir um padrão ou ordem emergente de um sistema social, decorrente de negociações e trocas complexas entre atores sociais intermediários, grupos, forças, organizações, instituições públicas e privadas, em que a organização estadual é apenas um entre muitos outros que procuram dirigir ou gerenciar essas relações. A efetivação mais concreta da governamentalidade é se afirmar como uma condução das condutas. A governamentalidade é um estrato especial de discursos e práticas de saber e poder. Trata-se do surgimento de regimes específicos de verdade, explorando como as várias maneiras de enunciar o que é verdade são constituídas, autorizando determinados indivíduos e instituições a se tornarem designados a terem o reconhecimento de uma fala tida como verdadeira. O foco principal não é tanto sobre a significação de textos e conceitos fundamentais, mas sobre a divulgação dos possíveis campos de enunciação, sobre as práticas que se conectam e tornam visível a relação entre palavras e conceitos, poderes e saberes discursos e práticas sociais.

No documentário “Foucault contra si mesmo” (2014), o próprio afirma que “onde há poder há resistência” e que essa relação nunca é de exterioridade. E mais: a modernidade traz consigo um processo de individualização, mas também de totalização e essa relação está intimamente conectada à ideia de biopolítica, que é o controle sobre os corpos para que sejam “dóceis” e “produtivos”. Na visão de Foucault, o indivíduo não nasce indivíduo, mas se torna, se molda, através da socialização que fixa, sempre que possível, o indivíduo a um dos aparelhos de normalização do Estado.

Pensando na configuração da biopolítica no século XXI, Nikolas Rose (2013) observou que há uma mutação na relação entre corpo e política do século XIX ao século XXI. O nascimento da clínica correspondeu a um tipo de olhar sobre o corpo em si mesmo ancorado em mudança em uma série de dimensões: leis e práticas de assistência; organização das profissões médicas e da pedagogia médica; formas de documentação em hospitais, o que permite novos tipos de estatísticas de mortalidade; anatomia patológica e dissecação *post mortem* dos que morrem no hospital. É central à biopolítica do século XIX a noção de população, classificação que define um extrato da sociedade marcado por alguma categoria previamente definida (como uma doença, por exemplo) a partir da qual o Estado poderá exercer controle e vigilância. O que Rose observa na passagem para o século XXI é uma nova configuração desse poder, centrada no seguinte:

A manutenção da saúde do corpo tornou-se central para a autoadministração de muitos indivíduos e famílias, empregando práticas que iam de dietas a exercícios, através do consumo de medicamentos patenteados, de suplementos alimentares, do autodiagnóstico e do autotratamento. Contudo, no mesmíssimo tempo em que o alcance da autoridade médica era estendido dessa forma, essa extensão era desafiada de muitos lados (ROSE, 2013, p. 24).

No contexto contemporâneo, conforme explica o mesmo autor, diversos agentes e instituições se levantam criticamente contra o excesso de medicalização da sociedade, denunciando o imperialismo médico (ou mais amplamente o imperialismo sanitário) agressivo difusor da crença em poderes irrealistas, quase mágicos, dos médicos sobre os corpos, as vidas e as sociedades. Esse processo de medicalização, já previsto por Foucault (1998), quando trata da política de saúde do século XVIII, tomou uma dimensão muito maior na contemporaneidade, o que é demonstrado pelos inúmeros focos de resistência ao poder paternalista dos médicos: os movimentos sociais, o feminismo, os defensores de portadores de deficiências e assim por diante. Nesse contexto, há várias tentativas de se “conferir poderes” aos receptores do cuidado médico, através de modos que variam de um país a outro, mas que incluem a crescente ênfase sobre a “cidadania ativa”, a transformação dos pacientes em consumidores e a crescente disponibilidade de informações médicas na internet, a partir de uma vastíssima multiplicidade de fontes a que os pacientes podem ter acesso para, a partir daí, modelar seus pedidos aos médicos e avaliar ou desafiar os diagnósticos médicos (ROSE, 2013, p.25).

Como afirma Lupton (1997), os discursos paramédicos não necessariamente concorrem com o discurso médico, mas simulam a medicina. Há um processo de simulação do discurso especializado, mas também uma busca cada vez maior por se especializar. Os indivíduos, por

conta do acesso às informações na internet, vêm buscando garantir a seu próprio juízo o que acreditam ser verdade ou mentira, bom ou mau, certo ou errado. Isso só é possível numa sociedade que toma a autonomia como capacidade de autorregulação. Há uma propagação de ideias de liberdade, capacidade e competência individual, ao mesmo tempo em que há controle social nessas tecnologias da existência contemporânea.

É nesse movimento, por exemplo, que se insere um grupo como “O lado obscuro da vacina”. Afinal, o atual processo de medicalização da sociedade marca uma aparente contradição: ao mesmo tempo em que se espraia em várias camadas do tecido societário, estimula a configuração de novos discursos e práticas paramédicas ou paracientíficas, que formulam, baseadas na experiência empírica e/ou na informação científica circulante, novas formas de poder e de enfrentamento à autoridade médica. Os indivíduos se sentem, portanto, informados o suficiente para questionarem as prescrições médicas e as políticas públicas, buscando novas formas de segurança em novos processos de medicalização.

2.2 A SOCIEDADE DO RISCO E OS SISTEMAS DE CONFIANÇA

Há um vasto debate na literatura sobre a noção de risco. Ulrich Beck assinala que o risco é uma característica fundamental da modernidade tardia. Segundo o autor, na “sociedade do risco”, cuja consolidação está relacionada ao processo de globalização, houve um deslocamento da sociedade caracterizada principalmente por desigualdades de riqueza e renda para uma sociedade onde, embora tais desigualdades continuem sendo os principais problemas, são os riscos que atravessam as desigualdades tradicionais (BECK, 1992). Da mesma forma, Anthony Giddens (1989, p. 19) caracteriza o mundo atual como sendo “carregado e perigoso”. Para este autor, a despeito da modernidade tardia ter criado oportunidades muito maiores para os seres humanos gozarem de uma “existência segura e gratificante” do que qualquer sistema pré-moderno, ela também tem um “lado sombrio”, carregado de perigos e ameaças à vida, como conflitos, guerras, ataques terroristas, acidentes nucleares, crises ambientais, epidemias e pandemias (GIDDENS, 1991, p.16). Nesse sentido, a modernidade tardia se caracterizaria por uma ambiguidade na qual, de um lado, vemos um contexto de insegurança, gerado pela permanência da ameaça, e de outro a existência de narrativas que prometem formas de se proteger dela, como, por exemplo, o discurso científico em suas diferentes disciplinas.

Cabe destacar que não estamos entendendo a categoria risco como sendo exclusiva da modernidade nem tampouco como uma entidade fixa e imutável. As fronteiras entre o que se entende como “perigoso” ou “não perigoso”, “seguro” ou “inseguro” e “certo” ou “incerto”

foram delineadas de formas diferentes segundo contextos históricos e culturais específicos, como bem nos mostra Mary Douglas (1976) em seu clássico livro *Pureza e perigo*. O que está em jogo é entender os contornos que essa categoria adquire no contexto por nós investigado e como ela se constitui num elemento de classificação e ordenamento da vida social, estando vinculada a determinadas práticas sociais.

Ao falar sobre as mudanças ocorridas na modernidade, Giddens chama a atenção ao que ele chama de processo de “desencaixe” das relações sociais. Diferente das sociedades tradicionais, onde o contato ocorria face a face, neste novo contexto as relações se dão à distância e com atores que muitas vezes sequer conhecemos. Assim, o autor aponta uma reconfiguração da vida diária, pautada em outra concepção de tempo e espaço, cujo funcionamento está relacionado à forte presença de sistemas abstratos, como as fichas simbólicas (o dinheiro) e os sistemas peritos (sistemas de transporte, jurídico, bancário, biomédico, farmacêutico, epidemiológico). Ele afirma que a sociedade do risco produziu “áreas de segurança relativa para a continuidade da vida cotidiana” a partir das capacidades abstratas dos sistemas peritos, que, como sistemas de excelência técnica ou de competência profissional, têm a sua efetividade associada à confiança conferida pelos seus próprios consumidores, na sua maioria leigos. Essa confiança se dá pela “fé” na “competência generalizada” da autenticidade do conhecimento perito de controlar os riscos (GIDDENS, 1991, p. 35).

Esse controle dos riscos é uma parte essencial da operação de sistemas abstratos. Sendo assim, toda a ação é, em princípio, “calculável” em termos de risco de acordo com a competência de cada um dos sistemas envolvidos. A confiança é tanto uma pré-condição quanto uma consequência da atuação desses sistemas. Ela é reafirmada por encontros entre leigos e representantes do conhecimento perito (médicos, engenheiros, advogados), e sua regularidade pode proporcionar características de confiabilidade associada com amizade e intimidade, como é o caso, por exemplo, de um médico, dentista ou agente de viagem com o qual se lida regularmente por um período de anos (GIDDENS, 1991, p. 88). Há também sua validação por instâncias de vigilância, as quais servem como garantidoras de seu bom funcionamento. Sua tarefa é assegurar, via supervisão direta, que a conduta do sistema perito e de seus representantes está sendo eficiente (GIDDENS, 1991, 2002). Com isso, a confiança no sistema acaba se configurando não somente a partir da sua experiência prática de funcionamento, mas baseada também na existência de “[...]forças reguladoras além e acima das associações profissionais com o intuito de proteger os consumidores de sistemas peritos – organismo que licenciam máquinas, mantêm vigilância sobre os padrões dos fabricantes de aeronaves, e assim por diante” (GIDDENS, 1991, p. 36).

A função primordial desses sistemas tem sido primordialmente promover um futuro seguro, estabelecendo uma avaliação das possibilidades de se evitar perigos. A avaliação de riscos é um componente essencial da “colonização do futuro”, algo que se tornou crucial para a vida moderna. Trazendo o debate para o momento presente, algumas linhas teóricas argumentam que estamos no limiar de uma nova era para além da modernidade e trazem uma variedade expressiva de novos termos e conceitos, como sociedade da informação, sociedade do consumo, pós-modernidade, sociedade pós-industrial. Entretanto, segundo Beck (2011), o momento atual poderia ser melhor definido como *sociedade “industrial” do risco* que, em poucas palavras, pode ser resumido como *sociedade do “consumo” do risco*, em que o medo dos indivíduos se transforma em combustível para o mercado e os dispositivos são criados para gerar segurança.

A modernidade transformou a percepção dos indivíduos e dos coletivos sobre confiança e segurança, assim como sobre os perigos e os riscos do viver. Para Beck (2011), na industrialização, o risco estava associado às atividades produtivas inicialmente localizadas na fábrica. Por extensão, poderíamos inferir que essa concepção de risco estaria situada em contextos de guerras por disputas de território. Hoje, o conceito de risco comparece como uma ameaça constante à vida do planeta, seja pelo esgotamento dos recursos naturais, pela ação de poluentes, pela contaminação ou por outros fatores mais “invisíveis”, porém, reais, como a radioatividade e a iminência de uma guerra nuclear, por exemplo.

Então, podemos dizer que na “modernidade tardia a produção social de riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção social de riscos” (BECK, 1999, p. 23). Os riscos e as ameaças – reais ou imaginários – geram impotência, pois o inimigo pode estar em qualquer parte. A invisibilidade, a distribuição e o incremento do perigo geram um desamparo permanente, uma vez que paredes, muros e fronteiras cedem lugar para os perigos nucleares, fazendo nascer uma sociedade marcada pelo “consumo” do medo. Essa concepção dialoga de maneira significativa com os dispositivos de segurança e de controle propostos pelo pensamento foucaultiano. É o poder de produzir o medo no outro com o fim de fazer agir ou paralisar: “a fome pode ser saciada, necessidades podem ser satisfeitas, mas os riscos civilizatórios são um barril de necessidades sem fundo, interminável, infinito, autoproduzível” (BECK, 1999, p. 28). A sociedade do risco é também, para Beck (1999), uma sociedade catastrófica. Nela, o estado de exceção começa a ser a regra e existe um certo cinismo na afirmação de que os riscos estão distribuídos de forma uniforme pelo globo, uma vez que é evidente que a concentração de metais e de poluentes afeta as regiões mais pobres e desinformadas. Essa “média global” não é de todo “mediana”, já que nem todos gozam de uma vida digna de ser vivida. Para recuperar o

pertencimento, por vezes, são necessárias grandes e caras campanhas publicitárias com o propósito integrador. De certa maneira, esse pensamento sugere o entendimento de que o discurso dominante procura contornar, por exemplo, os problemas socioambientais por meio de estratégias discursivas.

Mesmo querendo transferir os riscos para países em desenvolvimento – como as usinas, a produção de armamento, dentre outros –, o efeito *boomerang* acaba reimportando os perigos e os riscos. Os pesticidas voltam às suas desenvolvidas e industrializadas terras de origem, por meios dos alimentos, e a interdependência do mercado global não blindava em absoluto os distritos ricos da aldeia global. Beck (2011) aponta que riscos e riquezas são distribuídos, constituem posições de ameaça e de classe e não se fundamentam no tempo presente, já que suas argumentações apontam sempre para consequências no futuro. Tais discursos têm que ver com antecipação, com incutir destruições que ainda não aconteceram, mas que são iminentes, evidentes, similares e, portanto, em alguma medida, reais. Assim, as populações fazem parte de um sistema industrial mundial que inclui uma “natureza” industrialmente integrada e contaminada, que é assistida por uma população (seletiva) e eletronicamente conectada que acompanha estarecida e em tempo real os acontecimentos, sem saber muito o que pode ser feito, tanto a nível local como mundial.

Um aspecto importante descrito por Beck (2011) é a relação estabelecida entre homem e meio ambiente, e que vem mudando drasticamente ao longo do tempo. No século XIX, não havia tensão entre sociedade e natureza, pois essa era abundante e, na medida do possível, controlada ou, de certa forma, até mesmo ignorada, pois o empenho estava na construção das cidades, das tecnologias e dos maquinários. Esse período foi fortemente marcado pela industrialização e pelo triunfo do homem sobre a natureza.

No século XX, essa relação começa a ser deslocada, pois a natureza passa a ser explorada e incorporada ao sistema industrial, criando uma dependência forte em relação ao mercado. O ar assim como os alimentos rompem as antigas barreiras de proteção criadas pela modernidade – que não é necessariamente pós-moderna, mas que assume uma nova forma denominada por Beck (2011) como “a sociedade (industrial) de risco”, onde a subsistência (no sentido de sustentabilidade) passa a ser motivo de preocupação. Há uma forte dependência dos recursos naturais, fruto do entendimento de que são finitos. A cultura do medo alardeia que a escassez de alguns recursos comprometerá a qualidade de vida, mas não há consenso nem freio para segurar os impulsos e a movimentação do mercado mundial. No máximo, algumas leis são criadas, mas nem sempre cumpridas. Por vezes, pagar multas é mais vantajoso do que cumprir a legislação. É a lógica neoliberal, impulsionada pela economia e pelos interesses do mercado

financeiro, atuando sobre todas as coisas e pessoas.

Evitando uma análise linear e evolucionista, Beck (2011) aponta que a globalização dos riscos não necessariamente promove a integração para que aconteçam os enfrentamentos, já que existem inúmeros interesses em jogo. As questões afetam o globo, mas as soluções são de acordo com os interesses locais. E mais: são muitas possibilidades e um tanto complexas as combinações possíveis, somente no bloco ocidental, o que já inviabiliza qualquer generalização possível. A própria sociedade brasileira seria um exemplo dessa diversidade, tanto no risco quanto nas formas de enfrentamento das questões sociais e socioambientais no país, tendo por base cada estado brasileiro. Isso comprova que os riscos não são uma construção social, uma abstração, mas que existem e dependem, sobretudo, do modo como são percebidos socialmente. Essa dinâmica reflete na produção e na disseminação do conhecimento e nos meios de forjá-lo, seja através da ciência e da pesquisa ou, ainda, através da sua disseminação em massa, que deixa dúvidas quanto à veracidade dos fatos.

Desse modo, vão sendo construídas as pactuações globais, as negociações transfronteiriças e os acordos internacionais que se apresentam como alternativas às questões comuns que passam a ser debatidas em conferências. As soluções são arranjos que, por vezes, driblam fronteiras militares, mas que ainda flutuam num vácuo político-organizatório dadas todas as tensões que qualquer tipo de negociação entre muitos povos envolve.

Refletir sobre a modernidade, tanto para Beck quanto para Giddens, inclui analisar o estilo, os costumes, os hábitos (de vida e consumo) e a própria organização social. Giddens (1991) defende que o momento que emergiu na Europa a partir do século XVII e que associa um determinado período em uma dada localização geográfica se trata, simplesmente, de uma modernidade tardia, de um adensamento com muitas características típicas de uma alta modernidade e que passa de um sistema baseado na manufatura de bens materiais para outro centrado na informação.

De acordo com o autor, a condição da modernidade (tardia) se caracteriza pela evaporação de um enredo linear da história, com passado definido e futuro previsível, para uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, sobre as quais a ciência não tem nenhum lugar privilegiado e garantido. É certo que o desenvolvimento social moderno sofreu uma ruptura, um descontínuo histórico, um contorno de uma nova ordem chamada por alguns de “pós-moderna”. Entretanto, para Giddens (1991), seria preferível considerar que ainda não chegamos lá. O que pode ser apreendido são mudanças no modo de vida, trazidas pela modernidade e que alteraram substancialmente a ordem social em uma lógica sem precedentes. Analisando a sua extensão, percebemos que foram estabelecidas outras “formas

de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana” (GIDDENS, 2011, p. 14).

São características marcantes o ritmo e o escopo que as novas tecnologias imprimiram, especialmente nas formas de produzir e estabelecer relações e, sobretudo, nas inovações estabelecidas nas instituições modernas, introduzindo novas formas de relacionamento com os demais atores sociais. Se, por um lado, a modernidade trouxe segurança e conforto, por outro, o trabalho industrial moderno está ancorado na disciplina, no esforço, na competição, na exploração entre classes, na luta pelos territórios físicos e virtuais e tem um potencial poder de destruir o meio ambiente em uma velocidade jamais pensada antes.

Na modernidade, vão se dando alguns desencaixes “que seriam o ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação, através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29), que acontecem por meio das suas instituições. Elas interligam práticas locais a relações globalizadas, livres de territórios, e isso vai moldando a vida cotidiana, as bases de confiança, promovendo outros reencaixes, que são adaptações a essas formas de relacionamento e que igualmente moldam as relações sociais a outras condições de tempo e lugar, trazendo novas questões sociais.

Uma das premissas básicas e estruturantes para Giddens (2011, p. 87) é “a de que a natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo de confiança em sistemas abstratos e em sistemas peritos”. Isso quer dizer que os repositórios de confiança deixam de ser em uma grande medida os próprios indivíduos – vinculações olho no olho – e passam a ser os sistemas que representam esses indivíduos, ainda que os pontos de acesso lembrem que esses sistemas foram desenvolvidos por pessoas. Essas mediações se justificam na tentativa de reduzir as imperfeições humanas, garantindo, portanto, mais confiabilidade e conforto para os seus usuários e, certamente, lucro para quem desenvolve, implementa e comercializa tanto os sistemas como os serviços ofertados. Isso parece estar materializado nas conexões estabelecidas pelas redes sociais.

Dessa maneira, os indivíduos vão se acostumando com as atuações de palco e de bastidor, com o contato direto e indireto, em que controle e comunicação podem ser feitos por máquinas, pessoas ou por ambos. Os mecanismos de confiança não existem somente por meio de sistemas abstratos ou peritos, mas também se concretizam nos meios, códigos e procedimentos que existem justamente para reger o comportamento de classes, diminuir a desconfiança, promover a confiabilidade e o controle (interno) entre os pares. Um exemplo seria o fortalecimento de Códigos de Ética Profissional que existem para disciplinar, controlar

e regerar as categorias profissionais pelos próprios especialistas da área.

Mesmo aqueles já comprometidos com os sistemas abstratos, segundo Giddens, ainda precisam de compromissos com rostos, pois tais vinculações podem gerar confiabilidade contínua, e essa reintegração, esse reencaixe, tem especial importância nas ligações dilatadas pelo tempo-espaço, característica da própria modernidade. Nesse sentido, a confiança em sistemas vai assumindo a forma de compromisso sem rosto, na fé em seu funcionamento, porque o usuário, na maioria das vezes, é completamente leigo sobre esse funcionamento – sabe-se desprovido de conhecimento técnico e se sente impotente.

Essa aceitação tácita e imposta pelas forças das circunstâncias se dá porque o sujeito passa a ter menos alternativas, porque o custo da manutenção do modelo tradicional passa a ser muito alto ou porque o acesso ao serviço passa a ser bem mais trabalhoso. Assim, gradativamente, o indivíduo passa a se conformar, adaptando-se aos sistemas disponíveis para ter os serviços de que precisa, enquanto os sistemas buscam estabelecer interações cada vez mais “fidedignas” com a “realidade”, com o objetivo de minimizar os “gaps”.

Os nativos digitais provavelmente terão maior facilidade, enquanto os “remasterizados” precisarão fazer um esforço maior para se adaptar a essa nova realidade. Uma coisa parece certa: esse é um caminho sem volta, cujas consequências realmente só poderão ser analisadas mais à frente, pois ainda não temos distanciamento suficiente para tanto. Os grupos *online* aproximam pessoas com interesses comuns, isoladas muitas vezes em suas localidades físicas, gerando alto e rápido engajamento, somado ao sentimento de pertencimento. Isso corrobora para o estreitamento dos laços sociais, a permanência e o aumento exponencial da presença de novos usuários nas redes. O único limite ainda é a viabilidade financeira, econômica e social. E se o correlativo do deslocamento é o reencaixe, cabe complementar que “os mecanismos de desencaixe tiram as relações sociais e as trocas de informações de contextos espaço-temporais específicos, mas ao mesmo tempo propiciam novas oportunidades para a sua reinserção” (GIDDENS, 1991, p. 142). É, portanto, equívoco pensar que, no mundo moderno, a vida pessoal é engolida pelos grandes sistemas impessoais, pois esse mesmo sistema fornece outras possibilidades de reencaixe mais à frente, ressignificando e integrando novamente em outras bases.

Em cima de ameaças contemporâneas (guerra nuclear, epidemias etc.) é que são construídas as medidas preventivas e pensadas as estratégias de combate que movimentam toda uma indústria em torno do risco, tornando-se algo do interesse da própria prosperidade econômica, pois acaba por envolver milhares de pessoas na tentativa de minimizar os seus possíveis impactos, constituindo-se como parte de uma racionalidade coletiva.

Sendo assim, dentro da lógica do risco, associada à noção moderna de governamentalidade, determinadas práticas como a antivacinação, reivindicam a responsabilidade pelo estado de saúde ou de doença. Por não ter dominado os riscos, ou seja, por não ter se vacinado, um indivíduo poderá ser culpabilizado, em virtude de sua conduta desviante, caso venha a adoecer a si mesmo ou aos seus familiares. Em todo caso, porém, isso tudo parece assinalar o fato de que a autonomia e as liberdades individuais se caracterizam como valores fundamentais da ideologia dos tempos modernos e contemporâneos.

2.3 O RISCO E O ESTILO DE VIDA NA BIOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Segundo Deborah Lupton (1999), Foucault não teorizou especificamente sobre o risco, mas a sua obra é de grande importância para a construção de uma perspectiva sobre o risco. Como ela argumenta, a teoria da governamentalidade neoliberal feita pelo filósofo francês permite observar como vai se configurando desde o século XVIII um processo de maximização da saúde como forma central da intervenção, administração e proteção do corpo social pelo governo. Nesta seção, vamos especificar a contribuição de Michel Foucault sobre o assunto.

O risco tornou-se um conceito-chave nas sociedades ocidentais contemporâneas. As pessoas são encorajadas a procurar informações sobre o risco e a tomar medidas para evitar o máximo possível qualquer tipo de exposição. Cabendo destacar que análise de risco, avaliação de risco e gerenciamento de riscos são indústrias em constante expansão em diversos aspectos e ramos. Vivemos em uma sociedade marcada pelo risco. Deborah Lupton (1999) examina porque o risco chegou a tal proeminência neste ponto particular da história, apontando como o risco foi construído ao longo do tempo. Segundo ela, a ideia de risco surgiu como um meio de se calcular a norma e de identificar os desvios da norma, promovendo, assim, a incorporação da crença de que a enumeração, quantificação e o ordenamento racional do risco poderia fazer com que a desordem fosse controlada.

A autora afirma que o conceito de risco começou a ser construído cientificamente no século XVIII, principalmente através da matemática, da probabilidade e da estatística, e que, no século XIX, ele passou a não pertencer, estar ou ser localizado exclusivamente na natureza, mas também nos seres humanos, em suas condutas, em suas liberdades, nas relações entre eles, em suas associações e na sociedade. A ideia de risco passou a substituir as noções de incerteza, indeterminação e destino, através da possibilidade do cálculo matemático. Assim, determinados fatores que afetavam apenas um indivíduo foram se tornando riscos – mais amplos (envolvendo

determinados grupos ou populações). Isso é, foram sistematicamente causados, estatística e objetivamente descritos e, nesse sentido, eventos previsíveis, mensuráveis e controláveis. Lupton acredita que essa concepção de risco representa uma nova maneira de ver o mundo e suas manifestações caóticas, bem como suas contingências e incertezas – porque se assume que resultados ou desfechos inesperados podem ser consequências da ação humana. Nesse sentido, a questão do risco deixa de estar associada necessariamente ao acaso, ao imponderável, e passa a ser da ordem do previsível, calculável e, até mesmo, evitável pelas escolhas individuais. Ou seja, cria-se a crença de que podemos evitar o câncer no pulmão por parar de fumar, de podemos evitar doenças cardiovasculares se tivermos alimentação considerada saudável e uma rotina regular de exercícios físicos. Ainda que nada disso seja uma garantia, o tecido social é marcado por discursos dessa natureza, transferindo a culpa pelas doenças e problemas ao próprio indivíduo. Nesse sentido, em algumas medidas, como observa Castiel (1999), a noção de risco é uma atualização secular da de pecado. Faz, portanto, ressignificação da culpa.

A própria Lupton (1997) argumenta que os discursos de promoção da saúde contemporâneos, implícita e explicitamente, engendram certos tipos de sujeito. Geralmente, como ela afirma, valoriza-se um tipo de sujeito autorregulado, consciente de sua saúde, racional, civilizado, empreendedor de si mesmo, que toma seu corpo, sua vida e sua saúde como objeto individual de investimento numa crença de absoluta responsabilidade. Embora muitas práticas de promoção da saúde considerem os complexos processos de determinação social da saúde-doença (econômico, cultural, educacional, informativo, ambiental e assim por diante), o sentido dominante de promover a saúde num contexto de governamentalidade neoliberal tem ficado cada vez mais restrito à esfera privada (do indivíduo e do mercado).

É nesse sentido que a Lupton (1999) argumenta que as teorias da governamentalidade de Foucault servem para pensar o risco: numa passagem do controle social para o autocontrole, ou, como prefere a autora, na configuração do controle social como parte da tecnologia da autonomia. Quanto mais livres os indivíduos acham que são, mas se sofisticam formas de controle social sobre os corpos e sobre as noções de liberdade e autonomia. Quanto menos visível, mais potente é o poder.

Na sua forma original, pretendia-se que a governação dos riscos sociais fosse essencialmente preventiva. Todavia, as políticas de prevenção de riscos coletivos são dispendiosas e nem sempre existem recursos suficientes para melhorar os mecanismos de prevenção. Os governantes podem, por vezes, ser confrontados com situações deste tipo, onde têm de gerir os recursos disponíveis e tentar definir aquilo que será “melhor” para a população em termos de risco. A arte de governar o risco está largamente na promoção da segurança,

efetuada a partir da observação de dados epidemiológicos e estatísticos, pois esta informação permite verificar regularidades e planejar políticas de controle. Tem também questões relativas aos riscos nucleares, como já vimos. Para alguns autores, o atual conceito de risco há muito que se tornou num instrumento de controle social e de vigilância sobre o território e sobre as populações, aferindo os seus hábitos e eventuais comportamentos desviantes, e onde a ciência e os seus peritos são um dos seus principais pilares de observação. No quadro do sistema moderno de governamentalidade neoliberal, Lupton (1999) preconiza que o risco é entendido como estratégia heterogênea de poder disciplinar, pela qual os indivíduos ou populações são monitorados e geridos em desalinho com os princípios humanísticos e democráticos.

A título de exemplo, os métodos de normatização da saúde são utilizados para comparar e ajustar quais as “melhores” normas e políticas que se podem aplicar às populações no âmbito da sua governança. O desvio a estas normas pode, por vezes, significar “estar em risco” e na perspectiva da governamentalidade há uma tendência em concordar que houve um aumento potencial do risco privado (individual), mas também no coletivo. Na sua versão primordial, esta corrente não tende a enfatizar os riscos singulares ou institucionais numa perspectiva de atribuição de culpa ou responsabilidade; porém, o modelo social dominante em alguns segmentos sociais está baseado na vigilância, no controle e na punição. Deste modo, o risco é percebido como um conjunto de diferentes caminhos que pretendem ordenar o futuro de forma calculável, recorrendo a técnicas particulares e visando objetivos específicos em torno da gestão dos riscos tanto dos indivíduos quanto das sociedades.

Na teoria social contemporânea, a própria noção de risco costuma ser problematizada do ponto de vista epistemológico. Os autores Alan Petersen e Deborah Lupton apontam, no livro *The new public health* (1996), que, a partir da metade dos anos 1970, houve um deslocamento das preocupações sociais (acadêmicas, midiáticas, governamentais) anteriormente centradas no risco ocasionado pelas novas tecnologias para uma proliferação de novos conhecimentos, práticas e atividades, principalmente, no status de saúde das populações – como os grupos humanos comem, se exercitam, se imunizam, fazem sexo etc. – e houve, também, uma nova consciência do risco como resultado da atividade humana. Os autores identificaram seis grandes categorias discursivas de risco que parecem predominar atualmente nas preocupações dos indivíduos e instituições nas sociedades ocidentais: a) os riscos ambientais (aqueles causados pela poluição, radiação, substâncias tóxicas, produtos químicos, enchentes, incêndios, etc); b) os riscos ligados ao estilo de vida (aqueles relacionados ao consumo de bens e serviços, ingestão de alimentos e drogas, participação em atividades sexuais, relacionados ao stress, etc); c) os riscos médicos (ligados aos cuidados ou tratamentos médicos,

como terapias medicamentosas, cirurgias, nascimentos, tecnologias reprodutivas, biotecnologias, testes diagnósticos etc.); d) os riscos interpessoais (nos relacionamentos íntimos, nas interações sociais, no amor, nas amizades, nos casamentos, etc); e) os riscos econômicos (implicados no desemprego e no subemprego, empréstimos, investimentos, falências, etc); e, por fim, f) e riscos criminais (que emergem da participação dos indivíduos em atividades ilegais – ativamente ou, ainda, na posição de vítima).

Prestar atenção a esses riscos ou, ainda, ter conhecimento deles e de muitos outros, contribui na formação de nossas subjetividades – como nós vivemos as nossas vidas cotidianamente, como distinguimos nós mesmos e os grupos dos quais somos membros daqueles outros indivíduos e grupos, como nós percebemos e experimentamos os nossos corpos e os nossos desejos, como nós gastamos o nosso dinheiro e onde nós escolhemos viver e trabalhar etc. No caso da nossa pesquisa, será interessante demonstrar como os membros de um grupo antivacinação no Facebook afirmam suas escolhas como forma de proteção aos riscos. Afinal, esse "prestar atenção" aos riscos constrói parte de nossos entendimentos acerca de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Parece que as sociedades – e, no interior dessas, as instituições, os grupos e os indivíduos – precisam desse processo seletivo para que possam funcionar. O reconhecimento e interpretação de riscos contam com uma variação cultural e, portanto, social e espacial.

Numa sociedade que valora imensamente os riscos, as noções de corpo, saúde e doença estão cada vez mais associadas à produção, à circulação e ao consumo de discursos e de tecnologias de segurança das mais variadas espécies. Como afirma Lupton (1997), o que está por trás disso é uma nova forma de moralidade e de racionalidade: o imperativo da saúde. A saúde é dever de cada uma e objetivo de todos. Assim, há uma ênfase cada vez maior no empreendedorismo de si. Nesse contexto, os discursos sobre saúde e doença se tornam rotas pelas quais podemos entender, pensar falar e viver os nossos próprios corpos. Os discursos e práticas de promoção da saúde se concentram na autonomia e responsabilização, reforçando a noção de “Estado mínimo” e a necessidade de “responsabilidade máxima” dos indivíduos. Isso cria na sociedade uma necessidade de prudencialismo, como afirma Lupton (1997) ser prudente, cauteloso e responsável. A responsabilidade passa a ser mais vista como uma prática de liberdade do que como um mecanismo de sujeição às normas sociais. Esse processo incentiva a autoexame, o autodiagnóstico e o autocuidado. Trata-se não só de uma forma de investigar em si mesmo se há algo de errado, mas numa redistribuição dos riscos que se concentra na capacidade individual de cálculo e prevenção. Isso faz com que sintam cada vez mais responsáveis e até mesmo culpados pelos seus atos.

Na década de 1970, as perspectivas sobre promoção da saúde e saúde pública foram introduzidas nas questões de justiça social e desigualdade. Escritores marxistas adotaram a econômica política como forma de conceber a saúde e criticar as políticas públicas no setor. Robert Crawford (1977) referiu-se às tendências de “culpar a vítima” na promoção da saúde e na prevenção de doenças de modo geral. Em trabalhos posteriores, Crawford (1980) comentou sobre o que ele chamou de *healthism* (que podemos traduzir como salutarismo) e que corresponde à representação da “boa saúde” como uma prioridade e à tendência na promoção da saúde de esperar mudar a mudança individual de acordo com as normas de boa saúde e boa forma.

Nesse mesmo momento, os escritos sobre políticas de saúde pública estavam direcionando a atenção para a identificação dos determinantes sociais da saúde-doença (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA, 2015). Estes escritos incluíram a Declaração de Alma Alta da Organização Mundial da Saúde, em 1978, que pedia que a justiça social fosse parte integrante da política e da ação em saúde pública. Como decorrência da intensidade desse processo, o termo "epidemiologia social" foi usado pela primeira vez no início da década de 1990 para denotar o estudo da saúde das coletividades. Essa mudança de enfoque ressaltou a noção de que os grupos sociais, tomados como um todo, poderiam ser considerados "saudáveis" ou "não saudáveis" como resultado dos determinantes sociais (PETERSEN; LUPTON, 1996).

Enquanto a epidemiologia concentra-se em fatores de risco como causadores de doenças, como o tabaco ou o consumo de álcool, a epidemiologia social investiga tais fatores em relação à localização geográfica, raça e etnia, gênero, as condições de vida, as desigualdades sociais e de renda e seus efeitos sobre a saúde. Central para a epidemiologia social é a noção de que as condições sociais e econômicas em que as pessoas estão submetidas são expressas materialmente no corpo. Nancy Krieger (2001, p.693) coloca que a epidemiologia social tem como objetivo "iluminar as ligações íntimas entre nossos corpos e o corpo político". Nessa perspectiva, os conceitos de “estilo de vida” e “risco” são ampliados a partir da noção de que fazer escolhas em suas vidas (ou não) é mais uma questão social do que meramente individual.

Também na década de 1990, outros autores que criticaram a promoção da saúde muitas vezes adotaram a perspectiva da governamentalidade foucaultiana para destacar as maneiras como os comportamentos relacionados à saúde foram posicionados como parte do governo de si em contextos políticos neoliberais, mudando o foco do papel do Estado para a responsabilidade dos indivíduos (LUPTON, 1997; PETERSEN; LUPTON, 1996).

Nas primeiras décadas do século XXI, por outro lado, os organismos influentes, como a Organização Mundial da Saúde, continuaram a recomendar a necessidade de promoção da

justiça social para aliviar as desigualdades sociais e econômicas como parte de políticas públicas de saúde. Nos sistemas políticos neoliberais, por sua vez, a abordagem social da saúde pública tende a ser preterida por um foco centrado no comportamento individual para gerenciar riscos, independentemente das circunstâncias de vida (RAPHAEL, 2013). Segundo Castiel, Guilam e Ferreira (2015), a sociedade contemporânea é um “ambiente riscofóbico” que incita as pessoas a assumirem comportamentos que incorporam ou excluem determinados estilos de vida, os quais implicam a administração de modos de viver nem sempre acessíveis/viáveis à maioria da população, mas que são moral e/ou cientificamente considerados mais seguros. Já de acordo com Crawford (1977), vivemos sob a moral do *salutarismo* que promove uma despolitização contínua da saúde, minando os esforços sociais para melhorar o bem-estar das populações². Como uma ideologia que promove a generalização da consciência sobre saúde, juntamente com o autocontrole e a autotransformação, pode ser benéfica para aqueles que adotam um estilo de vida mais promotor de saúde e servir como um novo elemento de desigualdade social: entre aqueles que podem consumir determinados produtos e serviços considerados “bons para a saúde” e aqueles que não podem fazê-lo. A retórica da escolha assumiu com força o sentido dominante da promoção da saúde. No decorrer do processo, parece servir à ilusão de que podemos controlar nossa própria existência individualmente e que, adotando ações individuais para melhorar a saúde, podemos satisfazer as mais variadas e complexas necessidades. Ainda segundo Crawford (1980), os entusiastas da saúde, aqueles que proclamam e advogam um estilo de vida saudável, parecem ser majoritariamente da classe média. Enquanto as lutas das classes trabalhadoras para encurtar a semana de trabalho, abolir o trabalho infantil e mudar condições de trabalho, historicamente têm sido focadas na saúde. Embora a saúde ocupacional e a segurança do trabalho tenham gerado um grande interesse nas últimas décadas, a preocupação corrente com saúde pessoal exibe um selo distintivo – embora não exclusivo – da classe média. Isso é particularmente verdadeiro em dois novos movimentos de saúde, os quais receberam considerável atenção popular: saúde holística e autocuidado. A saúde holística diz respeito aos movimentos de combate à medicina ortodoxa em busca de tratamentos e terapias alternativas e que muitas vezes se mescla com práticas religiosas. Já os

² Originalmente, o termo de Crawford (1980) é *healthism*. Por tratar-se de neologismo criado pelo autor para ressaltar a saúde como principal foco de atenção, a palavra não possui correspondência em português. Optou-se por *salutarismo e salutarista* como traduções para *healthism e healthist*. *Salutarismo*, entretanto, também é um neologismo, *Salutar* em português significa o que é conveniente ou o que é bom para a saúde, além de edificante ou moralizador do espírito. Essa palavra vem do latim *salutaris*, derivada de *saulus*, que denota tanto saúde como salvação. No meio acadêmico italiano e espanhol, a obsessão com a saúde de um modo salvacionista foi traduzida como *salutismo*. Na França, vem sendo utilizado o termo *santéisme*. Ainda que *salutarismo* não traduza *healthism* de modo idêntico, consideramos mais adequado por refletir as principais concepções que o autor propõe no texto.

movimentos de autocuidado ou de ajuda mútua buscam reduzir a confiança dos indivíduos nos profissionais médicos e substituí-los por atividades de indivíduos e grupos com objetivo de melhorar a saúde, lidando com doenças crônicas, adquirindo habilidades diagnósticas e terapêuticas, e adotando práticas de prevenção de doenças. Tais movimentos são mais orientado para transferir a competência médica para o indivíduo. O autocuidado é um processo pelo qual um leigo pode funcionar a seu próprio favor na promoção de saúde, na prevenção e detecção da doença e no tratamento no nível do recurso primário de saúde no sistema de saúde.

De todo modo, o *salutarismo* funciona como moral dominante. Para o *salutarista*, a solução repousa dentro da determinação do indivíduo para resistir à cultura, à publicidade, aos constrangimentos institucionais e ambientais, aos agentes de doenças ou, simplesmente, aos hábitos pessoais preguiçosos. Em essência, então, a causa fica ao alcance individual e a solução é criada dentro deste mesmo espaço estreito.

2.4 A INTERNET E O PACIENTE-EXPERT

Nos últimos anos tem havido uma virada em algumas partes da medicina e dos cuidados de saúde para o uso de tecnologias de mídia digital como dispositivos para medir e monitorar as experiências de saúde e assistência médica dos pacientes e incentivar o autocuidado médico. A medicina tem se movido inexoravelmente para um foco no valor dos dados como uma fonte aparentemente objetiva de conhecimento médico sobre o corpo humano por algumas décadas (LUPTON, 2016). Essa ênfase progrediu no sentido de adotar as novas tecnologias de mídia digital que agora são conhecidas como Web 2.0. A Web 2.0 inclui sites interativos, plataformas de mídia social e dispositivos móveis que podem se conectar à Internet em praticamente qualquer local. Quando as tecnologias on-line da era da Web 1.0 forneceram informações amplamente fornecidas por especialistas e havia apenas oportunidades limitadas para os usuários contribuírem com suas próprias ideias e experiências, as tecnologias da Web 2.0 incentivam a criação ativa e o compartilhamento de conteúdo pelos próprios usuários. Essas tecnologias, portanto, fornecem um meio de produzir e compartilhar dados sobre temas e experiências relacionadas à saúde e aos médicos, no que tem sido descrito como e-health, Health 2.0, Medicine 2.0 ou iniciativas de saúde digital.

Lupton (2013) usou o termo "paciente engajado digitalmente" para descrever o fenômeno no qual os leigos foram encorajados a assumir um papel ativo na produção e no consumo de informações sobre saúde e medicina usando tecnologias digitais. No discurso do paciente implicado digital dois ideais encontram-se. Uma delas é a noção de engajamento do

paciente ou empoderamento do paciente. Nesse conceito, os pacientes-cidadãos ideais posicionam-se no sentido de preservar e promover sua própria saúde, incluindo acessar informações relevantes, monitorar sua própria saúde e assumir a responsabilidade pelo gerenciamento de suas condições médicas. Essas ações são promovidas como tendo potencial para aliviar o ônus financeiro do sistema de saúde na atual era de austeridade.

O outro ideal que contribui para o conceito do paciente engajado digitalmente é o de pacientes que utilizam tecnologias de mídia digital apropriadas para se tornarem mais informados sobre sua saúde, doenças e tratamentos médicos e para fornecer informações a outros pacientes e profissionais de saúde. As tecnologias de mídia digital são agora promovidas para uso no autocuidado e automonitoramento do paciente, na realização de encontros médicos remotamente e na coleta de dados sobre o uso dos serviços de saúde. Em alguns fóruns, as pessoas são incentivadas a digitalizar-se: isto é, transformar seus corpos em formato digital usando as tecnologias de monitoramento para produzir dados que podem ser quantificados e transmitidos a outros para sua leitura (LUPTON, 2013). Em outros, as pessoas são encorajadas a usar sites para acessar informações sobre temas médicos e de saúde e a empregar mídias sociais para se envolver com outras pessoas, compartilhando experiências de suas condições e tratamentos e relacionando relatos de encontros de saúde.

As redes online de apoio ao paciente já existem há algum tempo como meio de apoiar pacientes e compartilhar informações. Na era da Web 2.0, mais desenvolvimentos tecnológicos trouxeram oportunidades ainda maiores para as pessoas não apenas buscarem informações em uma rede cada vez maior de sites e blogs voltados para questões médicas e de saúde, mas também para se engajarem em comunidades de apoio e ativismo de pacientes. a avaliação dos cuidados médicos e contribuir para a agregação de dados sobre procedimentos médicos e terapias medicamentosas para doenças e doenças específicas. Através de plataformas de mídia social dedicadas a doenças específicas ou condições como páginas no Facebook, hashtags do Twitter e vídeos do YouTube sobre experiências e técnicas médicas e terapias de pacientes, bem como o formato mais tradicional de sites de discussão online, informações podem ser trocadas, discussões facilitadas e ativismo mobilizado em todo o mundo em tempo real. As pessoas não só podem blogar sobre suas doenças e experiências médicas, como também fazer e enviar seus próprios vídeos do YouTube e imagens do Instagram, e atualizar seus perfis de mídia social constantemente com comentários e dados sobre sua saúde e tratamentos. Como parte do discurso do paciente engajado digitalmente, agora há muita conversa sobre a participação do paciente, o conhecimento coletivo das massas e as relações colaborativas entre pacientes ou leigos e profissionais de saúde e provedores em termos de produzir e compartilhar

dados sobre temas médicos e de saúde (LUPTON, 2013).

Os provedores e organizações de saúde também estão cada vez mais sujeitos a representações digitalizadas de seus serviços e avaliações nesta nova era da saúde digital. Eles começaram a usar sites de mídia social, fóruns on-line e seus próprios blogs e sites para fornecer informações sobre seus serviços e sobre saúde preventiva e tratamentos médicos em geral. Esses sites muitas vezes também permitem - e de fato encorajam - pessoas a fazer comentários sobre suas experiências com profissionais de saúde e até mesmo a avaliar formalmente e classificá-las on-line. Além disso, numerosas plataformas digitais interativas foram criadas especificamente para elucidar os relatos dos pacientes sobre doenças e terapias.

3 A HISTÓRIA DA IMUNIZAÇÃO E OS MOVIMENTOS ANTIVACINAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO

O sinal amarelo acendeu

Carla Domingues

Neste capítulo, apresentaremos algumas passagens da história das imunizações, desde a Revolta da Vacina no início do século, considerando que é um marco fundador, até a recente política de imunização brasileira em meados dos anos 1980. Serão apresentados gráficos que mostram a redução da cobertura vacinal nos últimos anos, além dos calendários nacionais de vacinação vigentes. Ao final, o resultado de estudos que pretendem mapear a antivacinação no mundo, somado a um panorama da antivacinação no Brasil, com ênfase na atuação nas redes sociais online.

3.1 A REVOLTA DA VACINA COMO ACONTECIMENTO FUNDADOR

No final do século XIX e início do século XX o Ocidente vive uma sensação de conquista do tempo e do espaço e essa passagem do século é também marcada especialmente pelo progresso tecnológico. Neste período o corpo humano é esquadrihado pela nova ciência médica, a estrutura da rede neuronal é descoberta por Golgi e Ramón y Cajal³, os grupos sanguíneos são identificados, a medicina avança vencendo doenças com a descoberta da penicilina, da vacina.

Há uma fé no progresso, como se esse fosse colocar um ponto final em todos os males. É a ideia de um aperfeiçoamento cumulativo, e expressa a concepção de um tempo histórico linear que tem como ponto de partida a barbárie, até chegar na civilização, o progresso, as luzes. As reformas urbanas que embelezam as cidades também objetivam o estabelecimento de uma certa higiene social, uma separação dos grupos sociais e delimitação de territórios.

No Rio de Janeiro a administração pública cria as vilas operárias, bota abaixo os cortiços e proíbe o comércio ambulante, tentando apagar com uma certa urgência o passado colonial, figurar entre os países desenvolvidos, adotando os costumes das capitais européias, símbolos da civilização. Enfim, o espaço urbano da Capital Federal se consagra como experiência social que pretende representar o país como um todo; é este momento é marcado ainda, por profundas

³ Margarida de SOUZA NEVES. *Ciência e preconceito: uma história social da epilepsia no pensamento médico brasileiro. 1895-1906*. Rio de Janeiro: PUC-Rio / CNPq, 2003. (Projeto de Pesquisa, mimeo) p. 10.

modificações, inclusive políticas, com a abolição da escravidão e a proclamação da República.

A política de imunização brasileira teve o seu início com a campanha obrigatória de vacinação contra a varíola que foi lançada pelo governo federal em 1904, na cidade do Rio de Janeiro sem haver preocupação com a comunicação e qualquer esclarecimento mínimo a população. A situação da cidade no início do século XX era precária, com crescimento desordenado e sem qualquer planejamento urbano até então. A ausência de um sistema de saneamento básico contribuía para constantes epidemias. Assim, com o objetivo de melhorar as condições sanitárias da cidade e a saúde da população, o então presidente Rodrigues Alves (1902-1906) colocou em prática o projeto de saneamento básico e reurbanização do centro da cidade, idealizado pelo prefeito Pereira Passos que foi complementado com a lei da vacinação obrigatória de 31 de outubro de 1904, sob o comando do médico e sanitarista Oswaldo Cruz, que assumiu o Departamento Nacional de Saúde Pública na época, especialmente incumbido de dar encaminhamento a estas questões.

O auge do conflito foi a instituição da vacina de varíola, mas isso se deu, sem nenhum tipo de ação educativa, comunicação institucional ou diálogo. A campanha de vacinação obrigatória foi colocada em prática de maneira autoritária, com os agentes sanitários invadindo as casas e vacinando as pessoas à força. A forma impositiva como a campanha de vacinação se deu, deixou a população indignada e na ausência de uma comunicação formal, os donos do próprio jornais da época, se encarregavam de fazer editoriais inflamados, como este publicado pelo *Correio da Manhã* em 7 de outubro de 1904:

O governo arma-se desde agora para o golpe decisivo que pretende desferir contra os direitos e liberdades dos cidadãos deste país. A vacinação e revacinação vão ser lei dentro em breve, não obstante o clamor levantado de todos os pontos e que foi ecoar na Câmara dos Deputados através de diversas representações assinadas por milhares de pessoas. De posse desta clava, que o incondicionalismo bajulador e mesureiro preparou, vai o governo do sr. Rodrigues Alves saber se o povo brasileiro já se acanhalou ao ponto de abrir as portas do lar à violência ou se conserva ainda as tradições de brio e de dignidade com que, da monarquia democrática, passou a esta República de iniquidade e privilégios. O atentado planejado alveja o que de mais sagrado contém o patrimônio de cada cidadão: pretende se esmagar a liberdade individual sob a força bruta.

Como a maior parte da população à época era formada de pessoas sem conhecimentos adequados sobre a importância da vacinação, que não sabiam o que era uma vacina e portanto, temiam os seus efeitos adversos, a mesma se rebelou provocando depredações a prédios públicos, quebrando bondes –o principal meio de locomoção coletivo- promovendo arruaças.

Segundo Rui Barbosa, a Revolta da Vacina teria sido uma enorme reação popular frente a uma determinação autoritária do Estado que não se preocupou em informar minimamente os benefícios das vacinas à população, antes mesmo de colocar o projeto em prática

Não tem nome, na categoria dos crimes do poder, a temeridade, a violência, a tirania a que ele se aventura, expondo-se, voluntariamente, obstinadamente, a me envenenar, com a introdução no meu sangue, de um vírus sobre cuja influência existem os mais bem fundados receios de que seja condutor da moléstia ou da morte (SEVCENKO, 1993, p. 22).

Além da vacinação, os conflitos aumentavam por conta da crise econômica que se instalava na cidade. A reforma urbana somada a especulação imobiliária, à medida que era implementada, retirava a população mais pobre do centro da cidade, derrubando cortiços e habitações mais simples e gerando uma enorme insatisfação popular. Com a insurgência dos populares que destruíam o patrimônio público, em novembro de 1904, o presidente Rodrigues Alves revogou a lei da vacinação obrigatória, colocando nas ruas as Forças Armadas e a polícia para coibir as manifestações. Naquele ano foram contadas 3.500 vítimas fatais de varíola.

Apesar da revogação da lei, Oswaldo Cruz continuou sua campanha de saneamento e controle da doença. Em 1906, o número de mortes caiu para nove. Dois anos depois, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro uma nova epidemia de varíola, com mais de 6.000 mortes. No entanto, com a continuidade das ações de saneamento e de vacinação, em 1910 ocorreu apenas um óbito por varíola.

Resumidamente, em seus primórdios, a história da imunização no Brasil, ainda que em defesa de um bem maior e em sentido de urgência, não dialogou com a sociedade, gerando, logo na primeira campanha de vacinação, grande resistência da população com relação à política e às práticas adotadas pelo Estado.

Em alguma medida, tais reivindicações por mais informação e autonomia reverberam até hoje. As contestações sobre vacinas existem desde as primeiras campanhas e, em sua maioria, baseiam-se em argumentos que evocam a ética, a moral, a efetividade e a segurança dessas substâncias, já que as vacinas atuam diretamente no organismo das pessoas e isso requer confiança nas autoridades de saúde.

Assim sendo, identificamos um parentesco histórico entre a Revolta da Vacina e a resistência nos dias de hoje. A principal diferença é que, no início do século, a maior parte da população se manifestava publicamente contra a vacinação, enquanto que, atualmente, grupos constituídos por pais, profissionais de saúde, estudiosos e formadores de opinião se articulam e trocam informações, especialmente por meio das redes sociais *on line* em nosso país. É um

quantitativo aparentemente menos numeroso, porém, com potencial capacidade de articulação e de disseminação de mensagens, o que pode se tornar expressivo, independentemente de as informações serem verdadeiras ou não. A facilidade em debater, compartilhar e replicar as percepções a partir desses coletivos virtuais elimina as fronteiras entre povos a custo ínfimo, fazendo com que tendências possam rapidamente se propagar ao redor do globo.

3.2 A RECENTE POLÍTICA DE IMUNIZAÇÃO BRASILEIRA E A ANTIVACINAÇÃO

Após a Revolta da Vacina, um segundo marco na história da imunização brasileira foi a criação da política de imunizações em 1975, quando o presidente da República Ernesto Geisel decretou e sancionou a Lei nº 6.259, que dispõe sobre a organização das ações de vigilância epidemiológica e da criação do Programa Nacional de Imunizações. Nesse momento, estabeleceram-se normas relativas à notificação compulsória de doenças, entre outras providências, pois o governo tinha por objetivo realizar pesquisas de avaliação da cobertura vacinal para monitorar o cumprimento da meta, que era imunizar 100% das crianças com menos de um ano com as vacinas que faziam parte do calendário nacional de vacinação da época.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Brasil de acordo com informações da plataforma oficial Blog da Saúde⁴, é considerado uma referência mundial em política de saúde pública e continua sendo uma das prioridades do Governo Federal.

O país já erradicou, por meio da vacinação, a varíola e controlou a poliomielite e o sarampo. A população brasileira tem acesso gratuito a todas as vacinas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Desde que foi criado, em 1973, o programa busca a inclusão social, assistindo todas as pessoas, em todo o país, sem distinção de qualquer natureza. As vacinas do programa estão à disposição de todos nos postos de saúde ou com as equipes de vacinação, cujo empenho permite levar a imunização mesmo aos locais de difícil acesso (BLOG DA SAÚDE, 2017).

Com quarenta e cinco anos de existência, o Programa segue estabelecendo metas desafiadoras, tais como: a erradicação do sarampo, a eliminação do tétano neonatal e o controle de doenças imunopreveníveis como difteria, coqueluche e tétano acidental, hepatite B, meningites, febre amarela, com atenção a outras formas graves da tuberculose, rubéola e Caxumba, bem como a manutenção da erradicação da poliomielite que ainda hoje é classificada como controlada.

⁴ Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/>>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

Desde janeiro de 2017, os surtos de febre amarela trouxeram novos desafios ao Programa e aos laboratórios públicos brasileiros, sendo registrado um dos eventos mais expressivos da história da Febre Amarela no Brasil. A dispersão do vírus alcançou a região do bioma da Mata Atlântica, que abriga uma ampla diversidade de primatas não humanos e de potenciais vetores silvestres, onde o vírus não era registrado há décadas. Foram confirmados 777 casos humanos e 261 óbitos, além de 1412 epizootias.

Ainda assim a credibilidade do Programa Nacional de Imunizações é atribuída a dois fatores: a dedicação dos profissionais de saúde que acreditam, se envolvem pessoalmente com as iniciativas e, portanto, supostamente fortalecem o Sistema Único de Saúde (SUS), levando a vacina aos territórios mais distantes e superando dificuldades para que isso aconteça ao mesmo tempo que conta com a adesão e o comparecimento da população aos postos de vacinação. Na década de 80, o Ministério da Saúde ao perceber a resistência da população adulta e o medo por parte das crianças, criou esse símbolo com o intuito de dialogar com diferentes públicos, especialmente o infantil, para motivar e informar sobre vacinação. O artista plástico Darlan Manoel Rosa, atendendo convite do Ministério da Saúde e com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), criou em 1986 uma logomarca para marcar o compromisso assumido pelo Brasil de erradicar a poliomielite até 1990. Em 1986, para tornar as campanhas mais atraentes e aumentar a cobertura vacinal, foi criado pelo Ministério da Saúde um mascote cujo nome, Zé Gotinha, foi escolhido em concurso com alunos de escolas de todo o Brasil. Além de popularizar o símbolo, o concurso abriu portas a oportunidades de mobilização nacional sobre o tema vacinação.

Imagem 1 – Campanha Nacional de Vacinação



Fonte: Blog da Saúde (2013)

Desde a criação do Zé Gotinha, ele aparece em campanhas de vacinação e fez parte da campanha de rubéola para mulheres e homens até 39 anos de idade e da campanha contra o vírus Influenza.

Atualmente, o Zé Gotinha é o símbolo do Programa Nacional de Imunizações, sendo um símbolo da vacinação de rotina para toda a família, com o slogan “Vacinação virou programa de família”.

O símbolo continua tendo um forte apelo e grande capacidade de mobilização nacional a respeito da importância da vacinação e prevenção de várias doenças.

Imagem 2 – Família Zé Gotinha



Fonte: Blog da Saúde (2013)

Em termos de números, o país conta hoje com cerca de 37 mil salas de vacinação espalhadas por todo o território nacional, onde são aplicadas cerca de 150 milhões de doses de vacinas ao ano, gratuitamente, com materiais controlados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Ao longo das décadas foram sendo atualizados não só o Calendário Nacional de Vacinação (Tabela 1), assim como o Calendário Nacional de Vacinação dos Povos Indígenas, dentre outros calendários destinados a faixas etárias específicas (Tabela 2).

Tabela 1 – Calendário Nacional de Vacinação 2018

Calendário Nacional de Vacinação 2018																	
Grupo Alvo	Idade	BCG	Hepatite B	Penta/DTP	VIP/VOP	Pneumocócica 10V (conjugada) ¹	Rotavírus Humano	Meningocócica C (conjugada) ¹	Febre Amarela ²	Hepatite A ³	Triplice Viral	Tetra viral ⁴	Varicela	HPV ⁵	Pneumocócica 23V ⁶	Dupla Adulto	dTpa ⁷
Crianças	Até nascer	Dose única	Dose no nascer														
	2 meses			1ª dose (com penta)	1ª dose (com VIP)	1ª dose	1ª dose										
	3 meses							1ª dose									
	4 meses			2ª dose (com penta)	2ª dose (com VIP)	2ª dose	2ª dose										
	5 meses								2ª dose								
	6 meses			3ª dose (com penta)	3ª dose (com VIP)												
	8 meses								Dose única								
	12 meses					Reforço		Reforço			1ª dose						
	15 meses			1ª reforço (com DTP)	1ª reforço (com VOP)					Uma dose		Uma dose					
	4 anos			2ª reforço (com DTP)	2ª reforço (com VOP)								Uma dose				
5 anos														Uma dose a depender da situação vacinal com o PNDM10r.			
9 anos													2 doses (meninas de 9 a 14 anos) 2 doses (meninos de 11 a 14 anos)				
Adolescente	10 a 19 anos		3 doses (verificar a situação vacinal)					01 reforço ou dose única (verificar a situação vacinal - 11 a 14 anos)	Dose única (verificar a situação vacinal)	3 doses (verificar a situação vacinal)				Uma dose (a depender da situação vacinal)		Reforço a cada 10 anos	
Adulto	20 a 59 anos		3 doses (verificar a situação vacinal)						Dose única (verificar a situação vacinal)	3 doses (20 a 29 anos) 1 dose (30 a 49 anos)				Uma dose (a depender da situação vacinal)		Reforço a cada 10 anos	
Idoso	60 anos ou mais		3 doses (verificar a situação vacinal)						Dose única (verificar a situação vacinal)						Reforço	Reforço a cada 10 anos	
Gestante			3 doses (verificar a situação vacinal)													3 doses (verificar a situação vacinal)	Uma dose a cada gestação a partir da 20ª semana

¹Administrar 1 (uma) dose da vacina Pneumocócica 10V (conjugada) e da vacina Meningocócica C (conjugada) em crianças entre 1 e 4 anos (4 anos 11 meses e 29 dias), que não tenham recebido o reforço ou que tenham perdido a oportunidade de se vacinar anteriormente.

²Indicada às pessoas residentes ou viajantes para as áreas com recomendação de vacinação. Atentar as precauções e contraindicações para vacinação. Esta vacina está indicada para todos os povos indígenas independentemente de Áreas com Recomendação para Vacinação (ACRV).

³Para crianças entre 2 e 4 anos (4 anos 11 meses e 29 dias), que tenham perdido a oportunidade de se vacinar anteriormente, administrar uma dose da vacina hepatite A.

⁴A vacina tetra viral corresponde a segunda dose da tríple viral e a dose da vacina varicela. Esta vacina está disponível para crianças até 4 anos 11 meses e 29 dias oportunamente vacinadas aos 15 meses.

⁵A vacina HPV também está disponível para as mulheres e homens de nove a 26 anos de idade vivendo com HIV/AIDS, transplantados de órgãos sólidos, de medula óssea ou pacientes oncológicos, sendo o esquema vacinal de três doses (0, 2 e 6 meses).

⁶Esta vacina está indicada para a população indígena a partir dos 5 (cinco) anos de idade.

⁷Gestantes que perderam a oportunidade de serem vacinadas durante o período gestacional, administram 1 (uma) dose de dTpa no puerpério, o mais precocamente possível. A vacina dTpa também será ofertada para profissionais de saúde que atuam em maternidade e em unidades de internação neonatal (UTI/UCI convencionais e UCI canguêns) inclusive fisioterapeutas atendendo recém-nascidos e parturientes.

Fonte: Ministério da Saúde (2018)

Tabela 2 – Calendário Nacional de Vacinação dos Povos Indígenas

CALENDÁRIO NACIONAL DE VACINAÇÃO dos Povos Indígenas																	
Grupo Etário	Idade	BEG	Hepatite B	Peia dTP	VP /VDP	Panamericana 10V (conjugada)*	Rotavírus Humano	Meningocócica C (conjugada)*	Febre Amarela **	Hepatite A***	Triplice Viral	Tetra Viral****	HPV *****	Pneumocócica 23V	Varicela	Difteria Adulto	dTpa*****
Crianças	Até ao nascer	Dose única	Dose ao nascer														
	2 meses			1ª dose (pentavalente)	1ª dose (VIP)	1ª dose	1ª dose										
	3 meses							1ª dose									
	4 meses			2ª dose (pentavalente)	2ª dose (VIP)	2ª dose	2ª dose										
	5 meses							2ª dose									
	6 meses			3ª dose (pentavalente)	3ª dose (VIP)												
	9 meses								Dose única								
	12 meses					Reforço		Reforço			1ª dose						
	15 meses				1ª reforço (DTP)	1ª reforço (VDP)				Uma dose		Uma dose					
	4 anos				2ª reforço (DTP)	2ª reforço (VDP)									Uma dose		
5 anos																	
9 anos																	
Adolescente	10 a 19 anos		3 doses (verificar a situação vacinal)					01 reforço ou dose única de 12 a 13 anos, verificar a situação vacinal.	Dose única (verificar a situação vacinal).		2 doses (verificar a situação vacinal)		2 doses (meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos)	Uma dose (verificar a situação vacinal)		Reforço a cada 10 anos	
Adulto	20 a 59 anos		3 doses (verificar a situação vacinal)						Dose única (verificar a situação vacinal).		2 doses (20 a 29 anos e 1 dose (30 a 49 anos)			Uma dose (verificar a situação vacinal)		Reforço a cada 10 anos	
Idoso	60 anos ou mais		3 doses (verificar a situação vacinal)						Dose única (verificar a situação vacinal).					Reforço		Reforço a cada 10 anos	
Gestante			3 doses (verificar a situação vacinal)													3 doses (verificar a situação vacinal)	Uma dose a cada gestação a partir da 20ª semana

Nota: *Administrar Uma dose da vacina Pneumocócica 10V (conjugada) e da vacina Meningocócica C (conjugada) em crianças entre 2 e 4 anos, que não tenham recebido o reforço ou que tenham perdido a oportunidade de se vacinar anteriormente.

** Indicada às pessoas residentes ou viajantes para as áreas com recomendação de vacina. Atentar às precauções e contraindicações para vacinação para gestantes, nutrízes, imunodeprimidos, idoso, dentre outros, conforme Nota Informativa nº 94/2017.

***Administrar Uma dose da vacina hepatite A. Esta vacina está disponível para crianças até 4 anos 11 meses e 29 não oportunamente vacinadas aos 15 meses.

****A vacina tetra viral corresponde à segunda dose da triplice viral e à dose da vacina varicela. Esta vacina está disponível para crianças até 4 anos 11 meses e 29 não oportunamente vacinadas aos 15 meses.

*****A vacina HPV também está disponível para as mulheres e homens de nove a 26 anos de idade vivendo com HIV/AIDS, transplantados de órgãos sólidos, de medula óssea ou pacientes oncológicos, sendo o esquema vacinal de três doses (0, 2 e 6 meses).

*****Gestantes que perderam a oportunidade de serem vacinadas durante o período gestacional, administrar Uma dose de dTpa no puerpério, o mais precocemente possível. A vacina dTpa também será ofertada para profissionais de saúde que atuam em maternidade e em unidade de internação neonatal (UTI/UCI convencional e UCI canguru) atendendo recém-nascidos e crianças menores de 1 ano de idade.

Para informações adicionais recomenda-se consultar a Instrução Normativa do Calendário Nacional de Vacinação disponível no seguinte endereço: www.saude.gov.br

Fonte: Ministério da Saúde (2018)

Há, ainda, vacinas especiais para grupos em condições clínicas específicas, são elas

Para pacientes portadores de doenças que aumentam seu risco para aquisição de infecções, por exemplo, transplantados, HIV positivos, cardiopatas, nefropatas, hepatopatas, imunodeprimidos e outros, o PNI oferece várias outras vacinas nos chamados Centros de Referência de Imunobiológicos Especiais (CRIEs), onde a população de risco pode receber gratuitamente as vacinas não disponíveis na rede pública (AMATO NETO, 2011, p.16).

Apesar da ampla disponibilidade de facilidades para vacinação, incluindo condições clínicas específicas, em entrevista concedida para o Blog da Saúde em 27 de julho de 2015, Ana Goretti Kalumi, coordenadora-substituta do PNI, afirma que

[...] uma das coisas [com] que nós temos nos preocupado muito é o receio das pessoas quanto à seguridade das vacinas. Como não temos doenças como pólio há mais de 20 anos e profissionais de saúde nunca viram surtos destas doenças, isso faz com que a população não tenha um olhar tão importante para este momento. Com a diminuição dos riscos de transmissão de algumas doenças,

as pessoas passam a se preocupar mais com notícias equivocadas do que com a importância da vacinação. Só vamos conseguir de fato a garantia da imunização da população se tivermos altíssimas coberturas vacinais em todos os municípios brasileiros. Por isso, é fundamental que a população tome consciência de que é preciso acompanhar as campanhas e ir regularmente às unidades de saúde para a vacinação (BLOG DA SAÚDE, 2017).

O trecho acima já se constitui como uma amostra representativa das questões que preocupam não só o Governo como a Organização mundial de Saúde nos dias de hoje.

O crescente aumento dos grupos antivacinação e de suas atuações públicas, vem acompanhada da queda das taxas de cobertura vacinal, retornando os surtos e epidemias cada vez mais frequentes – e crescentes – de doenças imunopreveníveis, não apenas no Brasil, mas sobretudo em países da Europa e nos Estados Unidos. Esta questão tem chamado a atenção dos agentes públicos e se transformou em um desafio crescente para a promoção da saúde pública em relação a quais seriam as melhores alternativas para encaminhar essa situação.

Em 2017, apenas na Europa, foram registrados óbitos por sarampo na Alemanha, em Portugal, na França, na Itália, na Bulgária e na Romênia. Na Itália, por exemplo, das 1,6 mil pessoas que contraíram sarampo em 2017, 88% delas não tinham tomado nenhuma dose da vacina.

Segundo dados divulgados pela a mais antiga agência internacional de saúde pública do mundo, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), em abril de 2018, dos 11 países das Américas que notificaram casos de sarampo, o mais afetado foi a Venezuela com 279 casos. O Brasil consta em segundo lugar, devido à migração de venezuelanos, especialmente na fronteira com o estado de Roraima. Foram 46 casos confirmados, destes 35 são cidadãos venezuelanos e apenas oito são brasileiros. Somados a mais quatro casos registrados em brasileiros que residem no estado do Amazonas.

Em 2016, a rubéola era endêmica em mais de um quarto (26%) dos estados-membros da União Europeia, conforme apresenta quadro abaixo, retirado do relatório *Conclusions of the 6th meeting of the Regional Verification Commission for Measles and Rubella Elimination (RVC) for 2016*:

Tabela 3 – Número de estados membros da região europeia da OMS por status de eliminação de sarampo e rubéola

Country status	Measles	Rubella
Eliminated	33 (62%)	33 (62%)
Interrupted for 24 months	2 (4%)	2 (4%)
Interrupted for 12 months	7 (13%)	2 (4%)
Endemic	9 (17%)	14 (26%)
No process	2 (4%)	2 (4%)
Total	53	53

Fonte: World Health Organization (2017)

Nos Estados Unidos, onde o sarampo já havia sido controlado, em 2000 foram reportados 23 surtos, com 668 infectados em 2014. A coqueluche, que ao final da 1970 atingia apenas mil casos por ano, infectou mais de 18 mil estadunidenses em 2015. Em abril de 2017, 200 pessoas foram obrigadas a ficar em quarentena no estado de Minesotta, após 12 casos de sarampo serem notificados em apenas duas semanas, todos em crianças não vacinadas com menos de 6 anos.

Ainda nos EUA, antes da vacina contra sarampo, havia aproximadamente de 3 a 4 milhões de casos por ano, e uma média de 450 mortes anuais, registradas entre 1953 e 1963. Após a introdução da vacina, nenhum caso foi reportado até 2004. A meningite matava em média 600 crianças por ano, e os sobreviventes ficavam com sequelas como surdez e retardo mental. Antes do uso da vacina de coqueluche, quase todas as crianças contraíam a doença, com aproximadamente 150 a 260 mil casos reportados anualmente, e nove mil óbitos. Desde 1990, apenas 50 casos foram reportados.

A rubéola pode acometer gravemente crianças ao nascer, se a mãe for contaminada durante a gestação. As consequências incluem defeitos cardíacos, problemas de visão, surdez e retardo mental. Em 1964, antes do advento da imunização em massa para o alvo, 20 mil bebês nasciam de mães infectadas. Desses, 11 mil ficaram surdos, 4 mil cegos e 1.800 apresentavam retardo mental.

Não à toa, a Organização Mundial das Saúde afirma a quantidade de vidas salvas

anualmente a partir do uso de vacinas.

A imunização previne cerca de 2 a 3 milhões de mortes por ano da difteria, tétano, tosse convulsa e sarampo; no entanto, 1,5 milhão de mortes adicionais poderiam ser evitadas se a cobertura global de vacinação fosse mais eficiente. A cobertura global de vacinação - a proporção das crianças do mundo que recebem as vacinas recomendadas - ficou estagnada nos últimos anos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018, tradução nossa).

Isto significa que a vacinação tem potencial para prevenir algo em torno de 2 a 3 milhões de óbitos por ano, das seguintes doenças: difteria, tétano, coqueluche (vacina DTP), além do sarampo. E mais, que 1,5 milhão de mortes (adicionais) poderiam ser facilmente evitadas se a cobertura vacinal global se elevasse, uma vez que os índices de cobertura vacinal para estas doenças estão muito baixos. De um modo geral, podemos afirmar que a cobertura da imunização mundial recomendada, não está minimamente proporcional ao quantitativo de crianças presentes no mundo e que recebem as vacinas tidas como prioritárias. A própria OMS reitera que o número de crianças imunizadas vem diminuindo ainda mais, nos últimos anos.

A Instituição aponta o que poderia ser feito para alcançar o 1,5 milhão de vidas salvas a mais anualmente, mas isso requer recursos de vários tipos, capacitação, aumento da capacidade produtiva o que implica em investimentos e sobretudo, mobilização social e governamental para que essas recomendações se cumpram.

O Brasil é reconhecido internacionalmente por seu programa de imunização, que disponibiliza vacinas gratuitamente à população por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Criado em 1973, o Programa Nacional de Imunização (PNI) teve início com quatro tipos de vacina e hoje oferece 27 à população, sem qualquer custo direto. No país, as coberturas também estão em queda. O país registrou em 2016 a pior taxa de imunização dos últimos doze anos para poliomielite: 84% no total, contra meta de 95%, recomendada pela OMS.

Em entrevista concedida a BBC, a coordenadora do PNI, Carla Domingues afirmou “os dados de 2016 mostram menor cobertura vacinal para a poliomielite. Pode ser por fatores sazonais, mas a resistência das pessoas é algo que está nos chamando a atenção” (GUIMARÃES, 2017).

Em entrevista ao Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), Domingues complementou que a própria atuação do Programa ao longo dos anos, poderia ter contribuído para a queda da cobertura.

Hoje, como a doença desapareceu, os pais que foram beneficiados pela vacina e que por isso não conviveram com a doença, muitas vezes não percebem a

importância da imunização. Por isso, é imprescindível mostrar que, apesar de raros os casos, as doenças ainda existem e que, portanto, é primordial vacinar as crianças (CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE, 2018).

Ao lançar a campanha de multivacinação em 2017, o Ministério divulgou quantitativos de não vacinados para cada alvo que já dispõe de imunizantes. De acordo com o próprio Ministério da Saúde, a situação seria ainda mais crítica nas vacinas para adolescentes. Para a meningocócica C, eram 5,9 milhões de adolescentes de ambos os sexos na faixa de 12 e 13 anos ainda não vacinados. Para HPV, eram 73,6% das meninas de 9 a 15 anos vacinas com a primeira dose e apenas 47% com duas doses. Entre os meninos, apenas 23,6% haviam sido vacinados aos 12 e 13 anos. Outro imunizante com baixa cobertura é Hepatite B, com 1,3 milhão de jovens não vacinados.

Caso recente que exemplifica a necessidade da alta taxa de cobertura vacinal é o da febre amarela: 2,4 milhões de pessoas abaixo dos 14 anos em área de recomendação não tinham se vacinado.

A cobertura vacinal em queda pode ser verificada nesse gráfico da OMS:

Tabela 4 – Doenças evitáveis por vacinas

Vaccines	2016	2015	2014	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998	1997	1996	1995	1994	1993	1992	1991	1990	1989	1988	1987	1986	1985	1984	1983	1982	1981	
BCG	95	105	107	107	105	107	106	108	108	111	113	114	113	114	100	100	100	100	100	100	100	100	93	95	90	87	79	74	74	68	65	63	75	66	64	62	
DTP1	65	97	101	104	101	103	100	102	100	103	104	104	104	104	107	100	100	100	100	100	100	99	75	85	50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
DTP3	69	95	93	87	95	100	99	102	99	104	104	104	104	104	99	98	98	94	93	79	77	81	74	75	71	78	66	58	58	58	58	66	66	80	56	47	
DTP4	61	86	85	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
HepB3	69	98	98	101	96	98	96	100	98	100	100	98	98	97	92	91	94	84	13	5	15	10	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
HepB3D	62	91	88	39	-	-	-	101	106	-	-	95	-	91	-	95	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Hib3	69	95	93	88	95	100	99	102	99	104	104	104	104	103	104	93	93	90	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
IPV1	-	102	97	100	106	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MCV1	65	96	112	107	99	102	100	104	100	107	105	107	111	118	99	100	100	99	95	100	80	87	77	85	91	83	76	80	62	64	67	67	73	68	66	73	
MCV2	77	80	89	69	70	71	53	53	56	-	-	-	-	-	80	95	95	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PAB	103	43	-	-	-	34	-	92	98	98	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PCV1	65	103	99	-	97	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PCV2	64	96	94	-	95	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PCV3	64	94	93	64	88	82	34	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pol3	72	98	94	101	96	101	99	104	100	105	105	105	104	106	100	100	100	99	95	89	80	79	70	64	85	67	56	54	57	53	51	52	55	55	51	39	
RCV1	65	96	100	108	99	102	98	104	100	-	105	100	111	119	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rota1	91	102	91	-	99	97	93	94	94	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
rotac	68	94	92	62	86	87	83	86	81	80	47	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TT2+	61	43	38	-	54	34	21	89	21	86	100	48	-	-	47	100	100	-	-	-	-	-	-	-	-	82	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
VAD1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
YFV	43	99	102	112	108	107	105	109	103	108	100	93	84	80	98	39	100	-	38	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: World Health Organization (2017)

Para Guido Levi, autor do livro “Recusa de Vacinas – Causas e Consequências”, em matéria publicada na Isto É (GIRARDI, 2017), todos os argumentos médicos contrários às vacinas são fáceis de se desmentir do ponto de vista científico. Para Levi a resposta é simples:

Dei uma palestra para médicos e enfermeiras e perguntei: ‘quantos de vocês viram casos de pólio?’ Nenhum. ‘Casos de sarampo?’ Nenhum. Variola, nem se fala. Se você quer ver como o mundo mudou com as vacinas, tem dados para isso. [...] Na Europa, eram 400 mil casos por ano de variola, hoje está erradicada da face da Terra. Matou 3 milhões de pessoas quando os espanhóis a trouxeram para o novo mundo. Hoje, zero (GIRARDI, 2017).

A erradicação da variola seria a maior evidência dos benefícios da imunização. Em 2016, o país registrou a pior taxa de cobertura vacinal dos últimos doze anos: 84% no total, contra meta de 95%, recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Os dados de 2016 são parciais até outubro, mas emitidos após a campanha nacional de multivacinação, finalizada em setembro. Para o governo, ainda é cedo para dizer se há tendência de queda real ou se são oscilações por mudanças em curso no sistema de notificação - porém, os números já preocupam. "Ainda é muito precoce para dizer se há oscilação real, mas estamos preocupados, sim. O sinal amarelo acendeu," afirma Carla Domingues, coordenadora do Programa Nacional de Imunização (GUIMARÃES, 2017).

Gráfico 1 – Taxa de vacinação de Poliomielite em 2016

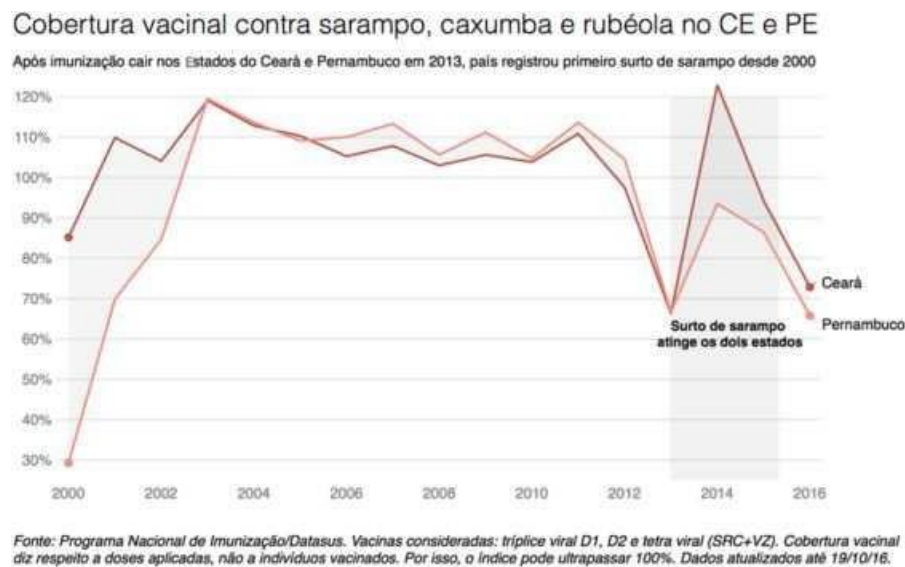


Fonte: Guimarães (2017)

A preocupação maior é que com a baixa cobertura vacinal, sejam criados espontaneamente grupos de indivíduos suscetíveis a doenças que são preveníveis, bastando apenas uma pessoa infectada para retornarem surtos de grandes proporções. Um exemplo divulgado pelo PNI foram os casos recentes que aconteceram no Ceará e em Pernambuco entre 2013 e 2015. Depois de mantida por mais de dez anos a cobertura vacinal acima de 95% contra sarampo, caxumba e rubéola, em 2013 houve uma baixa expressiva na cobertura em ambos os Estados, seguida por um surto de sarampo que teve início no Pernambuco e se alastrou para os 38 municípios do Ceará, totalizando 1.277 casos nos dois Estados.

Do ano 2000 até os últimos cinco anos, o Brasil não registrava um caso autóctone de sarampo. Os poucos casos registrados desde então, eram sempre importados de outros países, mas a realidade se modificou.

Gráfico 2 – Cobertura vacinal contra sarampo, caxumba e rubéola no CE e PE



Fonte: Guimarães (2017)

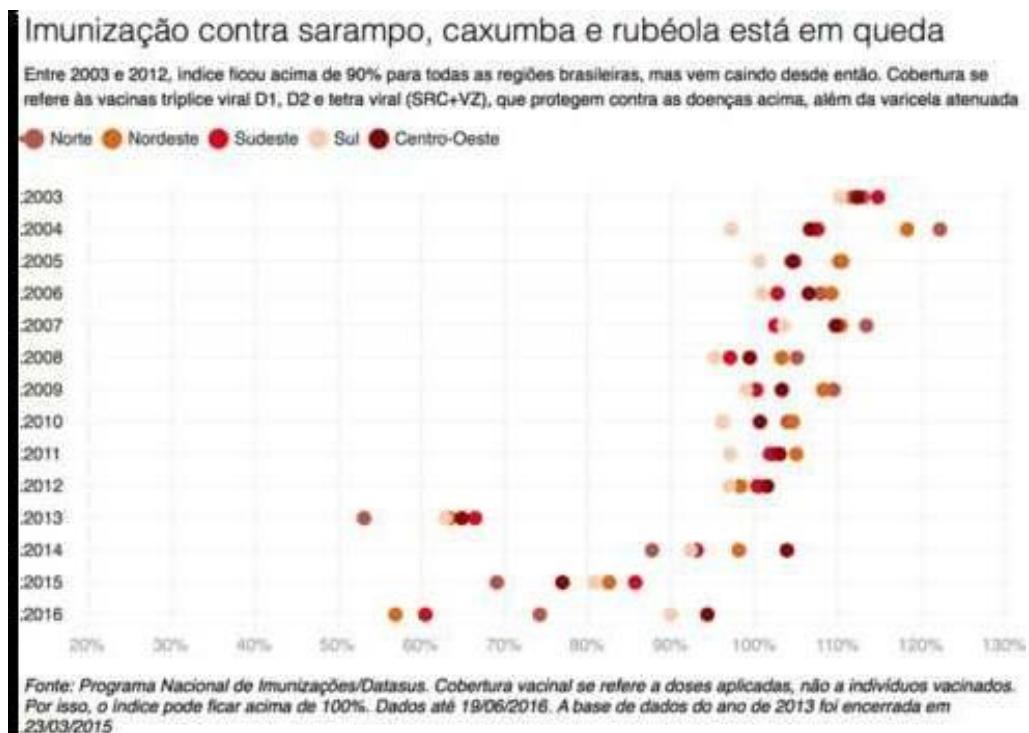
Em 1997, a chegada de um único bebê infectado com sarampo, vindo do Japão para São Paulo, provocou a infecção de cerca de 54.000 pessoas no Brasil, se alastrando para os países da América do Sul, resultando em dezenas de mortos. Conforme apresentado no gráfico acima, nos anos anteriores a campanha de vacinação contra o sarampo havia ficado abaixo da meta que era vacinar de 95% em todo o país, mas no Sudeste atingiu somente 76,91%.

Segundo Expedito Luna, médico e professor de epidemiologia do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (USP) “quando há queda nas taxas de imunização você vai criando um grupo de pessoas suscetíveis. Esse grupo vai crescendo ao longo do tempo, até

chegar ao ponto em que a importação de um único caso gera uma epidemia” (GUIMARÃES, 2017).

Para o epidemiologista, o controle de certas doenças requer, portanto, um cuidado redobrado ao longo das campanhas de vacinação. Tais populações se tornam mais vulneráveis do que aquelas que em certa medida porque convivem com as doenças, se previnem mais.

Gráfico 3 – Imunização contra sarampo, caxumba e rubéola

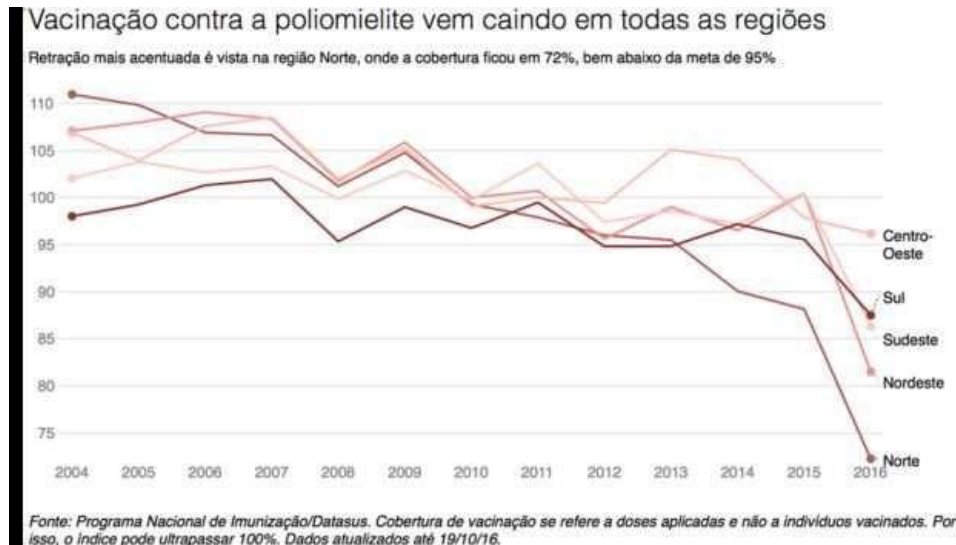


Fonte: Guimarães (2017)

De acordo com a matéria concedida a BBC Brasil, para aumentar a cobertura vacinal e atingir as metas da OMS, o governo tem trabalhado nas escolas, com o intuito de sensibilizar crianças e jovens além de lembrar as famílias sobre a importância de continuar evitando doenças antigas. Em depoimento, Carla Domingues, coordenadora do PNI, manifesta

A minha filha não viu amigos com poliomielite. Mas, na minha época, a primeira fileira na sala de aula era deixada para alunos com pólio (...) A minha geração tinha pânico de ser contaminada, já hoje as pessoas não veem a doença e ficam mais relaxadas. Mas as crianças hoje são saudáveis porque seus avós e pais foram vacinados no passado (GUIMARÃES, 2017).

Gráfico 4 – Vacinação contra a poliomielite em decadência



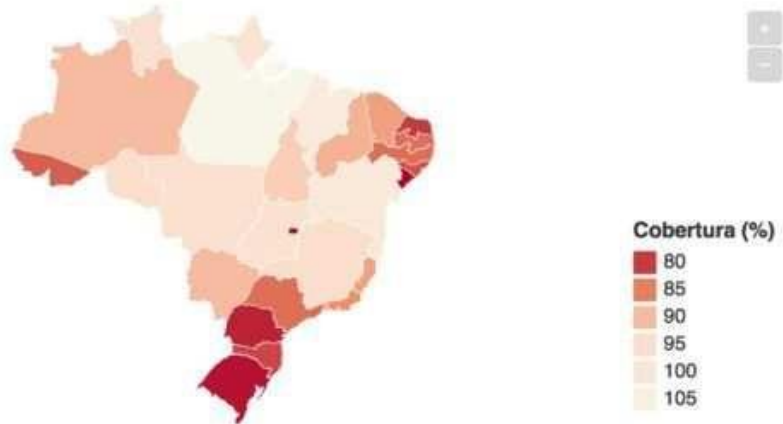
Fonte: Guimarães (2017)

Além do fator comportamental, problemas com o abastecimento de vacinas essenciais e municípios com poucos recursos para executar os programas de imunização também são apontados como fatores importantes. Desde 2015, o país registra o desabastecimento de diversas vacinas. Do início de 2016 até junho desse ano, houve acesso limitado à vacina pentavalente acelular, que protege contra difteria, tétano, coqueluche, meningite provocada pela bactéria *Haemophilus influenzae* tipo b e poliomielite. Também houve dificuldades com a BCG, que protege contra a tuberculose e é a primeira vacina dada ao recém-nascido.

Imagem 3 – Estados brasileiros com cobertura vacinal acima de 90%

Em 2005, 11 dos 26 Estados tinham cobertura vacinal acima de 90%

Cobertura se refere ao total de vacinação em um grupo de 23 vacinas; quanto mais escura a cor, menor a taxa de imunização



Fonte: Programa Nacional de Imunização/Datasus. Foram consideradas todas as vacinas presentes no sistema Datasus para crianças de 0 a 4 anos, mais Hepatite B, dupla adulto e Meningococo C 9, 10, 11, 12 e 13 anos. Foram excluídas HPV.

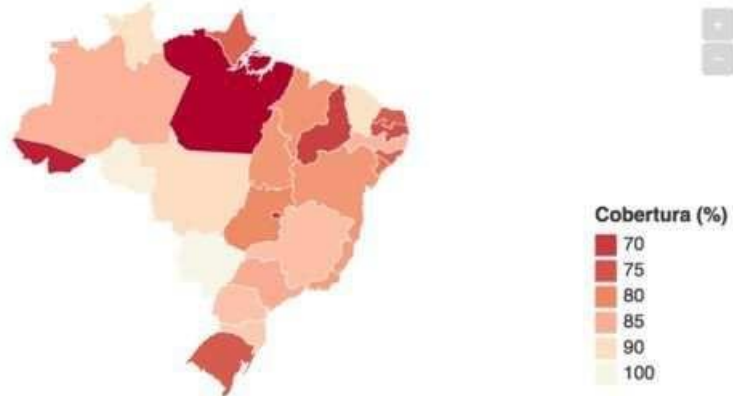
Fonte: Guimarães (2017)

Em 2005, 11 dos 26 Estados tiveram cobertura vacinal acima de 90%, conforme gráfico acima. Dez anos após, o abastecimento de algumas vacinas é considerado crítico, outros tendem a ser regularizado, enquanto algumas vacinas não têm sequer expectativa de normalização. Contudo, a falta de vacina nos postos de saúde, somado a diminuição dos recursos nos municípios, e conseqüentemente, dos números de salas disponíveis, além de horário reduzido para o atendimento à população são alguns dos fatores que indiretamente afetam a cobertura, pois não criam o hábito, a cultura da vacinação. A dificuldade de acesso dentre outros limitantes, são considerados pelas autoridades de saúde fatores que contribuem para a diminuição da cobertura vacinal no Brasil. Para que isso seja revertido é faz-se necessário “desburocratizar”, tais serviços e criar condições mais propicias para que as populações frequentem os postos de saúde (GUIMARÃES, 2017).

Imagem 4 – Os cinco estados brasileiros com cobertura vacinal acima de 90%

Em 2015, apenas 5 Estados tiveram cobertura vacinal acima de 90%

Cobertura se refere ao total de vacinação em um grupo de 23 vacinas; quanto mais escura a cor, menor a taxa de imunização



Fonte: Programa Nacional de Imunização/Datasus. Foram consideradas todas as vacinas presentes no sistema Datasus para crianças de 0 a 4 anos, mais Hepatite B, dupla adulto e Meningococo C 9, 10, 11, 12 e 13 anos. Foram excluídas HPV.

Fonte: Guimarães (2017)

Em dez anos, apenas cinco estados tiveram cobertura acima de 90%, conforme estudo divulgado pelo próprio Ministério da Saúde. O receio é que se suceda com o Brasil o mesmo que aconteceu na Europa, que apesar do alto nível socioeconômico, teve um surto de sarampo que já infectou cerca de 14 mil pessoas em 2017, sendo a doença considerada endêmica em 14 países da região, incluindo Alemanha, França e Romênia. Só nesse último, foram 31 mortes desde 2016.

A maior preocupação das autoridades de saúde, especialmente da coordenação do Programa Nacional de imunizações é que os brasileiros que visitam a Europa tragam o sarampo de volta ao país. A doença é altamente contagiosa e se encontrar populações suscetíveis é possível que essa doença até então, controlada se torne rapidamente uma epidemia ou até mesmo, uma pandemia.

3.3. O MAPA DA ANTIVACINAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO

Com o intuito de fazer um mapeamento do movimento antivacinação no mundo, o Conselho de Relações Exteriores dos Estados Unidos criou um mapa interativo mostrando surtos de sarampo, caxumba, rubéola, poliomielite e coqueluche, no período de 2008 a 2014.

O Centro de Controle de Doenças dos EUA (CDC) estima que 164 mil pessoas em todo o mundo irão morrer de sarampo a cada ano, sendo a maior concentração hoje seria no Reino Unido (SEIMI VACINAS, 2018). Nos Estados Unidos, é a coqueluche que tem tido um aumento expressivo, causando cerca de 195 mil mortes ao ano. A maioria dessas mortes ocorrem em regiões pobres, com muito pouco acesso às vacinas.

No ranking mundial da antivacinação, a população europeia foi a que se mostrou mais cética quanto às vacinas, segundo pesquisa publicada na revista *EbioMedicine*, com informações da *New Scientist*, em 13 de setembro de 2016 (LARSON *et al.*, 2016). Essa pesquisa contou com a participação de 66 mil entrevistados em 67 países, que responderam sobre a importância e a segurança das vacinas. Os franceses apresentaram a maior desconfiança; 41% dos entrevistados discordam que as vacinas são seguras.

A França foi seguida pela Bósnia e Herzegovina, onde 36% duvidaram da segurança das vacinas. A Rússia e Mongólia vieram em seguida, com 28% e 27%, respectivamente. Grécia, Japão e Ucrânia registraram 25% de falta de confiança.

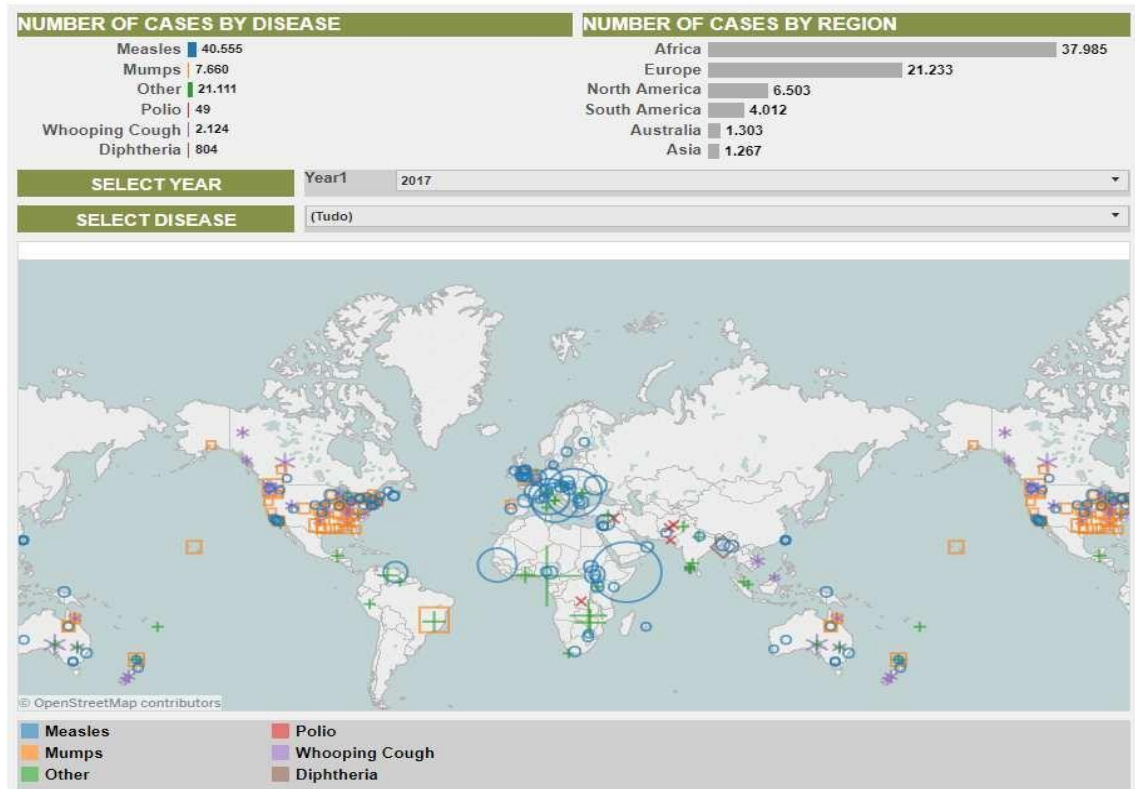
Nos EUA, enquanto 14% das pessoas entrevistadas discordaram que as vacinas são seguras, 86% concordam que elas são importantes. O sudeste da Ásia foi a região onde a população se mostrou mais confiante em relação à segurança das vacinas. Bangladesh, Indonésia e Tailândia, apresentaram respectivamente 1%, 3% e 6% de discordância da afirmação de que as vacinas são seguras.

Dáí se conclui que a Europa hoje é o continente mais incrédulo em relação à segurança das vacinas. No Brasil, a desconfiança atingiu 15% da população, ultrapassando em 2% a média global em relação aos países acima citados que foi de 13%.

Com o intuito de aprimorar o mapa da antivacinação, foi desenvolvido um mapa interativo para rastrear surtos de doenças evitáveis por vacinação em todo o mundo (VACCINES WORK, 2018). O mapa usa informações publicadas por agências de notícias, governos e organizações de saúde com o intuito de monitorar os surtos de doenças transmissíveis, porém evitáveis pela imunização. Originalmente criado e publicado pelo Conselho de Relações Exteriores dos EUA em 2008, essa ferramenta interativa torna-se amplamente reconhecida pela comunidade global na área da saúde na conscientização sobre a prevalência contínua de doenças facilmente evitáveis.

Veja como o mapa interativo pode ser consultado:

Imagem 5 – Número de casos de doenças por região



Fonte: Vaccines Work (2017)

No Brasil, os grupos antivacinação estão presentes nas redes sociais, mas não há mobilização presencial, por exemplo, durante as campanhas de vacinação ou evidências de um ativismo mais estruturado em relação à política pública vigente. Ao contrário, a recente epidemia de febre amarela iniciada em janeiro de 2017 demonstrou inicialmente uma ampla procura pela vacina, não atingindo, no entanto, as metas de cobertura vacinal esperadas. De acordo com a matéria da BBC Brasil, “se nos Estados Unidos, país que são contra vacinas fazem até festa para as crianças pegarem catapora, aqui no Brasil esse movimento é mais tímido, e o debate se dá muitas vezes em grupos de discussão *online*” (BARBA, 2017).

Cabe aqui uma reflexão sobre as políticas públicas compreendidas no conjunto de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado direta ou indiretamente – sejam elas elaboradas com a participação de entes públicos ou privados –, que garantam um determinado direito de cidadania.

Para Souza (2006), a política pública permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que, de fato, faz. Ela envolve vários atores e níveis de decisão e, embora seja materializada através dos governos, não se restringe apenas aos participantes formais, já que os

informais igualmente são relevantes para a sua elaboração. Uma política pública tampouco se limita a leis e regras, entretanto, como são intencionais e estruturantes, faz parte do seu processo de construção o estabelecimento de objetivos e metas a serem alcançados.

Traçando um link entre políticas públicas e a política de imunizações, cabe considerar a ponderação de Anne Moulin (2003), que entende o tema vacinação como um “empreendimento delicado”. Segundo ela, isso se dá por alguns fatores, primeiro, porque articula períodos em contraste, que vão desde as primeiras tentativas de inoculação da varíola em várias partes do mundo, utilizando métodos variados em momentos históricos distintos, à estruturação dos programas de imunizações, que foram gradualmente sendo fortalecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Somado a isso, na perspectiva de melhoria da saúde mundial, foram estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), no ano 2000, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que associam a vacinação como um dos principais fatores para a redução da taxa de mortalidade infantil e o combate às doenças.

Como metas para a Agenda de 2030, estão os objetivos de promover a saúde física e mental e o bem-estar e aumentar a expectativa de vida para todos, por meio da cobertura universal de saúde e acesso a cuidados de saúde de qualidade, o que inclui também “Garantir o acesso a vacinas essenciais, seguras, eficazes, de qualidade e a preços acessíveis para todos, com prioridade aos países em desenvolvimento” (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2018) foi uma das diretrizes estabelecidas pelos cento e noventa e três Estados-membros que compõem esse parlamento mundial.

Sendo assim, o intuito do projeto é também contextualizar onde e como o objeto da pesquisa se insere ou se avessa, já que os grupos antivacinação da rede social Facebook, direta ou diretamente, dialogam com (ou rejeitam) a política de imunização, considerando os direitos e deveres constituídos e constituintes, o papel do Estado brasileiro, além de trazer narrativas e traçar paralelos com as práticas e modelos de outros países.

4 METODOLOGIA

*Tudo nesse mundo adquire significância, sentido e valor apenas em correlação com o homem
– com aquilo que é humano.*

Mikhail Bakhtin

4.1 DA ETNOGRAFIA À ANÁLISE DOS FLUXOS DOS DISCURSOS

Partindo da discussão teórica em torno dos conceitos mobilizados para investigar o objeto de estudo, além da pesquisa preliminar descrita na Introdução, a proposta inicial previa uma análise etnográfica do grupo “O lado obscuro das vacinas”. Dentre as propostas mais representativas, pensou-se na que tem como referência a pesquisadora Cristine Hine (2012), sobretudo, porque a ideia de “netnografia” capitaneada por outro propositor, Kozinets (2014), por suas vinculações mercadológicas, não nos pareceu suficiente para um projeto de pesquisa social e acadêmica. Além disso, Cristine Hine demonstra que

[...] começar diretamente a fazer uma etnografia de um grupo de discussão online específico corre o risco de saltar esta importante fase de desenvolvimento de uma pergunta apropriada para a qual essa etnografia possa ser a resposta (...). O segundo aspecto fundamental da etnografia de que não abro mão é a reflexividade. Os fenômenos digitais são muito complexos. Existem em múltiplos espaços, são fragmentados e costumam ser temporalmente complexos. Não podemos esperar ter uma vivência de um fenômeno assim apenas “estando presentes ali”, porque não sabemos automaticamente onde é “ali”, nem como “estar presentes” (HINE, 2012).

A internet incorporou-se em nossas vidas diárias: não se trata mais de um fenômeno esotérico, mas, sim, de uma maneira inigualável de realizar nossas interações uns com os outros. O *online* e o *off-line* estão entrelaçados na experiência cotidiana, e usar a internet tornou-se aceito como uma forma de estar presente no mundo e não somente como um meio de acesso a algum domínio virtual discreto. Os etnógrafos das sociedades contemporâneas enfrentam, por isso, enormes desafios metodológicos: onde deveriam ir, o que deveriam fazer lá e como eles podem adquirir conhecimentos sobre o que as pessoas fazem, com a internet?

Para o desenvolvimento de uma estratégia etnográfica para a internet, de acordo com Hine (2012), é particularmente significativo que essa seja incorporada em vários contextos, instituições e dispositivos de contextualização. É necessário que a experiência de usá-la possa

ser incorporada e, portanto, seja percebida como algo pessoal e que é parte da vida cotidiana, longe de ser uma infraestrutura excepcional ou extraordinária. Hine, então, propõe a etnografia *para* a internet e não a etnografia *da* internet. A pesquisadora indaga: como tornar os espaços de comunicação em rede como campo de pesquisa? A etnografia para a Internet não está vinculada a um único site, mas segue fenômenos em vários sites, rastreando redes (físicas e *online*) e identificando mundos sociais.

Segundo a autora, uma experiência na internet pode produzir uma resposta emocional tão forte quanto outra provocada presencialmente, uma vez que os nossos corpos não fazem essa distinção e isso demonstra o quão custoso seria para um etnógrafo fazê-lo. Tal afirmação comprova que, em certa medida, a etnografia participante enriqueceria o trabalho, pois, através da interação, teríamos a possibilidade de checar se as nossas percepções, os *insights*, confirmam-se e, ainda, testar se os referenciais teóricos e metodológicos escolhidos seriam os mais adequados. Nesse sentido, o exercício etnográfico no contexto digital implica em analisar como funciona a cultura: as hierarquias simbólicas de poder entre os participantes, as formas de interação entre eles, as representações sociais, os saberes envolvidos, as experiências pessoais mobilizadas em narrativas, os valores, os interesses e repertórios individuais acionados nas interações, além das regras e práticas comuns de participação no grupo. Afinal, não se pode perder de vista que as interações *online* são, também, interações sociais e, desse modo, constituem práticas, lógicas e regras culturais específicas (do grupo) no contexto social mais amplo (da sociedade que tal grupo pertence).

Nesse contexto, um ganho na pesquisa participante é que o pesquisador poderia “agendar” os temas silenciados, pouco explorados, controversos ou nebulosos a partir das próprias falas. Por outro lado, isso poderia gerar uma amostra menos espontânea, mais reativa e, até mesmo, enviesada. Entretanto, talvez, nas interações, o pesquisador conseguisse algumas respostas, estimulando a reflexão sobre certos temas ou, ainda, a partir de um determinado estímulo, algum membro poderia aprofundar o debate trazendo um esclarecimento adicional à pesquisa.

Segundo Hine (2012), o que se enuncia em uma postagem, em sua maioria, pode ter uma conotação bem diferente do que a pessoa diria se fosse perguntada pessoalmente, em uma entrevista de profundidade, olho no olho. Não dá para identificar exatamente o que significa uma postagem para uma pessoa, o que ela realmente pensa sobre um assunto, quais são os sentidos ali produzidos e manifestos. Cabe inclusive cogitar, a possibilidade de uma ironia.

Estudos na internet são essencialmente complexos devido aos

[...] variados contextos de interpretação e uso, ela também pode ser difícil de lidar devido à enorme quantidade de atividade em curso. Um etnógrafo pode achar a internet simplesmente avassaladora devido à quantidade de dados potenciais que se apresentam, em comparação com os cenários face a face mais tradicionais onde cada fragmento de dados é conquistado duramente com a formação de relações de longa duração e construção de laços de confiança (HINE, 2016, p.19).

Se, por um lado, a internet disponibiliza uma gama de dados para análise que, na interação presencial, somente seriam fornecidos a partir da construção de uma relação duradoura com bases de confiança, por outro, qualquer agrupamento das falas manifestas será sempre delicado, dada a heterogeneidade das identidades ali produzidas e a falta de uma lógica no aparecimento dos enunciados. O que é visível nesses enunciados são os processos de posição de sujeito que fixam e produzem provisoriamente determinadas identidades.

Assim, podemos inferir que, em uma medida, o etnógrafo não conseguiria, de fato, ter um grande distanciamento para produzir algo que não seja individualizado, além de mais um recorte da realidade. A pesquisa não participante em um grupo da internet possibilita que o pesquisador simplesmente faça parte, torna-o um *insider* que assume o lugar de mais um membro do grupo. Ao utilizar da mesma tecnologia que os demais, ao acessar a mesma comunidade, nada o impede de tirar algum proveito dessa vivência compartilhada, considerando que se trata de grupos públicos e abertos, mesmo reconhecendo que as suas motivações são diferentes da maioria, já que o seu propósito é a realização de uma pesquisa. E considerando a relevância da internet na vida da maioria das pessoas, até mesmo as pesquisas que não a tenham como foco, não deveriam desconsiderá-la, porque, de alguma forma, os discursos produzidos dentro e fora dela se relacionam e se influenciam, já que, na contemporaneidade, as fronteiras entre o “ espaço *online*” e o “*offline*” praticamente não existem mais.

Um outro referencial teórico que foi cotejado foram os conceitos de Clifford Geertz, que nos ensina que “a etnografia é uma descrição densa”. Segundo ele,

[o] que o etnógrafo enfrenta de fato (...) é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 1978, p. 7).

O autor propõe que se faça uma etnografia a partir de uma descrição detalhada e em profundidade, na qual todos os elementos, isoladamente e enquanto conjunto, sejam

examinados, correlacionados, considerando a heterogeneidade do material coletado. Posto isso, caberá analisar em que medida essas estruturas se conectam, se reforçam, estão explícitas, silenciadas, imbricadas umas nas outras ou se são percepções individualizadas.

Tais conceitos se aplicam bastante bem a uma pesquisa em uma rede social *online*, mas mais fundo ao propor que uma pesquisa etnográfica compreenda, inclusive, a percepção que os membros do grupo teriam sobre si mesmos. Pondo-nos, então, o questionamento: como isso poderia ser feito sem qualquer interação?

O que Geertz caracteriza como uma *descrição densa* consiste em uma narração que seja 1) interpretativa; 2) que busque salvar o dito, o visto e o escutado da extinção e o fixar em formas pesquisáveis; e 3) microscópica. Dentre essas características, a que mais conforma à análise nesta pesquisa é a primeira, porque o que a etnografia busca apreender e interpretar é o “fluxo do discurso social” (GEERTZ, 1978, p. 31). No caso deste estudo e de qualquer outro, não é possível dar conta absolutamente de todo o fluxo discursivo que molda as relações sociais, as expressões culturais e os sistemas simbólicos, mas é possível eleger e observar determinados aspectos em acuidade.

O objetivo da análise etnográfica, nessa perspectiva, intenciona indagar as articulações entre as estruturas sociais e as de significação em um determinado grupo, como nos mostra Adriana Braga, considerando que

[...][a] estrutura conceitual que anima a dinâmica comunicacional do blog não é homogênea. Operam nesse ambiente hierarquias simbólicas de poder entre os/as participantes, em que se entrecruzam cultura de consumo, habilidades para lidar com a máquina, pressupostos feministas, saberes tradicionais e alternativos sobre a feminilidade/maternidade, idealizações de atributos e papéis de gênero, troca de informações e experiências pessoais, intervenções interpretativas de visitantes ocasionais que apresentam lógicas alheias às operadas pelo grupo, além dos valores, interesses, repertório e realidade particular de cada indivíduo materializado em cada subjetividade em jogo (BRAGA, 2008, p. 86).

As pesquisas *online* são, portanto, bastante heterogêneas. Além de numerosos, os grupos são compostos por membros das mais diversas culturas, dado que é um espaço desterritorializado. O que conecta essas pessoas é o interesse em debater certos assuntos, mas, como a permanência no grupo é instável, os fluxos dos discursos, além de oscilarem, são dinâmicos, imprevisíveis e mutáveis. À medida que o debate vai se dando, o jogo social vai acontecendo entre aqueles que estão dispostos a refletir sobre um dos aspectos do tema “principal”, que não se limita, ao contrário, expande-se, dilata, cria hiperlinks, associações de

ideias e traz outras questões mais periféricas para o centro do debate, promovendo a alternância nas disputas de poder.

Pensando especificamente nesta pesquisa, seria desejável considerar que um dos desafios está em examinar as dinâmicas, as tensões e quais discursos estão mais presentes nas interações sociais em uma dada comunidade do Facebook sobre antivacinação. E, observando o jogo social presente em um determinado grupo, seriam identificadas as suas lideranças, formais ou não; a frequência; periodicidade; o envolvimento emocional com o assunto; tratando-se com o máximo de critério metodológico as questões subjetivas observadas. Em uma etapa subsequente, coube articular alguns registros dessa vivência com o referencial teórico escolhido, além de correlacionar com as políticas públicas – o discurso dominante sobre imunizações –, fazendo com precisão as ligações. Nesse sentido, concordando com Adriana Braga, somente seria possível tomar uma determinada rede social *online* como objeto de uma investigação etnográfica se fosse considerada uma observação participante:

[...] [A] experiência pessoal da etnografia seria situar-se no seu interior a fim de realizar seu empreendimento científico: a formulação da base na qual o/a pesquisador/a imagina estar situado tendo como um de seus objetivos contribuir para o alargamento do universo do discurso humano. É importante ressaltar que a cultura como fato natural se distingue da cultura como entidade teórica. Sendo assim, o/a etnógrafo interpreta o acontecimento ocorrido, materializando o discurso social em relato, em documento que pode ser consultado em qualquer tempo, conservando assim o momento, o sentido para o estudo e pesquisa (BRAGA, 2008, p. 86-87).

Isto é, para realizar um “empreendimento científico”, o etnógrafo precisa imergir nos fluxos dos discursos ali manifestos e fazer uma análise minuciosa, não só dos “ditos”, mas, sobretudo, dos discursos que derivam a partir de determinadas falas, examinando quais sentidos sociais estão sendo produzidos, seus efeitos, sua cultura (no sentido teórico e, não, natural), além dos objetos que são ali criados coletivamente a partir das falas, estruturando esse discurso enquanto um relato, um documento, que se associa, sempre, a um dado contexto histórico e social.

Adicionalmente, considerando que a pesquisa em redes sociais é uma prática relativamente recente, tivemos alguns desafios metodológicos, ainda mais porque a natureza virtual o torna mais instável, exigindo da observação participante a constante tomada de decisões e resolução de problemas. Nada impede, por exemplo, que o grupo que está sendo pesquisado seja de um momento para o outro excluído da rede.

O entrave identificado e que muda a escolha metodológica é que a etnografia baseada

na simples observação, sem interação com os membros do grupo, vai de encontro com a pesquisa etnográfica ou com a descrição densa, que, justamente, propõem a interpretação de todos os dados, falas, registros, interações e demais aspectos que dão contexto com a largueza e o máximo de detalhes que a pesquisa etnográfica requer. Isso implicaria além da interação com membros do grupo, em uma apresentação formal a administradora e fundadora, dos propósitos desta pesquisa, do nosso lugar de fala, incluindo a sistematização detalhada de todos os aspectos coletados no sentido mais amplo, além da devolutiva ao final.

Com esse propósito, foi feito um primeiro contato com a administradora e fundadora do grupo escolhido no Facebook, mas a mesma, depois de muito analisar a solicitação, pediu antecipadamente as perguntas da entrevista por e-mail e quis saber os pormenores dos objetivos deste trabalho. Posto isso, finalmente concluiu que, por não ter informações científicas nem formação acadêmica e por não querer revelar sua profissão e atual trabalho, somado ainda ao fato de residir atualmente em outro país, preferiria não conceder a entrevista, não respondendo mais a conversa que teve o seu início no sistema de mensagens privadas no próprio Facebook. Em um outro momento, dirigiu-se por e-mail e desejou sucesso à pesquisa.

Assim sendo, a pesquisa segue sendo feita em ambiente *online*, no entanto, não se trata mais de um trabalho etnográfico com observação participante. Há, porém, uma inspiração etnográfica: primeiramente, no que diz respeito à análise de uma cultura a partir das interações, das normas e das práticas sociais de um grupo e, ainda, pela observação sistemática das publicações presentes no grupo durante o período do mestrado. Então, por conta das limitações de acesso ao campo, preferimos, nesse momento, realizar uma análise dos fluxos dos discursos. Para isso, serão analisados os enunciados presentes naquele grupo, as posições de sujeito assumidas e investidas e as interações verbais sociais presentes. Para tanto, foram selecionadas as 10 postagens com maior número de reações (mais curtidas e comentadas) no período de um ano: abril de 2016 até abril de 2017, selecionados pela ferramenta Netvizz, aplicativo vinculado ao próprio Facebook.

4.2 POR UMA ANÁLISE DOS FLUXOS DOS DISCURSOS

Os referências teóricas que serão utilizados reúnem elementos da análise de discurso proposta por Michel Foucault com contribuições e contrapontos feitos por Norman Fairclough, dialogando com conceitos de Mikhail Bakhtin. Foucault destrincha o conceito de discurso enquanto prática social, mas, de fato, a sua teoria não trata da observação dos diálogos entre os integrantes, as interações sociais que se dão no âmbito da linguagem, o que enriqueceria a

pesquisa mesmo sem a nossa participação ativa como pesquisadores.

Uma questão relevante é que, partindo de argumentos foucaultianos em que só seria possível analisar o que é “dito”, tendo por base os que participam ativamente de uma dada comunidade, como poderíamos contemplar aqueles que leem, mas não se manifestam? Como poderíamos saber o que essas pessoas pensam, se nada dizem, partindo da premissa que o método de análise proposto pretende justamente examinar os fluxos de discursos, seus enunciados e as interações que derivam das postagens mais curtidas e comentadas? Um ponto de atenção a ser observado é que, ao priorizar os que falam, colocamos artificialmente os que não falam em segundo plano, mas isso não deveria reduzir a sua significância. Cabe lembrar que o pesquisador está diante de mais uma unidade discursiva, individualizada, composta por um conjunto de silêncios que não são fáceis de serem decifrados, mas que coexistem. Bakhtin, por sua vez, permite uma análise dos enunciados centrada nas interações verbais sociais, promovendo uma articulação entre texto e contexto, mas, sobretudo, entendendo que a linguagem, como comunicação, é a forma fundamental de construção das relações e vínculos interindividuais e sociais. Em Foucault, esse jogo comunicativo-interacional da linguagem não aparece. Por outro lado, questões como as formas de produção de subjetividades e identidades pelo discurso em articulação com determinadas formas de saber e poder são extremamente presentes em sua obra.

No entanto, este trabalho não passou da etnografia à análise de discursos ileso. Mantém fortemente o pressuposto básico da etnografia: analisar a cultura de um grupo. Nesse sentido, o objetivo é entender por meio dos enunciados as manifestações da cultura em formas e práticas discursivas. Em termos bakhtinianos, é preciso entender como os enunciados estão presentes sobretudo no diálogo social.

Enquanto, Stuart Hall (1997) trata do lugar da cultura, dessa “revolução cultural” que estamos experimentando desde o século XX, analisando suas centralidades substantiva e epistemológica ocasionadas pelas novas tecnologias que, por sua vez, intensificam os processos de globalização — por conta da velocidade no tempo e da diminuição dos espaços —, produzindo efeitos nas identidades da modernidade tardia. Isso evidencia o quanto as indústrias culturais mediam processos sociais e econômicos, uma vez que estes dependem da informação para movimentar o mercado mundial.

Assim sendo, recursos que eram investidos na indústria “pesada” passam a ser investidos em sistemas de informação integrados que ignoram fusos horários e fronteiras. A centralidade da cultura, ao mesmo tempo que valoriza aspectos regionais, promove a regulação cultural em âmbito global, normatizando suas práticas. A centralidade substantiva tem que ver

com o papel da cultura nas estruturas existentes, em como, a partir dela, organizam-se suas atividades e as relações culturais implicadas em certos momentos históricos. Já a centralidade epistemológica da cultura seria definida conceitualmente em relação às questões de conhecimento. Isto é, o quanto modifica a nossa compreensão sobre o mundo e influencia comportamentos e ações.

Essas trocas culturais mesclam saberes, geram novas representações e integram o antigo ao novo. São dois movimentos: fortalecer estruturas que carregam expressões regionais de forma mais enxuta, assim como intensificar a fabricação de produtos pasteurizados e prontos para o consumo mundial. Tais manifestações culturais, até mesmo híbridas, são sustentadas por uma mídia transnacional que, ao priorizar seus anunciantes, faz circular conteúdos específicos pelo globo, pautando o debate e o consumo.

Assim, não é possível afirmar exatamente “que tudo é cultura”, mas se pode dizer que toda prática social tem a sua dimensão cultural. Articulando essa compreensão ao pensamento de Foucault, poderíamos acrescentar que toda prática social teria, também, o seu caráter discursivo e que tais formações se constituem, se articulam e se reforçam, mutuamente. E se toda ação social é cultural por excelência, uma vez que expressa um significado, igualmente podemos concluir que são, portanto, práticas de significação.

Pensar a metodologia de uma pesquisa a partir de conceitos de Michel Foucault significa repensar o processo de construção da história das ideias, das ciências, da literatura, da filosofia, partindo do princípio que as formações do conhecimento são sedimentadas ao longo de anos e constituíram o que foi nomeado pelo próprio Foucault (2008) como uma “arqueologia do saber”. Essa arqueologia, um dos pilares estruturantes da sua teoria, rompe com a ideia de que épocas vão sendo formadas como uma sucessão de fatos lineares, progressivos e crescentes, pertencentes a lógica dual de causa e efeito, para compreender os acontecimentos como processos históricos, cíclicos, que evoluem, mas que também retornam a formações anteriores e se atualizam permanentemente.

Se na arqueologia os saberes produzem as representações do sujeito ao longo da História, na genealogia do poder (FOUCAULT, 2015) e, depois, na genealogia da ética, são observados de que forma entram em circulação os poderes desses “saberes”, assim como são analisados os dispositivos de controle, classificação e interdição, cuja fusão será nomeada posteriormente de “arqueogenealogia”. Essa, por sua vez, complementa e amadurece os conceitos arqueológicos, adicionando as tensões sociais, as disputas pelos lugares de fala, os dispositivos ordenadores e, até mesmo, as resistências que inevitavelmente aparecem na trama social para manter equilibrado o jogo.

Para Foucault (2008), o discurso será sempre fundante. Instaure a ordem, visto que as coisas não preexistem as palavras, ao contrário, são os discursos que produzem as coisas e as “verdades” das épocas. A busca pelo o que está por trás, pela subjetividade que os discursos provocam, por seus efeitos discursivos, traz uma pergunta central: afinal, quem somos nós? Como os discursos de hoje nos produzem? O autor, então, faz uma ontologia crítica, uma reflexão profunda sobre o ser, no intuito de melhor entender as nossas subjetividades e as identidades que são constituídas coletivamente. Para além de entender as origens, interessa pensar como poderíamos ser diferentes se fôssemos regidos por outros discursos; essa clareza traz consigo a possibilidade de uma reconstrução em outras bases: rever e transformar as próprias falas e, portanto, as próprias “verdades” que normalmente são traduzidas em ações. O discurso não só edifica como cria estruturas a partir de si.

O conceito de discurso de Foucault foi resumido por Maria do Rosário Gregolin da seguinte forma:

[...] a) o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas; b) os dizeres e fazeres inserem-se em formações discursivas, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação; c) o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico; d) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente); a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico (GREGOLIN, 2007, p.5).

Isso reitera que o discurso é sempre fundante, pois, invariavelmente, filia-se a outros ditos anteriores, em uma conexão direta com o acúmulo de saberes de uma cultura, instituição e sociedade. Produzido socialmente, o discurso opera entre as estruturas de poder que autorizam ou não o que pode e deve ser dito, atuando por meio de dispositivos sociais que obedecem a uma hierarquia própria que vocalizam — direta ou subliminarmente — o que precisa ser feito.

Um grupo antivacinação na maior rede social do mundo, além de fazer a mediação entre vários entes, é um lugar por onde jorram os fluxos sociais dos discursos, mas, ao mesmo tempo, opera como mais um dispositivo social.

Foucault trata das instâncias da enunciação em termos de lugares de fala, considerando que o sujeito falante é parte de uma “topografia” social que forma e produz a sua identidade, ainda que esse “sistema de lugares” seja maior que o próprio sujeito, uma vez que o atravessa e o ultrapassa ao longo da sua história. Nessa lógica, os textos estariam sempre em interação

contínua, em que a cultura dominante funcionaria como uma pirâmide onde, em determinadas circunstâncias, alguns temas ocupariam o vértice.

Da mesma forma, é da natureza do discurso produzir os seus objetos de maneira dialógica, sem necessariamente repeti-los, pois o jogo social (e de poder) mantém os discursos em constante movimento, circulando, e essas tensão entre as partes, além de oferecer resistência, que é inerente ao poder, gera, também, alternância. Um discurso pode estar visível e, em outro momento, silenciado, mas ainda assim, continua presente.

A partir desse entendimento, caberia analisar quais são as condições que permitem ou não o aparecimento de certos enunciados e quais seriam as estratégias e os interesses que estão por trás e que ditam as formações discursivas para que certos saberes entrem ou não em circulação. Essa dinâmica contribui para materializar as ações dos sujeitos na história, cujos efeitos discursivos são partes essenciais desta análise.

A tentativa de preencher a formação discursiva com determinado conteúdo é o que Foucault irá chamar mais à frente de objeto. Primeiro, se faz necessário identificar as superfícies de emergência de um dado enunciado, que variam de acordo com a época, além de outros determinantes, pois, segundo ele, são nos campos de uma diferenciação primeira que esses discursos deverão ser tratados, a partir da demarcação do seu domínio, em que ganha o estatuto de objeto, somente quando, enfim, pode ser descritível, tem o mínimo de contorno e pertence a instâncias que autorizam uma determinação primária.

Quando pesquisadores do campo da Saúde nomeiam a vacinação como seu objeto, essa “fala” assume contornos biomédicos, mas, quando a vacinação é reivindicada pelo campo da Comunicação, para análise da sua lógica discursiva, o mesmo objeto passa a ser reconhecido pelos sentidos que produz. Esse mesmo objeto ganhará outras dimensões se for analisado juridicamente, por exemplo, caso o propósito seja examinar a atuação do Estado sobre os corpos das pessoas. Essas apropriações imprimem novos sentidos e significados à “mesma” matéria, pois dependendo do quão citada e interdisciplinar o tema da imunização for, mais presente estará no debate, circulará em mais espaços e, conseqüentemente, ganhará novos estatutos, dimensões e poder. Foucault exemplifica demonstrando como o conceito de loucura ganhou novos contornos ao longo de décadas, desde que foi apropriado por outras áreas do saber, além das ciências biomédicas.

Depois de delimitar o objeto e definir quais dimensões serão analisadas, o segundo passo foi selecionar e descrever os enunciados, enquanto parte regrada de um discurso maior e que não se reduz às palavras, incluindo imagens e outras linguagens que o compõem. Tudo que comunica e se expressa deve constar na análise. E trabalhando com a noção de campo

enunciativo, lugar onde os discursos se dão, existem ainda as formas de coexistências particulares, dentre elas, o campo de presença. Este agrupa enunciados que serão tidos como verdadeiros, assim como aqueles que são criticados, os rejeitados pelo grupo ou simplesmente os excluídos. Ao estabelecer um campo de presença, automaticamente alguma ordem é instaurada. Da mesma forma, existe o campo de concomitância, que é constituído por enunciados de outros discursos e domínios, mas que, de alguma forma, se relacionam diretamente com os discursos presentes e, portanto, poderiam ser analisados em paralelo. Por último, inscreve-se o campo de memória, formado por enunciados que não estão pautados no debate, isto é, não estão sendo discutidos nem admitidos como verdade, mas que estabelecem laços de filiação, compartilham da mesma origem, mesmo que tenham sofrido transformações em seus encadeamentos históricos, e que, segundo Foucault também precisam ser contemplados. Isso provoca perguntas: como podemos contemplar o invisível? Como analisar um enunciado que foi silenciado e que não teve condições sociais para existir ao ser pronunciado?

A análise de discurso proposta por Foucault pretende compreender, essencialmente, a produção social de sentidos por meio da materialização da linguagem, que é realizada por sujeitos históricos em determinados enunciados. Essa análise pode ser considerada uma ferramenta conceitual na medida em que examina a produção de efeitos desses sentidos e articula as práticas discursivas – tanto os dizeres quanto os fazeres - com a produção de identidades, que nada mais são do que os seus objetos. Os discursos se relacionam interdiscursivamente com outros dispositivos textuais e formas de linguagem que circulam nas sociedades em seus mais diversos territórios, épocas e contextos. Nas interdiscursividades, são verificados quais discursos foram combinados para a construção de novos, porém, preocupando-se menos com as origens e mais com as suas fontes múltiplas, teias, inspirações e analisando o nexos que mostra o contexto em que este se inscreve enquanto texto, documento.

A discursividade busca compreender como as verdades vão sendo enunciadas, primando por articular a materialidade com a historicidade dos enunciados, para além dos sujeitos fundadores das falas, mas elaborando quais os efeitos discursivos que tais enunciados produzem nas outras pessoas, em um grupo ou, até mesmo, de que forma influenciam a produção de novos enunciados. O que se enuncia em uma rede social, por exemplo, não é exatamente a realidade, mas uma construção que permite aos leitores criarem representações simbólicas da realidade, a partir das suas próprias interações. E ainda, quando necessário, caberá libertar certos agrupamentos que por ventura já tenham sido feitos espontaneamente na própria rede. Foucault sugere uma via de mão dupla: não tomar como certos os agrupamentos existentes, assim como

não reunir os enunciados num mesmo bloco sem a devida cautela. Seguindo a lógica proposta pelo autor, ao analisar rupturas descontínuas, além das questões teóricas, existem outras de procedimento. Assim, em um primeiro momento, analisando os fluxos dos discursos produzidos por um grupo antivacinação no Facebook, encontramos uma abundância de acontecimentos dispersos e nos coube examinar de que forma é possível agrupá-los. As formas de classificação já seriam por si mesmas um primeiro recorte que, ao criar categorias, normatiza e ordena um conteúdo que, até então, encontrava-se em uma medida diluído e disperso, mas que, para fins de análise, serão transformados em regularidades discursivas. Desse modo, ao agrupar enunciados, considerando seus aspectos individuais, imediatamente estaríamos formulando a sua lei de repartição, o que é igualmente caro ao pensamento foucaultiano.

A própria língua, a linguagem, já seria por si mesma uma redução de uma imagem mental. E, se a unidade é fundada em sistemas de dispersão, podemos dizer que, quando conseguimos definir uma certa regularidade em um conjunto de enunciados, trata-se de uma formação, ou melhor, de uma repartição discursiva. Uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis – um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos (...) segundo que regras outros enunciados importantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2008, p.30).

A própria pesquisa talvez não venha a ser uma unidade tida como imediata, assim como um livro na maioria das vezes não o é. O método ensina a suspender os sentidos, não interpretá-los em um primeiro momento e seguir tratando as unidades uma a uma, sem apreender as suas origens, pois são variadas, mas se atendo ao discurso manifesto, aquilo que foi dito pelo sujeito falante, reconhecendo que o dito nunca é em si mesmo inédito ou original, porque estará sempre ancorado em outros discursos que o antecedem. O sujeito fala considerando os “auditórios”, os outros, sendo sua fala, por isso, múltipla e sempre facetada a partir da relação com o outro.

Considerando as inúmeras variáveis discursivas, é recomendável não cair na tentação de criar um enredo, uma história, até porque nas redes sociais os discursos são construídos coletivamente e os membros de uma comunidade, além de serem muitos e variados, não estão regidos pelas mesmas motivações, lógicas e sincronicidades. Os enunciados, além de não serem apagados, podem “viajar no tempo”, isto é, podem ser recuperados em outro momento e compartilhado em outras redes, fora do contexto em que foram produzidos. No mais, pouco se sabe sobre o perfil de cada membro do grupo, inclusive porque estes podem ser falsos, assim, o único rastro que teremos são os enunciados, os comentários, as interações que são construídas

e enredadas no jogo.

Um outro passo foi estabelecer quais enunciados seriam tratados e assinalar quais não, mesmo sabendo que são recortes de um primeiro “domínio” e, portanto, provisórios. Em uma aproximação inicial, foram identificados quais são as relações entre os temas e os membros do grupo, para delimitar um primeiro esboço, desenhando dois grandes conjuntos: um formado pelas identidades mais constantes e outro constituído pelos temários. Um exemplo disso: criamos categorias nomeadas de: mães, profissionais de saúde; governo e/ou pró-vacinas “infiltrados” para dissuadir o grupo; ativistas; lideranças; observadores; os legalistas; identificando quais perfis iríamos ou não agrupar e os motivos dessas escolhas. Nessa matriz, fizeram parte os temas mais presentes, tais como: eventos adversos da vacina (questões neurológicas, autismo, considerações sobre o produto, aspectos da bula e questões relativas à saúde); aspectos legais da política de imunização (estatuto da criança e do adolescente, obrigatoriedade em manter a vacinação em dia, inclusive como requisito para frequentar escolas, cruzar fronteiras); dentre outros temas. Nossa pesquisa, portanto, é uma análise de enunciados do grupo do Facebook, com o mínimo de intervenção possível, sendo descritiva e analítica no que diz respeito aos fatos, mas abrindo espaço para que o próprio leitor tire as suas conclusões. Contudo, por vezes, acontece a

[...] ativação de temas incompatíveis, ou ainda a introdução de um mesmo tema em conjuntos diferentes. Daí a ideia de descrever essas dispersões; de pesquisar se entre esses elementos, que seguramente não se organizam como um edifício progressivamente dedutivo, nem como um livro sem medida (...) nem como a obra de um sujeito coletivo, não se poderia detectar uma regularidade: uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas. Tal análise não tentaria isolar, para descrever sua estrutura interna, pequenas ilhas de coerência; não se disporia a suspeitar e trazer à luz os conflitos latentes; mas estudaria formas de repartição (FOUCAULT, 2008, p.43).

Isso é bastante comum nas interações nas redes sociais. Assuntos que aparentemente estariam “resolvidos” retornaram. De repente, alguém fez a tomada de turno e reacendeu uma discussão aparentemente resolvida. Identificamos falas fora de contexto, interpretações dúbias (ruídos) que são características da conversação sem a presença da face. Alguns textos foram interpretados das mais diversas maneiras, palavras foram abreviadas e a ordem de aparição nem sempre seguiu uma lógica precisa. Alguns comentários respondidos ao mesmo tempo por mais de uma pessoa, de repente, tiraram o foco do debate inicial. Em alguns momentos houve convergência, frases de apoio e reforço, mas, quando ocorreram conflito, confrontos

aconteceram os silêncios, ausências e a conversação ficou momentaneamente suspensa. Os membros têm a opção de não mais se manifestarem. Essas seriam formas de repartição, nomeadas por Foucault como pequenas ilhas de coerência, que foram analisadas em conjunto com outras, mas, também, isoladamente, pois aonde há silêncio é difícil precisar.

Norman Fairclough, concordando em grande parte com os argumentos foucaultianos, propõe uma análise do discurso que investigue as mudanças sociais, ideológicas e culturais, a partir do desenvolvimento de uma prática discursiva em oposição ao modelo de código predominante. Sua proposta é não limitar a análise aos aspectos linguísticos dos enunciados, que examina com excesso de objetividade as palavras, o seu desempenho individual, para adotar um método que integre suas teorias aos estudos da Sociologia, da Filosofia e da Linguística de forma mais sinérgica, tratando especialmente da dimensão social discursiva.

Tanto Fairclough quanto Foucault definem o discurso como o uso da linguagem na prática social em transformação permanente, com suas formas de representações múltiplas, que produzem subjetividades enredadas em uma estrutura social de um dado momento histórico, negociando com as estruturas de poder existentes. Mas isso não é tudo. Os textos, por exemplo, estariam em interação contínua, uns com os outros, em um diálogo bem próximo ou fazendo conexões mais distantes. Estes não possuem mecanismos que lhes permitam nascer e se desenvolver de forma isolada, mas influenciam e são influenciados pela cultura dominante, que naturalmente elege e ordena a sua aparição de acordo com as motivações em curso, sejam elas conscientes ou não. O texto, que pode ser entendido como qualquer outra forma de linguagem, para além da escrita (vídeos, matérias jornalísticas, filmes etc), se funde a outros discursos, resignificando e atualizando conceitos e produzindo interdiscursos, que vão sendo incorporados pelos indivíduos até que algo de novo compareça, para que seja tratado socialmente pelos seus interlocutores outras vezes.

Um conceito que foi explorado na pesquisa foi a interdiscursividade, que tem que ver com a presença do contraditório manifesto nas falas e como esses discursos fluem entre si. Em um segundo momento, nos coube relacionar tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade com as mudanças sociais, observando a sua coerência e a formação dos sujeitos, a partir da lógica de como esses interpretam os seus próprios textos, para entender de que forma essa dinâmica implica (ou não) na dimensão política e ideológica da época, contexto social e histórico que regem a prática discursiva.

Ainda, caberá analisar os microaspectos associados à prática discursiva do “eu” e como esse se apropria do vocabulário, da gramática, da coesão e da coerência, avaliando quais aspectos do discurso contribuem para os processos de manutenção e de mudança social.

Fairclough (2001) sistematiza alguns pontos, como: tomada de turno, tempo das falas, falas, relação entre dominantes e dominados, análise das estruturas de troca, como se dá o controle de tópicos, relações estabelecidas nas falas, quem define a escolha dos temas, suas determinações, o controle e policiamento do que pode ou não ser agendado no debate até que o discurso circule ou até mesmo durante a sua circulação, finalizando com a tecnologização do discurso.

Para aprofundar essas questões, cabe retomar os estudos de Bakhtin e pincelar alguns pontos extraídos da experiência da análise de discursos que tratam de como essa intertextualidade se manifesta e que Fairclough nomeará mais à frente, de ‘interdiscursividade’, pois, para ele, tem que ver com a heterogeneidade dos textos, ao sublinhar a presença de elementos contraditórios que o compõem e que autorizam que um determinado texto seja materializado.

Na obra de Bakhtin (1999), o dialogismo é percebido como estruturante da linguagem, pois, segundo o autor, é na interação entre indivíduos socialmente organizados que a linguagem se constitui e evolui, não sendo possível pensar o sujeito fora da interação social, onde a palavra ou a linguagem, em seu sentido mais amplo, promovem fenômenos ideológicos por excelência. Não há como permanecer isento. A interação verbal conecta dialogicamente locutor e interlocutor em um processo contínuo de troca de muito mais “coisas”, saberes, valores do que possamos imaginar. Na interação verbal, o locutor não utiliza unicamente a língua como um sistema abstrato, normativo, sendo sempre igual a si mesma, ao contrário, o que interessa, o que se dá na realidade, é a flexibilidade da mesma e a criação de novas formas linguísticas que permeiam a troca humana, ainda que orientadas por um contexto concreto.

Em sua teoria, o centro de gravidade da língua não estaria bem representado em conformidade à norma linguística, mas na significação que essa forma assume a partir de um contexto preciso, que influencia e é por ele influenciado de forma permanente. Assim sendo, seria um erro separar a língua do seu conteúdo ideológico, pois

[...] na realidade, não são as palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 1995, p. 95).

O que é dito por uma pessoa sempre revela, em uma medida, o seu lugar de fala, a sua cultura, o sistema de crenças e as experiências ao longo de sua vida. A fala, portanto, nunca

será exterior ao universo que está imerso o sujeito, pois é a manifestação da sua cultura, está relacionado às suas emoções, ao seu comportamento e ao seu funcionamento psicológico. Tudo isso, por sua vez, está relacionado à dimensão axiológica sobre um determinado assunto, porque investiga os valores morais, éticos, estéticos e espirituais do indivíduo e do coletivo. Para o filósofo alemão Max Scheler (2013), os valores morais obedecem a uma hierarquia, surgindo, em primeiro plano, os valores positivos relacionados ao que é considerado bom, depois, ao que é nobre, depois, ao que é belo, e assim por diante. Para ele, a ética e a estética estão intrinsecamente vinculadas aos valores humanos: a ética investiga os princípios morais, tais como os conceitos de bom/mau, certo/errado, dentre outros, tanto na conduta individual e social, enquanto a estética se debruça sobre os conceitos relacionados à beleza e harmonia das coisas.

Para Bakhtin (1993), o valor designa precisamente o momento constituído pela experiência individual. Nesse sentido,

[...] o momento constituído pela realização de pensamentos, sentimentos, palavras, ações e práticas é uma atitude ativamente responsável que eu próprio assumo – uma atitude emocional – volitiva em direção a um estado de coisas em sua inteireza, no contexto da vida real unitária e única (BAKHTIN, 1993, p. 54-55).

Já o “centro de valor” é o lugar único ativo do Ser que age participativa e responsabilmente em relação ao mundo experimentado concretamente. Encontra-se em oposição à ideia de um centro geométrico abstrato constituído de relações ou momentos (espaço-tempo, tom emocional-volitivo e significados) possíveis, imagináveis e universais. Para Bakhtin,

[...] o mundo se dispõe em torno de um centro valorativo concreto [...] O que constitui esse centro é o ser humano: tudo nesse mundo adquire significância, sentido e valor apenas em correlação com o homem – com aquilo que é humano. [Afinal], todo ser possível e todo significado possível se dispõe em torno do ser humano como o único centro e o único valor; tudo [...] deve ser correlacionado com o ser humano, deve se tornar humano (BAKHTIN, 1993 [1920-4], p. 79).

Para Bakhtin, a linguagem não é algo que simplesmente se aprende ou se transmite, mas é um processo evolutivo contínuo e de troca: “os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente de comunicação verbal” (BAKHTIN, 1999, p. 108) e seguem com ela fazendo novas conexões sociais. Porém, na medida em que um enunciado

comparece em resposta a outro enunciado que o nega, complementa ou confirma, nos damos conta de que existe um conhecimento prévio, uma dinâmica social que precisa ser contemplada, uma vez que fazem parte de um contexto em que um dado discurso se inscreve. Sendo assim, “o enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência do objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante do diálogo social” (BAKHTIN, 1993, p. 86).

A enunciação é um produto da interação entre indivíduos que compartilham do mesmo contexto social. A palavra sempre parte de alguém para uma outra pessoa, servindo de expressão, estabelecendo relações e funcionando, segundo o autor, como uma espécie de ponte que conecta dois sujeitos imersos em um dado contexto social. As falas dos sujeitos nada mais são do que “vozes sociais” que determinam os seus discursos, tornando os sujeitos essencialmente ideológicos e ancorados historicamente.

Assim, as reflexões de Bakhtin sobre interação verbal em muito influenciaram os estudos sobre texto e discurso, pois o enunciado, além de matéria linguística, passa a ser compreendido, também, como contexto enunciativo, fazendo uma aproximação com a concepção de texto, uma vez que o texto é um objeto significante, resultado da criação ideológica e da enunciação, podendo ser definindo não só no diálogo entre interlocutores, mas também dialogando com outros textos. Para além do diálogo entre pessoas, o dialogismo refere-se a qualquer tipo de comunicação verbal, incluindo o diálogo ou respostas a textos produzidos nesta ou em outras épocas. Assim sendo, qualquer desempenho verbal se orienta por outros que o antecedem, podendo ser de um mesmo autor ou de outros, não importa; o texto funciona como parte de um diálogo vivo.

Bakhtin vai além, definindo o dialogismo como se fosse um tecido de vozes que se cruzam promovendo diálogos, mas também como um embate de vozes sociais, já que, dependendo das estratégias discursivas utilizadas, os seus efeitos podem ser bem diferentes, ainda que o “auditório” para quem o discurso se dirige será sempre considerado por quem fala. Ninguém diz apenas para si mesmo, a escuta é parte integrante desta dinâmica ao colocar em movimento o individual e o social, que vão sendo articulados e que colocam os sujeitos em permanente negociação e, porque não, em disputa pelos lugares de fala, que, em última análise, são os centros de poder que autorizam ou não certos discursos.

Esse debate tem relação com o que Foucault irá nomear de posições de sujeito, nas quais este seria menos uma “substância” e mais uma “forma” que nunca será idêntica a si mesma, pois, em cada relação que estabelece, se posicionará de uma forma diferenciada, assumindo

papéis sociais múltiplos, multifacetados e que não se repetem.

As identidades, segundo Hall, seriam “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1995, pag.112). Tais identidades nada mais são do que uma fixação temporária, algo que produz uma sutura entre o sujeito e os fluxos do discurso em que este se encontra imerso. As identidades vão sendo estabelecidas dentro e nunca fora dos fluxos dos discursos, em um dado contexto histórico, somado às instituições a que os discursos estão filiados. Os discursos emergem no jogo de poder, sendo por definição a marcação da diferença, aquilo que exclui ou que autoriza a produção dos seus objetos de forma dialógica.

Assim sendo, cabe iniciar essa discussão pelos fluxos dos discursos produzidos em um grupo, iniciando pelo contexto, para depois analisarmos quais os sujeitos, identidades, que, a partir desses “ditos”, foram emergindo e, então, nomeá-las, mas sem fixá-las. Afinal, tais representações são constituídas a partir de uma “falta” que jamais será preenchida, mas que vão sendo “[...] ajustadas aos processos de sujeito que são nelas investidos”(SILVA, 2000, p.112), e isso se dá nas interações entre os indivíduos, na trama social na qual tudo acontece e ao mesmo tempo se avessa. Gregolin sintetiza que a produção de identidades se dá de modo discursivo, uma vez que “[...] os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários” (GREGOLIN, 2007, p.7). Isso significa que, a partir dos enunciados e interações, seria possível examinar ao menos parte dos seus efeitos. Quais seriam as identidades produzidas por um dado discurso, as posições dos sujeitos que a partir desses enunciados comparecem e, sobretudo, quais são os objetos que a partir dessas trocas vão sendo criados, considerando um dado discurso circulante e estabelecido?

Então, recuperando o problema de pesquisa postulado: no contexto da sociedade do risco, marcada pela lógica da responsabilização individual e pelo processo saúde-doença, quais são as motivações e os principais argumentos de um grupo antivacinação no Facebook? E como esses discursos se relacionam com o discurso dominante sobre imunização presente na política pública de saúde no Brasil?

4.3 UMA ANÁLISE DE DISCURSOS PARA A INTERNET

Em uma primeira busca realizada em maio de 2016, foram encontradas 447 páginas em diversos idiomas e com propósitos diferentes sobre esse tema vacinação. Por esse motivo, foi preciso criar filtros em cada coluna da ferramenta Netvizz para refinar a busca no momento

seguinte – apresentado na sequência de gráficos disponível no Anexo I deste trabalho. Porém, como o objetivo do trabalho é analisar os discursos de antivacinação produzidos por usuários da internet, priorizou-se os grupos relacionados ao tema. Foram encontradas, ao todo, 148 comunidades. Posteriormente, foi necessário selecionar os grupos classificados como “Abertos”, visto que os “Fechados” não permitem a extração de dados, em respeito à privacidade dos usuários. A amostra foi, então, reduzida para 62 grupos.

Nesse momento, foi descartado o grupo fechado “O lado negro das vacinas”, pois, apesar de parecer bastante interessante devido ao elevado número de participantes e interações constantes, o ingresso no grupo dependeria da aprovação do moderador e uma apresentação formal aos participantes. Assim foi ficando mais claro que em grupos abertos, é possível assistir e acompanhar os debates sem precisar se identificar ou ser aceito, pois os conteúdos estão disponíveis para quem quiser acessá-los.

A extração de dados foi realizada pelo aplicativo Netvizz, ferramenta para a coleta de dados e extração de informações, vinculada ao próprio Facebook. A ferramenta possibilita aos pesquisadores e usuários exportarem dados de diferentes seções da rede social, desde que o grupo ou a página sejam classificados como abertos. O administrador do grupo ou quem ele der acesso poderá desfrutar de um conjunto mais amplo de informações, o que é uma das prerrogativas da ferramenta, só que isso não é comunicado amplamente aos que fazem parte das comunidades do Facebook, esbarrando em algumas questões éticas, uma vez que não há qualquer tipo de consentimento expresso por parte dos usuários. Tampouco sabemos o escopo de informação que o próprio Facebook tem acesso, reúne, comercializa e armazena. Assim sendo, pesquisadores ou qualquer pessoa que queira fazer uso do aplicativo somente precisam ter uma conta no Facebook, ter conhecimento da existência da ferramenta e saber extrair seus dados, além de saber utilizar outros softwares de maneira combinada, como a planilha de Excel e o Gephi. Este último é um software livre colaborativo, mantido por um consórcio francês, desenvolvido para análise e visualização de redes.

Desse modo, é possível reunir informações gratuitas sem a participação ativa nos grupos, uma vez que o software captura, produz ou reutiliza os rastros digitais, o que possibilita investigar complexos fenômenos sociais e culturais com algumas vantagens tecnológicas em relação à tradicional pesquisa de campo. Os benefícios são a redução de custos, rapidez, exaustão de dados quantitativos, além das informações qualitativas, incluindo a associação entre esses dados, poupando o pesquisador de fazê-lo de forma artesanal. A ferramenta minimiza erros e tempo, ocasionados pela descrição manual, mas também tem limitações, uma vez que foi desenvolvida para o monitoramento de campanhas de comunicação e marketing de

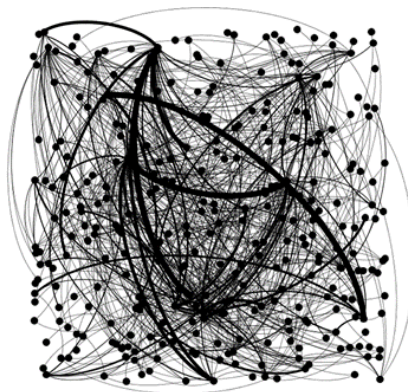
grandes corporações, ainda que ofereça bastante informação de uso, especialmente informação quantitativa.

Considerando que o Facebook conta hoje com mais de um bilhão de usuários ativos, faz-se urgente e necessário desenvolver e solidificar aplicativos que contribuam para as pesquisas acadêmicas nesses meios. Contudo, as redes sociais ainda funcionam como bolhas que filtram e organizam sistematicamente a informação, restringindo os temas, os públicos e limitando o seu acesso.

Outro aspecto relevante à pesquisa é que o aplicativo Netvizz, sendo mais quantitativo, requer do pesquisador atenção e refino durante todo o processo de busca para qualificar a informação. Por exemplo, foi necessário retirar manualmente da amostra expressões inadequadas, tais como: “vacina contra recalque”, “vacina contra inveja”, “vacinas para cães e gatos”, além de excluir grupos em outros idiomas. Foram estabelecidos, então, critérios para a escolha do grupo: a pesquisa seria feita em um grupo aberto, brasileiro, que problematizasse questões relativas à vacinação (tema central); ainda, com o maior número possível de membros e criado, de preferência, há pelo menos um ano. Isto é, que se mostrasse razoavelmente estável, minimizando o risco de desaparecimento ao longo da pesquisa.

Por fim, foi selecionado, manualmente, o grupo “O lado Obscuro das Vacinas”, que, além de atender aos requisitos, é um grupo relativamente numeroso, estável, em expansão desde que foi criado em dezembro de 2014.

Imagem 6 – Visualização das relações do grupo



Fonte: Netvizz/Gephi

Para Recuero (2009), redes são metáforas estruturais com topologia e estruturas que permitem analisar a formação dos agrupamentos sociais e dos laços estabelecidos entre os seus

integrantes. O grupo em questão não se caracteriza como uma rede centralizada e muito menos se configura como um agrupamento livre de centro. Poderia ser classificado como uma rede com conexões bem distribuídas e com alguns pontos focais centrais, muito provavelmente formado por lideranças, além de contar com um número razoável de membros ativos. Isso pode ser percebido nas idas e vindas de conexões entre os mesmos pontos da rede, o que evidencia a presença de laços mais fortes e constantes.

É importante refletir, também, sobre o nosso próprio gesto de classificação do grupo como “antivacinação”, uma vez que boa parte dos membros quer interagir, dialogar ou apenas obter informações antes de decidir ou não pela vacinação. Um fato para análise é que, quando alguém comenta “ac” em um post, significa que a pessoa está acompanhando o tópico. A cada nova postagem sobre o tema naquele tópico o membro é informado e pode seguir o debate sem precisar se manifestar. Na mensagem abaixo, por exemplo, todos os usuários apenas acompanham a postagem.

Imagem 7 – Exemplificação do uso do código “Ac” no grupo do Facebook



Fonte: A autora (2018)

Procurando conhecer um pouco mais sobre o perfil do grupo, começamos a seguir, também, o perfil da fundadora e administradora, que atualmente vive fora do Brasil e se autodefine como “mãe 24 horas por dia”. Uma possibilidade seria entrevistá-la para formar uma identidade mais fidedigna sobre o grupo e, se possível, ter acesso a uma gama maior de informações do grupo por meio, inclusive, do próprio Netvizz, uma vez que ela, enquanto administradora, tem acesso a uma gama maior de informações. Isso, entretanto, não foi possível, como já explicado em momento anterior deste texto.

Na imagem do grupo, existem caveiras, crianças com agulhas em todo o corpo, sugerindo que a vacinação se assemelha às práticas de *voodoo*, empreendimento lido pelo senso comum como “do mal” ou, ainda, associando a seringa com armas contra as crianças.

Imagem 8 – Imagem do grupo “O lado obscuro das vacinas”



Fonte: A autora (2018)

No repositório do grupo, ao longo da pesquisa estavam disponíveis cerca de 10 vídeos, hoje são 27 (10/03/2018) e mais de 50 arquivos, hoje 74. A grande maioria são bulas das principais vacinas do calendário vacinal brasileiro; Declaração de Recusa de Vacinas; orientações do Conselho Tutelar; dentre outros artigos e documentos que chamam a atenção para os riscos das vacinas e seus possíveis eventos adversos, em sua maioria compartilhados pela administradora.

Outro aspecto relevante e que contribuiu para escolha do grupo é que, na postagem fixa, logo no cabeçalho, a administradora faz questão de registrar que sabe da presença de pesquisadores e agentes do governo no grupo e os apelida como “trolls” – gíria de internet, proveniente da expressão *trolling for suckers* (em termos menos pejorativos, “lançar a isca para as trouxas”) e que assume vários significados a depender do contexto em que é empregado⁵. Desse modo, transcrevemos, a seguir, trechos da postagem fixa, posicionada na página principal ao alto, e que também é utilizada para descrever as regras do grupo e o comportamento esperado

⁵ Conteúdo extraído de < <https://www.significadosbr.com.br/troll>>. Acesso em: 14 junho de 2017.

por parte dos membros:

Alerta! Gostaria de vos informar que no grupo nos últimos dias tem estado cheio de “trolls” que são a favor de vacinas ou que querem tirar o foco do assunto vacinas, e falar sobre tratamentos etc. (...) Quero vos informar também, que um órgão do governo, chamou alguns blogueiros no mês de março para que fossem aprender sobre o "bem das vacinas". O grupo vai ser um claro alvo para todas essas pessoas! O que podemos fazer? Manter a calma, e com o tempo o mal desaparecerá! Uma dica: Tenha paciência, e não ataque alguém que lhe atacou primeiro, me avise, que tenho uma solução pacífica! Este grupo destina-se principalmente para divulgar informações sobre todas as possíveis vacinas e seus conteúdos que podem fazer mal para nosso corpo. (...) É importante que você tenha uma atitude humilde, visto que tudo que seja informado aqui, talvez pode não ser o que se pensava anteriormente ao longo de toda a tua vida.

O fato de o grupo considerar como possibilidade ser objeto de pesquisa, incentivar os seus membros a resistir às possíveis pressões, a manter seus lugares de fala, a sustentar suas crenças e seus comportamentos e, ainda, de algum modo, previamente “autorizar” a investigação, definitivamente o configurou como a melhor opção para a pesquisa. E mais, o fato de esse dado estar explícito faz crer que a observação – o olhar etnográfico – não altera o comportamento do grupo que, em alguma medida, já “naturalizou” ou não se importa com o fato de ser observado, o que é adequado para uma pesquisa.

Um outro fato foi que, ao analisar as 10 postagens mais curtidas e comentadas, percebe-se que o grupo tem uma boa adesão. O número de curtidas, tendo por base todos os *posts*, foi de 12.895 e foram feitos 8.216 comentários. Desde sua criação, foram contabilizadas 14.696 reações e foram compartilhadas 2.298 do total das postagens realizadas. Esses dados foram atualizados em junho de 2017. A ferramenta também dá acesso a essas postagens na íntegra, permitindo uma análise mais qualitativa, além de uma visão geral sobre em que medida o assunto, em face de outros temas, é mais ou menos acessado; sobre como o grupo está localizado na rede, se mais central ou periférico; dentre outros aspectos referentes a sua topologia.

Para Raquel Recuero (2014), o recurso, o botão, que permite curtir, comentar e compartilhar as postagens, examinando seus efeitos sobre os indivíduos e que as exposições promovidas pelas redes sociais têm relação direta com o capital social que segundo conceito formulado por Bourdieu seria

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p.67).

E isso faz com que indivíduos invistam e se exponham mais, enquanto outros preferem preservar as suas faces, sabendo dos riscos que correm durante as interações, pois as redes além de possuírem grande potencial para fazer circular conteúdos e amplificar ideias, não restringem o seu território e conseqüentemente, os seus auditórios.

Além do texto, que carrega consigo a possibilidade de uma interpretação dúbia e/ou indesejada, o botão que permite reagir, os “emoticons” dão contexto, pois esclarecem o estado emocional de quem posta, podendo expressar uma simples curtida, aprovação máxima (amei), espanto ou surpresa, risada e/ou ironia, tristeza e raiva.

E como parte das interações se dão de forma assíncrona, pois nem sempre os indivíduos participam da conversa ao mesmo tempo, por vezes não é possível identificar com clareza o significado do que foi dito. Tais conversações com a presença de inúmeras pessoas interagindo, tomando o turno, concordando ou alterando o curso do debate, também foram analisadas, mas, antes disso, foi necessário conceituar o que significa: “curtir”, “comentar” e “compartilhar”. Segundo os resultados da pesquisa apresentados por Recuero (2014), ao curtir, o usuário manifesta concordância, sem precisar fazer ativamente parte da conversa, tal como elaborar uma resposta. Na lógica do capital social, curtir também pode ser interpretado como “moeda de troca”, aceitação, empoderamento ou apoio em relação a quem enuncia, além de visibilidade na rede, pois de forma discreta o indivíduo sinaliza que está acompanhando o debate; até mesmo, pode ser um agradecimento à informação ou uma forma de elogio (RECUERO, 2014). Há uma distinção entre curtir uma postagem ou um comentário. No segundo caso, pode ser simplesmente para mostrar que o comentário foi lido ou, ainda, para ratificar a concordância da linha de raciocínio seguida, quando se tratar de uma argumentação que faz parte de um debate. Contudo, “curtir” será interpretado, na maioria das vezes, como uma manifestação positiva, salvo em contexto de uma ironia (RECUERO, 2014). Já o “compartilhar”, além de demonstrar sentimentos positivos como “curtir”, no sentido de concordância, é também uma clara apropriação de conteúdo, uma vez que o usuário assume “como sua” uma determinada fala, endossando e compartilhando o enunciado com os demais da sua própria rede social, ampliando e dando mais visibilidade ao conteúdo, porque certamente entende que o mesmo deve ser

relevante ou útil para a sua rede de relacionamento (RECUERO, 2014).

Segundo a autora, “[...] o compartilhamento também pode legitimar e reforçar a face, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada” (RECUERO, 2014, p. 120). De outro modo, pode ser feito para explicitar uma discordância sobre um tema em sua própria rede.

Finalmente, os comentários promovem maior interação, tornando visível o debate tanto para quem o fez como para toda a rede. Nesse momento, a pessoa não apenas confirma a sua participação, como emite a sua opinião, se posiciona. Isso se caracteriza como uma participação mais efetiva, porque requer mais do usuário, na formulação do seu enunciado em forma de resposta, na manifestação dos seus valores, da sua opinião, da sua identidade, expondo bem mais a sua face e correndo o risco no próprio local em que a conversação se dá, mas também para além dela. Sempre existe a possibilidade de o comentário ser compartilhado em outras redes e o mesmo perder o contexto inicial, o que escapa ao controle do enunciante (RECUERO, 2014).

A pesquisa realizada por Recuero (2014) demonstra que o ato de comentar provoca mais resistência por parte dos membros de uma comunidade, pois há um maior risco à face e à própria reputação nessas interações, mesmo havendo um acordo tácito estabelecido por cada grupo, com laços mais fortes ou fracos, bases mais ou menos sólidas de confiança e, conseqüentemente, de segurança entre os envolvidos. Portanto, corroboramos com Recuero, quando ela defende que o ato de comentar foi tido como a forma de maior exposição nas redes sociais.

Considerando a internet como mais um ambiente em que se dá a prática discursiva antivacinação, sendo essa prática também um produto de linguagem e de processos históricos, se fez necessário, primeiro, analisar como se deu a circulação dos enunciados, as posições de sujeito assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos produzidos, observando as articulações que esses enunciados estabelecem com outros e que tipo de interação social eles provocaram. Isso significa acompanhar trajetórias históricas de sentidos materializados nas formas discursivas, produzidos pelo/no grupo do Facebook, e cotejá-los às práticas discursivas e à produção de identidades que ali vão sendo estabelecidas, para entender de que maneira o que é produzido nas redes sociais convive interdiscursivamente com outros conteúdos que circulam fora da internet. Trata-se de compreender, também, como esses enunciados estão aderentes aos dispositivos sociais vigentes, nesses casos, à política de imunização brasileira, a partir das relações de poder imbricadas nesses processos e que geram resistência.

Os princípios de análise considerados nesta pesquisa são:

- 4.3.1 O enunciado como diálogo social: levando em conta que o enunciado existente, surgido num determinado momento social e histórico, “não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante do diálogo social (BAKHTIN, 1993, p. 86). Iremos analisar não somente os enunciados em si, mas o contexto em que ele acontece, suas referências implícitas e explícitas, e os sujeitos que ele cria a partir de si, tornando-os seus objetos.
- 4.3.2 Posições de sujeito e produção de identidades: Foucault (1997) compreende o sujeito como descentralizado, historicamente construído e disperso nos “[...] diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que o sujeito pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (FOUCAULT, 1987, p. 61). Essa constituição está intimamente ligada às posições sociais e às relações de poder que permeiam essas posições transitórias e que produzem certas subjetividades. Segundo ele, estamos lidando com posições-sujeito que se realizam em certos domínios ou grupos de objetos. A posição- sujeito não é preexistente ao discurso, mas é aprendida e se materializa nele. Enquanto as identidades, segundo Hall (1995), seriam “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1995, p.112), sendo estabelecidas dentro e nunca fora dos fluxos dos discursos, em um dado contexto histórico, somado às instituições que os discursos estão filiados. Os discursos emergem no jogo de poder, sendo por definição a marcação da diferença, aquilo que exclui ou que autoriza a produção dos seus objetos de forma dialógica.
- 4.3.3 Governamentalidade e risco: o termo “governo” diz respeito às instâncias centralizadoras de Estado, como já vimos, enquanto “governamentalidade”, para Foucault (2015) designa o conjunto de ações sociais que se expressam por meio de políticas, normas e discursos que orientam quais comportamentos devem ser adotados e o que pode acontecer, caso não sejam. As relações de poder não se restringem somente a atuação do Estado, mesmo que este seja a instância mais visível, pois elas se espalham “microscopicamente” nas tramas das redes sociais, para garantir a segurança e a integridade das populações, acomodando as tensões sociais. A governamentalidade é um estrato propício para a circulação de discursos e práticas de

conhecimento e poder.

Analisaremos, portanto, por meio das marcas enunciativas presentes nas dez postagens mais comentadas do grupo o processo de interação verbal social, descrito por Mikhail Bakhtin (1993), em diferentes níveis. O primeiro é aquele que diz respeito ao próprio espaço de conversa que se estabelece nas redes sociais online e particularmente em grupos de Facebook, como é o caso de nossa análise. Sendo assim, consideraremos as postagens e seus enunciadores. Quem ativa um determinado processo de comunicação? Por quem, estamos entendendo claramente a partir da noção de posição de sujeito cunhada por Michel Foucault (1987) e reinterpretada por Stuart Hall (1995). Como já mostramos, não acreditamos no sujeito como uma substância unívoca ou uma essência, mas como discurso. Os sujeitos são produzidos em determinadas formações discursivas e particularmente em enunciados concretos que os posicionam como mães, pais, médicos, estudantes e assim por diante, numa dada estrutura social. Interessamo-nos observar, também, como os participantes do grupo se posicionam como sujeitos e investem em tais posições (naturalista, antivacina, indeciso). Outra dimensão da interação verbal social de que trata Bakhtin é mais ampla, uma vez que trata do diálogo entre os enunciados e o mundo. Na sociedade contemporânea, fortemente marcada pela lógica do risco e pela governamentalidade neoliberal, como já demonstramos, os enunciados sobre o cuidado de si frequentemente são caracterizados pelo autogoverno, pela autonomia e pela autorresponsabilização. A perspectiva colocada por Bakhtin (1993) nos permite remontar os fios que ligam um enunciado a outros num determinado momento histórico. É nesse duplo sentido - pelo transcorrer da conversa a partir de uma postagem e pelo diálogo social estabelecido pelos enunciados em suas inscrições num determinado tempo, sociedade e cultura – que chamamos a nossa metodologia de análise de fluxo de discursos.

Escolhemos para cada um dos enunciados a serem escolhidos para serem analisados aqueles que sintetizam as discussões mais recorrentes em cada postagem. Estamos considerando, à luz de Foucault (2008), que há na produção de enunciados uma regularidade discursiva. Embora os enunciados existam em total dispersão, quando são reunidos num discurso (no nosso caso, num discurso antivacina), eles passaram por um processo de formação baseado numa determinada regra ou num conjunto de regras que particulariza a dispersão numa unidade:

No caso em que se puder descrever, em um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma

regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Buscaremos, portanto, mostrar como se dá o processo de dispersão e de regulação dos enunciados nas postagens analisadas. Identificaremos a presença da regularidade não como forma de congelamento do discurso, mas como ponto de unificação/concentração das diferenças presentes na lógica da antivacinação disputada no grupo.

5 OS FLUXOS DOS DISCURSOS PRODUZIDOS PELO GRUPO O LADO OBSCURO DAS VACINAS

A sociedade do risco diz respeito às incertezas fabricadas.

Ulrich Beck

Neste capítulo, será apresentada a resultante dos 10 temas mais curtidos – uma vez que são manifestações afirmativas que contribuem para compreensão do perfil do grupo –, sintetizadas posteriormente em formato de planilha e gráfico. Em um segundo momento, além de elencar os temas mais comentados, por serem controversos ou polêmicos, foram investigadas as posições de sujeito investidas por quem enunciou cada tema, com o intuito de correlacionar os lugares de fala com os assuntos que renderam debates mais extensos. Posto isto, serão demonstradas as análises das postagens mais comentadas, destacando algumas passagens mais recorrentes ou inusitadas, relacionando-as com os discursos sobre vacina, risco e qualidade de vida e as articulando com o referencial teórico escolhido e desenvolvido ao longo do percurso, a partir das demandas discursivas.

5.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

O primeiro contato com o grupo teve seu início em abril de 2016, a aproximadamente um ano e seis até o fechamento deste trabalho. Depois de aceitos prontamente pela administradora, tivemos acesso aos conteúdos e, aos poucos, fomos nos familiarizando com os temas e com a dinâmica entre os membros, sendo dedicado um bom tempo para assistir aos vídeos e aos documentários antivacinação disponíveis. Nos depoimentos contidos nos audiovisuais, a predominância é a preocupação com a quantidade de mercúrio, um dos componentes do tiomersal – conservante mais utilizado em vacinas multidoses –, que, mesmo sendo utilizado em baixas concentrações, segue sendo associado ao aumento do risco de desenvolvimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças. Na mesma conjuntura, demos início a uma primeira análise dos símbolos veiculados na foto de capa (apresentação) do grupo, colocando-nos questionamentos sobre os possíveis significados que os mesmos poderiam assumir para os membros da página. Por exemplo, o ícone de identificação do grupo era uma caveira. Vacinação para o grupo seria, então, um sinônimo de morte, de perigo, de risco?

As leituras dos diálogos na *timeline*, que nada mais é do que a organização cronológica das informações preferidas e publicadas pelo grupo, contribuíram para formular mais algumas hipóteses de pesquisa. As postagens usuais e as mais contundentes ou exóticas eram arquivadas em ferramenta própria do Facebook como favoritas, para serem analisadas posteriormente. A proposta desse olhar inicial, generalista, foi atentar somente para os grandes marcos. Ao mesmo tempo, tais impressões eram relacionadas a um primeiro levantamento bibliográfico; também, foram realizadas entrevistas com profissionais da área da saúde, com amplo domínio sobre o tema imunizações, com o intuito de trocar impressões sobre a pesquisa: a antivacinação nas redes sociais no Brasil e no mundo. Sobre esses encontros, as opiniões foram bem controversas, o que nos pareceu um bom indicador.

Paralelo a isso, foram feitas visitas a grupos com perfis semelhantes até termos certeza de que o grupo “O lado obscuro das vacinas” seria a melhor opção. Ao segui-lo diariamente, identificamos algumas percepções sobre as relações de poder estabelecidas, tais como: dominância; passividade; assiduidade para pautar, monitorar e sustentar os debates. Identificamos, também, quais membros faziam o controle dos tópicos e as tomadas de turno. Observamos uma certa diplomacia e polidez nas relações, ainda que existam alguns confrontos. O fruto dessas observações permitiu elencar prontamente alguns conteúdos recorrentes nos enunciados mais comuns, como: a busca por informação sobre vacina; a dúvida frequente se vacinar faz bem ou não; a defesa antivacina; a crítica às *big pharmas*; alertas sobre a possibilidade de haver membros pró-vacinação “infiltrados” pelo governo no grupo, “os trolls”, com a estratégia de desconstruir o debate por meio de contra-argumentações, promovendo a disputa de poder e território, muito comuns nas práticas discursivas. Outros pontos enunciados foram: o direito à não vacinação sob o ponto de vista jurídico, e os eventos adversos da vacina, separados inicialmente em três categorias: autismo, óbito, microcefalia. No final de 2016, intensificou-se o interesse pelos eventos adversos ocasionados pela vacina de febre amarela, devido ao surto da doença, havendo, ainda, uma citação em uma das postagens com o desastre ocorrido em Mariana, Minas Gerais. Contudo, sobre os possíveis eventos adversos, o interesse predominante é sobre a correlação com o autismo que é um tema, por sua vez, bastante acessado dentro e fora das redes sociais *online*, uma vez que encontra reforço no ativismo estruturado e na militância de mais de uma década, com direitos inclusive garantidos em Lei.

Era suposto, por exemplo, encontrar fundamentos religiosos, mas isso praticamente não foi registrado no período analisado pela ferramenta Netvizz. Surpreendeu o extenso debate com troca de informações com vistas a viabilizar um termo médico que justificasse a não vacinação, para ser utilizado no ingresso em escolas ou no cruzamento de fronteiras. Mais de uma vez, foi

revelado que nem o próprio cônjuge ou demais familiares sabiam que o filho nunca havia sido vacinado, demonstrando um forte laço de confiança entre pessoas que, em princípio, não se conhecem pessoalmente.

Outros temários não previstos em nossas hipóteses foram as discussões sobre os benefícios da Homeopatia, contrariamente à ideia de viver de forma absolutamente natural, sem qualquer intervenção. Este último posicionamento teve o dobro de adesão em relação ao primeiro. Houve, ainda, inusitado interesse por vacinas homeopáticas ou tratamentos homeopáticos feitos à base da própria vacina, mas com o objetivo de desintoxicá-la do organismo, como se utilizar uma dosagem diluída do próprio “veneno” funcionasse como um antídoto para promover a cura. Essa foi uma prática sugerida aos arrependidos, mas não foram apresentadas fundamentações científicas.

Refletindo sobre os temas enunciados nas postagens mais comentadas, ocorreu-nos explorar, detalhada e individualmente, os perfis de quem enuncia, considerando: foto do perfil, álbuns (quando disponível ao público), apresentação pessoal para ver se o sujeito é pai ou mãe, profissão, e a quais outros grupos pertence (naturalista, antissistema, religioso, antivacina, *fitness*, outros). Foi feita a leitura do que foi postado nos murais pessoais, inserindo em uma tabela apenas as evidências, na tentativa de identificar o estado civil, profissão, laços familiares, para melhor compreender as suas motivações e os seus lugares de fala. Outra medida adotada foi seguir a administradora do grupo em sua página pessoal, assim como outros membros, quando os mesmos se destacavam em debates. Tal aspecto confirma a teoria de Foucault de que o discurso é sempre dirigido a um determinado auditório, vinculado a dado momento histórico e inserido em uma prática social discursiva. E mais, que os discursos criam invariavelmente os seus objetos, as identidades.

Em uma primeira pesquisa exploratória, identificamos muitas mães indecisas; militantes antivacinação; alguns poucos pais que assumem que vacinam, mas que questionam ou querem saber mais sobre imunobiológicos; além de ambientalistas e defensores de um estilo de vida natural e livre da influência da indústria farmacêutica. Entretanto, ao longo da pesquisa propriamente dita e utilizando a ferramenta, notamos que as mães representam a maioria esmagadora do grupo e incorporamos as seguintes identidades: os antissistemas; os pró-saúde; a cultura *fitness*; além das seguintes profissões: médico (relevante, considerando o tema), advogado (*idem*, pelo mesmo motivo), dona de casa, doula, psicóloga e vendedora. Na dúvida se elencar as profissões seria útil ou não, elas foram incluídas na tabela com as identidades, pois poderiam contribuir ao final ou serem descartadas. Uma ressalva: das 10 postagens mais comentadas, todas foram feitas por mães, dentre elas, três são advogadas.

Segundo Recuero (2014), ao curtir, o usuário manifesta concordância, aprovação, sem precisar fazer ativamente parte da conversa, tal como, elaborar uma resposta. Na lógica do capital social, curtir também pode ser interpretado como “moeda de troca”, reforço, aceitação ou simples apoio em relação a quem enuncia, além de fazer o sujeito visível na rede, pois, de forma discreta, o indivíduo sinaliza que ele também está acompanhando e “curtindo” o debate. Ou, até mesmo, pode significar agradecimento à informação recebida e compartilhada por outra pessoa, no sentido de estar ciente, cabendo, ainda, uma forma de elogio. Contudo, “curtir” será na maioria das vezes interpretado como uma manifestação positiva, exceto em contexto de ironia.

Com o intuito de ilustrar em linhas gerais o perfil do grupo, apresentamos abaixo as suas três postagens mais curtidas. As demais postagens mais curtidas constam no Anexo deste trabalho.

Imagem 9 – Postagem mais curtida: depoimento de uma mãe realizada⁶



Fonte: A autora (2018)

A postagem mais curtida teve 122 “curtidas”, 17 “amei” e duas manifestações de “uau” (surpresa). Podemos dizer que a mãe que enuncia se mostra inteiramente realizada e decidida pela opção que tomaram: a não vacinação. Age como uma militante convicta, que nunca foi

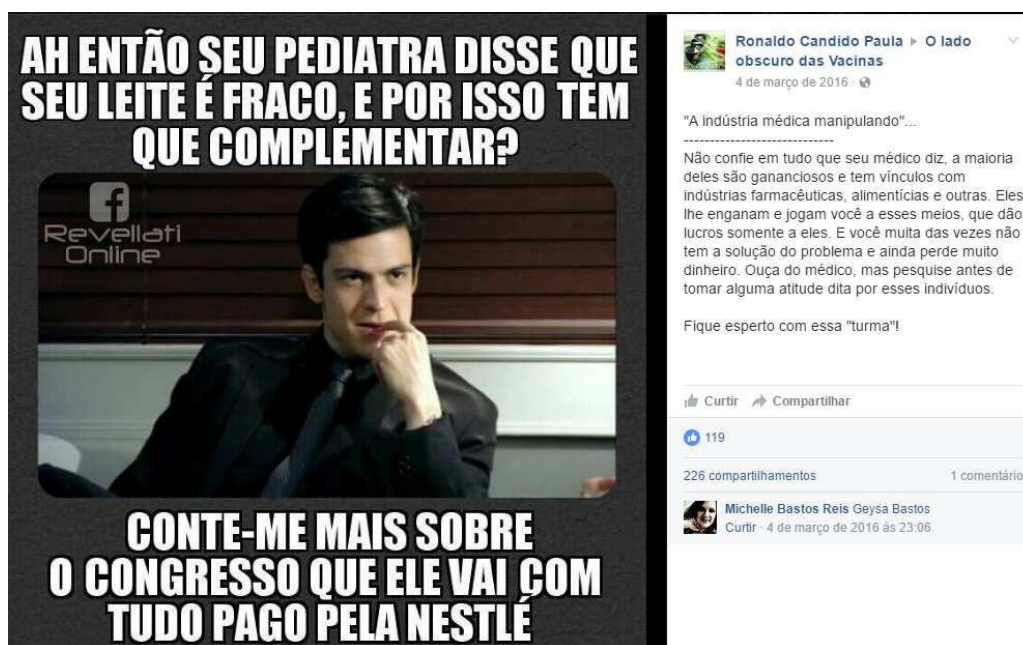
⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1021033239388853&set=gm.1802552719987341&type=3&theater>

vacinada por seus pais, pois os mesmos, segundo ela, preferiram investir em reforçar o sistema imunológico; ela (na foto, junto com o seu marido e filho, que nomeia enquanto “minha família”) pretende fazer o mesmo com o filho. Contudo, marca a diferença, fazendo destaque de que hoje vivem na Alemanha, onde, segundo a própria, 6% não da população não vacina e onde não é difícil conseguir o apoio de alguns médicos para não vacinar. Logo, ela não se sente pressionada com a escolha.

A segunda postagem mais curtida também é a postagem mais compartilhada:

Imagem 10 – Crítica à indústria Farmacêutica⁷



Fonte: A autora (2018)

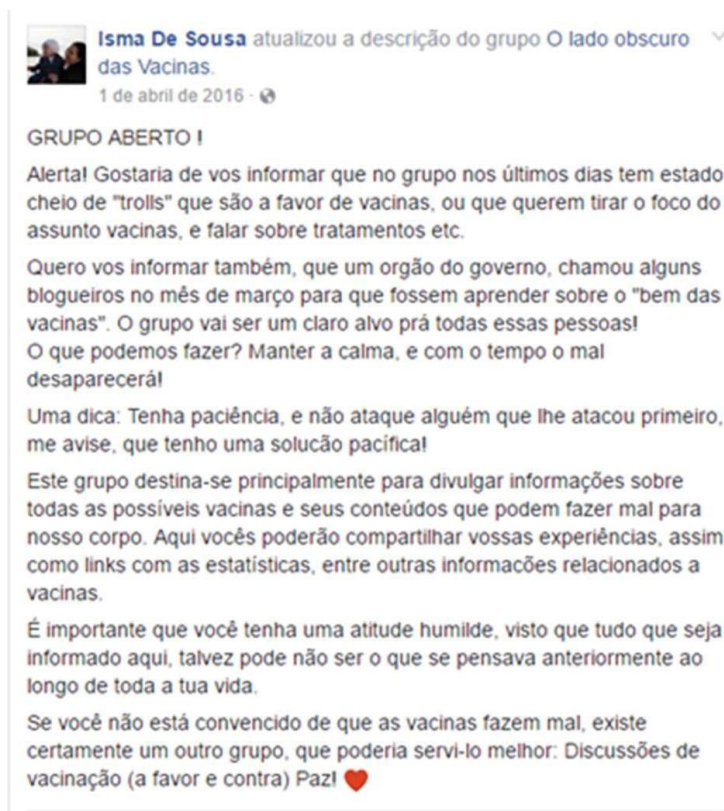
A segunda postagem mais curtida (119) é também a mais compartilhada (226). Trata-se de um “meme”, que, na linguagem cibernética, é chamado de “viral”, pois é replicado rapidamente, alcançando popularidade em pouco tempo. Esse, por exemplo, utiliza a imagem de um ator global que fazia o papel de antagonista em uma novela e era conhecido por destilar fel. Na montagem, o sarcasmo é direcionado contra a indústria farmacêutica, pois sugere que a recomendação médica para adoção de uma alimentação suplementar seria patrocinada por uma multinacional. O meme faz uma crítica direta a falta de escrúpulo da indústria farmacêutica e a anuência da classe médica.

⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=962997343790396&set=gm.1683561328553148&type=3>

A terceira postagem mais curtida (117), amei (6), raiva (3) e tristeza (1) é um enunciado bastante significativo, já citado na metodologia, pois é uma postagem fixa, feita pela própria administradora, em que ela explica as regras de “convivência” do grupo.

Imagem 11 – Postagem fixa da administradora com as regras de convivência no grupo⁸



Fonte: A autora (2018)

Essa postagem suscita informações complementares e algumas réplicas que seguem abaixo:

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1696248277284453>

Imagem 12 – Nos comentários, a administradora reforça as regras do grupo e tem o apoio dos membros⁹



Fonte: A autora (2018)

Na tabela abaixo, resumiremos os temas mais curtidos, trazendo algumas das características mais presentes e relacionando alguns pontos em comum.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1696248277284453>

Tabela 5 – Apresentação das características dos enunciados mais curtidos na seleção realizada.

Temas mais curtidos													
Postagens (síntese) &		Solicita		Defesa	Direito à Não	Critica às	Eventos adversos:				Formato:		
nº curtidas	nº curtidas	informação	antivacina	natural	vacinação	big pharma	autismo	óbito	microcefalia	Febre A.	Mídia	evidencia	crença
Post 1(antivacina)	125		X	X	X	x							x
Post2 (big pharma)	119		X	X		x							
Post 3 (regra do grupo)	97		X		X		x	x					x
Post 4 (estilo de vida)	86		X	X	X		x						x
Post 5 (Trump, autismo)	75		X	X	X		x	x			x		x
Post 6 (De Niro, autismo)	71	x	X		X	x	x				x		x
Post 7 (direito da família)	69		X	X	X		x	x					x
Post 8 (evento adverso)	62		X		X			x			x	x	
Post 9 (microcefalia)	60		X		X				x		x		
post10 (caso Mariana)	57			X						x	x		
Total de aparições		1	9	6	8	3	5	4	1	1	5	1	6

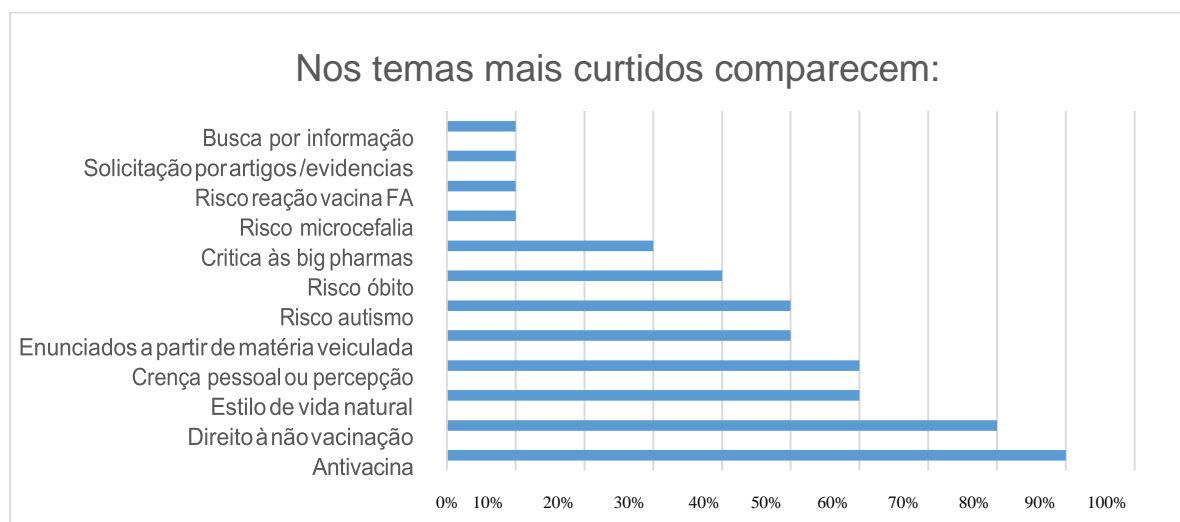
Fonte: Dados extraídos pela Ferramenta Netvizz, compreendidos no período entre abril de 2016 a abril de 2017

Na tabela acima, na primeira coluna, estão as postagens mais curtidas e entre parêntesis uma síntese, palavra-chave que resume do que se trata os enunciados preferidos. Logo após, indica-se o número de curtidas que cada enunciado recebeu e, nas colunas subsequentes, outras informações complementares, tais como se quem enunciou queria obter mais informações sobre esse tema; se era uma postagem de caráter afirmativo e a favor da antivacinação apenas; se o propósito era a defesa pelo estilo de vida natural; se a postagem tratava do direito à não vacinação, pois alguns temas são semelhantes, mas, quando combinados a outros assuntos, produzem outros sentidos. Há, ainda, observações quanto à forma: se o enunciado havia sido formulado a partir da sua percepção e sistema de crenças ou se se apoiava em algum artigo científico ou matéria jornalística veiculada na mídia; se mencionou ou criticou as *big pharmas*; se referenciava algum evento adverso, que para título de análise foi subdividido nas seguintes categorias: autismo, óbito, microcefalia e eventos adversos ocasionados pela vacina de febre amarela.

A planilha foi construída a partir dos elementos que compareciam nas análises dos enunciados, permanecendo somente os mais recorrentes e excluídos aspectos muito particulares, já que a proposta era reunir aspectos transversais e que se repetiam, para analisá-los enquanto tendência, identidade do grupo, traços mais predominantes, ainda que saibamos que cada enunciado é uma unidade discursiva com suas singularidades próprias, conforme defende Foucault.

A síntese dessa observação foi resumida da seguinte forma:

Gráfico 5 – Temas mais presentes nas postagens mais curtidas



Fonte: Dados extraídos pela Ferramenta Netvizz, compreendidos no período entre abril de 2016 a abril de 2017

Analisando as 10 postagens mais curtidas, podemos afirmar que os temas preferidos são: militância a favor da antivacinação; o direito à não vacinação; convicção e defesa de um estilo de vida natural; seguidos de matérias que citam os eventos adversos possivelmente ocasionados pelas vacinas, como autismo, óbito (bastante presente) e, em menor quantidade, a associação com a microcefalia e eventos adversos da febre amarela. Em três postagens, é feita crítica de forma direta ou indireta à atuação persuasiva das *big pharmas* em relação aos pacientes e ao Governo. Dentre essas postagens mais afirmativas – de adesão, reforço e apoio –, a busca por informação é menos presente, incluindo o desinteresse por artigos ou evidências científicas, o que diz bastante sobre o perfil do grupo. Importa notar que metade dessas publicações foram veiculadas por fontes de comunicação de relativa expressão.

Seguindo a análise, pareceu-nos evidente que os 10 enunciados mais comentados não poderiam ser agrupados somente dessa forma, cabendo trazer as interações mais relevantes na íntegra para o corpo do trabalho, pois, além de tornar o leitor mais próximo do debate, isso nos permitiria fazer as conexões entre as falas e o referencial teórico adotado. Além do mais, o funcionamento gráfico das postagens mostrou-se aspecto de relevo para o estudo, razão porque decidimos apresentá-las enquanto imagens e não apenas descrevê-las.

Cabe, aqui, traçar uma distinção entre curtir uma postagem e curtir um comentário. No segundo caso, o *curtir* pode significar, simplesmente, que o comentário foi lido ou, ainda, que aquele que lê ratifica a linha de raciocínio seguida, quando se trata de uma argumentação que faz parte de um debate. Também, os comentários promovem maior interação, tornando visível

o debate tanto para quem o iniciou, como para toda a rede. Nesse momento, a pessoa não apenas confirma sua participação, como emite sua opinião, se posiciona. Isso se caracteriza como uma participação mais efetiva, porque requer mais do usuário, seja na formulação do seu enunciado em forma de resposta, seja na manifestação de seus valores, de sua opinião, de sua identidade, expondo sua face não só onde a conversação se dá, mas também para além dela: sempre existe a possibilidade de o comentário ser compartilhado em outras redes e, assim, perder o contexto inicial, o que escapa ao controle do enunciante. Desse modo, a pesquisa realizada por Recuero (2014) demonstra que o ato de comentar provoca mais resistência aos membros de uma comunidade, pois há um maior risco à face e à própria reputação nessas interações, mesmo havendo um acordo tácito estabelecido por cada grupo, com laços mais ou menos fortes, bases mais ou menos sólidas de confiança. Para a autora, o ato de comentar, foi tido como a forma de maior exposição nas redes sociais.

Tabela 6 – Enunciados mais comentados: síntese dos temas e número de comentários que recebeu cada postagem

Enunciados mais comentados		
Postagens	Temas enunciados	Número de comentários
Post 1	H1N1	162
Post2	Busca por informações	126
Post 3	Jurídico	120
Post 4	Autismo	113
Post 5	H1N1	108
Post 6	Jurídico	104
Post 7	Busca por informações/Medo	90
Post 8	Antivacinação	89
Post 9	Antivacinação/natural	86
post10	Antivacinação	80

Fonte: Dados extraídos pela Ferramenta Netvizz, compreendidos no período entre abril de 2016 a abril de 2017

Na tabela acima, foram abreviados os 10 temas mais comentados, seguidos do número de respostas que receberam diretamente. Como é limitado reduzir cada comentário a uma só palavra, exemplo “H1N1”, agrupamos na tabela abaixo os demais temas presentes em cada enunciado e depois, transformamos a tabela em gráfico para melhor visualização.

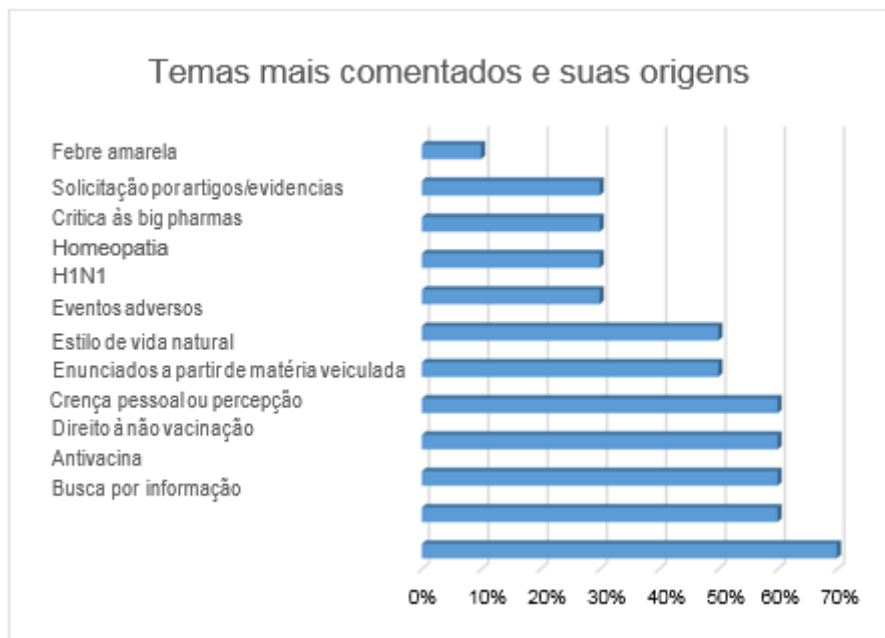
Tabela 7 – Temas mais comentados

Postagens & n° comentários	Temas enunciados					Direito à não		artigo/		Criticas	Eventos adversos:		Matéria: mídia e meios oficiais
	Busca informação	Defesa antivacina	H1N1	Febre A.	Ser natural	vacinação	crença	Evidencia	Homeop.	Big Pharma	autismo	óbito	
Post 1(162)	X		X						x				
Post2 (126)	X	X			X		x		x				
Post 3 (120)		X			X	X	x			x	x(geral)		x
Post 4 (113)	X										x		x
Post 5 (108)	X		X										
Post 6 (104)	X	X				X		x			x		x
Post 7 (90)	X		X				x	x			x (geral)		x
Post 8 (89)		X			X	X	x	x		x			x
Post 9 (86)	X	X			X	X	x		x	x			
post10 (80)	X	X		X	X	X	x			x		x	X
Total de aparições	8	6	3	1	5	5	6	3	3	3	4	1	6
Classificação	1° nível	2° nível	Penul.	Último	3° nível	3° nível	2° nível	penul.	penul.	penul.	3° nível		2° nível

Fonte: Dados extraídos pela Ferramenta Netvizz, compreendidos no período entre abril de 2016 a abril de 2017

Abaixo gráfico para melhor visualização:

Gráfico 6 – Temas mais comentados e suas origens



Fonte: Dados extraídos pela Ferramenta Netvizz, compreendidos no período entre abril de 2016 a abril de 2017

Vê-se, portanto, que a busca por informação é o tema enunciado mais presente, levando-nos à hipótese de que os enunciados em forma de pergunta engajam os usuários na convocação de respostas. Também dentre os enunciados com relato pessoal os que são feitos sob a forma de pergunta obtiveram uma série de respostas e comentários, uma vez que a pessoa que enuncia convida ao debate e autoriza claramente que os demais expressem a sua opinião, caracterizando o que Fairclough (2008) denomina como estrutura de troca do tipo pergunta-resposta. As estruturas de troca são o que analistas da conversação denominam de

[...] “pares adjacentes” uma vez que estabelecem relações de reciprocidade. Uma fala em uma certa medida “prevê a ocorrência da segunda, mas os emparelhamentos particulares são bastante diversificados: pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, reclamação-pedido de desculpa, convite-aceitação, convite-recusa” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 194).

Assim sendo, enunciados formulados sob a forma de pergunta dão um estímulo previsível, conforme visto, que são as respostas que tentam suprir a “busca de informações” (70%). Desse modo, podemos nomear o grupo “O lado Obscuro das vacinas” como um grupo

antivacinas, motivação principal, mas não podemos assegurar que a maioria dos seus membros sejam, na prática, antivacinas. É possível, inclusive, que os vacinados presentes não se sintam confortáveis nem autorizados a se manifestar. Conforme argumenta Recuero (2014), os usuários podem não estar dispostos a expor as suas faces e, ainda, considerando a regra do grupo, podem ter receio de ser banidos. Contudo, fica claro que um expressivo grupo formado por aqueles que publicam “ac”¹⁰ quer seguir acompanhando o debate. Isso reitera que a busca por informação é um aspecto preponderante e que une o grupo.

Um segundo aspecto observado é a presença da defesa antivacina, seguida de comentários que defendem uma vida natural e, conseqüentemente, o direito à não vacinação, que somam as falas que se referem à solicitação de termo médico para não vacinar. Motivações religiosas praticamente não aparecem nos enunciados mais comentados. Há um único momento em que isso é posto em questão explicitamente, mas os usuários trazem falas construídas a partir de seu sistema de crenças ou valores pessoais, ainda que não tenham muita clareza no que acreditar. O contraponto ao sistema de crenças (dogmas) seria a circulação de informações. E de fato são compartilhados os vídeos do médico cardiologista e nutrólogo Lair Ribeiro, além de trechos das bulas dos produtos e de matéria da mídia com o objetivo de dar materialidade e contribuir para a tomada de decisão, fortalecendo a dimensão autoajuda, que é outra característica marcante do grupo.

Trechos da bula relacionando a quantidade de mercúrio (tiomersal) com os eventos adversos e outros distúrbios neurológicos, como o autismo, aparecem em nas falas e a relação entre óbito e a vacina de febre amarela apenas uma vez na seleção realizada. Já a defesa da homeopatia surpreendentemente avança, mas ainda é pouco mais da metade da defesa pelo estilo de vida natural, sem intervenção do Estado e, quase conseqüentemente, comparece o repúdio à indústria farmacêutica. Nota-se que Estado e indústria farmacêutica são, para o grupo, temas imbricados. Para a maioria, existe um *lobby* muito grande da indústria farmacêutica no sentido de influenciar médicos e governo.

À medida que os temas foram elencados, surgiu o interesse em conhecer o lugar de fala de quem enunciava e, para tal, foram analisados exaustivamente os perfis pessoais, formando dois grandes conjuntos: um formado pelas identidades mais constantes e outro constituído pelos temários, agora relacionando-os. Segundo Hall (1995, p.112), as identidades seriam “pontos de

¹⁰ Conforme já explicado, a abreviatura “ac” indica que o usuário está acompanhando a discussão que acontece na postagem.

apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”, sendo estabelecidas dentro e nunca fora dos fluxos dos discursos, em um dado contexto histórico, estando sempre alinhadas às instituições em que os discursos estão filiados. Assim, os discursos emergem no jogo de poder, sendo, por definição, a marcação da diferença, aquilo que exclui ou que autoriza a produção dos seus objetos de forma dialógica.

Assim, a partir das identidades manifestas fomos criando as seguintes categorias: mães; pais; profissionais de saúde; governo e/ou pró-vacinas; ativistas; lideranças; observadores; legalistas; identificando quais perfis iríamos ou não agrupar e os motivos dessas escolhas. Nessa matriz, fizeram parte os temas mais presentes, tais como: eventos adversos da vacina (questões neurológicas, autismo, considerações sobre o produto, aspectos da bula e questões relativas à saúde); aspectos legais da política de imunização (estatuto da criança e do adolescente, obrigatoriedade em manter a vacinação em dia, inclusive como requisito para frequentar escolas, cruzar fronteiras); dentre outros.

Tabela 8 – Apresentação das identidades (posições de sujeito assinaladas nos discursos)

Enunciados mais comentados												
Postagens	Temas enunciados	As posições de sujeito do enunciante					Ambientalista e	Vegano	Pró-saude	Advogada	características:	
		Mãe	Pai	Indeciso	Antivacina	Pró-vacina	Antissistema		Fitness		Autoajuda	crença
Post1(162)	H1N1	x		x	x		x		x		x	
Post2 (126)	Busca por informações	x		x							x	x
Post3(120)	Jurídico	x			x		x	x	x		x	x
Post4(113)	Autismo	x		x						x	x	
Post5(108)	H1N1	x		x					x	x	x	
Post6(104)	Jurídico	x*								x	x	
Post 7 (90)	informações/Medo	x		x							x	x
Post 8 (89)	Antivacinação	x			x**		x				x	x
Post 9 (86)	Antivacinação/natural	x		x	x		x				x	x
post10 (80)	Antivacinação	x					x				x	x
Total postagem		9		6	4		5	1	3	3	10	6

Fonte: Dados extraídos pela Ferramenta Netvizz, compreendidos no período entre abril de 2016 a abril de 2017

A posição de sujeito mãe (100%) é a mais presente nos enunciados. Todas as postagens mais comentadas foram feitas por mães, cabendo um destaque para a postagem 6 (na tabela, marcada com um asterisco), que foi feita por uma advogada que é mãe e que defende a mãe de um filho autista. Ainda, analisando os perfis pessoais, observamos que mais 2 mulheres (entre as 10 mães) são advogadas. A administradora do grupo (postagem 8), declarada antivacinação, afirma que não pretende vacinar o último filho e que já adquiriu um termo médico que garante esse direito (Anexo C, postagem 7), apesar de ter vacinado o primeiro filho. Assim como ela, outras mães que militam pela antivacinação podem já ter eventualmente vacinado seus filhos ou ainda vacinar mesmo que com moderação. Constatamos aí uma distância entre discurso, militância e a prática vacinal.

Os homens – dentre os quais, alguns são pais – participam ativamente dos debates fornecendo informações, contestando, recomendando, porém, entre os enunciados mais comentados selecionados pela ferramenta, nenhum foi feito por um pai.

Uma característica muito presente são as recomendações de uso de compressas para baixar a febre; consumo de chá; banho de ervas; amamentação; banho de sol; ingestão de vitamina C para transmissão ao bebê através da amamentação; além da indicação de tratamentos homeopáticos dentre alternativas naturais para garantir ou recuperar a saúde das crianças doentes. Inúmeras questões de saúde são compartilhadas em tempo real para fins de diagnóstico, apoio ou recomendação de tratamento. Isso reitera o caráter autoajuda que é sempre muito presente. São raros os relatos de ida a pediatras ou de consultas a especialistas para tomada de decisão, por exemplo. As mães expressam seus anseios entre si e usam expressões do tipo “me sinto entre a cruz e a espada”, entenda-se: medo da doença assim como do tratamento ou da vacina. Entretanto, há grande expectativa de que o próprio grupo, seu semelhante, aponte a solução mais adequada para o seu caso específico e particular. Esse movimento dialoga com o referencial teórico apresentado, em que vemos, na sociedade neoliberal contemporânea (BAUMAN, 2001), que se entende como uma modernidade tardia de Giddens (1991), a reivindicação de autonomia sobre o próprio corpo, o individualismo, o autocuidado, somados ao descrédito em relação às políticas públicas do Estado, reiterando o conceito de governamentalidade estruturado por Foucault (2006).

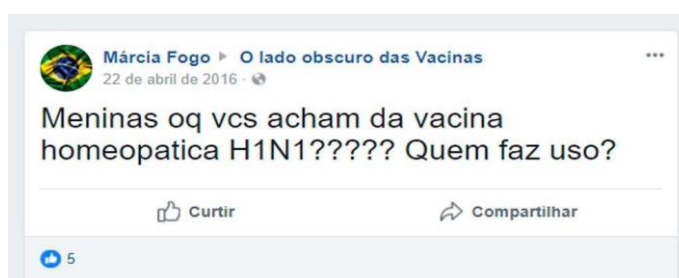
Fazendo uma síntese dessas posições de sujeito assumidas, podemos dizer que a maioria são mães, indecisas e que buscam mais saúde para os seus filhos por meio da troca de experiências com outras mães e que optaram por um estilo de vida natural com o mínimo (ou nenhuma) intervenção química. Algumas se nomeiam mais “radicais” e outras menos, dependendo da gravidade da situação. Menos presente, são aquelas assumidamente antivacinas

para qualquer situação e é bastante contundente o estilo de vida saudável expresso em discurso fitness, vegano e pró saúde; destaca-se a ênfase no aleitamento materno e no fortalecimento do sistema imune. Apenas um pequeno grupo assume que já vacinou ou que ainda vacina. Esse é um dado difícil de precisar sem que sejam feitas entrevistas.

5.2 ANÁLISE DOS ENUNCIADOS MAIS COMENTADOS: OS CINCO PRIMEIROS

A postagem mais comentada deste bloco teve 162 comentários e convida ao debate sobre a eficiência da homeopatia H1N1 como alternativa para se ter mais saúde, perguntando quem faz ou já fez o uso, tal como apresentamos na imagem abaixo:

Imagem 13 – H1N1¹¹



Fonte: A autora (2018)

No enunciado, o vocativo “meninas” demonstra que a usuária Márcia se dirige a outras mulheres e, por análise anteriores, sabemos que ela é mãe. Associadas ao vocativo percebemos questões de gênero, maternidade, traços sociais e culturais típicos da cultura brasileira, em que, historicamente, mulheres buscam apoio entre si para cuidarem dos seus filhos. Ainda que a posição de sujeito homem ou pai não tenham sido contempladas no enunciado, alguns participaram ativamente do debate. Observamos que em nenhum momento é citada a figura do especialista, no máximo, do médico homeopata. O que está em jogo é a busca pelo aprendizado por meio da experiência compartilhada, o que fica evidente na pergunta “Quem faz uso?”. É o caráter autoajuda, citado anteriormente, funcionando no grupo. E mais, segundo Fairclough (2001), a pergunta suscita, automaticamente, uma resposta, pois autoriza expressamente o interlocutor. O uso de vários pontos de exclamação no enunciado, por exemplo, pode ter contribuído para que essa postagem fosse a mais comentada, pois é um estímulo.

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1703662759876338>.

Nessa postagem, além de discutirem sobre a eficácia e a existência de vacinas homeopáticas, houve polêmica em torno do possível tratamento (não considerado por todos como homeopático) para remover os resíduos ocasionados pela vacina no organismo, a partir da diluição da mesma. No contraponto, a apologia à vida absolutamente natural, saudável, sem qualquer tipo de medicamento para toda e qualquer situação de saúde – fala esta vocalizada algumas vezes pela administradora –, polarizou o debate entre os que se autodenominaram “mais ou menos radicais”, uma vez que alguns defenderam a ideia de que algum nível de toxicidade não é possível evitar.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

Enunciado 1.1: “(...) Ainda não tive tempo de me aprofundar sobre esse assunto, mas tão logo se menciona **vacinas, já sou do contra**” (Isma de Sousa, administradora).

Enunciado 1.2: “Vacinas **não** estão acima da **Lei**” (Paulo de Tarso).

Enunciado 1.3: “(...) Não sou radical **tmb**, meu primeiro filho é vacinado o segundo **optei** no que achei melhor (algumas sim e outras não) a da gripe é uma que nunca tomei, mas se tratando de criança que frequenta a escola, estou **muito na dúvida!** (...)” (Márcia Fogo).

Enunciado 1.4: “(...) **Leite materno é vacina** segundo o próprio **Ministério da Saúde**” (Paulo de Tarso).

Enunciado 1.5: “(...) Ah **turma** aí da vacina homeopática, vi num comentário sobre uma substância e achei a informação abaixo. Nenhuma vacina faz bem. (...) **Não me condenem** por não querer **intoxicar** o corpo dos **meus** filhos em nome de se manter a saúde” (Isma de Sousa, administradora do grupo).

No enunciado 1.1, ao falar da vacina, o “**já**” demonstra uma posição reativa à vacina e não aberta ao diálogo contrário. Dessa maneira, a personagem marca explicitamente sua posição-sujeito enquanto mediadora, que monitora e polícia o debate, podendo até tolher os demais participantes na emissão de opinião, exercendo a sua posição de sujeito militante da causa e fundadora do grupo em que exerce sua autoridade (FAIRCLOUGH, 2001). Esse tipo de postura revela certa dogmatização, uma vez que não apresenta evidências, além de sua

convicção fundamental: qualquer tipo de agente medicamentoso (seja alopático ou homeopático) é antinatural e tem grandes chances de ser danoso ao corpo.

No enunciado 1.2, o “**não**” representa uma posição contrária àquilo que está posto, aceito socialmente, e que tem força de “**lei**”, considerando que existe uma política pública de imunização, mas que não seria preciso tomar o discurso hegemônico como verdade. Portanto, o “**não**” vem para desconstruir essa “verdade absoluta”. Então, quando um membro do grupo diz que “vacinas **não** estão acima da Lei”, ele reconhece, em alguma medida, o poder que a prática da vacinação tem no país, mas, ao mesmo tempo, oferece resistência.

No enunciado 1.3, a negação da usuária (“**não sou radical também**”) marca uma diferença em relação os demais, que, então, seriam radicais. Quando ela diz “**optei**”, é porque reconhece que existem alternativas, mas que acabou por preferir não vacinar o último filho; a usuária, contudo, finaliza a fala demonstrando insegurança e uma profunda dúvida quanto a estar fazendo, de fato, a melhor escolha (“**estou muito na dúvida**”). Trata-se, portanto, de uma contradição.

No enunciado 1.4, comparar **leite materno a vacina** constrói como iguais questões bem diferentes, mas que teriam em comum a capacidade de fortalecer o sistema imunológico. Citar o **Ministério da Saúde** como autor da fala seria uma forma de dar credibilidade e sustentação a esse discurso.

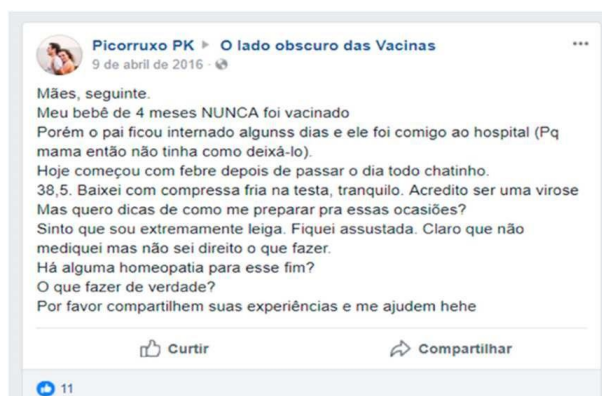
No enunciado 1.5, o vocativo “Ah **turma** aí da vacina homeopática” faz funcionar uma tentativa da administradora de deslegitimar o discurso a favor da vacina homeopática; isso também se manifesta na marcação de uma diferença entre um “**nós**” e um “**eles**”. Ao afirmar “**Não me condenem** por não querer **intoxicar** o corpo dos **meus** filhos em nome de se manter a saúde”, ela está supondo que está sendo julgada por esses “**outros**” e, muito provavelmente, mal interpretada e tolhida em seu direito enquanto mãe de “**manter a saúde**” dos **seus** filhos, adotando um estilo de vida natural. A posição que a administradora defende é de contrariedade a qualquer tipo de vacina. Ela está convicta de que assim pode “**manter**” a saúde dos seus filhos com mais segurança. É interessante observar que o enunciado produz uma hierarquização no entendimento do que seja segurança: está mais seguro quem não se vacina sob nenhuma circunstância. Por outro lado, o outro grupo – representado nesse diálogo por Márcia Fogo – não pretende ser “**radical**” demais. Há uma diferença na percepção de riscos. Enquanto Isma acredita que o risco maior é por si só se vacinar, Márcia acredita que algumas vacinas podem ser aplicadas com moderação em crianças.

Como estamos mostrando, ao longo desse debate, aparecem pontos de vistas diferentes sobre o que é ser saudável, mas todos guardam em comum a clara reivindicação por

mais autonomia sobre o próprio corpo e de seus familiares. A vacina, nesse caso, estaria sendo percebida como um dos dispositivos de controle social. Observando essa discussão à luz do pensamento foucaultiano, é possível inferir que, quanto mais invisível for a maneira do Estado de exercer o seu poder, mais potente este será, uma vez que não é possível localizá-lo diretamente (FOUCAULT, 1998). Para o grupo, tal controle se daria por meio de vários dispositivos, que estariam permeados na própria trama societária para “controlar os corpos” e até dizimar populações. Há uma rejeição à vacina como forma de segurança individual, familiar e social. Afinal, no contexto da biopolítica contemporânea, há uma forte transferência para o indivíduo da responsabilidade sobre si mesmo. O estilo de vida saudável propagado pelas políticas de saúde pública em contextos neoliberais tem sido, predominantemente, o de restrição da promoção da saúde como ação individual, baseada em um conjunto de escolhas, hábitos e comportamento considerados saudáveis, que implicam em autocuidado.

A percepção do grupo é que o Estado age por meio de campanhas opressoras e pouco dialógicas, feitas com o intuito de controlar, vigiar e punir quem não estiver alinhado as suas políticas e sem informar de forma adequada. Segundo os membros, o interesse das *big pharma*s e o possível lobby que exercem sobre o Estado justificariam a pouca confiança em relação ao que é recomendado pelos pediatras, uma vez que os mesmos fariam parte do sistema. Então, a homeopatia e o estilo de vida natural comparecem como alternativas.

Imagem 14 – Busca por informações¹²



Fonte: A autora (2018)

A segunda postagem mais comentada – 126 comentários – igualmente faz uso do vocativo “mães”, e o caráter autoajuda e o sentimento de insegurança podem ser percebidos nas

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1699156070327007>

falas “sinto que sou **extremamente leiga. Fiquei assustada. Claro que não** mediquei, mas **não sei direito o que fazer**. Há alguma homeopatia para esse fim? O que devo fazer de **verdade?** Por favor, compartilhem **suas experiências e me ajudem hehe**”. Apesar do vocativo “mães”, a primeira resposta é de um homem, Ronaldo, que logo responde que febre não deve ser tratada em nenhuma hipótese, pois é uma resposta do organismo para se reequilibrar naturalmente. A partir daí ele segue militando sobre o assunto ao longo de todo o debate, utilizando dos mais diferentes recursos para sustentar interdiscursivamente sua fala, por meio do compartilhamento de textos de especialistas, de veículos de grande circulação, de vídeos, dentre outros. Na sequência, o diálogo, que estava polarizado entre ele e uma mãe a favor da medicalização em caso de febre (sustentada pelo medo de convulsão e/ou óbito), passa a ser mediado pela administradora, que discorda da medicalização, retornando a resposta para quem enunciou a pergunta. Ronaldo segue policiando o debate, mas há conflito e disputa pela defesa da melhor abordagem, enquanto novos entrantes de forma mais moderada participam. Dada a tensão, alguns apenas acompanham (ac). Várias frases demonstram a tensão entre os integrantes, mas, apesar da disputa pelo lugar de fala, há uma tentativa de manter o respeito e a liberdade de expressão. Acontece, então, uma tomada de turno e um novo membro coloca a questão de como driblar o conselho tutelar quando procuram os pais que não vacinam. Outro usuário questiona sobre os possíveis eventos adversos da vacina HPV, até que, enfim, retorna-se, pelas mãos de Ronaldo, o assunto sobre se se deve tratar ou não a febre. A última fala é de um membro que, de forma categórica, sugere que as pessoas “procurem um médico para tomarem as suas decisões”, que “ninguém irá salvá-las”, encerrando em definitivo o debate.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos ou destaques:

Enunciado 2.1: “Febre **não** deve ser **tratada**” (Ronaldo Paula).

Enunciado 2.2: “Febre **não** se **brinca mãe**. É paracetamol ou alivium. **Cuidado**” “E quando você tiver a experiência que eu tive de não tratar febre e **quase perder um filho aí** você pode **contar sua experiência**. Há controversas” (Juliana Pereira).

Enunciado 2.3: “**VC É LIVRE PARA FAZER O QUE QUISER COM A CRIANÇA**” (Ronaldo Paula).

Enunciado 2.4: “Doses de **paracetamol** em **excesso** podem **levar à morte**” (Ronaldo Paula).

Enunciado 2.5: “Como **fez** para não vacinar o filho e o conselho tutelar não bater na **sua** porta?” (Andreia Caetano).

Enunciado 2.6: “Bateram na minha porta sim. 2x já. Na última eu ameacei de processar por **abuso de poder**” (Picorruxo).

Enunciado 2.7: “Eles são **persistentes e petulantes**, falo por **experiência própria**. A conselheira chegou a me **ameaçar** dizendo que se eu não vacinasse poderiam tirar minha filha de mim pq é **lei** e deve ser **cumprida**” (Andreia Caetano).

Enunciado 2.8: “**Magnésio Previne Convulsão - Sentir febre é bom**”, vídeo do Dr. Lair Ribeiro (Ronaldo Paula).

Enunciado 2.9: “Só uma pergunta: como essa criança **sem** vacinas vai **frequentar** uma **escola**? **Isso não é uma crítica é uma pergunta!**” (Alessandra Silveira).

Enunciado 2.10: “(...) não fique esperando que um **santo vá te ajudar** (...) aqui não é lugar que deve buscar **ajuda medica** (...)” (Roberto Junior).

No enunciado 2.1, em resposta à pergunta dirigida às mães, Ronaldo assegura que a febre não deve ser tratada. Para ele – um dos poucos pais que participam do diálogo –, o próprio corpo é capaz de curar a si mesmo. A febre, segundo ele, seria o momento em que o corpo está se livrando de uma doença, parte do processo de cura.

O enunciado 2.2 (“**febre não se brinca**”) é um alerta de que febre é coisa séria, exemplificado com a experiência negativa que o usuário teve com o seu próprio filho, desautorizando, portanto, qualquer argumentação sem conhecimento de causa, condicionando a experiência para “**ai**” ter direito a um lugar de fala nesse debate. Esse discurso é bem contundente, dominante, e ordena o silêncio da outra pessoa.

No enunciado 2.3, cabe notar que a frase foi escrita em caixa alta, o que, na linguagem cibernética, convencionalmente significa “grito” ou, no mínimo, destaque para a afirmação. Na mesma frase, a palavra “**livre**” confere absoluta liberdade e plenos poderes aos pais para decidirem e fazerem “**o que quiserem**” com as suas crianças. Teriam, de fato, os pais esse direito? Não existem outras instâncias?

O enunciado 2.4 efetua a retomada de turno do Ronaldo em defesa de que **febre não faz mal e que medicação pode matar**. As constâncias das suas intervenções funcionam como um policiamento do discurso e controle do tópico, dada a frequência e a repetição das mensagens, mesmo quando o assunto passa a ser outro, configurando uma tentativa de manter e dominar o discurso.

No enunciado 2.5, postagem típica autoajuda, o “como **fez**” é uma pergunta dirigida para uma pessoa especificamente, em que está implícito o vocativo “você”. Na passagem “batesse a **sua** porta”, há, mais uma vez, uma tentativa de aprender e/ou resolver um problema através da experiência e das dicas de outra pessoa.

O enunciado 2.6 é uma fala que qualifica negativamente a atuação do Conselho Tutelar, quando afirma que a atuação do mesmo se caracteriza como “**abuso de poder**”.

No enunciado 2.7, novamente, a pessoalidade nas falas é fundamentada na experiência particular. Isso fica evidente na afirmativa “por **experiência própria**”, já que isso, ao menos dentre os membros do grupo, deveria bastar. Os adjetivos “**persistentes e petulantes**” qualificam a atuação do Estado enquanto ente indesejado, arrogante e que não quer o melhor para as pessoas: o Estado como aquele que comparece mesmo sem ser chamado, de caráter impositivo. Destaque aí para o significado da comunicação violenta, contido no termo “**ameaça**” que se utiliza da “**lei**”, que “**deve**” ser “**cumprida**”. Isso significa uma ordem, um “**cumpra-se**”, sem espaço para negociação e gera sentimento de raiva, pois a pessoa se vê sem direito de escolha.

No enunciado 2.8, acontece mais um típico controle e monitoramento de tópico pelos mais dominantes na conversa. Ronaldo traz mais uma evidência para fundamentar e conduzir o fluxo do discurso. Nota-se que ele investe nesse “policiamento” durante todo o debate. Dessa vez, trazendo um vídeo do *Youtube* com o Dr. Lair Ribeiro para demonstrar que o magnésio previne convulsão em caso de febre e que a mesma faz bem para a saúde.

No enunciado 2.9, quando a usuária antecipa que sua fala “**não é uma crítica**, mas sim **uma pergunta**”, cabe perguntar pela necessidade dessa justificativa. A pergunta que ela propõe é embaraçosa, porque, com razão, a maioria das escolas brasileiras exige a carteira de vacinação com no mínimo as vacinas obrigatórias para ingressar.

O enunciado 2.10 foi destacado por ser uma fala fora do lugar comum (“**não** fique **esperando** que um **santo** vá te **ajudar**”) na dinâmica do grupo. Em certa medida, o enunciado ridiculariza a dimensão autoajuda do grupo, encorajando que busquem fontes técnicas e especializadas para os esclarecimentos e chamando atenção para os limites do grupo, uma vez que, mesmo demonstrando boa vontade, podem induzir ao erro.

O debate apresenta tensões sociais, as disputas pelos lugares de fala, os dispositivos ordenadores e, até mesmo, as resistências que inevitavelmente aparecem na trama social para manter equilibrado o jogo social ao longo do debate. Estas se dão por meio dos interdiscursos que são produzidos e circulam ao longo do debate e que também são complementados (e atualizados) por discursos de “fora” da rede e que são produzidos por meio das mais diversas linguagens. Em alguma medida, isso confere credibilidade para quem compartilha, pois não diz respeito apenas à sua percepção pessoal, mas dialoga com outros discursos, dando contexto (social, político, técnico, econômico, histórico etc.), que são artifícios que pretendem dar credibilidade e sustentação à fala.

Assim, o interdiscurso faz uma relação direta com as questões relativas à memória e com as condições sociais e históricas onde os mesmos foram produzidos, fatores determinantes para a sua análise. O discurso para Foucault (2008) será sempre algo que já foi dito – uma espécie de arqueologia e filiação de saberes –, mas que, ao mesmo tempo, causa efeito a partir do momento em que “atualiza” o que está sendo dito. Para Foucault (2008), o conceito de formação discursiva passa pela noção de tradição que conecta uma temporalidade específica a um conjunto de fenômenos sucessivos, idênticos ou simplesmente análogos. Essa noção se relaciona com a influência atribuída aos elementos de semelhança ou de repetição que ligam as unidades discursivas, apesar do tempo e da distância, estabelecendo relações complexas entre elas, mesmo que isso não seja percebido de forma consciente pelos autores, mas que, ainda sim, podem (cedo ou tarde) exercer alguma influência.

Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre a si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação (FOUCAULT, 2008, p. 32).

Dessa forma, o enunciado será sempre parte de um discurso existente, que é atualizado a partir de outros discursos – nas mais diversas linguagens e plataformas, mas que de alguma forma se relacionam entre si, independente de tempo e espaço – constituindo o que reconhecemos enquanto interdiscurso que nada mais são do que recortes de formações discursivas anteriores. No grupo, muito comumente alguns disputam o lugar de fala para fazer valer a sua opinião a partir da experiência pessoal ou, ainda, buscam evidências interdiscursivas que possam dar materialidade ao discurso, conforme fez o membro do grupo, o Ronaldo, ao

longo de todo este debate, trazendo evidências.

Assim, é possível traçar um paralelo entre as falas recorrentes no grupo com as falas de diversos agentes e instituições que se posicionam contra o excesso de medicalização em nossa sociedade. Rose (2013) é um dos autores que denuncia o imperialismo médico, classificando como “agressivo”, difundido na crença de poderes irrealistas, “quase mágicos”, dos médicos sobre os corpos, as vidas e as sociedades. Neste grupo, uma ou outra mãe, defende a medicalização pontualmente, por exemplo, em caso de febre alta e persistente, outras, nem isso, tamanho o receio em relação aos medicamentos e a desconfiança em relação à classe médica, que, segundo a maioria dos membros, estaria totalmente comprometida com os interesses da indústria farmacêutica.

A política pública de imunização aparece nesse debate de forma indireta e se manifesta na discussão sobre a atuação do conselho tutelar, cujas diretrizes são contestadas enquanto “verdade” absoluta. O que está em jogo são os direitos e deveres dos cidadãos, do Estado e, sobretudo, o papel da família. Para Foucault (1998), o papel das campanhas públicas estaria em sustentar discursivamente a governamentalidade ao colocar em circulação as diretrizes do que se quer propagar por meio das escolas, empresas, igrejas, conquistando territórios físicos e simbólicos. E tais aspectos são polêmicos e controversos para alguns membros do grupo, pois os mesmos não querem “se sujeitar” ao sistema. Mais precisamente, o que se discute é sobre quais seriam os limites (admissíveis) da atuação do Estado em relação aos corpos das populações e o lugar da família enquanto instância decisória (SANTOS, 2009).

Imagem 15 – Link compartilhado por participante do grupo¹³

Fonte: A autora (2018)

Essa foi a terceira mensagem mais destacada, com 120 comentários. A primeira observação foram as manifestações emocionais provocadas pela mensagem. Algumas curtidas, no sentido de concordância com o enunciado “vai vendo”, que pode significar “tudo começa assim” ou “eu bem que te avisei”, seguidas das “carinhas”, que são manifestações emocionais de tristeza e de raiva. O enunciado versa sobre a decisão do Tribunal Superior de Justiça na Inglaterra, que obrigou uma mãe vegana a vacinar os dois filhos em razão de uma ação judicial realizada pelo próprio pai das crianças. Ao longo do debate, não há consenso se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê ou não a obrigatoriedade da vacinação no Brasil, mas fica claro que o procedimento é imposto na forma de “lei” pelas autoridades brasileiras, e isso dessagra boa parte dos membros do grupo.

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1852429254999687>

Uma questão em pauta é o constrangimento que pais e filhos sofreriam ao optarem pela não vacinação. Isso, em tese, explicaria o fato do debate antivacinação ter uma presença maior nas redes sociais *on line*, por preservar a identidade das pessoas que são punidas quando reivindicam a não vacinação de seus filhos, principalmente. Ao longo do debate, alguns sugerem que o movimento saia das redes sociais e vá para as ruas e que utilize meios formais, tais como uma “denúncia” – ação contra o Ministério Público – ou, ainda, convoca-se “advogados corajosos” a combaterem a obrigatoriedade da vacinação no Brasil e reitera-se que o direito de não vacinar ainda é tratado como um tabu no país. Uma alternativa sugerida foi a de fortalecer os movimentos sociais no sentido de não tornar “individualizado” o debate; tal iniciativa preservaria a identidade das pessoas e legitimaria a presença de profissionais de saúde, advogados, destacando uma precaução em relação à atuação das sociedades de classe, associações, dentre outros.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

Enunciado 3.1: “Aqui **não há lei que obrigue** vacinação, não vamos tentar **plantar** esta **falsa** notícia na **cabeça** dos brasileiros” (Claison Farias).

Enunciado 3.2: “No posto de saúde perto de casa, e creches, eles **obrigam** a mostrar cartão de vacina para conseguir vagas, senão estão vacinadas dizem que não podem inscrever para não trazer **riscos** a outras crianças” (Paulo Nascimento).

Enunciado 3.3: “Como essas **crianças vacinadas** estão em **riscos**? As vacinas não **funcionam**? 🤔🤔🤔 □ □ Povo é mais atrasado que eu imaginava! Quem devia correr risco nesses casos são quem escolher não vacinar, e não ficar protegidos! Rsr, mas quem não vacina é que está com mais saúde!” (Isma de Sousa).

Enunciado 3.4: “**Advogados** do grupo **mostrem a cara!** (...) precisamos sair do **anonimato** das redes sociais!!!” (Gilson Rodrigues).

Enunciado 3.5: “ECA-...18-A. A criança e o adolescente tem o direito de ser educados e cuidados SEM O USO de **castigo físico** ou de **TRATAMENTO cruel ou DEGRADANTE**, como formas de correção, disciplina, educação ou **QUALQUER OUTRO PRETEXTO**, pelos pais, pelos integrantes...” (Paulo Tarso).

Enunciado 3.6: “Porque é obrigatória você vai vacinar sabendo dos **riscos????**Sei da situação difícil mas um tem que fazer o possível e impossível para **evitar a roulette russa na saúde deles**” (Sergio Mulet).

Há, no enunciado 3.1, uma preocupação com o risco de que essa notícia se propague, ganhe força de **lei**, e que a justiça brasileira comece a fazer o mesmo, servindo como jurisprudência. Daí a ideia de não “**plantar**”, que tem conotação, nesse caso, de difundir uma notícia considerada falsa na “**cabeça dos brasileiros**”. Para esse grupo, parece-nos que o Estado ou a mídia poderiam ser responsáveis pela produção de “fake News”, desconstruindo a lógica de que esse tipo de discurso seria feito por pessoas ignorantes, maldosas ou despreparadas. Esse enunciado rendeu mais 94 respostas a ele.

Nos enunciados 3.2 e 3.3 (resposta ao anterior), a palavra “**obrigam**” já demonstra imposição e, inversamente proporcional, resistência. Ironizando o “**risco**” de que a criança não vacinada traria para as demais crianças, através da ironia presente na pergunta com *emojis* (“As vacinas não **funcionam?** 🤔🤔🤔🤔🤔🤔 ”): se as crianças estão protegidas, imunizadas, teoricamente, não estariam vulneráveis a contrair doenças das não vacinadas. A administradora finaliza defendendo, então, que estas, sim, teriam mais saúde. O conceito de “**mais saúde**” é bastante forte e presente em alguns debates. Vale destacar que é um conceito relativo. Baseia-se na comparação entre duas ou mais alternativas, o que significa comparar prováveis “riscos” e assumir que se tem mais saúde aquele que não vacina. Essa é a lógica.

No enunciado 3.4, o usuário sugere que os advogados **mostrem a cara**, fazendo uma provocação para ver se alguém se candidata. Mostrar a “**cara**” no Facebook já é um tanto contraditório, já que as “faces”, os rostos, são produzidos, protegidos e assumem uma atitude, na maioria das vezes, de preservação das suas identidades. Sair do “**anonimato**” das redes sociais é um desejo de tornar o debate mais “real” e ampliado, isto é, intervir mais ativamente.

No enunciado 3.5, é feita uma citação ao Estatuto, mas algumas palavras são escritas em letra maiúscula, cuja convenção, na linguagem cibernética, é a de que a pessoa estaria gritando – “**TRATAMENTO cruel ou DEGRADANTE**” e ainda “**QUALQUER OUTRO PRETEXTO**” –, construindo uma relação entre ser “degradante” e a aplicação da vacina.

No enunciado 3.6, relaciona-se a **obrigatoriedade** aos riscos. O excesso de interrogações (“?????”) marca um pedido de reflexão por parte dos demais, pois, mesmo sendo mandatório, pode não ser a melhor opção. O termo “**roulette russa**” merece atenção, pois comparece algumas vezes nos debates do grupo para demonstrar que os eventos adversos são aleatórios e fatais. Afinal, o jogo roleta-russa consiste em deixar uma só bala no tambor de um

revólver, fazê-lo girar, apontar o cano da arma para si próprio ou para outrem, sem conhecer a posição exata da bala, e apertar o gatilho. É uma experiência radical e que atenta para a própria vida.

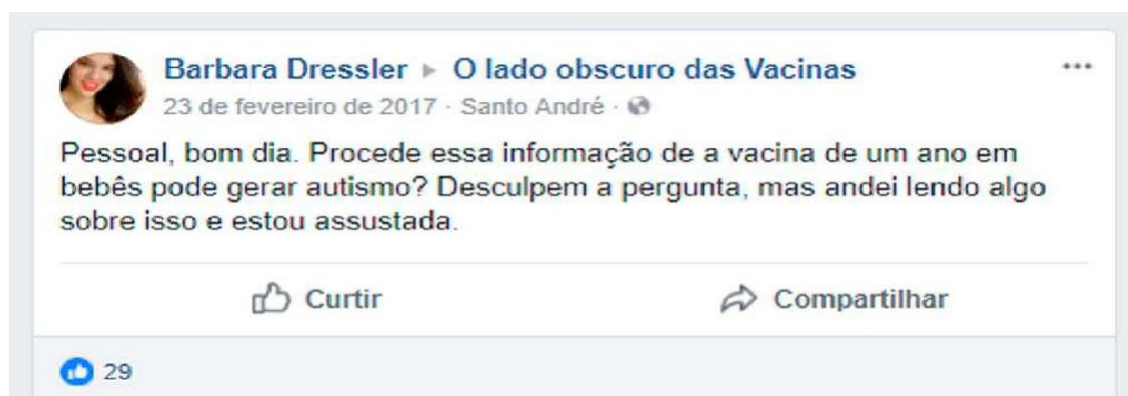
Nesse debate fica bastante evidente a questão do risco que pode ser tanto do ponto de vista subjetivo, imaginário, quanto aquele manifesto objetivamente, o risco visível, o que está presente, pois é real. O risco que se corre dentro e fora da rede, exemplificado no conceito aleatório de uma “**roleta-russa**” aonde sem nenhum critério o sujeito perde a vida ou a saúde que outrora dispunha.

Neste debate, a crítica mais contundente é em relação ao Estado, que por meio das suas políticas e amparado pela Justiça, priva as decisões que são tomadas no âmbito familiar com a justificativa de garantir a saúde dos corpos da população, produzindo resistência por parte de alguns. Nesse sentido, o Estado, antes de ser promotor ou responsável pela promoção da saúde das populações, é visto como empecilho para a autogestão da saúde.

Para Lupton (2000), os discursos da saúde pública e da promoção da saúde constroem posições de sujeito. As práticas de saúde pública e os discursos de promoção da saúde no contexto do neoliberalismo atual privilegiam um sujeito autorregulado, consciente de sua saúde, de classe média, racional, civilizado. E muito embora as táticas de governo relativas à promoção da saúde e à saúde pública tenham muito a oferecer àqueles que possuem capital econômico, cultural e simbólico apropriados, para outros, seus incitamentos passarão despercebidos, serão transformados ou sofrerão forte contestação. Se as pessoas não se sentem interpeladas pelos discursos governamentais, se não se reconhecem neles ou se não forem investidas por tais discursos, simplesmente, não responderão a eles. Nesse caso, não há resposta espontânea às críticas e apelos ao direito ao autocuidado. O direito à escolha nem pôde ter sido garantido judicialmente no caso relatado. Então, se o Estado (considerado pelos membros do grupo como opressor pela obrigatoriedade da vacinação, mas também por impedir o exercício do direito de liberdade individual. Há, portanto, aqui uma tensão: entre o direito do pai de solicitar judicialmente a vacinação do filho e o direito da mãe em decidir pela não vacinação. A polêmica se coloca pelo fato de a prática dominante de cuidado com a saúde passar pela vacinação, o que acarreta na decisão judicial em favor do pai. Parece haver aqui uma reconfiguração daquilo que Bauman (1998) identificou como o “mal-estar” da pós-modernidade. Se na modernidade o mal-estar estava associado à tensão entre o instinto e as pressões de controle social sobre as subjetividades em prol da civilidade, na contemporaneidade (ou na modernidade líquida, como preferiu o autor em muitos de seus escritos), estaríamos preferindo perder a segurança em busca de garantir mais liberdade. No caso dessa postagem, o direito à liberdade individual é

equiparado ao direito de escolher aquilo que é considerado como mais seguro contra os riscos de adoecimento. Assim, passa a caber mais ao indivíduo do que ao Estado a definição do que é seguro ou não, do que é proteção ou não; não permitir essa escolha é, nesse contexto, um cerceamento à liberdade individual e da responsabilidade maternal, no caso.

Imagem 16 – Autismo¹⁴



Fonte: A autora (2018)

O quarto enunciado mais comentado, também em forma de pergunta, provocou 113 respostas diretas, além de produzir muitos outros comentários a partir dessas respostas. A pergunta versa sobre a relação entre a vacinação e autismo, assunto polêmico e bastante citado pelo grupo de um modo geral. Quando Barbara diz “**desculpem a pergunta**”, demonstra uma certa cerimônia, polidez, o que produz um efeito não só de respeito, mas de receio em perguntar algo óbvio e ser chamada atenção por isso. Pode ser que a intenção tenha sido a de preservar a sua “face”, no sentido de identidade, pedindo desculpas antecipadamente. Outra interpretação possível é a de que ela já teria identificado uma baixa flexibilidade do grupo em relação opiniões contrárias.

Quando a usuária diz “**andei lendo algo sobre isso**”, ela não é específica, não materializa com evidências a sua pergunta – hábito característico do grupo. Ela finaliza expressando e compartilhando o que sente (“**estou assustada**”), o que pode ser interpretado, também, como um pedido de ajuda, conseqüentemente, atuando como reforço no engajamento de respostas e apoio dos demais.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1832071543702125>

Enunciado 4.1: “É a tríplice viral que tem essa **fama**. Digo fama pq nenhum **artigo científico** comprova, mas tem mães que dizem que foi a vacina. Tem que **pesquisar** para **decidir dar ou não**” (Fabiana Salacar).

Enunciado 4.2: “Vc vai **dar no seu bebê?**” (Elisete Marcolino).

Enunciado 4.3: “Não **to com vontade** não Elisete Marcolino....Eu **não** conversei com o **pediatra** dele, vou levar quando tiver perto de fazer um ano, para ter uma explicação. (...) mesma coisa da pólio de gotas que pode causar paralisia. A **pólio esta extinta**, então **não** tem necessidade” (Fabiana Salacar).

Enunciado 4.4: “tem ótimos documentários sobre vacinação para **você** tirar **as própria** conclusões” (Alex Mymore). Esse enunciado gerou 12 respostas e 4 publicações de vídeos.

Enunciado 4.5: “ Há mais de 30 anos atras havia 1 autista para cada 10 mil nascidos. (...) Hoje a cada 50 crianças nascidas, 1 desenvolve alergia alimentar + disfunção sensorial, dificuldades sociais, distúrbio na fala, distúrbio do sono + TOCs + doenças gastrointestinais = AUTISMO. **O autismo é este Combo que os Metais pesados entregam de presente para a Família da criança**” (Si Soares).

No enunciado 4.1 a palavra “**fama**” trabalha a condição do que é conhecido ou foi atribuído por muitas pessoas. Faz relação com a notoriedade, com a opinião pública construída sobre um assunto, podendo essa ser boa ou má. Nesse caso, “**fama**” se relaciona com a reputação da tríplice viral. A usuária justifica o uso da palavra “fama” por não haver “**artigo científico**” publicado, mas baseia-se na experiência de outras mães, deixando a responsabilidade da decisão para a pessoa.

Nos enunciados 4.2 e 4.3, funciona, mais uma vez, a evidência de que as partes mais interessadas são as mães (“vc vai **dar no seu bebê?**”). As respostas são bem direta e triviais: “**não to com vontade** não Elisete Marcolino”. Justifica-se que a vacina da pólio “**está extinta**”, logo, não se vê necessidade.

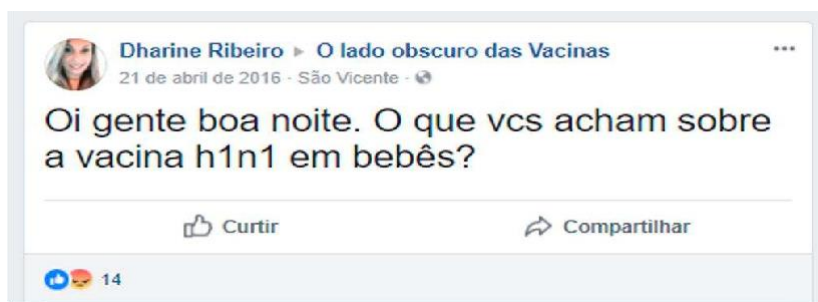
No enunciado 4.4, na frase “para **você** tirar **as própria** conclusões” funciona um encorajamento para que o sujeito tome sua decisão, reforçando sua autonomia. Nessa afirmativa, a própria pessoa teria condições de analisar algo a partir das informações disponíveis e “**tirar**” as “**próprias conclusões**” sem precisar da opinião dos demais. Isto é, teria todas as

condições de empreender e decidir sobre a própria vida e de seus familiares.

Enunciado 4.5, a afirmação “**Combo** [de] Metais pesados” refere-se ao resultante do conjunto de substâncias tóxicas que seriam, enfim, “**entregues de presente**”, expressão que produz conotação sarcástica, uma vez que não é o tipo de agrado que “a família [de qualquer] criança” gostaria de receber.

Há, ao longo desse debate, pontos de vistas diferentes sobre o que significa um estilo de vida “realmente” saudável. Para Bauman (1998), a sociedade atual poderia ser classificada como uma modernidade líquida em substituição ao conceito de pós-moderna, ou contemporânea, que pensa a curto prazo e assume um comportamento individualizado, com baixa interação social e engajamento, especialmente no que diz respeito às questões coletivas. Segundo ele, o próprio mercado teria a função de desregular e desordenar as estruturas institucionalizadas (e politizadas), sendo movido pela lógica dos interesses econômicos. Em falas do tipo “**cabe a você mesmo tirar as próprias conclusões**”, há uma fala de reforço dirigida ao sujeito contemporâneo para que ele construa e gerencie a si mesmo, como se fosse uma empresa a ser “administrada”. Isso pode gerar angústia e insegurança, o que localizamos nas falas de medo e de pedidos de ajuda para o seu caso específico, que vai além da dimensão da autoajuda. O sujeito quer dividir a sua responsabilidade com alguém, de preferência com alguém que tenha condições semelhantes as suas, que ocupe, socialmente, a mesma posição de sujeito, lugar de fala – nesse caso, usual o lugar de mãe, o que a torna confiável ao olhar de outras mulheres.

Refletir sobre a pós-modernidade de Bauman (1998) ou sobre a modernidade tardia em Giddens (1991) inclui analisar o estilo, os costumes, os hábitos de vida e de consumo: a própria organização social que vigora nos dias de hoje. A condição da modernidade (tardia) quebra a lógica de um enredo linear da história, com passado definido e futuro previsível, instaurando uma pluralidade de reivindicações heterogêneas, sobre as quais nem a ciência tem garantias. Tais mudanças alteram “algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana” (GIDDENS, 2011, p. 14), consequência do ritmo e do escopo que as novas tecnologias imprimiram nas instituições modernas, introduzindo novas formas de relacionamento. Alguns desencaixes se dão através das próprias instituições, pois algumas formações do jeito deixam de fazer sentido do modo como foram concebidas, ao mesmo tempo que se interligam às práticas locais, às relações globalizadas, livres de territórios físicos, e que igualmente interferem na vida cotidiana, nas bases de confiança, promovendo outros “reencaixes” com novas concepções de tempo e lugar, postulando novas questões.

Imagem 17 – Enunciante buscando mais informações sobre H1N1¹⁵

Fonte: A autora (2018)

O enunciado, mais uma vez em formato de pergunta, teve 108 comentários. O verbo “**achar**” significa perguntar o que as pessoas pensam sobre a referida vacina. Não deixa de ser, também, um pedido, autorização para que os demais deem a sua opinião sobre a aplicação da vacina H1N1 em bebês. Por análise feita anterior, já sabemos que a pessoa que enuncia é uma mãe.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

Enunciado 5.1: “**LIXO**” (Ronaldo Paula)

Enunciado 5.2: “E **naum** quero ser **responsavel** por **influenciar** ninguem. Mas, vejam bem: tenho meu **filhote autista, e a irma neurotípica** (normal) mas ele **acabou sendo cobaia para ela (sentido figurado)** Naum participo de **campanha** nenhuma... Essas ainda **mto insistentes mto menos**. Nosso dever é olhar por nossos filhos e cuidar” (Riquely Contessoto)

Enunciado 5.3: “Por isso vou repetir: **cada pessoa faz o q considera melhor para os filhos...** Mas eu considero que as campanhas e as **vacinas são levianas, inconsequente e puramente comerciais...** Soi da **area da saúde** e considerava **vacinação um ato de amor...** Depois de tudo e de acordo como vivemos aqui em casa, **naum mais!** Abraços a todos... Naum quero **gerar polemica** de forma alguma...” (Riquely Contessoto)

Enunciado 5.4: “Enfim, para meu gosto, jamais vacinaria minha filha, mas para a idade escolar,

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1703051029937511>

existe a obrigatoriedade... Se eu naum cumprir, sou presa. Mas, sendo flexível (pq fui obrigada) posterguei enquanto pude... Mas consegui esperar ate os 3 anos. Mas te juro... Eu ainda espero que é possível que aconteça... E sofro diariamente. Mas, se vc tem segurança, vacine seus filhos. Naum existe base científica para a minha suspeita... So existe intuição de mãe. Deus te abençoe” (Riquely Contessoto).

No enunciado 5.1, a resposta “**LIXO**” em letras maiúsculas resume o que a pessoa pensa sobre a vacinação: algo sem valor, sem utilidade e que se deve jogar fora para que o ambiente (ou corpo, nesse caso) fiquem saudáveis e limpos.

No enunciado 5.2, a afirmação do tipo “**não quero influenciar ninguém**”, atua na lógica de não responsabilidade sobre a ação do outro e chama atenção para o fato de o filho vacinado ter sido, sem querer, “**cobaia**” do outro, pois seria como se ele tivesse servido “de experimento” (teste) para o filho mais novo. Observamos, inclusive, ao que clama pela ética nessa afirmação. Finalmente, no mesmo enunciado, há um destaque para não participar de campanhas, especialmente aquelas que a usuária considera “**muito insistentes**”, porque, provavelmente por isso, gerariam menos confiança. No senso comum, “aquilo que é bom, fala por si”, logo a insistência demonstraria uma fragilidade das campanhas.

No enunciado 5.3, quando se diz que “**vacinas são levianas, inconsequente e puramente comerciais...**”, entende-se que as vacinas não são confiáveis, porque as motivações para a vacinação não são legítimas. Podemos inferir isso pelo emprego do termo “**levianas**”, algo como imprudente, que reitera o caráter estritamente superficial e comercial, ao contrário do que seria esperado de uma política de governo. O enunciado é finalizado com um relato pessoal bastante emocional que demonstra uma reversão de expectativas, pois já a usuária confessa que já considerou a “**vacinação um ato de amor**”, o que demonstra profunda conexão emocional, que se transforma em uma grande decepção – “aqui em casa, **naum mais!** Abraços a todos...”. Finalmente, mesmo trazendo esse relato pessoal de forma bastante contundente, reitera afirmando “naum quero **gerar polemica** de forma alguma...”, deixando no ar a pergunta: será que não pretende mesmo?

Enunciado 5.4, a frase “**para meu gosto**, jamais vacinaria minha filha (...) **mas, existe a obrigatoriedade**” estabelece um contraponto com o clássico “querer e poder”: o que eu gosto, prefiro, *versus* o que eu me sinto obrigada a fazer para não pagar a consequência – “**se eu naum cumprir, sou presa**”. Na frase “**sendo flexível (pq fui obrigada)**”, a usuária deixa claro que não por vontade, mas por não encontrar outro meio. Sentiu-se acuada. A frase “**sofro diariamente**” remonta a esses sentimentos de impotência, de insegurança, medo de que algo

de ruim aconteça. Ela finaliza: “se vc **tem segurança**, vacine seus filhos”, retomando a questão de ter ou não segurança em algo, certeza. A passagem que fecha o enunciado (“naum existe base científica para a minha **suspeita**... So existe **intuição** de **mãe. Deus te abençoe**”) aponta para um sentimento que não se pode comprovar cientificamente, mas que expressa um desconforto latente, um mal-estar, um sentimento de culpa.

Como vimos, o risco tornou-se um conceito-chave nas sociedades ocidentais contemporâneas. As pessoas são encorajadas a procurar informações sobre o risco e a tomarem medidas para evitarem ao máximo qualquer tipo de exposição. Cabe enfatizar que a análise, a avaliação e o gerenciamento de riscos são indústrias em constante expansão em diversos aspectos e ramos que movimentam a economia mundial. Portanto, vale ressaltar que há interesse na manutenção da cultura do risco e na venda de soluções.

Assim, determinados fatores que afetavam apenas um indivíduo foram se tornando riscos mais amplos (envolvendo determinados grupos ou populações). Isto é, foram sistematicamente causados e estatística e objetivamente descritos. Nesse sentido, eventos previsíveis, mensuráveis e controláveis passam a ser da competência e da responsabilidade de todos.

Lupton (1999) acredita que essa concepção de risco representa uma nova maneira de ver o mundo e suas manifestações caóticas, bem como suas contingências e incertezas – porque se assume que resultados ou desfechos inesperados podem ser consequências da ação humana. A questão do risco deixa, então, de estar associada necessariamente ao acaso, ao imponderável, e passa a ser da ordem do previsível, calculável e, até mesmo, evitável pelas escolhas individuais, ainda que nada disso seja uma garantia. Afinal, o princípio da incerteza rege o risco. Assim, o tecido social é marcado por discursos dessa natureza, transferindo a culpa pelas doenças e problemas ao próprio indivíduo que deixa de ter “um estilo de risco” para assumir “um estilo de vida” tido como saudável dentro de uma determinada comunidade ou grupo.

Nesse sentido, em algumas medidas, como observa Castiel (1999), a noção de risco é uma atualização secular da de pecado. Faz, portanto, a ressignificação da culpa que comparece muitas vezes neste debate ao misturar aspectos subjetivos, tais como: intuição, Deus, fé, confiança com sentimento de medo e insegurança. A palavra de ordem é não “tomar como verdade” aquilo que te “vendem”, mas sim, o que o próprio sujeito experimenta enquanto verdade. Mais uma vez, funcionando a ideia de que decisão e risco são pessoais e intransferíveis, dentro da lógica neoliberal.

5.3. ANÁLISE DOS ENUNCIADOS MAIS COMENTADOS: OS CINCO ÚLTIMOS

Imagem 18 – Advogada solicita artigos científicos para embasar defesa de sua cliente ¹⁶



Fonte: A autora (2018)

Essa postagem teve 104 comentários diretos. Ela foi feita por uma mãe advogada que defende a mãe do filho autista, supostamente ocasionado pela vacina. Podemos afirmar isso, pois ambos perfis pessoais foram analisados anteriormente na pesquisa sobre as identidades, para identificar as posições de sujeito relacionadas aos temas mais comentados. A demanda é clara: a advogada está preparando uma defesa para o Conselho Tutelar/Ministério público e precisa de evidências científicas – estudos e artigos – para embasar a sua defesa. É a única postagem feita por um profissional.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

Enunciado 6.1: “Estou fazendo o **meu** TCC sobre isso e te **falo com propriedade** que é muito difícil você achar estudos científicos que falem sobre isso com **todas as letras**...Mas procura por “Nelson Vaz”, ele é um imunologista e fala bastante a respeito” (Mariane Azevedo).

Enunciado 6.2: “Mariane Azevedo...quando concluíres **gostaria de ler o seu trabalho**” (Hemmile Anzini).

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1777155389193741>

Enunciado 6.3: “Procure por **Jose Garrote Dorea** (...) ele é brasileiro e referência do movimento **antivacinação nos EUAS e estuda isso há décadas**” (Pamela Aruma)

Enunciado 6.4: “**22 estudos científicos** que provam que vacinas podem causar autismo¹. Um estudo publicado na revista *Annals of Epidemiology* mostrou que dar a vacina contra a hepatite B para meninos recém-nascidos pode triplicar o risco de desenvolver um transtorno do espectro do autismo em comparação com os rapazes que não foram vacinados como recém-nascidos. A pesquisa foi realizada em Stony Brook University Medical Center, em Nova Iorque. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21058170>” (Leandro Santos).

Enunciado 6.5: “Hemmile, se ela é cristã, é contra o aborto. A Bíblia fala sobre a não comunicação com as obras das trevas. Vamos lá: a hep B foi feita a partir de linhas de células diploides de feto humano abortado. Os nomes das linhas mais comuns são MRC-5, RA 27/3 e WI-38... há artigos da Fiocruz inclusive, constatando isso. No site ATCC, em inglês, por exemplo, há a descrição dos fetos (etnia, idade gestacional, gênero...).

Enunciado 6.6: “Eu queria saber como ela conseguiu saber q a causa é exatamente essa. Acabamos de pegar o diagnóstico do meu filho com TEA (autismo) e não queria piorar a situação dele com essas porcarias mas preciso de provas” (Isa Fontes).

No enunciado 6.7: “Tem um documentário no YouTube, do Bill gates falando sobre a vacinação em massa, e inclusive a dizimação de milhares de pessoas através das vacinas. Tem também um do Robert de Niro o Vaxxed, com relatos inclusiva de pessoas que trabalharam na fabricação das vacinas” (Janny Lennon).

No enunciado 6.1, em 1 “estudos **científicos** que falem sobre isso com **todas as letras**”, demonstra-se que alguma relação entre vacinação e eventos adversos pode até ser sugerida, mas não há nada de concreto é afirmado. O “todas as letras” significa que não há nada contundente publicado. Mais uma vez, assinala-se a experiência pessoal, tomando-a como referência, tal como nas seguintes frases: “**meu TCC** sobre isso e **te falo com propriedade**”, dando materialidade ao enunciado.

No enunciado 6.2, a confirmação de interesse na experiência pessoal e nas investigações feitas por membros do grupo (pesquisas acadêmicas ou não) são expressas em manifestações

como **“gostaria de ler o seu trabalho”**.

No enunciado 6.3, todo debate está pautado na troca de experiências entre o grupo. Com dicas de nomes e referências, tais como: **“Jose Garrote Dorea (...) ele é brasileiro e referência do movimento *antivacinação nos EUAS e estuda isso há décadas*”**.

Do mesmo modo, o enunciado 6.4 também apresenta diferentes referências, tais como **“22 estudos científicos”** com citações de **“estudo publicado na revista *Annals of Epidemiology*”**, sendo a **“pesquisa foi realizada em Stony Brook University Medical Center, em Nova Iorque”**.

No enunciado 6.5, coloca-se em cena a rara relação entre vacinação e religião, suscitando o fato de algumas vacinas serem produzidas a partir da imortalização de fetos abortados – **“se ela é *cristã, é contra o aborto*. A Bíblia fala sobre a *não comunicação* com as *obras das trevas*”**. Relaciona-se aí vacinação com coisa do inferno, uma vez que algumas vacinas são feitas a partir de tecidos provenientes de fetos humanos abortados, prática condenada pela igreja católica.

Esse debate foi todo construído em cima de intertextos e interdiscursos que são utilizados pelos membros do grupo, formando um “mosaico” compartilhado de informações, em que cada membro espontaneamente coloca uma “peça” com a intenção de promover a gestão da informação e do conhecimento, contribuindo, ainda, para a construção da defesa da advogada. Isso se dá de forma natural, não regrada, mas é motivado pelo sentido de urgência manifestado pelo enunciante, somado à necessidade de receber documentos precisos que justifiquem a não vacinação.

Isso reitera que o discurso é sempre fundante, pois, invariavelmente, filia-se a outros ditos anteriores, em uma conexão direta com o acúmulo de saberes de uma cultura, de uma instituição e da sociedade. Um grupo antivacinação na maior rede social do mundo, além de fazer a mediação entre vários entes, é também um lugar onde jorram os fluxos sociais dos discursos, tanto dentro quanto fora da rede na qual se inserem. Assim sendo, os textos apresentados, independentemente das linguagens utilizadas, estão em interação contínua, onde a cultura dominante funcionaria como uma pirâmide em que, em determinadas circunstâncias, alguns temas ocupam o vértice em alternância.

A partir desse entendimento, cabe analisar neste debate quais foram as condições que permitiram ou não o aparecimento de certos enunciados e quais seriam as estratégias e os interesses que estão por trás e que ditam as formações discursivas para que certos saberes entrem ou não em circulação. Por exemplo, quando o grupo trata da vacina em relação ao uso feito pelos seus familiares, essas “falas” assumem contornos biomédicos, mas como neste caso,

a demanda é matéria jurídica, isto é, pretende-se realizar uma defesa a partir das falas, o compartilhamento de documentos formais, por exemplo, é o resultado esperado. E tais apropriações imprimem novos sentidos e significados à “mesma” matéria, pois dependendo do quão citada e interdisciplinar o tema da imunização for, mais presente estará no debate, circulará em mais espaços e, conseqüentemente, ganhará novos estatutos, dimensões e poder. O mesmo se dá para a vacinação na medida em que conquista novos territórios e pessoas. E trabalhando com a noção de campo enunciativo, lugar onde os discursos se dão, existem ainda as formas de coexistências particulares, o campo de presença. Para Foucault (2008), ao estabelecer campo, automaticamente alguma ordem é instaurada. Da mesma forma, existe o campo de concomitância, que é constituído por enunciados de outros discursos e domínios, mas que, de alguma forma, se relacionam com os discursos presentes.

Conforme já dito, os discursos se relacionam interdiscursivamente com outros dispositivos textuais e formas de linguagem que circulam nas sociedades em seus mais diversos territórios, épocas e contextos. Nas interdiscursividades, são verificados quais discursos foram combinados para a construção de novos, porém, preocupando-se menos com as origens e mais com as suas fontes múltiplas, teias, inspirações e analisando o nexos que mostra o contexto em que este se inscreve enquanto texto, documento.

Imagem 19 – Busca por informações/Medo¹⁷



Fonte: A autora (2018)

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1705757913000156>

Esse enunciado teve 90 comentários diretos dirigidos a essa mãe, que demonstrou medo em dar a vacina de H1N1 (popularmente conhecida como “gripe suína”) em sua filha de 10 meses. O que está em jogo é a comparação entre os níveis de risco que a mesma teria que assumir, podendo ser eles: simplesmente não vacinar e contrair a doença; ser condenada socialmente por ter privado o filho de um benefício social e, por isso, sofrer algum tipo de punição (real ou imaginária); dar a vacina e sofrer algum tipo de evento adverso, sintetizado na frase “**estou ente a cruz e a espada**”, o que significa: não tenho alternativas, ou tenho duas que não me servem. A usuária finaliza endereçando a responsabilidade aos demais, com a seguinte frase: “**dar ou não dar?**”, que, em uma medida, autoriza a manifestação de opiniões e ainda transfere – mesmo que temporariamente – a responsabilidade da decisão aos demais.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

Enunciado 7.1: “Eu dei pra **minha** filha e **ela esta com febre há 8 dias**, sem diagnostico” (Ale Leão Salvioni).

Enunciado 7.2 “:(espero que **melhore** logo” (Valdelice Delis).

Enunciado 7.3: “Essas **vacinas ferram com o sistema imunológico**. Kaloba costuma resolver essa febre. Já ouviu falar? Ele reforça as defesas do organismo Ale” (Alessandra Assunção)

Enunciado 7.4: “Vamos transformar os seres em pessoas **saudáveis, forte e mentalmente sadios, diferente do que querem de nós**” (Mariana Mazur Carvalho).

Enunciado 7.5 “Todo esse alvoroço não passa de uma forma de **terror sanitário**, não entrem nessa ilusão!” (Simone Rosa).

No enunciado 7.1, aparece, novamente, o aspecto autoajuda na apresentação de uma situação particular, que podemos identificar em “**minha filha** está com febre a vários dias”. Febre, aliás, é um tema sempre controverso.

No enunciado 7.2, utiliza-se uma carinha triste para demonstrar solidariedade; outras postagens com teor semelhante foram realizadas.

No enunciado 7.3, afirma-se que “**vacinas prejudicam o sistema imunológico**”. A alternativa natural seria o uso de “**kaloba**”, uma dica para reforço do organismo.

No enunciado 7.4, funciona a ideia de que o sistema pretende ter uma população “**mentalmente**” enfraquecida. Ser “**mentalmente sadio**” seria o oposto do que o sistema impõe às pessoas.

O enunciado 7.5 alerta para o “**terror sanitário**” criado pelos dirigentes e que, na verdade, seria uma ilusão.

Conforme já visto anteriormente, nesse fluxo de discursos está presente, mais uma vez, a questão do risco, do medo e da ausência de confiança nos governantes. Dialogando com os conceitos de Ulrich Beck (2011), podemos enxergar nos comentários publicados que a nossa configuração social estaria desembocando na “sociedade do consumo do medo”, que opera discretamente por dentro da trama societária e tensiona as relações sociais. O sentimento de medo aparece em muitas falas: vacinar seria arriscado ou não? Essa é uma temática permanente no grupo. Na convicção de uns (como Isma, a administradora), a escolha mais confiável estaria em seguir o que recomenda a maioria no grupo: a não vacinação; mas a própria mãe (enunciante) traz para o debate a incerteza e se apoia no caráter autoajuda do grupo, compartilhando o seu medo e também reunindo forças (e informações) para “tomar a melhor decisão”. Uma outra fala bastante usual é “pesquise, dialogue e tome por si mesmo a sua própria decisão”. Assim sendo, o risco, apesar de coletivo, invisível e constante, deve ser administrado individualmente, o que não deixa de ser uma lógica bastante perversa e neoliberal. O sujeito contemporâneo deve perceber o próprio corpo como uma “empresa” que precisa ser bem administrada, cabendo a ele “empreender os recursos” da melhor maneira se quiser ter os melhores resultados. Ter ou não saúde dependerá, portanto, da qualidade da sua performance, sendo a condição de saúde (sua e da família) algo da sua inteira responsabilidade, podendo, a depender do seu desempenho, fracassar ou prosperar.

Imagem 20 – Link compartilhado em defesa da amamentação¹⁸



Fonte: A autora (2018)

Essa postagem teve 89 comentários diretos, sendo um deles matéria compartilhada pela administradora do grupo. Trata-se de uma notícia sobre uma mãe de 52 anos que seguiu amamentando a sua filha de seis anos, por defender que “é o seu direito natural e necessário”. A filha teria nunca recebido vacinas, pois a mãe entenderia a amamentação como a melhor maneira de imunizá-la e de fortalecer o organismo e garantir mais saúde. Essa postagem oscila entre mensagens de apoio pela amamentação e críticas quanto a necessidade de desmame da criança, formação da dentição e amadurecimento emocional.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

¹⁸ Disponível em: https://www.facebook.com/15411142327_97859/posts/1847844255458187

Enunciado 8.1: “Não é natural uma criança de 6 anos mamando no peito” (Lilian Cipriano).

Enunciado 8.2: “Com todo respeito, você deveria se informar antes de dizer isso. É super natural. Não é natural a criança ser retirada do peito antes do tempo (...) A OMS recomenda amamentação até dois anos OU MAIS” (Debora Cancellieri).

Enunciado 8.3: “Débora Cancellieri, tbm com todo respeito vc está redondamente equivocada. A OMS recomenda amamentação exclusiva até os 6 MESES e complementar até os 2 ANOS. Até os 6 anos pode inclusive ser prejudicial à saúde emocional da criança” (Lilian Cipriano).

Enunciado 8.4: “Haha putz. Vc é a demonstração que o ser humano tem que evoluir mto. Vc precisa aprender a pesquisar ! (...) Esse texto que vc pegou pode ter cortado. Vc não sabe o que diz (...) Como sempre ridículo é seu preconceito” (Debora Cancellieri).

Enunciado 8.5: “ Kkkkk. Eu amamentei 6 anos e meio. O peito é meu. Meu corpo, minhas regras. Não é moda falar assim agora?? Que seja para amamentar e não para abortar!! Kkk ridículo p quem?? Dane-se a sociedade. com seus padrões entrando em colapso. Kkkkk” (Si Soares)

No enunciado 8.1, está em jogo, novamente, a questão do que é mais saudável, do que “**é natural**” ou não. Faz-se um juízo de valores e percepções sobre como obter mais saúde e outras questões referentes ao estilo de vida saudável.

No enunciado 8.2, a “OMS” é citada como tentativa de qualificar o debate a partir de uma recomendação de uma organização oficial, que pode ser interpretada das mais variadas formas.

No enunciado 8.3, corrige-se a informação trazida pelo enunciado 8.2, apresentando, então, a informação que seria correta – “amamentação **exclusiva** até os **6 MESES** e **complementar** até os **2 ANOS**”; a utilização das letras maiúsculas enfatiza os períodos que seriam os recomendáveis.

O enunciado 8.4 produz um efeito de ironia presente na tensão entre dois membros do grupo. O enunciante desconsidera o ponto de vista do seu interlocutor (“**Vc não sabe o que diz**”) e desqualifica sua fala (“ridículo é seu preconceito”).

No enunciado 8.5, a referência à frase “**meu corpo, minhas regras**” traça um paralelo

entre amamentação e os direitos da mulher sobre o próprio corpo. Movimento ainda presente na frase “dane-se a sociedade com seus padrões entrando em colapso. Kkkkk”, em que se reforça o descrédito no sistema.

A tônica desse debate são as percepções sobre quais seriam os estilos de vida aceitos como saudáveis, dividindo o debate entre o que é uma escolha social ou escolhas meramente individuais. Neste debate, o foco estaria no período que seria razoável uma mãe amamentar, independente das circunstâncias de vida. Para uns seria louvável que uma criança pudesse amamentar até os seis anos de vida, enquanto que para outros, isso seria excessivo, pois intensificaria demasiadamente a conexão entre mãe e filho, criando laços nocivos de codependência, que não ajudariam o desenvolvimento autônomo da criança. Enquanto para outros, a amamentação prolongada traria justamente o fortalecimento do sistema imunológico, da auto-confiança, contribuindo na preparação para a vida adulta.

De acordo com Crawford, aqueles que adotam um estilo de vida mais “natural” e promotor de saúde, inversamente podem atuar como um novo elemento de desigualdade social: entre aqueles que efetivamente podem consumir determinados produtos e serviços considerados “bons para a saúde” e aqueles que não podem fazê-lo, pois são caros demais. Esse mesmo questionamento pode ser aplicado na amamentação prolongada. Na prática, quantas mães teriam disponibilidade para fazê-lo? Assim, podemos dizer que a retórica da escolha assumiu com força o sentido dominante da promoção da saúde. No decorrer do processo, parece servir à ilusão de que podemos controlar nossa própria existência individualmente e que, adotando ações individuais para melhorar a saúde, podemos satisfazer as mais variadas e complexas necessidades.

Ainda segundo Crawford (1980), os entusiastas da saúde, aqueles que proclamam e advogam um estilo de vida saudável, seriam majoritariamente da classe média. Embora a saúde ocupacional e a segurança do trabalho tenham gerado um grande interesse nas últimas décadas, a preocupação corrente com saúde pessoal exhibe um selo distintivo – embora não exclusivo – da classe média. Isso é particularmente verdadeiro em dois novos movimentos de saúde que receberam considerável atenção popular: saúde holística e autocuidado.

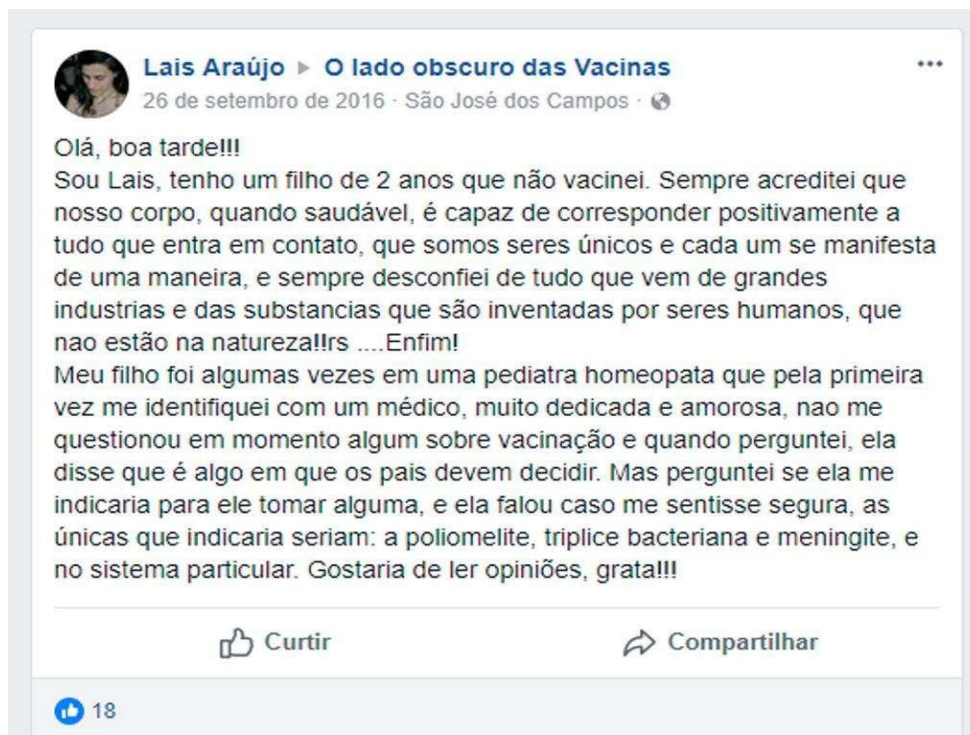
A saúde holística diz respeito aos movimentos de combate à medicina ortodoxa em busca de tratamentos e terapias alternativas e que muitas vezes se mescla com práticas religiosas. Esse discurso está presente no grupo e atravessa alguns debates. Enquanto os movimentos de autocuidado ou de ajuda mútua buscam reduzir a confiança dos indivíduos nos profissionais médicos e substituí-los por atividades de indivíduos e grupos com objetivo de melhorar a saúde, lidando com doenças crônicas, adquirindo habilidades diagnósticas e

terapêuticas, e adotando práticas de prevenção de doenças. Tais movimentos estão orientados para transferir a competência médica para o indivíduo. O autocuidado é um processo pelo qual um leigo pode funcionar a seu próprio favor na promoção de saúde, na prevenção e detecção da doença e no tratamento no nível do recurso primário de saúde no sistema de saúde. Ambos igualmente presentes e recorrentes nas falas assinaladas.

A questão da amamentação está bastante presente nessa discussão. Há um forte debate sobre o protagonismo da mãe na proteção da saúde dos filhos de uma maneira mais natural e, portanto, saudável. Com relação aos períodos ideais de aleitamento, por exemplo, é notável que muitas mulheres discordaram da recomendação da OMS, que é também a mesma da do Ministério da Saúde, de amamentar até 2 anos de idade.

De acordo com Kalil, Ferraz e Aguiar (2014, p.13), as razões apontadas para se discordar dessa orientação estão relacionadas “à saúde nutricional e à socialização do bebê; à autonomia e vida social da mãe; à iniciativa da própria criança em desmamar antes da idade expressa na campanha; e a outras formas de reforçar a relação entre mãe e filho que não somente a amamentação”. Na postagem em análise, fica clara que a contrariedade está presente especialmente na questão da socialização, da maturidade emocional e da autonomia da criança. A abordagem em relação à autonomia da mulher é apropriada de modo a ressignificar o discurso feminista sintetizado no lema “meu corpo, minhas regras” com ironia. Nessa prática de suavização do debate política da autonomia da mulher sobre seu próprio corpo, entende-se que a amamentação da criança por mais de dois anos é uma questão de escolha da mãe para proteger melhor sua filha e nesse caso isso não um absurdo: afinal, seu corpo, suas regras.

Como observam Kalil e Aguiar (2016), as políticas públicas de saúde em relação à alimentação, bem como os materiais destinados às mulheres, geralmente, objetificam a mulher no processo de amamentação e desmame, deixando transparecer a ideia de que “é seu dever atuar no sentido da conquista da saúde física, mental e emocional de seus filhos”. Não é assim que se dá na maioria dos enunciados presentes nessa publicação. É positivada a objetivação da mãe como promotora da saúde dos filhos pela retórica da escolha individual: “O peito é meu”. A mesma participante do grupo, Debora Cancellieri, acredita que é melhor mulher aquela que amamenta do que aquela que aborta. Para ela, o lema “meu corpo, minhas regras” deveriam servir “para [a mulher] amamentar e não para abortar”.

Imagem 21 – Testemunho de uma mãe¹⁹

Fonte: A autora (2018)

A postagem teve 86 comentários diretos. Traz a fala de uma mãe que aposta no estilo de vida saudável como forma de prevenir doenças e ter mais saúde, optando pela prevenção em vias de regra. É explícita ao dizer que “sempre **desconfiou de tudo** que vem de **grandes indústrias** (...) inventadas **por seres humanos**”, sendo estes pouco confiáveis, complementando que desconfia das substâncias – criadas pela indústria farmacêutica - que “**não estão na natureza!!!**”. Isto é, que provavelmente foram feitas artificialmente em laboratórios. Afirmo que “**pela primeira vez**”, não deixa de ser um marco importante, se identificou com um médico que considera a possibilidade de os pais decidirem se devem vacinar ou não os seus filhos. Em resposta, o referido médico sugeriu a vacinação da “poliomielite, tríplice bacteriana e meningite, no sistema particular”, mas ainda assim, ela gostaria de ouvir outras opiniões do grupo.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1762754943967119>

Enunciado 9.1: “Absurdo. A gente custa a ter **alguma coisa q presta nesse Brasil** e umas delas são as vacinas, aí vem o **brasileiro desmerecer**. Por isso que o Brasil não consegue mostrar seu valor. Para **o mundo que eu quero descer**. Mas o mercado de vacinas agradece ” (Ana Paula Silva)

Enunciado 9.2: “Bom, primeiro vacinas **não prestam** independentes se na rede particular ou pública!” (Isma de Sousa)

Enunciado 9.3: “Não, o mais interessante é o pensamento do povo **ser grato ao governo prá ser fudido** né? Tem lógica? (Isma de Sousa)

Enunciado 9.4: “ Sem comentários. Pior do que eu estava imaginando. **Povo doente** mesmo”. (Ana Paula Silva)

Enunciado 9.5 “Um tempo atrás também tive dúvidas entre **dar ou não dar algumas específicas**, mas eu e meu marido decidimos continuar com nossa linha de pensamento de **não dar nenhuma e apostar** na imunidade formada por **boa alimentação, pés descalços e outros**” (Vanessa Ajej)

Enunciado 9.6 “No Tô contigo .” (Humberto Moller)

No enunciado 9.1, a defesa de que as vacinas são uma das poucas coisas que funcionam no país e que alguns integrantes do grupo, entende-se os “brasileiros” não reconhecem esse bem social. Complementa com o “para o mundo que eu quero descer”, pois quem não vê salvação, ao desprezar o melhor que o país e o Governo tem a oferecer. Por fim, há uma ironia na afirmação “**o mercado de vacinas agradece**”, pois a rede pública (gratuita) seria substituída pela vacina dada na rede particular.

No enunciado 9.2, segundo Isma, “ **vacinas não prestam**” e isso independe se a rede é particular ou pública. Para ela, seria uma questão anterior, referente às vacinas.

No enunciado 9.3: Mais uma vez a administradora, fala contundente e linguajar mais agressivo, ao dizer que fica admirada com o povo “**ser grato ao governo prá ser fudido**”. Isto é, que não percebe o mal que as vacinas fazem, tomando como positivo aquilo que não o é.

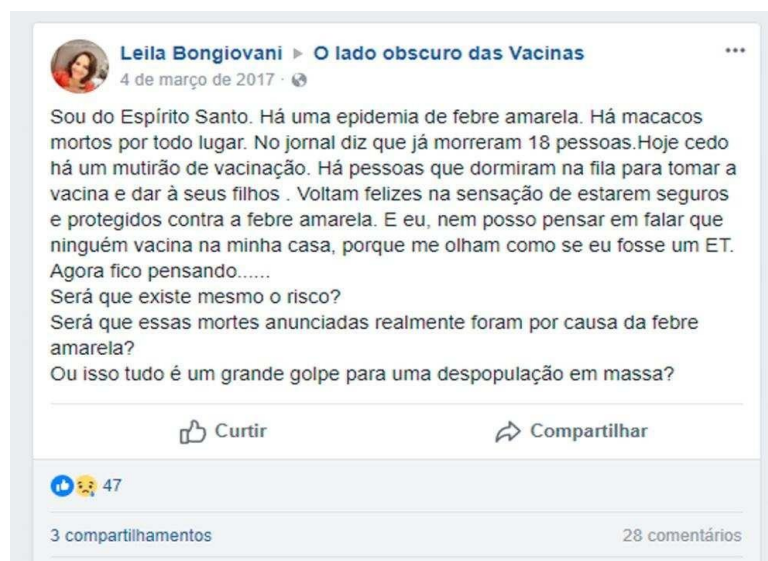
No enunciado 9.4: Se dá o embate de vozes, a afirmação contra vacinação, para Ana Paula que defende, só pode ser coisa de um “**povo doente mesmo**” que não ve os benéficos.

Acirrando pontos de vistas diferentes.

No enunciado 9.5: Novamente as afirmações pelo estilo de vida saudável, tais como: não dar nenhuma vacina e apostar na imunidade “formada por **boa alimentação, pés descalços e outros**”

No enunciado 9.6: O reforço ao pensamento crítico acima de qualquer coisa, presente na frase: “Parabéns pelo bom senso” e ainda: “cabeça foi **feita para ser usada**”. Que cabe a cada um tirar as suas próprias conclusões, que é outra máxima do grupo. Complementando: “É fácil sair **regurgitando as bobagens que a industria farmacêutica e os governos corruptos nos impõe**”. Que o caminho mais fácil seria da aceitação, sem nenhuma reflexão mais aprofundada. E desafia: “**Quero ver é pensar e refletir**” para além dos “muros” socialmente definidos que nos limitam de enxergar a realidade tal qual ela é.

Esse debate se assemelha a outros em muitos aspectos, mas faz a crítica especialmente a relação médico-paciente que é bastante presente. Tem surgido na sociedade contemporânea um novo tipo de paciente: o paciente expert. Segundo Garbin, Pereira Neto e Guilam (2008), trata-se de um paciente que busca informações sobre diagnósticos, doenças, sintomas, medicamentos e custos de internação e tratamento. O fato de ter acesso à quantidade de informações disponíveis na internet, independentemente de sua veracidade, pode fazer com que este paciente esteja potencialmente menos disposto a acatar passivamente as determinações médicas ou governamentais em relação à saúde. O paciente expert é, portanto, um consumidor especial dos serviços e produtos de saúde, pois detém informações que devem ser, pelo menos, levadas em consideração. Não é apenas um paciente informado, uma vez que ele se sente, de alguma forma, um entendido em um determinado assunto. Sendo assim, o paciente expert tem, portanto, condições potenciais de transformar a tradicional relação médico-paciente baseada na autoridade concentrada nas mãos do médico. Essa dimensão é bastante presente no grupo que estamos analisando. Os membros se consideram experts tanto pela experiência pessoal em relação à vacinação e a outros eventos relacionados ao processo de saúde-doença quanto pela intensa busca por informações (artigos, postagens, matérias, vídeos) na internet, em sites de busca e particularmente em grupos nas redes sociais sobre determinadas doenças e/ou comportamentos em saúde.

Imagem 22 – Mulher contesta risco real da Febre Amarela²⁰

Fonte: A autora (2018)

Essa postagem recebeu 80 comentários diretos, foi feita por Leila que narra o desequilíbrio e os transtornos ocasionados pela epidemia de febre amarela no Espírito Santo. Enquanto o jornal “ **diz**” que morreram 18 pessoas, ela demonstra não saber ao certo, se considera essa informação confiável. Assim, como o fato das pessoas voltarem para as suas casas felizes, com a “**sensação**” de dever cumprido e segurança, ela se pergunta se isso não é uma ilusão. Ela demonstra se sentir acuada, pois “**nem pode pensar em falar**” que em sua casa ninguém vacina. Há o medo da discriminação, ser tratada como um “**ET**”, alguém de “outro planeta”, um marginal. Por outro lado, demonstra incerteza quando diz “**agora fico pensando...**” complementando “**será que existe mesmo o risco**”? As mortes anunciadas “**realmente foram**” ocasionadas pela doença? Ou seria “**um grande golpe**”, (arquitetado por quem?) para dizimar populações? Enfim, há um enorme conflito interno a ser administrado.

Análise dos fluxos dos discursos mais significativos:

Enunciado 10.1: “Também sou do Estado. **Me vacino todo dia** com 20.000 uis de **vitamina d3**” (Jorge Gonçalves)

Enunciado 10.2: “Parece o fim do mundo. **As pessoas estão robotizadas**. Elas **nem**

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1835822153327064>

questionam mais nada, acredita em tudo que a mídia fala. Que loucura. Vontade de **sumir desse planeta com minha família**". (Kelly Valente)

Enunciado 10.3: "O governo sempre tem que manter sua população com algum medo. A mídia faz seu papel" (Aline Silva Dexheimer)

Enunciado 10.4: "Mosquitos transgênicos da Oxitec, os quais foram geneticamente modificados pela Fundação Rockefeller estão sendo soltos em várias cidades no Brasil. <http://www1.folha.uol.com.br/.../1596898-mosquito-da...Gerenciar>. [Mosquito da dengue geneticamente modificado será solto em Piracicaba](http://www1.folha.uol.com.br/.../1596898-mosquito-da...Gerenciar) WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR" (Paulo de Tarso)

Enunciado 10.5, "E precisam de um ambiente com menos predadores naturais para prosperarem e cumprirem seu objetivo. Uma vez que os mosquitos soltos são machos e não picam, porém seus filhos com seus genes modificados picam". (Paulo de Tarso)



Enunciado 10.6: " Isso me lembra Jurassik Park... alguma caca vem aí..." (Bia Rocha, p.)

Enunciado 10.7: "Paulo - a Oxitec precisa sobreviver e continuar empregando as pessoas que trabalham pra eles. A Zika ja nao e moda mais... entao a onda agora e febre amarela. No proximo ano sera febre roxa causada por algum tipo de mosca, talvez a mosca da banana" (Sueli Schmitt)

Enunciado 10.8: "Pense assim gente: a única razão pras vacinas existirem segundo o governo e que elas previnem doenças. Agora pensem nos hospitais públicos cheio de gente morrendo sem medico, sem aparelhos, sem camas decente... se o governo está tão interessado na saúde publica a ponto de obrigadas pessoas a se vacinarem, não e contraditório que esse mesmo

governo deixe as pessoas morrendo na fila do SUS ou no chão dos hospitais públicos?” (Sueli Schmitt)

Enunciado 10.10 “verdade...” (Bia Rocha) Enunciado 10.11 “Exatamente.” (Leila Bongiovani)
No enunciado 10.1: O trocadilho humorado que se “**vacina**” com vitamina D3.

No enunciado 10.2: As pessoas estão “**robotizadas**”, sem senso crítico, pois acreditam em **tudo que a mídia fala**”. Influência do discurso dominante, desconfiança no sistema, expresso no desejo de “**sumir do planeta com a família**”

No enunciado 10.3: Afirmação de que interessa ao governo “**manter sua população com algum medo**” que seriam os dispositivos de controle onde a **mídia “faria este papel”** funcionando como mais um dispositivo.

No enunciado 10.4, 10.5: O enunciado feito por Paulo é referente a uma matéria veiculada na grande mídia sobre mosquitos *Aedes aegypti*, geneticamente modificados para combater a dengue em São Paulo, correlacionando as questões de saúde atuais com as questões ambientais.

Seguindo com uma tirinha de humor, aonde a personagem diz que a “**febre amarela é transmitida por mosquitos**”, enquanto o outro responde que na cadeia alimentar, sapos e rãs comem os mosquitos, mas que por conta do desequilíbrio ambiental, relacionando com o desastre em Mariana, citado neste debate algumas vezes, não existem mais os predadores do mosquito da dengue. O curioso dessa tirinha é que sob o deck tem um sapo acompanhando o debate.

No enunciado 10.6: O medo é de tal ordem que uma pessoa diz, mesmo que de brincadeira, que o mais inusitado corre o risco de acontecer, citando o filme “**Jurassic Park**” onde os dinossauros, a natureza, se revolta contra os humanos.

No enunciado 10.7: Novamente os interesses econômicos “falam “ mais alto que as questões de saúde. “**Zika ja nao e moda mais**” já seria uma evidencia disso. A “**onda agora**” seria a febre amarela. Os fenômenos sendo socialmente produzidos. Seguido da ironia, na previsão “**no proximo ano sera febre roxa causada por algum tipo de mosca, talvez a mosca da banana**” para exemplificar que tais fenômenos são aleatórios e produzidos.

No enunciado 10.8: Novamente a incredibilidade do Governo o que impacta na percepção que a população tem sobre as políticas públicas que em boa parte das vezes, é construída em cima do que é veiculado na mídia. Exemplificando: “**pensem nos hospitais públicos cheio de gente morrendo sem medico, sem aparelhos, sem camas decente...**” e

como um governo comprometido poderia permitir tamanho descaso. Complementando, **“se o governo está tão interessado na saúde pública a ponto de obrigadas pessoas a se vacinarem, não é contraditório que esse mesmo governo deixe as pessoas morrendo na fila do SUS ou no chão dos hospitais públicos?”** Essa é uma evidencia e uma forte insatisfação manifesta.

No enunciado 10.9 e 10.10: a fala acima tem imediata aprovação e isso pode ser percebido nas respostas que seguem logo abaixo, confirmando: **“verdade...”** e **“Exatamente”**. Há ao longo desse debate, manifestação de medo, mas evidencias de riscos desta vez, associados as questões ambientais. A percepção de boa parte dos membros do grupo é que vivemos em uma sociedade catastrófica, pronta para explodir a qualquer momento, basta que alguém aperte o botão e a sensação é que não faltam autoridades despreparadas o suficiente para fazê-lo. Muito atual a percepção de um coletivo caótico, pouco politizado, coexistindo com os processos de individualização dos sujeitos contemporâneos que são regidos por lógicas neoliberais. Uma das questões centrais nas sociedades atuais seria o mapeamento de possíveis catástrofes ecológicas na tentativa de antecipar, controlar e sobretudo mitigar os riscos, para fortalecer a indústria da segurança. Nesse debate em evidencia, o desastre Mariana, Minas Gerais, as crises financeiras, os interesses econômicos presentes inclusive na relação médico-paciente, inovações da indústria farmacêutica, assim como o terrorismo, igualmente invisível e todas as guerras que iniciam justificadas enquanto forma de prevenção.

Beck (2011) distinguiu dois processos de modernização na história das sociedades, aonde a família durante a era industrial era o centro em torno do qual se organizava a cultural e sociedade. E traçando um paralelo com os debates propostos pelo grupo “O lado obscuro das vacinas”, percebemos que o poder da família, no sentido de direito sobre o próprio corpo e também dos filhos, é reivindicado muitas vezes e está presente nas falas analisadas.

Contudo, na sociedade contemporânea a tendência é intensificar as trocas em torno do globo, por meio das novas tecnologias, ressignificando as relações, os costumes e o sentido de território, que vai além dos espaços físicos, pois são da ordem do pertencimento. Sentir-se parte de uma cultura, identificar-se com um jeito de ser. Esse forte apelo tecnológico, “cidadão do mundo”, hiperconectado, rompe definitivamente com a centralidade na família, com os modelos tradicionais estabelecidos, fortalecendo o sentimento de individualização e isso aumenta a incerteza, inaugura a sociedade do risco e do consumo do medo que são socialmente auto reproduzíveis. E tais desencaixes afetam não só o plano pessoal como as instituições, as políticas de governo que vão ganhando contornos neoliberais aonde o sujeito precisa cuidar de si mesmo.

Para Beck (2011), o momento atual poderia ser definido como a sociedade do “consumo” do risco, aonde o medo dos indivíduos se transforma em combustível para o mercado e soluções (dispositivos) são criados para garantir a segurança. A invisibilidade, a distribuição e o incremento do perigo geram um desamparo permanente, uma vez que paredes, muros e fronteiras cedem lugar para os perigos ambientais e nucleares, fazendo nascer uma sociedade cada vez mais marcada pelo “consumo” do medo.

Essa concepção dialoga com os mecanismos de segurança e de controle vistos anteriormente. É o poder de produzir o medo no outro com o fim de fazer agir ou de fazer paralisar, que reconhecemos em frases como essa: “Foi comprovado que um macaco q morreu aqui na minha cidade foi de febre amarela. **Não sei o que fazer** : tenho filho pequeno. **E não sei se é pior a vacina ou a doença**”. (Natalia Lamourier, postagem 10)

A mãe que enuncia praticamente “colapsa” ao tentar equacionar tantas variáveis que escapam ao seu controle. Essa falta de certeza e insegurança a impedem de tomar uma decisão com tranquilidade. Na dúvida, que é manifesta sem constrangimento, fica evidente uma característica do grupo que é socializar as informações e as dificuldades para pensar as questões coletivamente, mesmo sabendo que no fundo, a sua decisão será absolutamente particular, pessoal e intransferível, pois essa é uma outra máxima nas relações estabelecidas. Existe algo de “ cada um por si e Deus por todos” Ou seria, Deus contra todos? Sendo assim, “[a] fome pode ser saciada, necessidades podem ser satisfeitas, mas os riscos civilizatórios são um barril de necessidades sem fundo, interminável, infinito, autoproduzível” (BECK, 1999, p. 28). Esse barril de necessidades e riscos cada um terá que administrar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em abril de 2016, quando começamos a acompanhar o grupo, o mesmo contava com a participação de aproximadamente 3.900 pessoas. No momento do fechamento deste trabalho, em abril de 2018, o grupo participante somava quase 12.500 membros, ou seja, o número de adesões triplicou. Uma providência foi investigar se houve investimento em postagens pagas para ampliar o alcance, mas nenhum dado relativo a isso foi identificado. Atribuímos ao crescimento do grupo, o surto de febre amarela, que aconteceu exatamente no mesmo período e foi amplamente divulgado no Brasil e em outras partes do mundo, afetadas direta ou indiretamente com a doença.

Em momento de crise política a busca por informações se complementam através de grupos que relatam suas experiências, além das fontes oficiais que perdem credibilidade. A confiança dos brasileiros nas instituições do país despencou no último ano e está no pior nível desde o ano de 2001. Somente 24% das pessoas acreditam no governo e 62% delas dizem que o sistema nacional como um todo, ruiu e não é mais capaz de atender as demandas da sociedade. Estas foram as principais conclusões do estudo global Edelman Trust Barometer (2017), que trazemos para a conclusão do trabalho.

Os resultados confirmam as nossas hipóteses de pesquisa em que uma sociedade marcada pela governamentalidade neoliberal e pela lógica da responsabilização individual e do risco, teria como um dos principais argumentos a falta de confiança nos sistemas instituídos, somada a baixa credibilidade no Governo, que é acrescida da reivindicação de autonomia sobre o próprio corpo. E mais, relacionando os resultados do estudo com o objeto de pesquisa, cabe incluir uma informação complementar, que é o fato de 57% dos brasileiros utilizarem ferramentas de busca, frequentemente, porque quase a metade, 43% deste universo, discorda com frequência dos dados oficiais e 42% nunca ou raramente mudam a sua opinião sobre questões sociais pautadas pelo debate público.

Estes foram justamente alguns dos discursos produzidos pelo grupo em relação ao discurso dominante sobre imunizações, considerando as postagens mais curtidas e comentadas. Isso explicaria a preferência e a migração para fontes tidas como “alternativas”, mas que já são consideradas oficiais, além da baixa aderência em relação aos conteúdos jornalísticos produzidos, que agrupam e reforçam discursos pouco dialógicos como “mito”, “verdade” e “boato”, apontando apenas o que está certo ou errado e de forma unilateral.

Identificamos que existem dúvidas, conflitos, questionamentos e que as redes sociais são procuradas, pois os internautas e especialmente as mães, querem por si mesmos expressar,

partilhar a própria história e usufruir da experiência com outras que trazem questões semelhantes e que nem sempre a ciência dá conta. Exemplo disso, são as interações observadas entre as mães de filhos autistas, e se um dos objetivos específicos era analisar as constituídas a partir das relações realizadas no grupo, podemos afirmar que há uma questão de gênero bastante presente, além de um estilo de vida natural, que comparece nos fluxos de discurso que dispensam inclusive a homeopatia, além da medicina tradicional. Não identificamos motivações religiosas nos perfis analisados, mas ficou evidente que a vacinação afeta prioritariamente as mulheres e as mães. Igualmente observamos que as trocas de informações que acontecem durante as interações, priorizam a troca de conhecimento que são mais tácitos do que científicos. A experiência de outra mãe interessa, pois é tida como uma narrativa confiável em uma sociedade com os sistemas de confiança abalados, e isso dialoga com as configurações de subjetividade em uma sociedade marcada pela lógica do risco. Isso reitera a hipótese do recrudescimento da “paciente *expert*” que se prepara para as consultas, reunindo o máximo de informações possíveis e acreditando estar apoderado o suficiente para tomar decisões sobre a própria saúde em pé de igualdade com os pediatras.

Considerando que nos cabe responder quais são as motivações e os principais argumentos de membros de um grupo antivacinação no Facebook, compartilhamos algumas percepções.

Em relação as publicações, uma característica observada no grupo foi a predominância de mulheres, em sua maioria mães, ainda que homens e pais também fizessem parte dos debates e alguns tenham se destacado inclusive pelo compartilhamento ostensivo de textos, vídeos, documentários, trechos de bulas de vacinas e matérias jornalísticas. Contudo, dentre o recorte eleito para esta pesquisa, os enunciados mais comentados foram todos feitos por mulheres que são mães.

Quanto aos temas, um aspecto observado foi a disputa acirrada entre os discursos pelo estilo de vida natural, com nenhuma ou com a mínima intervenção possível, versus o discurso homeopático, e em menor escala, a defesa pelo tratamento alopático em casos graves, como a febre alta em bebês. A adesão ao primeiro grupo (estilo de vida natural) é bem maior que o de defesa do tratamento homeopático - embora não fossem estes tipos de questões que esperávamos encontrar inicialmente. Percebemos que não se trata somente de um grupo antivacina, mas de um grupo que é contra toda e qualquer medicalização ou intervenção no corpo físico, sobretudo de forma impositiva.

Além destes e não menos importantes, existem membros silenciosos, porém constantes, que só acompanham os debates sem nada dizer, marcando os comentários para que sejam

notificados a cada nova atualização. Este grupo, aparentemente indiferente merece destaque, pois são todas as pessoas que buscam mais informações, por não estarem satisfeitas com as informações disponíveis e receiam fazer uma escolha errada. O discurso da dúvida e da insegurança, de que nenhuma alternativa é boa em si mesma, igualmente comparece, ao longo da maioria dos fluxos dos discursos produzidos por este grupo.

No grupo, alguns poucos assumem que já tomaram ou deram ao menos algumas vacinas do calendário obrigatório do Ministério da Saúde. Uma mudança comportamental (e social) observada, que alguns pais relatam, é a de que deram vacinas nos primeiros filhos, todas (ou parte), sendo que alguns se arrependem, seja por ideologia, identificação com a experiência ou discurso alheio, ou porque desconfiam que a vacinação pode ter desencadeado Transtorno do Espectro Autista (TEA) em seus filhos.

A presença de pais de filhos autistas no grupo não é predominante, mas é significativa. Quando dão depoimentos e narram a sua dor e experiência, mobilizam o assunto, chamando atenção em relação aos possíveis eventos adversos ocasionados pela vacinação, despertando a compaixão pelos demais, expressos em *emoticons*, palavras de solidariedade, dentre outras manifestações. Portanto, a tendência para uma mudança comportamental enquanto grupo seria uma “aposta” nos filhos mais novos, ou seja, uma primeira geração em uma família, livre da vacinação. Mas como os efeitos só serão sabidos mais à frente, isso explicaria a angústia de algumas mães que precisam tomar uma decisão no momento presente. Expressões do tipo “Estou entre a cruz e a espada”, significa que tanto a vacinação quanto o risco da doença não são opções desejadas e ainda apontam para o sentido de urgência. Este seria um dos argumentos mais presentes e uma das principais questões analisadas, que justificariam em definitivo a escolha e a decisão pela não vacinação.

A defesa pelo direito de escolha e o papel da família enquanto instância decisória, foi outro aspecto destacado ao longo da pesquisa, expressos na insatisfação referente a obrigatoriedade de apresentação da carteira de vacinação para o ingresso nas escolas e cruzar fronteiras. E também, muito presente, o receio da retaliação dentro da própria família, dos círculos sociais, pois quem decide sabe que a sua escolha afeta a saúde e a vida de outras pessoas, mas ao mesmo tempo, não tem convicção suficiente para aderir à vacinação. De outro lado, há uma baixa confiança em relação aos produtos ofertados pela indústria farmacêutica, nas recomendações vindas dos pediatras e informações divulgadas na grande mídia, além das políticas públicas e das abordagens que são utilizadas em campanhas de imunizações em massa organizadas pelo Governo. Assim, a busca por informações – médicas, jurídicas, técnicas – como respaldo, é frequente, tanto quanto a indicação de homeopatas, tratamentos alternativos,

naturais e caseiros para as mais diversas doenças e manifestações de pedido de compartilhamento de nomes de médicos que possam fornecer um laudo médico que justifique tecnicamente os motivos pelos quais uma determinada criança não precisa ser vacinada.

Concluimos que além da busca por informações, existe uma expectativa em relação aos advogados, pois os mesmos poderiam se embasar juridicamente para defender a causa. O medo da perseguição justificaria, portanto, a preferência pelas redes sociais online no Brasil, pois a exposição social com certeza é bem menor, assim como o risco de sofrer alguma retaliação. Muito provavelmente em países em que o direito a não vacinação é respeitado, consequentemente a atuação nas ruas é bem maior, pois as pessoas se sentem mais confortáveis para se manifestarem publicamente, o que não acontece em nosso país. Em relação a esse aspecto, pode ser associado a onda de conservadorismo, manipulação da mídia e o não direito à liberdade de expressão. Se dizem e se mostram verdadeiramente oprimidos. Logo, segundo os próprios membros, a preferência pela rede social online, se justificaria pela necessidade de preservarem as suas identidades e poderem realizar as trocas de informações com mais liberdade. Daí ter analisado as postagens mais curtidas fez sentido, pois de fato nos trouxe bastante informações sobre o perfil do grupo, principais argumentos e motivações. Os membros curtem aquilo que se identificam, que gostam e acreditam. Enfim, os debates foram oportunidades para analisarmos como tratam as principais questões que os afligem, além da evolução das conversas ao longo do tempo pesquisado.

A mudança de comportamento também foi visível, especialmente na atuação da própria administradora, que foi se modificando drasticamente ao longo do período. No início da pesquisa, ela adotava uma postura mais formal e acolhedora ao pedir que todos respondessem de forma “pacífica” os questionamentos que o grupo viesse a receber, considerando que os novos entrantes poderiam ficar desorientados ao se depararem com informações que poderiam desconstruir o que acreditavam até então sobre vacinas. Um exemplo foi a seguinte frase: “Quero vos informar também, que um órgão do governo, chamou alguns blogueiros no mês de março para que fossem aprender sobre o “bem das vacinas”. O que vamos fazer? Manter a calma, e com o tempo o mal desaparecerá” (postagem fixa do grupo). Contudo, ao longo do percurso da pesquisa e após o episódio em que a administradora decidiu, conquistou e logo em seguida, divulgou um termo médico que lhe garantisse o direito a não ter mais que vacinar a sua terceira filha – tornando-se o quarto enunciado mais curtido selecionado (anexo) - ela gradativamente foi adotando uma postura mais enérgica em relação a quem pensa o contrário, assumindo falas mais contundentes e menos flexíveis em relação aos outros estilos de vida que não sejam os absolutamente naturais.

Quanto as regras de funcionamento, igualmente presentes no enunciado fixo, que fala sobre a possível existência de “infiltrados” do Governo no grupo, nos levou a tentar identificar tais pessoas, mas não localizamos ao longo de todas as postagens mais curtidas, comentadas e até mesmo, as mais compartilhadas. Uma característica dos perfis falsos é deste mesmo ter poucos amigos, ter o mural desatualizado, dentre outras evidências de que o perfil é improvisado e não é real. Então, todas as vezes que percebemos falas mais contestadoras, solicitação de evidências científicas discrepantes do senso comum do grupo, checamos os perfis individuais.

Senso de humor e um certo sarcasmo também são características do grupo para tratar inclusive de assuntos sérios, como a possível rejeição da família e/ou do cônjuge, que assombram, pois não compartilham da mesma visão sobre a (anti)vacinação. Um outro recurso bastante utilizado durante todo o percurso analisado para conseguir informações, foi a polidez. Elogios frequentes e pedidos de desculpas são muito comuns, antes mesmo de formularem as perguntas. Isso demonstra respeito, apreço e a expectativa em conseguir as informações que precisam no tempo desejado, sem criar suscetibilidade e ainda angariando simpatias. São recursos mais ou menos comuns nas relações sem a presença da face. Vale dizer que muitos grupos na internet banem, confrontam ou expulsam pessoas com visões diferentes da maioria, mas neste grupo, sendo a postura minimamente respeitosa, a pessoa permanece. Também não há entraves para a pessoa ser aceita.

Em suma, ao longo desse período, o grupo cresceu, mas também mudou de “cara”, abrindo novas possibilidades de pesquisa. Vale compartilhar que em fevereiro de 2018, mesmo fora do escopo analisado, o grupo passa a adotar novo *layout*, muito mais “*clean*” e profissional. O mesmo traz na imagem do “mundo sendo vacinado” a dimensão mundial do debate, além de sinalizar o lugar de fala, por meio da bandeira brasileira. Contudo, permanecem o nome e os membros que prontamente aprovaram as mudanças, em substituição ao “mosaico” de imagens de crianças sendo agredidas por vacinas (alusão a prática do *voodoo*), ou “endemoniadas” para mostrar um “mundo” ao passo de ser vacinado. O nome segue o mesmo, mas logo abaixo um *slogan* foi criado coletivamente, através de um longo debate sobre os objetivos e diretrizes do grupo.

Dentre várias opções, escolheram como *slogan* – que deveria ser uma síntese - a seguinte pergunta: “As vacinas são realmente seguras?”.

Isso nos chama a atenção na conclusão deste trabalho, pois não deixa de persistir uma frase, ou melhor, uma pergunta um tanto sintomática, já que não aproveitam a oportunidade para afirmar que as vacinas não são seguras, mesmo após a adesão expressiva de novos

entrantes somado aos investimentos realizados na melhoria da imagem. Observamos que seguem convidando ao debate e a troca de ideias, mesmo que não estejam mais tão abertos para isto. Nota-se que são de um modo geral, pouco assertivos em suas falas e não muito claros em seu posicionamento. E mais, quase no fechamento deste trabalho, descobrimos que existe um repositório com todos os conteúdos disponíveis, o *Wordpress*. E ainda, percebemos que existe desde 2016 um grupo fechado, com o *layout* antigo, intitulado “O lado obscuro das vacinas x religião”, que relaciona diretamente a vacinação com trechos da bíblia, dando uma dimensão religiosa. Este grupo também tem a mesma administradora e foi criado no ano de 2016. Não fez parte desta pesquisa, mas pode servir para investigações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. Redes sociais, linguagem e disputas simbólicas. **ComCiência**, Campinas, n. 131, 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700009&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 17 jun. 2017.
- AMATO NETO, V. (Ed.). **Atualizações, orientações e sugestões sobre imunizações**. São Paulo: Segmento Farma, 2011.
- BARBA, M. D. **Brasil também tem adeptos do movimento antivacina**. São Paulo: BBC, fev. 2014. Site na internet. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140220_vacinas_brasil_mdb> Acesso em: 07 jan. 2017.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.
- BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Linguagem e cultura, 3.
- BAKHTIN, M. **Questões da literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BLOG DA SAÚDE. **Programa Nacional de Imunizações (PNI)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Site na internet. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/entenda-o-sus/50027-programa-nacional-de-imunizacoes-pni>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- BLOG DA SAÚDE. **Zé Gotinha: conheça a história do símbolo da vacinação no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Site na Internet. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/servicos/32941-zegotinha-conheca-a-historia-do-simbolo-da-vacinacao-no-brasil.html>>. Acesos em: 16 abr. 2018.
- BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: CATANI, A. NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRAGA, A. **Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.
- BRASIL. Lei n. 6.259, de 30 de outubro de 1975. Dispõe sobre a organização das ações de Vigilância Epidemiológica, sobre o Programa Nacional de Imunizações, estabelece normas relativas à notificação compulsória de e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 31 out. 1975. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6259.htm>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Informe nº 15 de 2017/2018. **Monitoramento do período Sazonal da Febre Amarela no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <<http://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/01/Informe-n15-FA-28fev18-d.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, título I: dos princípios fundamentais. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 191-A, seção I, p. 1, out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 10 jan. 2017.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de lei nº 5.748-A, de 2016**. Obriga o atendimento preferencial nos estabelecimentos às pessoas com Autismo; tendo parecer da Comissão de

- Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, pela rejeição. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=BCDF180C511ADDC1A2B0CCC5AB25DD94.proposicoesWebExterno2?codteor=1571238&filename=Avu+Iso+-PL+5748/2016>. Acesso em: 25 out. 2017. Texto original.
- CAMPANELLA, B.; BARROS, C. (Org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.
- CAMPOS, L. **Movimento antivacina pode pôr a saúde de crianças em risco**. São Paulo: Jornal da USP, 2017. Site na internet. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/atualidades/movimento-antivacina-pode-por-a-saude-de-criancas-em-risco/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. Vol. 1. _____ . **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTIEL, L. D.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. A internet na história dos movimentos antivacinação. **ComCiência**, Campinas, 10 set. 2010. Seção Artigos. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=59&id=752>> Acesso em: 13 out. 2016.
- COELHO, N. **Ministério da saúde convoca 47 milhões de crianças e adolescentes para atualizar a vacinação**. Ministério da Saúde, 2017. Site na internet. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/noticias/svs/29559-ministerio-da-saude-convoca-47-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-para-atualizar-a-vacinacao>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. **A queda da imunização no Brasil**. Conass, 2018. Site na Internet. Disponível em: <<http://www.conass.org.br/queda-da-imunizacao-no-brasil/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- CRAWFORD, R. Healthism and the medicalization of everyday life. **International Journal of Health Services**, vol. 10, n. 3, p. 365-388, 1980.
- CRAWFORD, R. You are dangerous to your health: the ideology and politics of victim blaming. **Int. J. Health Serv.**, vol. 7, n. 4, p. 663-680, 1977.
- DIAS, B. C. **Movimento anti-vacina: a globalização do medo e o preço do sucesso no reino do individualismo**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2017. Site na internet. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/eventos/congresso-brasileiro-de-epidemiologia/movimentos-anti-vacina-globalizacao-epidemiologia-saude-publica/31514/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- DINIZ, T. C. **Movimento antivacina: como surgiu e quais consequências ele pode trazer?** São Paulo: Universa, 2017. Site na internet. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/05/o-que-o-movimento-antivacina-pode-causar.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu**. Lisboa: Edições 70, 1976.
- DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.
- FOUCAULT contra si mesmo. Direção: François Caillat. França: Vilacine, 2014. 1 DVD (0h 52 min), color.
- FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: _____. **Estratégia, poder-saber: ditos e escritos**, vol. 4. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 281-305.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São

- Paulo: Martins Fontes, 2008. Coleção tópicos.
- _____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, P.; RABINOW, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica** (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FORMENTI, L. **Em meio à pior cobertura vacinal dos últimos 10 anos, ministério lança campanha**: serão disponibilizadas 15 imunizantes diferentes; difteria e sarampo são as doenças que mais preocupam o governo. São Paulo: Estadão, 2017. Site na internet. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,em-meio-a-pior-cobertura-vacinal-dos-ultimos-10-anos-ministerio-lanca-campanha,70001992843>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- GARCÍA, C. **Movimento antivacina**: mãe prefere ir para a prisão a imunizar seu filho. El País, 2017. Site na internet. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/ciencia/1506938178_101257.html>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC editora, 2008. GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. 6. reimp. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIRARDI, T. **Por que os movimentos antivacina ganham força no mundo?** Isto é, 2017. Site na internet. Disponível em: <<https://istoe.com.br/por-que-os-movimentos-antivacina-ganham-forca-no-mundo/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaio sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GREGOLIN, M. do R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. v. 4, n.11, p. 11-25, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- GUIMARÃES, K. **Vacinação em queda no Brasil preocupa autoridades por risco de surtos e epidemias de doenças fatais**. BBC Brasil, 2017. Site na internet. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41045273>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HERÉDIA, T. 62% dos brasileiros não acreditam nas instituições do país, diz pesquisa. **Globo.com**. 08 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/blog/thais-heredia/post/62-dos-brasileiros-nao-acreditam-nas-instituicoes-do-pais-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- HINE, C. **The internet**: understanding qualitative research. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- HINE, C. **Virtual ethnography**. Londres: Sage, 2000.
- HISTÓRIA, CIÊNCIA, SAÚDE DE MANGUINHOS**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, vol. 10, sup. 2, 2013.
- HISTÓRIA, CIÊNCIA, SAÚDE DE MANGUINHOS**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, vol. 1, n. 1, jul./ago. 1994.
- HISTORY. **Movimento antivacinas trouxe de volta uma doença mortal**. History, 2018. Site na internet. Disponível em: <<https://seuhistory.com/noticias/movimento-antivacinas-trouxe-de-volta-uma-doenca-mortal>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

IG SÃO PAULO. **Europa tem aumento de 400% em casos de sarampo e OMS faz alerta pela vacinação. IG São Paulo, 2018. Site na internet. Disponível em:**

<<http://saude.ig.com.br/2018-02-19/surtos-sarampo-europa-oms.html>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

KRIEGER, N. A glossary for social epidemiology. **Journal of Epidemiology Community Health**, n. 55, p. 693-700, 2001.

KOZINETS, R. **Netnography: doing ethnographic research online**. London: Sage, 2010.

LARSON, H. J. *et al.* The state of vaccine confidence 2016: global insights through a 67-country survey. **EBioMedicine**, v. 12, p. 295-301, set. 2016.

LUPTON, D. **Risk**. London: Routledge, 1999. LUPTON, D. The digitally engaged patient: self-monitoring and self-care in the digital health era. **Social Theory & Health**, vol. 11, n. 3, p. 256–270, 2013.

LUPTON, D. **The imperative of health: public health and the regulated body**. London: Sage, 1997.

LUPTON, D. **The quantified self: a sociology of self-tracking**. Cambridge: Polity Press, 2016.

GROSMANN, C. Mapa mostra o dano causado pelo movimento antivacinas. **HypeScience**, jul. 2014. Site na internet. Disponível em: <<http://hypescience.com/mapa-dano-anti-vacinas/>> Acesso em: 10 jan. 2017.

MENDES, A. **Surtos de sarampo e rubéola na Europa reforçam a necessidade de vacinação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Site na internet. Disponível em:

<<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/29869-surtos-de-sarampo-e-rubeola-na-europa-reforcam-a-necessidade-de-vacinacao>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Calendário nacional de vacinação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Site na internet. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/acoes-e-programas/vacinacao/calendario-nacional-de-vacinacao>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Febre amarela: situação epidemiológica: dados**. 2018.

Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/febre-amarela-sintomas-transmissao-e-prevencao/situacao-epidemiologica-dados>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Informe nº 15 de 2017/2018. Monitoramento do período sazonal da febre amarela. **Nucom/SVS/MS**, fev. 2018. Disponível em:

<<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/01/Informe-n15-FA-28fev18-d.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Situação epidemiológica: dados**. Ministério da Saúde, 2018.

Site na internet. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/febre-amarela-sintomas-transmissao-e-prevencao/situacao-epidemiologica-dados>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. Nações Unidas, 2018. Site na internet. Disponível em:

<<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

O GLOBO. **Mãe desabafa contra movimento antivacina: “minha filha foi parar na emergência”**. O Globo, 2017. Site na internet. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/mae-desabafa-contramovimento-antivacina-minha-filha-foi-parar-na-emergencia-21539436>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

ODM BRASIL. **Os objetivos de desenvolvimento do milênio**. 2000. Site na internet.

Disponível em: <<http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>> Acesso em: 13 out. 2016.

PEREIRA NETO, A. de F. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. Coleção História e Saúde.

PETERSEN, A.; LUPTON, D. **The new public health and self in the age of risk**. Sydney:

- Allen & Unwin; London: Sage, 1996.
- PIMENTEL, I. **Com quantos dados se faz a medicina do futuro?** Rio de Janeiro: Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos, 2017. Site na internet. Disponível em: <<http://www.bio.fiocruz.br/index.php/noticias/1539-com-quantos-dados-se-faz-a-medicina-do-futuro>>. Acesso em: 11 abr. 2018.
- PRAGMATISMO Político. **10 casos em que seus direitos estão sendo violados (e você não sabia)**. 20 fev. 2013. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/02/10-casos-em-que-seus-direitos-estao-sendo-violados-e-voce-nao-sabia.html/2017>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- PONTE, C. F.; FALLEIROS, I. **Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010.
- PLANALTO. **Orçamento de 2017 é sancionado com mais recursos para saúde e educação**. Presidência da República, 2017. Site na internet. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2017/01/orcamento-de-2017-e-sancionado-com-mais-recursos-para-saude-e-educacao>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- PORTO, A.; PONTE, C. F. Vacinas e campanhas: imagens de uma história a ser contada. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 10, supl. 2, p. 725-42, 2003.
- RAPHAEL, D. The political economy of health promotion: part 1, national commitments to provision of the prerequisites of health. **Health Promotion International**, vol. 28, n. 1, p. 95- 111, 2013.
- RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, RS, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio-ago. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROSE, N. **Governing the soul: the shaping of the private self**. Londres: Routledge, 1989.
- _____. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2013.
- ROSE, N.; O'MALLEY, P.; VALVERDE, M. Governmentality. **Annual Review of Law and Social Science**, n. 2, p.83-104, 2006.
- SANTOS, C. A. dos. **Toda boa mãe deve... : governo das maternidades para a constituição de infâncias saudáveis e normais**. 2009. 212 f. Tese (doutorado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18257/000727615.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.
- SEIMI VACINAS. **Movimento antivacina gera surto de doenças nos EUA**. Salvador: Seimi Vacinas. Site na internet. Disponível em: <<http://seimi.com.br/movimento-antivacina-gera-surto-de-doencas-nos-eua/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- SEVCENKO, N. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- SILVA, A. A. M. da; GOMES, U. A.; TONIAL, S. R.; SILVA, R. A. Cobertura vacinal e fatores de risco associados à não vacinação em localidade urbana do Nordeste brasileiro. **Rev. Saúde Pública**, vol. 33, n. 2, p. 147-156, 1999.
- SILVA, C. S. P. da. **Da passagem à atenuação: Jenner e Pasteur e o desenvolvimento dos vírus inoculáveis**. 2015. 110 p. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Programa de Estudos Pós-graduados em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES. 2017. Site na internet. Disponível em: <<https://sbim.org.br/>> Acesso em: 15 jun. 2017.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____; PAIVA, R. Informação e boato na rede. In: SILVA, G. *et al.* **Jornalismo contemporâneo:** figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, jul./dez. 2006.

TASCHNER, N. P. **Por que o movimento antivacina não tem um pingo de sentido.**

Grupo Abril, 2017. Site na internet. Disponível em:

<<https://saude.abril.com.br/blog/cientistas-explicam-por-que-o-movimento-antivacina-nao-tem-um-pingo-de-sentido/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

TEMPO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, LTDA., n. 188, jan./mar. 2012.

VACCINES WORK. **Vaccine-preventable disease outbreaks.** Vaccines Work, [2018]. Site na internet. Disponível em: <<http://www.vaccineswork.org/vaccine-preventable-disease-outbreaks/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VARELLA, D. Sábios antivacinais. **Folha de S. Paulo**, mai. 2017, Ilustrada.

VASCONCELLOS, SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D.; GRIEP, R. H. A sociedade de risco mediatizada, o movimento antivacinação e o risco do autismo. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 20, n. 2, p. 607-616, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-](http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-csc-20-02-0607.pdf)

[csc-20-02-0607.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-csc-20-02-0607.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Conclusions of the 6th meeting of the Regional Verification Commission for Measles and Rubella Elimination (RVC) for 2016.**

Romenia: WHO, 2017. Disponível em:

<http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0005/349889/RVC-results-for-2016.pdf?ua=1>. Acesso em: 22 mar. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Immunization coverage:** fact sheet. WHO, abr. 2018. Site na internet. Disponível em:

<<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs378/en/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Measles:** fact sheet. WHO, 2018. Site na internet. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs286/en/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. United Nations Children's Fund. **Progress and challenges with achieving universal immunization coverage.** WHO/UNICEF, 2017.

Apresentação ppt. Disponível em:

<http://www.who.int/immunization/monitoring_surveillance/who-immuniz.pdf?ua=1>.

Acesso em: 22 mar. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO vaccine-preventable diseases:** monitoring system: 2017 global summary. WHO, 2018. Site na internet. Disponível em:

<http://apps.who.int/immunization_monitoring/globalsummary/countries?countrycriteria%5Bcountry%5D%5B%5D=BRA&commit=OK>. Acesso em: 22 mar. 2018.

ANEXOS

POSTS MAIS CURTIDOS²¹

- 1) <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10210332393838853&set=gm.1802552719987341&type=3&theater>



Sarah Yaari Fleer ▸ **O lado obscuro das Vacinas**
Seguir · 19 de dezembro de 2016 · 🌐

Oi gente. Obrigada por meu aceitarem no grupo. Bom saber que não estou sozinha. Tenho um filho de 21 meses que não será vacinado. Tbm não fui. Sou mt grata aos meus pais por terem fortalecido meu sistema imunológico de outras formas. Nunca fico doente (nem gripe), não tenho nenhum alergia e não conseguiria fazer diferente com meu filho. Porém, eu moro na Alemanha onde mais ou menos 6% da população não vacina. Aqui é mais fácil e eu acho até médicos que não recomendam vacina. Essa é a minha família. Beijos

👍 Curtir ➦ Compartilhar

👍❤️👍 144

1 compartilhamento 20 comentários


Ver mais 15 comentários

Janaina Malta Minha filha teve uma lesão cerebral após a vacina de catapora. Se eu soubesse que minha filha ficaria paralisada e não andaria, eu nunca teria vacinado...

Curtir 1 · 20 de dezembro de 2016 às 01:03

👇 **Claudia M. Gaeta** respondeu · 12 Respostas

- 2) <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=962997343790396&set=gm.1683561328553148&type=3>



AH ENTÃO SEU PEDIATRA DISSE QUE SEU LEITE É FRACO, E POR ISSO TEM QUE COMPLEMENTAR?

Revellati Online

CONTE-ME MAIS SOBRE O CONGRESSO QUE ELE VAI COM TUDO PAGO PELA NESTLÉ

Ronaldo Candido Paula ▸ **O lado obscuro das Vacinas**
4 de março de 2016 · 🌐

"A indústria médica manipulando"...

Não confie em tudo que seu médico diz, a maioria deles são gananciosos e tem vínculos com indústrias farmacêuticas, alimentícias e outras. Eles lhe enganam e jogam você a esses meios, que dão lucros somente a eles. E você muitas das vezes não tem a solução do problema e ainda perde muito dinheiro. Duça do médico, mas pesquise antes de tomar alguma atitude dita por esses indivíduos.

Fique esperto com essa "turma"!

👍 Curtir ➦ Compartilhar


👍 119

226 compartilhamentos 1 comentário

Michelle Bastos Reis Geysa Bastos
Curtir · 4 de março de 2016 às 23:06

²¹ Posts mais engajados.

3) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1696248277284453>

 **Isma De Sousa** atualizou a descrição do grupo O lado obscuro das Vacinas. 1 de abril de 2016 · 🌐

GRUPO ABERTO !

Alerta! Gostaria de vos informar que no grupo nos últimos dias tem estado cheio de "trolls" que são a favor de vacinas, ou que querem tirar o foco do assunto vacinas, e falar sobre tratamentos etc.

Quero vos informar também, que um órgão do governo, chamou alguns blogueiros no mês de março para que fossem aprender sobre o "bem das vacinas". O grupo vai ser um claro alvo prá todas essas pessoas! O que podemos fazer? Manter a calma, e com o tempo o mal desaparecerá!

Uma dica: Tenha paciência, e não ataque alguém que lhe atacou primeiro, me avise, que tenho uma solução pacífica!

Este grupo destina-se principalmente para divulgar informações sobre todas as possíveis vacinas e seus conteúdos que podem fazer mal para nosso corpo. Aqui vocês poderão compartilhar vossas experiências, assim como links com as estatísticas, entre outras informações relacionados a vacinas.

É importante que você tenha uma atitude humilde, visto que tudo que seja informado aqui, talvez pode não ser o que se pensava anteriormente ao longo de toda a tua vida.

Se você não está convencido de que as vacinas fazem mal, existe certamente um outro grupo, que poderia servi-lo melhor: Discussões de vacinação (a favor e contra) Paz! ❤️

4) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1810379575871322>

 **Saptarsi Mondal** compartilhou um link no grupo O lado obscuro das Vacinas. 7 de janeiro · 🌐

Crianças precisam exposição aos micróbios, não a vacina. Dentro de 10 dias vou começar postar meios de autoimunizacao ...



Children need microbes — not antibiotics — to develop immunity, scientists say | Toronto Star
Hyper-hygienic environments can lead to chronic conditions
THESTAR.COM

👍 Curtir ➦ Compartilhar

👍 86

13 compartilhamentos 9 comentários

5) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1816519195257360>

<http://orbisvitae.com/ubbthreads/ubbthreads.php?ubb=showflat&Number=44881&an=128#Post44881>

Elcio Da Silveira Machado ▸ O lado obscuro das Vacinas
20 de janeiro · 🌐

"Criança saudável vai ao médico, é injetado com doses maciças de muitas vacinas, não se sente bem e muda - AUTISMO. Temos muitos desses casos!" - Donald J. Trump.
<https://twitter.com/realdonaldtru.../status/449525268529815552>



👍 Curtir ➦ Compartilhar

👍 🤔 🤔 95

21 compartilhamentos 9 comentários

6) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1701011940141420>

Elcio Da Silveira Machado compartilhou um link no grupo O lado obscuro das Vacinas.
15 de abril de 2016 · 🌐

Robert De Niro, pai de "autista", diz que as vacinas não são seguras. A ator defende o documentário VAXXED, e deseja "conhecer a verdade" sobre efeitos colaterais da vacinação.




Robert De Niro: 'I'm not anti-vaccine, I want safe vaccines'

The actor defended Vaxxed documentary, which he pulled from the Tribeca film festival, and reiterated desire to 'know the truth' about vaccination side effects

THEGUARDIAN.COM

7) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1707512516158029>

 **Isma De Sousa** ▶ **O lado obscuro das Vacinas** 3 de maio de 2016 · 🌐

Hoje foi o dia de ir no postinho de saúde na cidade que moramos! Com as outras duas primeiras crianças, levamos eles com 1, 2, 3, 4, 5, 6 meses, 7, 10 meses, e finalmente 1 ano! A frequência dessas visitas não foram por conta apenas do interesse de acompanhar o desenvolvimento dos bebês, mas também de garantir que seriam vacinados! Hoje posso dizer que para nossa tristeza, temos duas crianças totalmente vacinados, e com facilidade enorme para adoecer!

Já havíamos mudado de postinho uma vez agora que temos uma terceira criança, e recebemos o convite para ir pesar, medir, e ter uma conversa com o médico sobre vacinação! Mas só agora 1 anos depois do último contato com o posto de saúde, fui fazer a minha declaração de Não à Vacinação!

Sim, e mais do que nunca, me senti segura, em falar ao médico que a nossa decisão de não vacinar, não tem sido de horas de estudos, mas de anos, de sofrimento, e de angústia por todas as vezes que nossos filhos adoeciam, e tristeza por eles não serem saudáveis, e fortes como eu esperava que fossem, já que são totalmente vacinados!

Infelizmente vacinas não quer dizer que nossas crianças, terão saúde garantida e proteção por curto tempo ou resto da vida! Prá nós vacinação tem sido apenas o vilão que roubou a saúde de nossas primeiras crianças!

Com 3 filhos, dentre eles 2 vacinados, e 1 não vacinada, hoje compreendo o quanto é valioso não injetar tóxicos, dentre eles componentes de metais, no organismo das crianças! Se nossa terceira criança adoeceu? Sim, adoeceu sim! Mas ficou saudável de novo, e sem asma ou problemas respiratórios!

Ainda que insistam em dizer que vacina faz bem a saúde, digo apenas....que é mentira! Cuide bem do bem mais precioso que vocês tem: Seus filhos! ❤️

8) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1807020866207193>

 **Kelly Valente** compartilhou um link no grupo **O lado obscuro das Vacinas**. 30 de dezembro de 2016 · 🌐

Vai vendo...



Após morte de 3 bebês, França não recomenda mais a vacina rotavírus

<https://www.facebook.com/bebmamae/posts/1285551364854590>

BEBEMAMAE.COM

👍 Curtir ➦ Compartilhar

👍 😬 😬 82

91 compartilhamentos 2 comentários

9) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1834421706800442>

Bento Silveira Machado
28 de fevereiro · 🌐

"No final de 2014, o Ministério da Saúde do Brasil anunciou a introdução da vacina dTpa (tétano, difteria e coqueluche acelular) para todas as mulheres grávidas no país como parte de seu programa de vacinação de rotina. O movimento teve como objetivo tentar conter o ressurgimento da coqueluche no Brasil."
<http://www.blog.saude.gov.br/34736-ministerio-da-saude-disp...>



Microcefalia

Microcefalia é causada por vacina e não pelo vírus Zika - Afirma clínica Australiana -...

No final de 2014, o Ministério da Saúde do Brasil anunciou a introdução da...

GLOBALIZADO.COM.BR | POR ELTON MATOS

10) <https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1836236349952311>

Isma De Sousa compartilhou um link no grupo O lado obscuro das Vacinas. ···
5 de março de 2017 · 🌐

Não tenho dúvidas!



Surto de febre amarela pode estar ligado à tragédia de Mariana, alerta bióloga

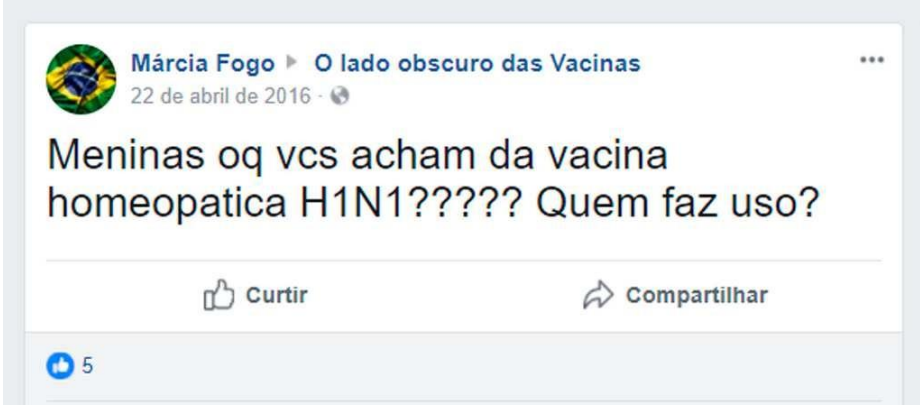
{cmp_start...
CPTNACIONAL.ORG.BR

👍 Curtir ➦ Compartilhar

10 POSTS MAIS COMENTADOS

Postagem 1:

<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1703662759876338>



Márcia Fogo ▸ **O lado obscuro das Vacinas** 22 de abril de 2016 · 🌐

Meninas oq vcs acham da vacina homeopatica H1N1????? Quem faz uso?

👍 Curtir ➦ Compartilhar

👍 5



Isma De Sousa Marcia, ainda não tive tempo de me aprofundar sobre esse assunto, mas tão logo se menciona vacinas, já sou do contra!
Mas tenho uma pergunta, qual o significado de homeopata/homeopatia?
Curtir · 1 a 👍 2

Renata Villela Já tomei. 👍 1
Curtir · 1 a

Renata Villela Cura pelo semelhante. 👍 1
Curtir · 1 a

Márcia Fogo Vc tomou pra remediar ou como prevenção
Curtir · 1 a

Renata Villela Prevenção. 👍 1
Curtir · 1 a

Renata Villela Um frasco deu para bastante gente. Vale a pena... Dá uma olhada no site do Instituto que mencionei, no site do Dr. Carlos Lyrio e no site Ecomedicina...
Curtir · 1 a 👍 1

Márcia Fogo E ainda toma?
Curtir · 1 a

Renata Villela 1x por ano nessa altura
Curtir · 1 a

Renata Villela Altura da "epidemia"
Curtir · 1 a

Renata Villela Tenho o pdf que me enviaram do Instituto Hanemanniano...

 **Isma De Sousa** Quais os conteúdos das vacinas?
Curtir · 1 a  2

 **Renata Villela** vou copiar e colar  2
Curtir · 1 a

 **Renata Villela** Postei no grupo  2
Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** prefiro tomar iodo , selenio , magnesio e vitamina d
Curtir · 1 a  2

 **Romenia Carvalho** Optei por não dar essa vacina em minha filha
Curtir · 1 a  2

 **Márcia Fogo** Estamos falando de vacina homeopatica flor
Curtir · 1 a  1

 **Isma De Sousa**



A screenshot of a Facebook post by Isma De Sousa. The post text reads: "Obrigada Renata! A minha opinião sobre vacinas não muda sobre a questão de tratamento homeopático. Os conteúdos ainda assim são bactérias, vírus que também são introduzidos no corpo! Conheço muita gente que não toma vacina, e nem faz tratamento homeopático, e não adoecem! Sou contra todo tipo de tóxico injetado no organismo! #liberdade #saude #vacinas". The post has 3 likes and a comment.

Curtir · 1 a  3

 **Bruno Henrique** nem antibiótico, floral, antitermico, analgesico, antiinflamatório?
Curtir · 1 a  1

 **Isma De Sousa** Bruno, depois de 3 crianças, e com a última com febre durante 7 dias, utilizei 1 vez a metade da dose de um antitermico e confesso que pra nunca mais! Baixamos a febre com compressas na barriga e compressas frias! Não houve sinais de gripe, mas inflam... Ver mais
Curtir · 1 a · Editado

 **Ronaldo Candido Paula** minha filha não tomou nenhuma vacina e nem vai tomar

Paulo de Tarso Vacinas não estão acima da Lei.

Curtir · 1 a



Patricia Ferreira Isma De Sousa, gostaria de saber de onde vc tirou referência sobre a homeopatia para H1N1 ser feita com vírus ou bactéria, por favor. Até onde sei, homeopatia não tem essas substancias em sua constituição. Então, se puder me passar a referência, agradeço! Também quero saber pq vc acha que tratamento homeopático tbm é tóxico... ?!

Curtir · 1 a · Editado



^ Ocultar 11 respostas



Isma De Sousa Patricia, tirei um print do comentario que Li no texto que a Renata, colocou numa postagem aqui no grupo!

Veja esse:




Curtir · 1 a



Isma De Sousa No primeiro print acima é extraido de uma bacteria! E nesse daqui acima é de virus!

Nossos Corpos já estão em ataques no dia a dia, creio que injetar ou introduzir no organismo algo de forma proposital, é desafiar o "destino" mesmo!



 **Patrícia Ferreira** Isma, vc poderia me passar o link desse texto, por favor? Pq pelo que conheço de homeopatia, não é composta por bactérias nem virus... Vou pesquisar mais sobre essa 'vacina homeopática' em específico, mas pelo q eu já li sobre esse tratamento, não vi menções de usarem esse material. Me passe esse link, se puder, ou texto...

Curtir · 1 a




1

 **Isabel Lacordaire Ribeiro Siqueira** Isma, vacina homeopática é a diluição da vacina. Não carrega em si a substância. Não tem vírus/bactéria/metals.

Curtir · 1 a



1

 **Isma De Sousa** Isabel, vocês tem a bula da vacina homeopatica? Vocês tem certeza que estão se referindo a homeopatia?

Aqui vai o texto que a Renata Wie compartilhou com a gente. Ao escreverem defendendo a homeopatia e não utilização de vírus ou bactérias, é também bom colocar uma referência prá irmos ler!

No texto abaixo, é mencionado a utilização de vírus e bactérias sim! E tão logo exista alguma toxicidade então não creio que fará bem ao corpo!


A minha pergunta é: Vocês tem certeza que sabem o suficiente sobre vacinas homeopaticas, e nesse sentido quero dizer, existe desvantagem? Nessa postagem o assunto pode continuar a ser desenvolvido! Sejam bem vindos!

<https://www.facebook.com/wie.renata/posts/1616634365324518>

Curtir · 1 a · Editado

 **Márcia Fogo** Patrícia Ferreira vc já decidiu sobre a vacinação?

Curtir · 1 a

 **Patrícia Ferreira** Oi Márcia Fogo. Minha filha está em tratamento homeopático para H1N1. Não sei ainda se vamos aplicar tbm a vacina. O que a médica otorrino que acompanha minha filha orientou, é que a vacina gera reação adversa mto raramente. E que é uma vacina segura. Quanto à toxicidade das coisas não sou radical. Não busco por uma vida com exclusão total de tóxicos. Aliás, não sou à favor pq acredito que o organismo precisa deles (em quantidades seguras) para reagir às adversidades que enfrentaremos em alguns anos. O próprio ar já é tóxico. Mesmo que lutem para diminuir os poluentes e impacto ambiental, ainda assim teremos que lidar com certa quantidade de poluentes. Enfim, mas isso é uma posição mto pessoal. Nem estou mais respondendo aos comentários pq não gosto de tratar de princípios e valores mto particulares. Apenas estou lhe dando um retorno pq me marcou e, como eu já estava

dando um retorno pq me marcou e, como eu já estava participando deste post, achei justo dar meu parecer. Eu mesma trato algumas coisas com remédios... como diminuir febre da minha filha, diminuir minhas dores de cabeça, tomo cafeína para aguentar o dia, tomo dorflex, etc. Então não sou 'natureba' rs. Apesar de concordar com a busca por introduzir no organismo o mínimo possível de substâncias químicas prejudiciais. Desejo que consiga encontrar o melhor caminho para vcs!

Curtir · 1 a



2



Márcia Fogo Mto obrigada por responder! Confesso que aqui nunca fiz nada para evitar acho que no máximo um vidro de vitaminas em 2009 e 2010.... Não sou radical tmb meu primeiro filho é vacinado o segundo optei no que achei melhor (algumas sim e outras não) a da gripe é uma que nunca tomei, mas se tratando de criança que frequenta a escola, estou mto na dúvida! Vou procurar um homeopata essa semana! Oq vc está utilizando precisa de receita?

Curtir · 1 a



3



Márcia Fogo Tmb tomo medicamentos de farmácia, meus filhos tomam! Não sou radical! Bjo 🤗

Curtir · 1 a



Patrícia Ferreira Márcia Fogo Não sei se precisa de receita, mas, acho que vale vc conversar com o homeopata, tirar possíveis dúvidas... 😊 Minha filha tmb frequenta escola e preocupo-me não só com ela, mas caso ela pegue alguma coisa, as outras crianças pegam dela e é dever e responsabilidade minha pensar no todo em que ela está inserido, portanto, compreendo sua preocupação. Converse tmb com as outras mães da turminha do seu filho... quem sabe elas tem alguma informação diferente, algo q possa ajudar 😊

Curtir · 1 a



1



Márcia Fogo Muito grata 😊

Curtir · 1 a



1



Renata Villela Leiam o texto e se informem mais sobre homeopatia, nosodios e antroposofia nos sites q eu indiquei... Anti Vacina não é fundamentalismo é informação. Pensamento homeopático e um e alopatico é outro, são TOTALMENTE distintos.

Curtir · 1 a



5



Alessandra Assunção Gente homeopatia nada tem a ver com toxicidade, vírus e bactéria. De onde vem essas informações?

Curtir · 1 a



5



Isma De Sousa Alessandra, já acreditei na homeopatia da mesma forma que muitos, mas aprendi a analisar seus tratamentos e métodos!

Pode ser que muitos que acreditam em homeopatia, na verdade esteja utilizando tratamento natural! A homeopatia é utilizar métodos que imitem a própria doença!

Curtir · 1 a



2



Patrícia Ferreira Então, estou estranhando essa informação...

Curtir · 1 a



Patrícia Ferreira Me manda os textos q vc tem sobre isso, por favor. Tenho um livro de medicina vibracional q não menciona isso. Vou dar uma olhada nele novamente, mas se eu tivesse lido isso, ia lembrar

Curtir · 1 a



1



Márcia Fogo Eu estou procurando alguma alternativa preventiva Ja que a vacina pode "ser arriscada" conheço duas pessoas que morreram com essa doença o pulmão sangrou e elas vomitaram parte deles isso em menos de 3 outro 5 dias... O Brasil está em surto e isso é serio

Curtir · 1 a



1



Isma De Sousa Te marquei no texto! Creio que ao longo do tempo as pessoas se confundem e o termo homeopatia é utilizado pra tratamentos que não tem nada haver com homeopatia!

Creio ser um equívoco de termos!

Curtir · 1 a



1



Patrícia Ferreira Mas é bom não confundir as pessoas: homeopatia é um tratamento antigo, que vai para além do corpo físico... é um tratamento sutil... se a pessoa não conhece de homeopatia, é mto facil mesmo ser 'enganada', mas antes de repassar qualquer informação, é necessário buscar por FONTES SEGURAS E COM CREDIBILIDADE.

Curtir · 1 a



Isma De Sousa A toxicidade de substâncias existe, só cego que não quer ver!

Bonitas palavras, tratamento além do físico e sutil, mas é provindo de elementos que tentam imitar a própria doença, assim como vírus e bactérias!

A diferença das vacinas homeopáticas é que não tem metais é isso?

Curtir · 1 a



Patrícia Ferreira Isma, mas muitos elementos podem ser toxicos, depende de como são utilizados!!! Vc come comida organica somente? pode ter toxico... primeiro, vc conhece o solo? a agua... cheia de fluor... é toxico.... e mto.... cloro... é a quantidade q vai gerar a doença, q aliás, ao longo da vida gera mesmo, mas como a gente vai ter acesso a água de fonte limpa??? Vc produz seu proprio alimento? Ingerimos

fonte, limpa??? Vc produz seu proprio alimento? Ingerimos 'toxicos' o tempo todo, só q devemos buscar saber o quanto.... não é a homeopatia q vai lhe intoxicar o organismo, lhe garanto!

Curtir · 1 a



Patrícia Ferreira Preciso deixar de acompanhar agora. Mas qdo puder, volto. De qualquer forma, obrigada pela oportunidade de tratarmos do assunto!

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso "mas muitos elementos podem ser toxicos, depende de como são utilizados!!! Vc come comida organica somente? a agua... cheia de fluor... é toxico.... e mto.... cloro... é a quantidade q vai gerar a doenca, q aliás, ao longo da vida gera mesmo, mas como a gente vai ter acesso a água de fonte, limpa???" -- Não é porque agente não pode dar um passo maior que a perna que vamos ficar parados na estrada enquanto a carreta tá vindo em cima. Além disto evitar qualquer toxico sempre faz diferença na saúde, para melhor e evita ter o próprio corpo degradado. Evitar os tóxicos conhecidos é uma atitude de livre arbítrio inaliável do ser humano. No link abaixo a torre que coleta água pura a partir do ar, sem qualquer tóxico.
<http://gizmodo.uol.com.br/torre-de-bambu-que-faz-agua/>

Curtir · 1 a · Editado



Isma De Sousa Márcia, o que descreveste de pessoas que morreram sangrando, deve ter sido resultado de caos vascular! Vacinas podem causar caos vascular! Para com vacinas, e os riscos diminuem!

Curtir · 1 a



Márcia Fogo Isma H1N1 causa hemorragia pulmonar os dois eram saudáveis e até onde me informei não tomaram vacina.... Estamos falando de um vírus que não sabemos como nosso corpo vai reagir

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso Quase 90 por cento dos casos foram em São Paulo aonde é maior a poluição do ar, que sabe-se, enfraquece o pulmão à ação do H1N1. Devemos limpar o ar para reduzir mortes não intoxicar ainda mais o corpo. Se o objetivo é menos hemorragia no pulmão parem de poluir o próprio ar. <https://www.youtube.com/watch...>

Curtir · 1 a · Editado



Márcia Fogo Mto bom seu comentário, mas despoluir o ar de SP é impossível! Vc concorda comigo? Eu sou do interior

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso é impossível desligar o carro ou adquirir um elétrico? não é impossível mas os que lucram com combustíveis de queima combatem tecnologias limpas. Veja

o exemplo abaixo: <https://www.youtube.com/watch?v=raqffjuFWgl>

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso Lembrando que os EU proibiu esta tecnologia, introduzida no vídeo acima: Vejam esta mensagem de M T Keshe, Fundador e Diretor Interino da Fundação Keshe, uma recente resposta direta a uma recente lei passada por Obama.

Notícia importante:

Com o decreto presidencial levado a lei pela assinatura do Presidente Obama no início desta semana, a utilização da tecnologia espacial e outras similares desenvolvidas pela Fundação Keshe por outros países, é considerada uma ofensa criminosa.

Isto quer dizer que desde esta semana os cientistas já não podem divulgar as suas tecnologias ao público ou a qualquer governo a não ser que seja para a sua utilização na guerra ou em benefício das nações fabricantes de armamento.

Nós não aceitamos tal castração da ciência e pedimos ao governo dos Estados Unidos da América a clarificação deste decreto pela Casa Branca.

Esta é uma lei para silenciar a Fundação Keshe e outras organizações de pesquisa, ou pode a América fazer pressão para que apenas a sua tecnologia possa ser aceite no mundo?

Este decreto presidencial é contra a liberdade científica internacional para o desenvolvimento, pesquisa e partilha de informação e esta ordem é como uma mordada para uma organização científica como a nossa.

Por favor informe a sua imprensa.

M T Keshe <https://www.facebook.com/Keshe-Foundation-126388777468892/>

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta O vírus H1N1 já é dominante há 2 anos na Europa e não sei de nenhum caso de hemorragia pulmonar pesada como a mencionada.... Isso mais parece consequência vacinal! Aliás, qdo viram q ía vaziar a informação de q Prince foi vacinado, nem se falou mais nada q ele estava gripado.....pffffff.....até gente morrendo um dia depois da vacina, os médicos insistem q não foi a vacina....é de loucos isso!

Curtir · 1 a



Renata Villela Márcia Fogo Se puder liga para o Instituto Roberto Costa e tenta falar com o Dr. Carlos Lyrio ele é mega acessível. O assunto é sério mesmo.

Curtir · 1 a



^ Ocultar 12 respostas



Márcia Fogo Qual a lista do tratamento preventivo que vc faz pra gripe? Homoenotia pra mim é novidade

Paulo de Tarso Quem combate os vírus são as vacinas ou o sistema imunológico? A chave é fortalecer o sistema imunológico com a alimentação e todas as boas praticas. Crianças que mamam no peito saem na frente pois recebem anticorpos (macrófagos) que agem no sistema imune do bebe estimulando-o. Leite materno é vacina segundo o próprio ministério da saúde.



Curtir · 1 a · Editado

Renata Villela Márcia Fogo te passo inbox qdo tiver no notebook.
Paulo de Tarso tem toda razão e a homeopatia é de grande ajuda para fortalece-lo.

Curtir · 1 a

Márcia Fogo Paulo de Tarso como já comentei em um post passado, faleceu um bb de 9meses que amamentava exclusivo no peito, não frequentava creche e era saudável!! Tenho uma bb que amamenta no peito 2 anos já e receber essa notícia me fez pensar que nada sei sobre esse vírus

Curtir · 1 a

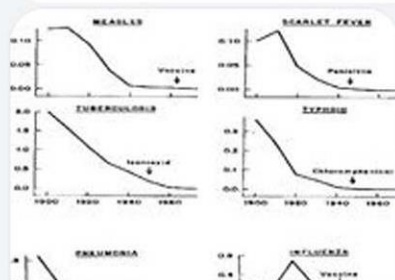
Márcia Fogo Renata Wie obrigada

Curtir · 1 a

Renata Villela Por nada, Márcia Fogo.

Curtir · 1 a

Paulo de Tarso Prosperar é o fluxo natural da vida, todas as vacinas estudadas abaixo não apresentaram efeitos no geral, na conjuntura das doenças analisadas durante décadas.



Paulo de Tarso o Sarampo no Brasil aumentou como nunca depois da vacinação na década de 70.



Curtir · 1 a · Editado

Paulo de Tarso Márcia Fogo Mas no caso quem toma vacina também pode pegar e falecer de H1N1, como mostram os dados das agências de vigilância aqui e mundo afora e consta na bula da vacina H1N1. É sabido que a medicina não pode com tudo, os médicos dizem isto a todo momento, a cada vez que perdem um paciente, parte das vezes por erro médico como mostram as pesquisas.

Curtir · 1 a · Editado

Patrícia Ferreira Colando o q falei pra Isma em outro post, para que as pessoas q estão seguindo esse, possam acompanhar a discussão: "Pelo q o texto fala, foi utilizada a homeopatia para tratamento do pato, pois ele estava com alguma doença causada por tal virus e bacteria, q estava já no coração e no fígado. Aí ele usou o medicamento homeopatico pra ver como o organismo do pato reagia ao ataque dessas bacterias q estavam no corpo dele... ANTES DA HOMEOPATIA... isto é, a homeopatia iria ajudar o organismo a lutar contra essas bacterias, virus."

Curtir · 1 a

Monique Souza Que estranho isso Márcia Fogo, qual estado vc esta? Esses sintomas são bem característicos de outras doenças, não de h1n1. Já vi pessoas que receberam alta, ou que estavam achando que era gripe comum e resolveram fazer o teste de sangue e viram que era h1n1, mas se não fosse a repercussão, talvez nem soubessem. É o mesmo vírus? Como explicar a diferença de sintomas tão distantes um do outro? Isma De Sousa

Curtir · 1 a

Márcia Fogo Monique Souza oq posso dizer pra vc é que ambos foi confirmado na biópsia procura no google acadêmico isso acontece é uma síndrome hemorrágica que eu não me lembro o nome semelhante a dengue hemorrágica

Curtir · 1 a

Monique Souza Qual o google acadêmico?

Curtir · 1 a

Isma De Sousa Monique Souza, a descrição mencionado é de colapso vascular e pode ser causado por diferentes fatores sim

colapso vascular, e pode ser causado por diferentes fatores sim, dentre eles vacinas e nem precisa ter tomado agora, pode ter tomado antes! Volto mais tarde prá tentar desenvolver mais esse assunto!

Mas vocês lembram do pessoal da África que morreu sangrando por conta do ebola?

Curtir · 1 a



3



Claudia M. Gaeta Exato....também existe SARS e MERS....as doenças pulmonares asiática e do Oriente Médio, q estiveram pela Europa esses anos. Essas sim, causam essas hemorragias....

Curtir · 1 a



Márcia Fogo SARS é complicação da H1N1

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Severe acute respiratory syndrome (SARS) já existe há mais de 10 anos por aqui, e apesar de ter sintomas parecidos com gripe inicialmente, NUNCA FOI ASSOCIADA A NENHUMA GRIPE. De onde vos tiraram essa informação de q SARS é associada ao H1N1???

Curtir · 1 a · Editado



1



Claudia M. Gaeta

http://www.medicinenet.com/severe_acute.../article.htm

medicineNet.com

SARS: Get Facts on Symptoms and Disease Outbreaks

MEDICINENET.COM

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta SARS é causada por coronaVirus, passado pelo morcego das palmeiras na Ásia. É bem capaz q seja isso o q esteja causando mortes no Brasil, e estejam culpando a H1N1....daí é grave, porq a vacina da gripe não protege contra isso....o pessoal só vai ficar mais fraco e vulnerável se vacinar....

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Isma De Sousa

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Extrato de sabugueiro tem ação anti-coronaVirus inclusive de SARS.

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3899428/>

<http://journals.plos.org/plosone/article...>



Sambucus nigra extracts inhibit infectious bronchitis virus at an...

 **Márcia Fogo** Tem estudos clínicos de casos no google, o pulmão simplesmente derrete

Curtir · 1 a  1

 **Monique Souza** Sim Isma De Sousa lembrei disso, e de como tinham suspeitas , na época, em campinas, sul e rio

Curtir · 1 a

 **Monique Souza** Marcia Márcia Fogo entao isso que estou observando, pq a principio os virus gripais se agravam por outros fatores, e certos virus, como a dengue hemorragica e ebola literalmente matam as células. Oque, pelo que entendi, causa isso q vc esta falando. Tem uma pequena diferença que vou ate perguntar pra algum professor na faculdade.....

Curtir · 1 a

 **Monique Souza** Márcia Fogo noticia interessante...<http://www.diariodasaude.com.br/news.php...>



Vírus H1N1 causa reação desmedida do sistema imunológico

DIARIODASAUDE.COM.BR

Curtir · 1 a

^ Ocultar 22 respostas

 **Monique Souza** Nesse artigo eles falam sobre a reacao desmedida do sistema imune e como as proprias celulas nk acabam destruindo o tecido do pulmao.. nao sei se ja é artigo científico.

Curtir · 1 a  1

 **Márcia Fogo** Resumindo pessoas saudáveis teve reação desmedida do sistema imune?

Curtir · 1 a  2

 **Monique Souza** Pelo q elas verificaram , ha chance dessas pessoas terem algum problema imune(doencas autoimune, qdo o sistema é reativo demais). As celulas do proprio corpo que atacaram o pulmao. (tentando tirar o vírus) Nao eram tao saudáveis .

Curtir · 1 a  1

 **Márcia Fogo** Monique Souza será que se uma pessoa estiver tomando algum medicamento-vitaminas para ativar a imunidade corre esse risco?

Curtir · 1 a  1

 **Monique Souza** Márcia Fogo olha td isso é bom perguntar pra um medico, homeopata, naturologo etc. Mas que eu saiba nao, o excesso de vitaminas vai ser excretado na urina. Um bom meio de manter o corpo saudavel é regular a

uma. Um bom meio de manter o corpo saudável e regular a alimentação pra alcalina.. E distúrbios auto-imunes não se sabe a causa exata, só de origem genética ou dps da mnr (reumáticas), e agora pra vac.hep.b (lupus).....estão pesquisando sobre radiação, água e alimentos contaminados mas nada certo. Vou até pesquisar sobre esse tema tbm....

Curtir · 1 a



1



Márcia Fogo Monique Souza me interessei sobre alimentação alcalina me passa link ou informações pra eu ler, obrigada

Curtir · 1 a



1



Isma De Sousa Mesmo se tiverem uma alimentação saudável, ser super saudável, não ter nenhum problema no organismo, o risco de vacinas desencadear algo horrível no corpo, é eminente!

Só que nunca pesquisaram antes se os cobaias de vacinas eram completamente saudáveis, testando para alergias, verificando se o corpo estava perfeito e sem problemas antes da vacinação!

Seria antiético vacinar se houvessem essas desconfianças!

Então é mais fácil mentir ou achar a desculpa de que reações aconteceram porque existia um problema latente!

Então por esse motivo, de não sabermos se nossos filhos são propensos a reações, não deveríamos arriscar!

Curtir · 1 a



2



Monique Souza Marcia Márcia Fogo tem vários grupos como raw food, dieta crua, cruvidorismo, veganismo alcalino e sustentável. Nem todos comem 100% crus o que é bem difícil, mas algumas refeições já é muito bom. Tem um site chamado doce limão, de uma química, brm conhecido. Mas se vc entrar nos grupos vai ver na prática algumas refeições pra vc incluir no dia a dia.

Curtir · 1 a



1



Claudia M. Gaeta 1. Esse link, Monique Souza, é propaganda do sistema. Eu, particularmente, não acredito em corporativismo médico do sistema governado pela indústria farmacêutica! 2. Doenças autoimunes têm múltiplas causas epigenéticas, como vacinas, antibióticos, agro... Ver mais

Curtir · 1 a



1



Monique Souza Oi Claudia M. Gaeta as observações sobre o link foram minhas mesmo. O que eles colocaram foi que as pessoas que tiveram a hemorragia pulmonar tinham uma tendência das células à autodestruição. Eu tbm acho que a maioria das doenças autoimunes veio depois das vacinas e agressões, até agora na minha opinião, uma pequena parcela pode ser genética, mas muito menos do que se

parcela pode ser genética, mas muito menos do que se supõe mesmo... concordo com vc. Eu tbm nao acredito nos links suspeitos, eu mesma posso te dar um exemplo muito bizarro que foi o post da OMS aonde dizia que junto com a Biomaguinhos e MSAude tinham 100% de certeza que a vacina Rotavirus nao causa alergias ao leite. Eu então, liguei diversas vezes para Biomanguinhos pois deveriam então ter noa contactado via MS uma vez que eu ja mandei varios casos pra lá. Fora as notificação das maes. Nenhum estudo foi feito e na biomaguinhos nao ha sequer UMA notificação. Esse é um dos exemplos mais bizarros de como uma organizacao tal grande e vista como idônea pode ser tao cruel.

Curtir · 1 a



1



Monique Souza Notificações *

Curtir · 1 a



Cláudia M. Gaeta Concordo plenamente. Eles não querem colocar impedimentos a vacinação nenhuma.... Os casos em q doença atingiu genes, os fatores iniciais causadores foram epigenéticos. O link q eu disse ser propaganda foi esse: www.diariodasaude.com.br/news.php...

Curtir · 1 a · Editado



1



Isma De Sousa Karla F. Freire, leia comentários aqui!

Curtir · 1 a



1



Roberto Maracajá Junior O link diz que a página não está mais no ar! E porque não deveria estar??? Simples revela de alguma forma provas contra os responsáveis!

Curtir · 1 a



1



Monique Souza Roberto Maracaja Junior Tem razão. Mostrava que a h1n1 (que justamente começou a se espalhar nos arredores de alguns laboratorios mexicanos) pode matar justamente aqueles com o sist. Imunológico fraco ou confuso (caso das doenças autoimunes)

Curtir · 1 a



2



Isma De Sousa Deve ser o objetivo: Eliminar quem já é fraco, e enfraquecer os fortes!

Curtir · 1 a



2



Monique Souza Roberto Maracaja Junior estranho ter saído do ar.

Curtir · 1 a





2




Roberto Maracajá Junior Monique Souza Toda verdade será ocultada, o gado tem continuar sem saber que será um dia abatido! Assim será pego de surpresa e nada fará contra o sistema em voga!

 **Márcia Fogo** Monique Souza eu conheço uma pessoa que tinha lúpus e faleceu 3 dias depois da vacina
Curtir · 1 a  2

 **Márcia Fogo** Claudia M. Gaeta Não consegui abrir seu link
Curtir · 1 a  1

 **Monique Souza** Márcia Fogo Nossa coitado, não deveria ter tomado então, muito próximo a data que morreu com a tomada ne... O link que ela postou foi o mesmo que eu te mandei aqui em cima. Agora tiraram do ar.
Curtir · 1 a  1

 **Roberto Maracajá Junior** <https://www.youtube.com/watch?v=bFQL4G9zIRQ>
Perigo mortal vacina H1N1


https://www.youtube.com/watch?v=sqK_w10avOo
D3, VACINA, CONTRA, GANCER, Dr, Lair, Ribeiro

<http://estaoteenvenenando.blogspot.com.br/.../medicos...>
Médicos Contra as Vacinas: O Outro lado da História que não Está Sendo Contado



Curtir · 1 a

 **Márcia Fogo** Quem faz uso da vacina???? Up up up
Curtir · 1 a


 **Isma De Sousa** Ah turma ai da vacina Homeopática, vi num comentário sobre uma substância, e achei a informação abaixo. Nenhuma vacina faz bem!

Essa substância vi num comentário que se usam prá curar gripe! E vocês acham mesmo que vou querer dar aos meus filhos isso aí? Quando se pode dar uma alimentação forte e natural! Não me condenem por não querer intoxicar o corpo dos meus filhos em nome de se manter a saúde!

COLIBACILLINUM
(Coliformes fecais em crescimento)
<http://wikbio.com/pt/Colibacillinum-Homeopatia>

Colibacillinum. Homeopatia | WikBio

WIKBIO.COM

Curtir · 1 a  3

 **Isma De Sousa** Carla Fregona, aqui tem mais informações sobre vacinas homeopáticas. Eu tô lendo aos poucos sobre o que é utilizado nelas, e contádo, e no texto acima achei um que é prá

utilizado nelas, o conteúdo, e no texto acima achei um que é pra combater a gripe, e minha opinião sobre vacinas continuam a mesma. Nada injetado no corpo que é tóxico em nome da saúde, não me convence que é bom!

Curtir · 1 a



Monique Souza Isma De Sousa estão usando a microbiota em cápsula, poderiam então receitar o kefir que tbm tem muitas bactérias benéficas. A vacina homeopática pelo que estou entendendo é nada mais que a aumentar a flora. O que eu sei sobre isso é que o Lactobacilo Reuteri por exemplo, já foi comprovado que diminui a incidência de problemas resp. Em crianças. Esse estudo existe e mostra como a microflora na verdade nos defende. Assim, esse colibacilum seria um lac. Ou bactéria, mas com um nome de vac. Homeopática? Foi isso que entendi.

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Ismaaaaaaaaaaaaaa.... Isma De Sousa, as "vacinas" homeopáticas não são nunca injetadas em ninguém. O caminho de enriquecer a flora bacteriana é o caminho contrário das vacinas, menina! Não é toda bactéria q é prejudicial. O pessoal de doença de Chron está fazendo transferência fecal em casa e se curando.... Cuidado com o preconceito. Pais de autistas sabem do q estou falando.... Os problemas de saúde acontecem qdo a flora benéfica é atacada ou desfalçada. Foi provado q crianças autistas apresentam disbiose intestinal!!!! Isso é muito importante!

Curtir · 1 a



Monique Souza Claudia M. Gaeta sabe o qur tem causado hiperplasia e disbiose intestinal? A vacina Rotavirus. Fora as internações, agora tem 1 bebe internado em Sp com invaginação, e outro faleceu semana passada pois tinha cardiopatia a vacina deu infecção e ele não aguentou!! Vamos criar uma geração de autistas e hiperativos se continuarem usando essa vacina.

Curtir · 1 a



Monique Souza Estou cansada de tantos maus cuidados aqui no Brasil.

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Monique Souza sou mãe de autista q recuperei com probióticos e intervenções naturebas. Faço parte de muitos grupos de estudo....alguns do face.... Sei bem do q estou falando qto a flora intestinal. Com certeza essa vacina também é nefasta! Deveriam avisar alérgicos, mas o corporativismo médico não deixa. É só dinheiro q se perde....e infelizmente isso não acontece só no Brasil.

Curtir · 1 a · Editado



Monique Souza Claudia M. Gaeta posso te add? Assim vou ver esses grupos eu tbm curei minha filha da alergia

a tomar leite (agora ela tem a opcao de tomar ou nao), realmente da certo. Tem muitos alergicos que sao hiperativos e as maes nem sabem a ligacao.. nosso intestino tem muita ligacao com os sistema linfático e nervoso.. espero que tudo isso seja cada vez mais divulgado tbm.

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Bactérias da flora regulam a bainha de mielinaaaaaaaaaaaaa! Fale disso pra quem tem Alzheimer....fibromialgia, MS, AR, autismo.... Veja... <https://www.theguardian.com/.../gut-bacteria-brain-myelin...>



Gut bacteria regulate nerve fibre insulation

THEGUARDIAN.COM

Curtir · 1 a



Monique Souza Claudia M. Gaeta Essa informação vale ouro! Vou passar nos grupos do Dr.Lair (medico aqui do brasil vc deve conhecer!). Hj mesmo tinha uma menina la com fibromialgia.

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Tem um cientista aqui na Suécia, Dr.Tore Midvedt, q concluiu q nós temos 90% DNA da nossa microbiota. Só 10% é nosso. E eu acho q as palavras dele foram tolhidas e distorcidas, porq ele deve saber q temos microbiota em todos os órgãos, incluindo o DNA das nossas mitocôndrias, q originalmente eram (são) bactérias.

Curtir · 1 a



Renata Villela A Alopacia, do grego "cura pelo contrário" nada mais é do que a Medicina Comum ou Tradicional, ou seja, a que consiste em utilizar-se de medicamentos que produzem no nosso organismo reações contrárias ao sintoma apresentado para minimizar ou exterminá-los. As experimentações na alopacia geralmente são em pessoas ou animais doentes. Os medicamentos alopatícos portanto são aqueles produzidos em larga escala ou em farmácias de manipulação de acordo com uma prescrição médica. Eles são os principais produtos que são vendidos em farmácias e drogarias, e seus principais defeitos são os seus possíveis efeitos colaterais e a sua carga tóxica.

Já a Homeopatia visa o indivíduo como um todo analisando além do seu corpo, a sua mente. Ao contrário da Alopacia, a Homeopatia cura pelo seu semelhante, e trata da pessoa doente e não da sua enfermidade que a incomoda no momento. Os medicamentos utilizados na Homeopatia não são agressivos, e estimulam o organismo a reagir para forçar seus mecanismos de defesa naturais. Os medicamentos homeopáticos podem ser utilizados em qualquer idade, desde que acompanhados pelo médico homeopata.

Curtir · 1 a





Renata Villela As experimentações científicas, na Homeopatia, são realizadas em pessoas saudáveis, enquanto que a alopatia geralmente utiliza pessoas doentes e animais.

As doses das substâncias utilizadas na alopatia encontram-se no limite da toxicidade, quase sempre produzindo efeitos colaterais. As substâncias agem por quantidade de massa (matéria).

A Homeopatia utiliza as substâncias em doses mínimas e os medicamentos agem de forma energética, sem produzir toxicidade.

Curtir · 1 a



Renata Villela COMO É FEITO O MEDICAMENTO - O medicamento homeopático pode ser feito de plantas, animais, minerais. Ele é muito diluído e, desta forma, não vai fazer mal ao doente. Além de diluído ele é energizado (sucussionado). Isto quer dizer agitado, batido. Pega-se uma parte do remédio (exemplo – Mercurius ou outro). <http://www.doutormois.com.br/.../o-medicamento...>

Curtir · 1 a · Editado



Isma De Sousa Vocês defendem produtos tóxicos, e não existe provas que não produzam toxicidade ou causem alterações no organismo a longo prazo!

O que me surpreende mais é tentarem defender dentre outras substâncias, também dejetos fecais, para serem colocados no c... Ver mais

Curtir · 1 a · Editado



Claudia M. Gaeta Voce vai me desculpar, Isma De Sousa, mas homeopatia está longe de ser tóxica. Fitoterapia usa plantas também e se for séria, é muito menos prejudicial e algo q o corpo reconhece e "foi desenhado" pra consumir....mesmo q algumas das plantas sejam perigosas, usadas por gente séria e experiente, podem curar sem efeitos colaterais. Isso nem se compara com alopatia, onde um ET (porq os laboratórios têm q modificar os princípios ativos naturais "levemente" pra efeito de patente) é consumido e o corpo NÃO RECONHECE E VAI TER Q SER DESINTOXICADO. Por isso, paracetamol sabemos q vai prejudicar o fígado....esse é o órgão sobrecarregado se ingerirmos muitos fármacos.

Curtir · 1 a



Renata Villela COMO AGE O HOMEOPÁTICO
<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=entenda-a-homeopatia>



Entenda a homeopatia

USP.BR

Curtir · 1 a



 **Renata Villela** A urina da manhã é excelente para a pele...
<http://saude-info.info/urinoterapia-para-a-pele.html>

 **Urinoterapia na pele**
SAUDE-INFO.INFO

Curtir · 1 a  1

 **Claudia M. Gaeta** Isso não é homeopatia, mas medicina alternativa não invasiva. A autohemoterapia, por exemplo é medicina alternativa invasiva (seu próprio sangue é injetado no músculo).

Curtir · 1 a  1

 **Renata Villela** Alguns tipos de fezes de animais podem ser usadas como fertilizantes (estrume), enquanto que outras, principalmente de ruminantes, podem ser usadas como uma fonte de combustível.

Curtir · 1 a  1

 **Roberto Maracajá Junior** Márcia eu fui enviar um material para ti e sua configuração não permite, creio que isso também seja desnecessário, pois quem realmente pode te fazer mal na sua página entra mesmo sem que permita! Abraços!

Curtir · 1 a  1

 **Márcia Fogo** Desculpa não sabia que a configuração está assim

Curtir · 1 a  1

 **Roberto Maracajá Junior** Deixa público, só crie restrições em seus álbuns de fotografia! Abraço! Assim poderá receber conteúdo de outras pessoas; do jeito que ficou está isolada!

Curtir · 1 a

 **Iaponira Gomes** Aqui na Suécia tem muitas pessoas com problemas por causa dos efeitos colaterais 😞

Curtir · 1 a  2

 **Márcia Fogo** efeito colateral de qual vacina? a injetável ou homeopatia oral?

Curtir · 1 a

 **Iaponira Gomes** Olhe ai Claudia M. Gaeta 😊

Curtir · 1 a

 **Claudia M. Gaeta** Menina, fui eu q te coloquei no grupo. Muito bom, por sinal. To adorando.... essa troca é maravilhosa! Precisamos abrir os olhos dos outros!



Isma De Sousa Comprometimento bitalâmico na encefalomyelite aguda disseminada após vacina H1N1.

Um menino de 5 anos de idade, foi internado com história de febre, náuseas, vômitos e sonolência que tinha começado dois dias após a vacinação contra a gripe H1N1. Exame neurológico, mostrou ataxia de marcha suave, Oftalmo-paresia vertical e reflexos profundos de tendões. A RM - ressonância magnética de Cérebro MRI re-ealou lesões frontal direita e lesões nos talâmicos bilaterais com sinal aumentado em em T2 flair imagens (Figuras A, B, C, D). A análise do líquido cefalorraquidiano mostrou pleocitose lym-linfocintica suave. O paciente teve uma melhora clínica acentuada depois de corticosteróides orais foi iniciada.

Lesões talâmicos bilaterais têm sido relatados em 12% dos pacientes pediátricos com ADEM. Este é o primeiro caso de ADEM após a vacina H1N1 relatados no Brasil.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext...



Bithalamic compromise in acute disseminated encephalomyelitis...

SCIELO.BR

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta O caso desse menino deve ter sido oficializado, ou porq é filho de alguém importante, ou foi muita gente q testem unhou, e não deu pra passar batido.

Curtir · 1 a



Luciene Hungaro ela perguntou homeopática! é bem diferente da vacina alopática.

Curtir · 1 a



Roberto Maracajá Junior Remédio seja qual for, só quando se estiver doente! A ideia de prevenção foi destruída com o golpe da indústria farmacêutica! Esquece os remédios, só use e com cautela quando tiver uma doença e nada mais; se alimente de acordo e viverá saudável. <https://www.youtube.com/watch?v=bFQL4G9zIRQ>

Perigo mortal vacina H1N1

https://www.youtube.com/watch?v=sqK_w10avOo
D3, VACINA, CONTRA, GANCER, Dr, Lair, Ribeiro

<http://estaoteenvenenando.blogspot.com.br/.../medicos...>
Médicos Contra as Vacinas: O Outro lado da História que não Está Sendo Contado



Perigo mortal vacina H1N1

YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a

 **Roberto Maracajá Junior** <https://www.youtube.com/watch?v=bFQL4C9zIRQ>
Perigo mortal vacina H1N1

https://www.youtube.com/watch?v=sqK_w10avOo
D3, VAGINA, CONTRA, GANCER, Dr, Lair, Ribeiro

<http://estaateenvenenando.blogspot.com.br/.../medicos...>
Médicos Contra as Vacinas: O Outro lado da História que não Está Sendo Contado



Perigo mortal vacina H1N1

YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a

 **Valdelice Delis Achei...**  1

Curtir · 1 a

 **Márcia Fogo** Roberto Maracaja Junior mto extremista sua opinião rs

Curtir · 1 a

 **Bruno Henrique** vacina homeopática (entrar em contato com contaminados) é super perigosa  1

Curtir · 1 a

^ Ocultar 13 respostas

 **Renata Villela** Pq é perigosa? Qual a diferença entre uma e outra?

Curtir · 1 a

 **Renata Villela** Como que a homeopática é feita?

Curtir · 1 a

 **Bruno Henrique** Vacinas homeopáticas que conheço são aquelas festas de catapora dos EUA. A criança corre o risco de pegar uma doença mais grave que a própria vacina.

Curtir · 1 a

 **Bruno Henrique** Outro tipo de vacina homeopática não existe e é alguém te enganando

Curtir · 1 a

 **Renata Villela** Bruno Henrique Ha???

Curtir · 1 a

 **Renata Villela** RsrRsrRsrRsr

Curtir · 1 a

Isma De Sousa Eu ainda creio ser uma confusão de termos em que a homeopatia mesmo estar envolvida!

Bruno Henrique, sobre as festas de cataporas, não creio ter nada envolvido com homeopatia! Afinal o corpo será atacado pela infecção natural!

Contudo deixo bem claro, o corpo não precisa ser atacado por infecções de forma assim proposital! Creio que tudo tem seu tempo!

Curtir · 1 a



1

Claudia M. Gaeta Bem, os únicos países q reconhecem a homeopatia como ciencia são os de língua alemã, q eu saiba. O CRM, ou conselho regional de medicina, é o sistema de medicina oficial se defendendo e atacando a concorrência. Eu já havia visto outros artigos de médico... Ver mais

Curtir · 1 a



1

Renata Villela E detalhe Claudia M. Gaeta aqui no Brasil é uma especialidade médica. Meio contraditório, né?!

Curtir · 1 a



1

Bruno Henrique Renata Wie Porque contraditório?

Curtir · 1 a

Márcia Fogo não achei respaldo científico em seu argumento **Bruno Henrique**

Curtir · 1 a



Renata Villela Depois dessa...



1

Curtir · 1 a




Ronaldo Candido Paula QUAL OBJETIVO DE USAR VAGINA HOMEOPATICA ????

Curtir · 1 a

Postagem 2:

<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1699156070327007>






Picorruxo PK ▶ **O lado obscuro das Vacinas**

9 de abril de 2016 · 🌐

⋮

Mães, seguinte.
 Meu bebê de 4 meses NUNCA foi vacinado
 Porém o pai ficou internado alguns dias e ele foi comigo ao hospital (Pq
 mama então não tinha como deixá-lo).
 Hoje começou com febre depois de passar o dia todo chatinho.
 38,5. Baixei com compressa fria na testa, tranquilo. Acredito ser uma virose
 Mas quero dicas de como me preparar pra essas ocasiões?
 Sinto que sou extremamente leiga. Fiquei assustada. Claro que não
 mediquei mas não sei direito o que fazer.
 Há alguma homeopatia para esse fim?
 O que fazer de verdade?
 Por favor compartilhem suas experiências e me ajudem hehe

 Curtir
 Compartilhar

 11



Ronaldo Candido Paula a febre não deve ser tratada

Curtir · 1 a  3



Juliana Martins Pereira Com febre não se brinca mãe. É
 paracetamol ou alivium. Cuidado. Lavar sempre as mãos não deixar
 ninguém tocar nas mãos

Curtir · 1 a  1



Ronaldo Candido Paula <http://dc.clicrbs.com.br/.../febre-nao-e-doenca-e-nem...>



Febre não é doença e nem sempre precisa
 ser tratada, diz pediatra

DC.CLICRBS.COM.BR

Curtir · 1 a  3



Ronaldo Candido Paula NÃO USE PARACETAMOL É
 PERIGOSO

Curtir · 1 a  4



Ronaldo Candido Paula <https://www.youtube.com/watch?v=a743cJaYzPU>



67 A FEBRE NÃO DEVE SER TRATADA!

YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a  1

 **Juliana Martins Pereira** É quando você tiver a experiência que eu tive de não tratar febre e quase perder um filho aí você pode contar sua experiência. Ha controvérsias

Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** Stephany Hendz Doula VG É LIVRE PARA FAZER O QUE QUISER COM SUA CRIANÇA

Curtir · 1 a · Editado  1

 **Ronaldo Candido Paula** <http://extra.globo.com/.../doses-de-paracetamol-em...>



Doses de paracetamol em excesso podem levar à morte

EXTRA.GLOBO.COM

Curtir · 1 a  2

 **Ronaldo Candido Paula** A FEBRE NÃO É VILA , ELA VEIO PARA APAGAR O INCÊNDIO

Curtir · 1 a  3

 **Juliana Martins Pereira** E se convulsionar ou desmaiar e prostrar deixa morrer ?


Curtir · 1 a  1

 Isma De Sousa respondeu · 1 resposta

 **Ronaldo Candido Paula** MAGNESIO QUERIDA

Curtir · 1 a  1

 **Ronaldo Candido Paula** MAGNESIO PROTEGE CONTRA CONVULSÃO

Curtir · 1 a  2

 **Ronaldo Candido Paula** QUE É BEM RARO ACONTECER

Curtir · 1 a

 **Isma De Sousa** Se existe tendência no corpo da criança a convulsões, então logo com uma temperatura baixa de febre é possível acontecer!

Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** Isma De Sousa Febre é a condição em que o organismo determina um aumento de temperatura do corpo como uma resposta organizada a uma doença ou agressão. O exemplo clássico é a febre provocada por uma infecção bacteriana.

Podendo atingir um limite máximo quando não tratada, que é

de 41,1oC (medida na axila), a febre é sinal de vitalidade. Criança sadia é aquela que apresenta temperatura mais elevada quando está com febre. Prova disso é que, com o envelhecimento, a pessoa vai ficando menos sujeita a ter febre. O idoso raramente tem febre, e se ela ocorre, é baixa.

Curtir · 1 a



1



Ronaldo Candido Paula E se tiver convulsão ?

Em vários livros pesquisados, autores renomados em Pediatria, são unânimes em afirmar que são muito poucos os casos de convulsão febril. Só em 3 crianças em 100 ocorrem casos de convulsão. Mesmo assim, esses casos são raros em crianças com menos de seis meses de vida e depois dos quatro anos de idade.

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula Mesmo assim, embora em uma criança que tenha tido uma convulsão febril possa apresentar novas crises convulsivas em outros episódios febris, elas dificilmente poderão ocorrer depois de quatro anos de vida. Assim, muitas vezes estes pacientes tem uma convulsão com febre baixa (37,5 o C) , ou mesmo durante um simples processo infeccioso sem febre, e durante todo o resto de sua vida não mais apresentam convulsões, mesmo com febre elevada.

Curtir · 1 a



1



Isma De Sousa Sim, ela é saudável, e nunca recebeu nenhum tipo de injeção no corpo! O outro filho do meio, já teve febre próximo a 40 graus, e só fiz compressa também! Mas existem casos que precisam de atenção especializada! Até mais!

Curtir · 1 a · Editado



Ronaldo Candido Paula Isma De Sousa LEVEM EM UM HOMEOPATA OU TERAPEUTA NATURAL

Curtir · 1 a



1



Isma De Sousa Já estão bem! Obrigada!

Curtir · 1 a



1



Picorruxo PK Eh evidente que eu não quero medicar. Se nao já teria o feito. Quero alternativas naturais. Se eu não vacino, como quero medicar alopaticamente meu filho de apenas 4 meses? Eu entendo que a febre não eh vilã, só quero algo que me ajude a baixar a febre dele. As compressas funcionaram. Agora veremos na madrugada como será..

















Juliana Martins Pereira entendo sua posição, mas se eu pedi alternativas naturais eh pq não quero medicar.

Se for necessária o farei, porém nunca desnecessariamente. A febre está baixa. E baixou mais um monte com as compressas frias. Eu pedi ajuda das mães que não medicam por este Motivo

Curtir · 1 a



3

-  **Picorruxo PK** Como assim magnésio?
Curtir · 1 a
-  **Ronaldo Candido Paula** QUAL TEMPERATURA DA FEBRE QUE O BEBE ESTA QUERIDA ???
Curtir · 1 a
-  **Ronaldo Candido Paula** ABAIXAR A FEBRE NÃO ADIANTA
Curtir · 1 a
-  **Ronaldo Candido Paula** UM POSSIVEL BACTERIA ESTA NO CORPO DO BEBE
Curtir · 1 a
-  **Ronaldo Candido Paula** COM AUMENTO DA TEMPERATURA DO CORPO A BACTERIA NOGIVA
Curtir · 1 a
-  **Ronaldo Candido Paula** DESAPARECE
Curtir · 1 a
-  **Ronaldo Candido Paula** E O CORPO VOLTA TEMPERATURA NORMAL
Curtir · 1 a
-  **Picorruxo PK** Estava com 38,5 (por alguns pediatras ainda nem eh considerado febre). Agora com as compressas baixou mais um monte...
Curtir · 1 a  1
-  **Picorruxo PK** Acredito ser vírus. Pois a temperatura não subiu abruptamente e ele passou o dia todo com sintoma (tipo quando a gente vai ter gripe)!
Curtir · 1 a
-  **Ronaldo Candido Paula** SE VC ABAIXAR A TEMPERATURA O VIRUS NÃO DESAPARECE
Curtir · 1 a  1
-  **Ronaldo Candido Paula** ENTÃO FIQUE DE OLHO
Curtir · 1 a
-  **Ludmila Souza Fontinele** Bebês abaixo de 6 meses não convulsionam por febre
Curtir · 1 a  2
-  **Ronaldo Candido Paula** AINDA MAIS QUE SEU BEBE NUNCA TOMOU UMA VAGINA
Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** BOA Ludmila Souza Fontinele
Curtir · 1 a  1

 **Ronaldo Candido Paula** FALOU TUDO  1
Curtir · 1 a

 **Juliana Martins Pereira** Se persistir mais de três dias é preocupante. Se sair bolinhas é só roseola. Eu medico a partir de 38,5, pq já passei situações ruins, mas banhos com ervas sempre ajudam, alecrim, manjerição. Você pode tomar chá de açafraão com gengibre e amamentar tbm que passa pro leite
Curtir · 1 a  3

 **Picorruxo PK** Sim. Se tivesse passado disso eu estaria muito preocupada. Quais as ervas para o banho? Amanhã vou tomar muito suco de laranja e limão tbm, pra passar vitamina C pro bebê
Curtir · 1 a  1

 **Natália Lemes** ac
Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** TALVEZ AMANHA A GRIANÇA ESTEJA BOA
Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** É ASSUNTO MUITO POLEMICO
Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** POR QUE AS PESSOAS FORAM ENSINADAS QUE TER FEBRE É RUIM  1
Curtir · 1 a

 **Picorruxo PK** Sim. Eu estou de olho. Sei que essa temperatura não eh muito alta. Mã como disse ainda me sinto despreparada. Aquela cultura de qualquer febrezinha sem sintoma ja ir medicando rolava por aaii. Hoje sei que febre sem sintomas não se. Médica, deixa-se o sistema imunológico atacar e se proteger. Estou tentando fazer isso
Curtir · 1 a  1

 **Ronaldo Candido Paula** ENTÃO FIQUE CALMA
Curtir · 1 a

 **Ronaldo Candido Paula** DEPOIS VC NOS CONTA O QUE ACONTECEU
Curtir · 1 a

 **Juliana Martins Pereira** Leva pra tomar sol. Banhos tem vários que ajudam pq amamentar exclusivamente é s melhor.opção. funcho,

especial pq amamentar exclusivamente e o melhor pq: leite, erva doce, gengibre. Faz chás e coloca no banho. Camomila e cidreira também. Minha filha com 4 meses teve 39 e desmaiou uma vez e passei a medicar. Não com hora marcada, nem pra febre baixa, mas febre pode ser perigoso

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula E O PÁRACETAMOL NÃO É ????

Curtir · 1 a



Juliana Martins Pereira Viver e perigoso ne? Aff. Um grande risco tomar paracetamol. Cada mae toma as medidas que lhe são melhores ninguém quer fazer mal ao seu filho. Seria bom mesmo viver sem medicação ne, mas nem sempre dá.

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula DA SIM

Curtir · 1 a



Juliana Martins Pereira O post era pra ajudar.uma mãe e nao pra me crucificar. Melhoras pra seu bebê sthefany

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula NAO ESTOU CRUCIFICANDO

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula FIQUE TRANQUILA Juliana Martins Pereira

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula VG TEM DIREITO DE DAR SUA OPINIÃO

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula GERTO OU ERRADO

Curtir · 1 a



Patricia Magalhães Genteeee não entendi o pq de não medicar no caso de febre. Alguém me explica? Febre não é sinal de algo ruim não?

Curtir · 1 a



^ Ocultar 14 respostas



Ronaldo Candido Paula NÃO É


Curtir · 1 a



Patricia Magalhães Pode me explicar?

Curtir · 1 a

Picorruxo PK A febre eh um sinal ótimo de que sei corpo está reagindo a algum agente patogenico que acabou de entrar no corpo. Deixar a febre acontecer eh deixar o corpo reagir e aprender a lutar contra aquele agente. Minhas perguntas eram pra descobrir algo natural além da amamentação que pudesse ajudar. Mas febre não eh ruim não hehe

Curtir · 1 a  5

Ronaldo Candido Paula Stephany Hendz Doula BOA

Curtir · 1 a  3

Patricia Magalhães Mas vo deixam as crianças com febre e pronto? Esperando o organismo combater?

Curtir · 1 a

Patricia Magalhães



 1

Curtir · 1 a

Ronaldo Candido Paula Patricia Magalhães ISSO

Curtir · 1 a  1

Ronaldo Candido Paula PARABENS

Curtir · 1 a

Patricia Magalhães E ser a criança tiver uma convulsão febril?


Curtir · 1 a

Ronaldo Candido Paula Patricia Magalhães
<https://www.youtube.com/watch?v=wJLi1LMDHJA&nohtml5=False>



Magnésio Previne Convulsão - Sentir Febre é Bom Dr Lair Ribeiro


YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a  1

Patricia Magalhães Como usa esse magnésio?

Curtir · 1 a

Ronaldo Candido Paula Patricia Magalhães OLEO E MAGNESIO PARA PASSAR NA PELE

Curtir · 1 a  1

**Ronaldo Candido Paula**<https://casbritto.wordpress.com/.../a-febre-nao-e-o-bicho.../>**A febre não é o bicho de sete cabeças**

CASBRITO.WORDPRESS.COM

Curtir · 1 a

**Claudia M. Gaeta** Óleo de magnésio é fácil de fazer com ele em pó + pouca água, e passar nas articulações diretamente.

Curtir · 1 a

**Juliana Martins Pereira** Fala isso pra mãe de aplv como eu que o filho pode morrer com anafilaxia reagindo simples traços de leite. Não sou sua querida e não quero papo. Para de me marcar aí e responder. Boa noite a todos

Curtir · 1 a

**Ronaldo Candido Paula** <https://www.youtube.com/watch?v=wJLi1LMDHJA&nohtml5=False>**Magnésio Previne Convulsão - Sentir Febre é Bom Dr Iair Ribeiro**

YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a

**Picorruxo PK** Juliana agora te entendo. Seu filho era aplv aí vc tem sintoma. Sobre meu filho ele é extremamente saudável e livre de qualquer coisa que possa agravar seu quadro. Entendeu? Só queria dicas naturais e vc me deu várias. Gratidão

Curtir · 1 a

**Isma De Sousa** Pela primeira vez há duas semanas atrás, passamos aqui em casa por 7 dias de febre com uma bebê de 12 meses. E ela ficou com 3 dias de febre dando 40.2 graus. E nós baixando com compressas frias na barriga. Apesar dos 40.2 graus c, ela não convulsionou... [Ver mais](#)

Curtir · 1 a · Editado

**Nadia Nestorenko Trevisan** Acredito que sinais de prostração e desmaio seja decorrente de desidratação ... meu filho quando tem febre fico dia todo na homeopatia, ele não convulsiona, mas ele desidrata pq ele fica muito abatido mesmo com 38.5... Não ingere líquidos espontaneamente... [Ver mais](#)

Curtir · 1 a · Editado

**Nadia Nestorenko Trevisan** E aqui além de ser aplv com 5 anos de idade tem outras demais alergias alimentares. ... e é

autista mas se comporta melhor que qq.crianca neurotipica, mas é o dia que tem q largar tudo e ficar o dia todo em cima dele

Curtir · 1 a · Editado



3



Claudia M. Gaeta Juliana Martins Pereira cuidado com diferentes plantas também, porq crianças propensas a alergia podem reagir com elas também. Eu sou defensora de plantas pra tudo, mas é preciso cuidado com crianças sensíveis. Aqui existe alergia moderada e asma (qdo ... Ver mais

Curtir · 1 a



2



Picorruxo PK Gente. Pelo amor de Deus. Eu sei dos perigos de uma febre alta (acima de 39) e tbm sei dos perigos do paracetamol. Não eh a toa que estou aqui sem vacina meu bebê até agora. Só queria dicas naturais. Obrigada a todos e não briguem. Aqui todos nós queremos o melhor pros nossos filhos. ... Ver mais

Curtir · 1 a



3



Andreia Caetano Como fez pra não vacinar o filho e o conselho tutelar não bater na sua porta? Sobre a febre se esta até 39 eu deixo e vou observando, já aconteceu várias vezes daminha filha ir dormir com febre e acordar no outro dia como se nada tivesse acontecido

Curtir · 1 a · Editado



3



Ronaldo Candido Paula BOA ANDREIA Andreia Caetano

Curtir · 1 a



1



Picorruxo PK Bateram na Minh porta sim. 2x já. Na última eu ameacei de processar por abuso de poder e disse que conhecia uma equipe de advogados qwhe ganham a vida SÓ com indenizações desse tipo. Além do mais, o ECA assegura meu direito as vacinas, mas não pode me abrigar a fazer! Foi fácil até agora hehe mas nada me a garante que já tenham desistido de mim

Curtir · 1 a



4

^ Ocultar 16 respostas



Ronaldo Candido Paula APRENDE ANDREIA Andreia Caetano

Curtir · 1 a



1



Andreia Caetano Eles são persistentes e petulantes, falo por experiência própria. A conselheira chegou a me ameaçar dizendo que se eu não vacinasse poderiam tirar minha filha de mim pq é lei e deve ser cumprida

Curtir · 1 a



2



Ronaldo Candido Paula Andreia Caetano ANDREIA PROCURE ADVOGADO OU FAÇA COMO EU FIZ GOM A

PROGURE ADVOGADO OU FAÇA COMO EU FIZ COM A MINHA FILHA

Curtir · 1 a



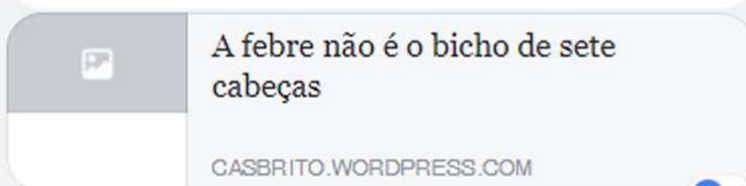
Picorruxo PK Andreia isso eh abuso de poder. O Conselho tutelar so tem esse poder se a criança sofre agressões e maus tratos. E pra mim, enfiar um monte de porcaria no corpo da criança sem dar a ela o direito de escolha eh mau tratar!!!! Pode ameaçar, ou processar de vez.

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula

<https://casbritto.wordpress.com/.../a-febre-nao-e-o-bicho.../>



Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula MAS UM ARQUIVO SOBRE A FEBRE

Curtir · 1 a



Lua Azevedo O que seria EGA?

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso O Ministério Público Federal já pediu à justiça que proíba e indenize os cidadãos vacinados pela HPV. <http://www.douradosnews.com.br/.../mpf-pede-proibicao-da...>



Curtir · 1 a



Paulo de Tarso A ação ainda solicita a suspensão de qualquer campanha de vacinação, inclusive propagandas em veículos de comunicação. Outra determinação do pedido é que a Anvisa seja condenada a publicar resolução tornando a aplicação da vacina proibida em todo e qualquer estabelecimento de saúde, público e particular, além de ser condenada juntamente com a União por dano moral coletivo.

Curtir · 1 a



Ana Rodrigues Lua Azevedo, ECA é Estatuto da Criança e do Adolescente!

Curtir · 1 a





Ana Rodrigues Pessoal, meu marido foi conselheiro tutelar por dois mandatos, estudou muito antes de se candidatar, hj perguntei a ele se monitorar a vacinação de uma criança fazia parte do ECA e ele me disse que sim! As vacinas básicas são "obrigatórias" e somente as sazonais é que a mãe decide se dar ou não ...
Penso que essa ação deve ser por causa das possíveis epidemias.

Curtir · 1 a



2



Isma De Sousa Será que o Conselho Tutelar se apoderou desse "direito" ilegalmente ao ponto dos próprios funcionários acharem que tem direito?

Desculpe, não adianta teu marido dizer que sim, seria interessante ter a fonte original!

E de acordo com a lei de vacinas implantadas nos anos 80, oficialmente o GT não existia com esse direito!

E se o GT quer o bem das crianças, tá na hora deles abrirem processos contra quem obriga a vacinação, visto que tem provas nas bulas escrito dos possíveis efeitos adversos que maltratam as crianças!

Curtir · 1 a



Ana Rodrigues Ai, ai... não tô dizendo que meu marido está certo ou errado, afsss!
O que estou dizendo é que ele estudou as leis que regem o ECA!
E elas dizem isso!
É tão difícil entender?
Só mencionei este fato pra ajudar na busca pelos direitos dos pais que resolveram não vacinar os filhos (e eu estou nesta lista) ...
Sinceramente não acho tão difícil entender minha colocação!

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso As leis falam sobre vacinar. Mas as vacinas não estão acima da lei e muitas vacinas não são constitucionais pelos seus compostos tóxicos. O GT assim como todos, tem o dever de proteger as crianças e não intoxicá-las, por qualquer desculpa.

Curtir · 1 a · Editado



Paulo de Tarso Se ele reestudar as leis que são o ECA verá que algumas vacinas devem ser imediatamente proibidas.

Curtir · 1 a · Editado



Paulo de Tarso DIZERES DE TEXTO DE BULA -
PROFISSIONAL DE SAÚDE
vacina adsorvida hepatite B (recombinante)
proteína de superfície do vírus da hepatite B (recombinante):
25 µg/mL

Cada 1,0 mL contém:

- proteína de superfície do vírus da hepatite B (recombinante) 25,00 µg
- hidróxido de alumínio até 1,25 mg (em Al³⁺)
- timerosal até 0,10 mg
- solução fisiológica tamponada pH 7,0 q.s.p. 1,00 mL <http://www.anvisa.gov.br/.../fil.../frmVisualizarBula.asp...>

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula <https://www.youtube.com/watch?v=wJLi1LMDHJA&nohtml5=False>



Magnésio Previne Convulsão - Sentir Febre é Bom Dr lair Ribeiro

YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a



2



Julia Fontes Post esclarecedor, obrigada as meninas que colaboraram

Curtir · 1 a



3



Lua Azevedo Banho de hortelã ou Guiné no bebê... Abaixam a febre

Curtir · 1 a



1



Clarissa Quadros Stephanie, ele deve ter acompanhamento de um médico, homeopata, acho mais seguro. Nesses casos, quem vai te orientar com segurança é ele. Aqui vc vai compartilhar experiências e ter dicas sim, mas cada um tem uma opinião e não vai saber exatamente o que seu filho tem. Apenas um conselho 😊

Curtir · 1 a · Editado



2



Picorruxo PK Sim. Seu pediatra eh homeopata. A questão eh que ele fica na capital, 250km daqui e não existe mais próximo! 😞 apenas as compressas frias já funcionaram. Mas hoje ja tenho um arsenal maior pra enfrentar a próxima Febre hehehe

Curtir · 1 a



1



Clarissa Quadros Que bom, mas pegue o telefone dele, pois seu filho é pequeno e vai surgir muitas dúvidas. 🙏

Curtir · 1 a



Priscila Vieira Compressas com argila na barriga tb ajudam com a febre. Assim como pano molhado com uma mistura de água e álcool na barriga, testa, fontes.

Curtir · 1 a



1



Alessandra Silveira So uma pergunta: como que essa criança sem vacinas vai frequentar uma escola? Além do risco de pegar tudo que é pereba que v das outras a carteira de vacinação completa é um documento exigido... Isso não é uma crítica, é uma pergunta! Obrigada desde já para quem souber me explicar

Curtir · 1 a



^ Ocultar 11 respostas



Picorruxo PK Se nao permitirem sua entrada numa escola tradicional, procuraremos outra com metodologia mais tranquila e voltada para uma vida saudável (mentira, não vamos esperar ele não ser aceito, já iremos procurar essa escola antes heheh)!
Geralmente a sociedad... Ver mais

Curtir · 1 a



Alessandra Silveira Eu pergunto pq até em concurso público pedem a carteira de vacina dos filhos... Existe na lei alguma brecha para não vacinar?

Curtir · 1 a



Ana Lúcia de Andrade No caso de pais que não tenham condições de pagar por essas escolas diferentes a situação complica. A escola pode chamar o conselho tutelar, mas a menos que você consiga um pediatra para ficar do seu lado é um pouco complicado você conseguir na justiça... Ver mais

Curtir · 1 a



Ana Lúcia de Andrade Quanto a brecha na lei: não existe nenhuma lei que obrigue a vacinar diretamente, mas podem acusar de estar negligenciando os cuidados com ela. No caso de ter um problema judicial você tem como argumentar, mas sem um respaldo médico fica mais complicada a situação!

Curtir · 1 a



Isma De Sousa Conselho tutelar não tem nada haver com vacinas...,é abuso de poder!

Se as crianças não estão sendo maltratadas, é abuso de poder! Vacinas maltratam!

Curtir · 1 a



Alessandra Silveira Nao questionei sobre Conselho Tutelar, questionei quanto a exigência das escolas, dos concursos públicos e etc... Essa é minha dúvida...

Curtir · 1 a



Isma De Sousa As escolas foram mencionadas como fiscalizadoras nos anos 80 quando a lei da vacinação saiu, sobre concursos foi criado essa exigência durante o governo do nosso digníssimo PT!

O povo precisa de trabalho pra ganhar dinheiro, então vão se sacrificar com vacinas!

Se vacinas fazem mal como dizemos, o país se encherá de funcionários públicos incapacitados de pensar claramente e cumprir seu dever de forma honesta! Sabe porque? Porque pessoas doentes, mesmo sem perceber que estão doentes, com processos de encefalites, elas serão incapazes de tomar decisões corretas!

Prova disso? O nosso próprio governo!

Curtir · 1 a



Alessandra Silveira Isma De Sousa, sabes se tem alguma lei que exige mesmo ou estamos apenas acostumados a ser cobrados?

Curtir · 1 a



Isma De Sousa Sim, na verdade essa lei foi passada em todos os países no mundo nos anos 80!

Algum motivo levou o governo do PT a pressionar a utilização dessa lei! ... Ver mais

Curtir · 1 a



Alessandra Silveira Obrigada, fiquei bem curiosa sobre o assunto apesar de Não ter filhos pequenos para optar pela não vacinação... Mas me vejo encurralada por estas questões, até no meu caso onde já adulta preciso comprovar vacinas dos meus filhos e minha... Fiz um concurso um tempo atrás que pra comprovar, caso passasse, teria que refazer vacinas que minha mãe me deu na infância...

Curtir · 1 a



Isma De Sousa Alessandra Silveira, essas vacinas dadas na infância podem ser um perigo de vida a adultos! Vou procurar um vídeo de um político que tomou uma vacina recomendada para crianças, e nem sei se ele sobreviveu! Isso é experimento que estão fazendo no Brasil.

O caso de grávidas também recebendo a vacina dtpa, e microcefalias que aconteceu pela mesma data, não me soa outra palavra, somente experimentos sem consentimento!

Curtir · 1 a



Manoel Neilson Silva Pessoal febre não é ruim, febre é ótimo meu filho já ficou com 41 graus de febre. Basta banha se a febre chega a tão. Hipócrates da dizia dei-me febre que curarei qualquer doença

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula Parabéns pela resposta

Curtir · 1 a



Isabel Lacordaire Ribeiro Siqueira Procure um homeopata.



Claudia M. Gaeta O fruto mais antiviral q existe é a baga do sabugueiro...o "tamiflu" vegetal...
<http://www.thesleuthjournal.com/elderberry-extract.../>



Elderberry Extract: Nature's "Tamiflu" |
TheSleuthJournal

THESLEUTHJOURNAL.COM

Curtir · 1 a



Claudia M. Gaeta Por isso, acho interessante baixar a febre com o suco de suas flores, porq também estarei combatendo os vírus, e não apenas baixando uma defesa do corpo dele. É costume deixar a febre agir por vários dias, sem intervenção, aqui na Suécia. No começo ficava apavorada, depois relaxei, porq entendi q eles têm razão.

Curtir · 1 a



Márcia Fogo Ac

Curtir · 1 a



Picorruxo PK A medica deles eh homeopata. Mas SÓ na capital, 250km daqui. Por isso me sinto sozinha!!!

Curtir · 1 a



1



Clarissa Quadros Pede o telefone!!

Curtir · 1 a



Márcia Fogo Ac

Curtir · 1 a



Roberto Maracajá Junior Primeiro nunca leve uma criança pequena a um hospital se ela está boa de saúde, todos têm vírus e bactérias no ar; alguns quase nada, outros tantos que todos os dias têm óbito!

Então leve essa criança a um médico particular, pois no SUS será sim uma virose, ou o pior vão te culpar por não ter vacinado! Exames de sangue geralmente são o mais indicados para constatar doenças virais e bacterianas! Sem se apavorar, não fique esperando que um santo vá te ajudar; e aqui podemos entender de muita coisa, mas quem se ariscar a dar uma solução pode até sem querer prejudicar!

Aqui não é o lugar que deve buscar ajuda médica; se insistir irei imaginar que esteja testando as pessoa e aí será usar de má fé!

Abraços e boa sorte!

Curtir · 1 a



2

Postagem 3:

<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1852429254999687>

 **Kelly Valente** compartilhou um link no grupo O lado obscuro das Vacinas. ...

7 de abril de 2017 · 🌐

Vai vendo....



Tribunal obriga mãe vegan a vacinar os filhos
A mãe não vacinava os filhos porque acredita que as vacinas não são "vegan" e que as suas crianças têm "fortes sistemas imunitários".
PUBLICO.PT

 Curtir  Compartilhar

 44

1 compartilhamento 13 comentários

Ver mais 1 comentário



Michelle M Baratieri Gomes Concordo pai ignorante.

Curtir · 42 sem



Tamara Diniz Eliana Engholm Zerbetto

Curtir · 42 sem



Bia Rocha Mas se responsabilizar pelos danos depois não vão ne?

Curtir · 42 sem



Luana Feuser Tainara Daiana Bassani

Curtir · 42 sem




Grasielle Brandão Bitencourt Brito Ac


Curtir · 42 sem






Elizana Silva Isma De Sousa!!

Curtir · 42 sem



 **Daniele Mittag** Beatriz Alexandre
Curtir · 42 sem



 **Clailson Farias** Acho que estas informações podem confundir nosso público, isto não foi no BRASIL.
Curtir · 42 sem


 **Paula Atagiba** Nossa se lá foi assim imagina aqui.
Curtir · 42 sem


 **Clailson Farias** Aqui não há lei que obrigue vacinação, não vamos tentar plantar esta falsa notícia na cabeça dos brasileiros.
Curtir · 42 sem  2



^ Ocultar 50 respostas
↪ Ver respostas anteriores


 **Clailson Farias** Andreia Gaetano se estiver embasada eles irão voltar da porta da sua casa, mas se pensar o que eles afirmam é lei, vc é mais uma vítima.
Curtir · 42 sem  3

 **Andreia Caetano** Ah sim no meu caso eu já resolvi, eles não vem mais atrás de mim não kkkk
Curtir · 42 sem  4

 **Isma De Sousa** Elizana Silva
Curtir · 42 sem

 **Isma De Sousa** Clailson, a lei é vista como obrigatória! E existem vários casos de vacinação obrigatória instituída pela justiça!
A questão é, tem como provar através de estudos que as vacinas funcionam? Toda essa história que funciona é uma lorota, mas como provar?
Curtir · 42 sem

 **Paulo Fradinho** O LADO ESCURO DAS VAGINAS - GRUPO DE APOIO!
::<https://www.facebook.com/groups/ladoescurodasvacinas/>
Curtir · 42 sem · Editado  1

 **Paulo de Tarso** O estatuto da criança e do adolescente prevê que as crianças DEVEM ser vacinadas exceto nos casos indicados pela Saúde Legis, a legislação sanitária, que define o que as autoridades sanitárias podem ou não fazer. Primeiro, o EGA não diz que as crianças... Ver mais
Curtir · 42 sem

Paulo de Tarso "ECA - ...18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados SEM O USO de castigo físico ou de TRATAMENTO cruel ou DEGRADANTE, como formas de correção, disciplina, educação ou QUALQUER OUTRO PRETEXTO, pelos pais, pelos integrantes... Ver mais

Curtir · 42 sem

Paulo de Tarso Colocar TÓXICOS DEGRADANTES e injetar em crianças é NAZISMO, não tem outro nome, independentemente de se colocar imunoestimulantes juntos ou não. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK234367/> Vacina adsorvida difteria, tétano e pertussis (DTP) contém 1250 mcg de Hidróxido de Alumínio (peso atômico 60%). A máxima considerado segura pela FDA é 5 mcg. <http://www.anvisa.gov.br/.../fil.../frmVisualizarBula.asp...>

Evidence Concerning Pertussis Vaccines and Central Nervous System Disorders, Including...

NCBI.NLM.NIH.GOV

Curtir · 42 sem

Paula Rodrigues Do Nascimento Grata paulo por esses topicos que passou, pois aqui no posto de saude perto de casa, e creches, eles obrigam a mostrar cartao de vacina para conseguir vagas, senao estão vacinadas dizem que nao podem inscreve las para nao trazer riscos a outras criança... Ver mais

Curtir · 42 sem · Editado



1

Isma De Sousa Como essas crianças vacinadas estão em riscos?

As vacinas não funcionam? ... Ver mais

Curtir · 42 sem · Editado



2

Isma De Sousa Sobe

Curtir · 42 sem

Gilson P. Rodrigues A vacina infantil é obrigatória no Brasil, segundo o estatuto dá criança e do adolescente!!!

Curtir · 42 sem



1

Fabiola Loyola Dias Isma De Sousa, Verdade! O seu argumento foi brilhante!!!

Curtir · 42 sem



1

Isma De Sousa Gilson, hora de abrir denúncia no MP prá expor tóxicos de vacinas!

Curtir · 42 sem



1

Isma De Sousa Fabiola, fico impressionado como os

argumentos nesse assunto, o autor do argumento original foram outras mentes!

Curtir · 42 sem

Paulo de Tarso "ECA - ...18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados SEM O USO de castigo físico ou de TRATAMENTO cruel ou DEGRADANTE, como formas de correção, disciplina, educação ou QUALQUER OUTRO PRETEXTO, pelos pais, pelos integrantes... Ver mais

Curtir · 42 sem



1

Gilson P. Rodrigues O sistema não considera a vacinação dentro deste artigo Paulo de Tarso

Curtir · 42 sem



1

Gilson P. Rodrigues Tem algum advogado no grupo capaz de abraçar essa causa???

Curtir · 42 sem

Gilson P. Rodrigues Precisamos atacar esse problema com objetividade e jurisprudência, precisamos sair do anonimato das redes sociais!!!

Curtir · 42 sem

Paulo de Tarso Considera os compostos degradantes das vacinas. O alumínio é um NEUROTÓXICO conhecido. -- Conselho Federal de Farmácia. <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article...>



RISCOS RELACIONADOS À
INTOXICAÇÃO POR ALUMÍNIO...

REVISTAS.CFF.ORG.BR

Curtir · 42 sem

Gilson P. Rodrigues Tá mas como podemos agir efetivamente e dentro da lei para não vacinarmos, isso é o que precisamos, advogados do grupo mostrem a cara!!!

Curtir · 42 sem

Isma De Sousa Gilson, teoricamente e na prática as crianças são submetidas a tratamento degradante visto que as bulas mencionam os efeitos adversos!

Curtir · 42 sem

Gilson P. Rodrigues Só dizer que podemos não vacinar não ajuda, precisamos disso em ordem judicial para não vacinarmos!!!

Curtir · 42 sem

Paulo de Tarso Só denunciar

-  **Paulo de Tarso** A Verdade se defende por si só.
Curtir · 42 sem · Editado
-  **Isma De Sousa** Os próprios pais devem iniciar? O que eles têm a perder se já vacinam?
Curtir · 42 sem  1
-  **Gilson P. Rodrigues** Só denúncia não resolve, outros já fizeram, não conseguiram jurisprudência, pelo contrário, conseguiram foi uma ordem judicial para vacinarem!!!
Curtir · 42 sem
-  **Paulo de Tarso** As políticas públicas ao atendimento da criança cidadã devem ser EXECUTADAS com as EVIDENCIAS CIENTÍFICAS.
Curtir · 42 sem · Editado
-  **Gilson P. Rodrigues** Há ou não há algum advogado corajoso no grupo???
Curtir · 42 sem  1
-  **Isma De Sousa** Gilson, não é responsabilidade de um advogado o primeiro passo, são dos pais!
Curtir · 42 sem  1
-  **Gilson P. Rodrigues** Esse assunto é tabu e sem jurisprudência, algum advogado no grupo que possa defender essa causa???
Curtir · 42 sem
-  **Paulo de Tarso** Ataques sistemáticos ao Poder Familiar, aos direitos humanos das crianças.
Curtir · 42 sem
-  **Gilson P. Rodrigues** Ninguém quer se expor e ficar em evidência, precisa haver um movimento
Curtir · 42 sem
-  **Gilson P. Rodrigues** Vários país não vacinam mas todos burlando a lei e às escondidas
Curtir · 42 sem
-  **Paulo de Tarso** Eu não vacino mais minha filha por conta das evidencias científicas do caso específico.
Curtir · 42 sem
-  **Paulo de Tarso** Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: III - ninguém será

direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
<http://www.planalto.gov.br/.../Constituicao/Constituicao.htm>

Curtir · 42 sem · Editado

- Paulo de Tarso** Por exemplo, o alumínio está presente em muitas vacinas. O alumínio é um NEUROTÓXICO conhecido. -- Conselho Federal de Farmácia.
<http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article...>



RISCOS RELACIONADOS À INTOXICAÇÃO POR ALUMÍNIO...

REVISTAS.CFF.ORG.BR

Curtir · 42 sem

- Paulo de Tarso** As leis já existem tanto no ECA, quanto na lei do SUS, quanto na lei que estabelece o Poder Familiar, quanto na Carta Magna. Vacinas não estão acima das leis, muito menos acima da Constituição.

Curtir · 42 sem · Editado

- Paulo de Tarso** O que as pessoas tem que entender é que muitas vacinas não contêm só imunostimulantes que conferem a produção de anticorpos (em casos), contêm também tóxicos degradantes não essenciais.

Curtir · 42 sem · Editado



- Paulo de Tarso** Já disse há mais de um ano.

Curtir · 42 sem

- Paulo de Tarso** Na época denunciei a enfermeira chefe do posto e se precisasse, denunciava o conselho também.

Curtir · 42 sem


- Paulo de Tarso** Ela tentou violar a bula das vacinas, a documentação sanitária que acompanha o medicamento. Visto que no meu caso, minha filha quase morreu quando foi exposta os tóxicos de vacinas, a médica de plantão queria transfundir até sangue, ela entrou em sono profundo, inchou os olhos e se recuperou surpreendentemente após intervenção de urgência do poder familiar.

Curtir · 42 sem · Editado


- Paulo de Tarso** Após vacinação o hemograma mostrou a completa desestruturação do sistema imunológico, ao invés da estimulação prevista após o uso da vacina. Hemoglobinas, por exemplo, foram a metade do mínimo aceitável.

Curtir · 42 sem · Editado




 **Paulo de Tarso** Declaro que não posso vacinar minha filha porque no Brasil ela não pode ser submetida a tratamento que a ameace gravemente devido a risco de novas reações anafiláticas e anafilactoides.

Curtir · 42 sem

 **Isma De Sousa** Gilson, porque você ainda não fez uma denúncia junto ao MPF? Não precisa nem ser pai!


Curtir · 42 sem · Editado



 **Isma De Sousa** Conheço Casos que os pais estão com isenção a vacinação em mãos! As crianças deles sobreviveram! Entendeu?


Se nossas crianças sobreviverem depois de terríveis reações, então o direito a isenção pode ser exercido!

Curtir · 42 sem · Editado


 **Isma De Sousa** Gilson, esse é o problema, eles pais não fizeram nada, as crianças quase morreram por conta da vacinação, e hoje não podem receber vacinas!

Curtir · 42 sem




 **Isma De Sousa** Você tem filho pequeno e não quer oferecer sua criança a sacrifício num processo desse, correndo o risco de obrigarem vocês a vacinarem né? Pois é, grande problema!

Curtir · 42 sem

 **Isma De Sousa** Hahaha, desculpe, você é intenso, provocativo e não faz merda nenhuma e ainda fica colocando responsabilidade própria querendo exigir de outros!

Curtir · 42 sem

 **Isma De Sousa** Aonde tem comentários de como burlar a lei?

Tira prints e coloca aqui!

Curtir · 42 sem · Editado




Tércia Baba Gente...

Curtir · 42 sem




Théllys Magnum Ribeiro Parabéns pela explicação! Quero ver esses FDP me obrigarem vacinar minha filhinha. Valeu


Curtir · 42 sem

 **Sergio Mulet** E ai porque e obrigatoria vc vai vacinar sabendo dos riscos????? Sei da situacao dificil mas um tem que fazer o possivel e impossivel para evitar a rouletta rusa na sauda deles!



 **Paulo de Tarso** Declaro que não posso vacinar minha filha porque no Brasil ela não pode ser submetida a tratamento que a ameace gravemente devido a risco de novas reações anafiláticas e anafilactoides.


Curtir · 42 sem

 **Isma De Sousa** Gilson, porque você ainda não fez uma denúncia junto ao MPF? Não precisa nem ser pai!

Curtir · 42 sem · Editado




1

 **Isma De Sousa** Conheço Casos que os pais estão com isenção a vacinação em mãos! As crianças deles sobreviveram! Entendeu?

Se nossas crianças sobreviverem depois de terríveis reações, então o direito a isenção pode ser exercido!


Curtir · 42 sem · Editado

 **Isma De Sousa** Gilson, esse é o problema, eles pais não fizeram nada, as crianças quase morreram por conta da vacinação, e hoje não podem receber vacinas!


Curtir · 42 sem




1

 **Isma De Sousa** Você tem filho pequeno e não quer oferecer sua criança a sacrifício num processo desse, correndo o risco de obrigarem vocês a vacinarem né? Pois é, grande problema!

Curtir · 42 sem

 **Isma De Sousa** Hahaha, desculpe, você é intenso, provocativo e não faz merda nenhuma e ainda fica colocando responsabilidade própria querendo exigir de outros!

Curtir · 42 sem

 **Isma De Sousa** Aonde tem comentários de como burlar a lei?

Tira prints e coloca aqui!

Curtir · 42 sem · Editado



1




Tércia Baba Gente...

Curtir · 42 sem



Théllys Magnum Ribeiro Parabéns pela explicação! Quero ver esses FDP me obrigarem vacinar minha filhinha. Valeu

Curtir · 42 sem

 **Sergio Mulet** E ai porque e obrigatoria vc vai vacinar sabendo dos riscos????? Sei da situacao dificil mas um tem que fazer o possivel e impossivel para evitar a rouletta rusa na sauda deles!



1

Paulo de Tarso Primeiramente, o ECA não diz que é obrigatória, diz que devem vacinar exceto nos casos indicados. O mesmo estatuto da criança proíbe de tratamento degradante por qualquer desculpa, por qualquer pessoa.

Curtir · 42 sem · Editado



Isma De Sousa Sabem de quem é a culpa? Dos povo que aceita corrupção nos mais diferentes níveis, e assuntos!

Curtir · 42 sem

Paulo de Tarso Isso não significa que podem colocar tóxicos degradantes nas vacinas. Injetar tóxicos é NAZISMO, querendo ou não. O método científico prevê que algo seja observado e replicado, não apenas propagado pela "big pharma" e acontecer o contrario na realidade.

Curtir · 42 sem · Editado

Paulo de Tarso Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

<http://www.planalto.gov.br/.../Constituicao/Constituicao.htm>

Constituo

PLANALTO.GOV.BR

Curtir · 42 sem

Paulo de Tarso Além disso, como se não bastasse, o DEVER do estado não exclui o das PESSOAS, o da FAMÍLIA. E o ato de vacinação é um ato da vida civil da criança cidadã, competindo aos pais o pleno exercício do poder familiar, que compete em, quanto aos filhos, representa-los judicial e extrajudicialmente.

Curtir · 42 sem · Editado

Paulo de Tarso Injetar tóxicos a força é NAZISMO, querendo ou não.

https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_de_Nuremberg

Curtir · 42 sem · Editado



Paulo de Tarso O ECA obriga a vacinar mas proíbe tratamento degradante, a Carta Magna proíbe também. Abuso de poder de funcionário público. "(...) Assim é que o titular do direito subjetivo que se desvia do sentido teleológico (finalidade ou função social) da norma que lhe ampara (excedendo aos limites do razoável) e, após ter produzido em outrem uma determinada expectativa, contradiz seu próprio comportamento, incorre em abuso de direito encartado na máxima nemo potest venire contra factum proprium. (...)"

(STJ, 1ª seção, EDcl no Resp nº 1.143.216 - RS, Rel. Min. Luiz Fux, julgado em 09/08/2010, publicado no DJe em 25/08/2010) <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/sac>



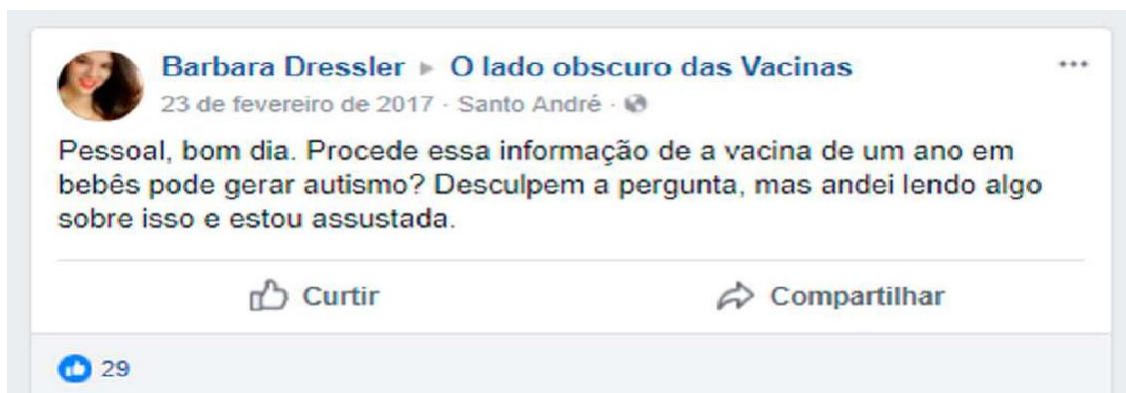
Sala de Atendimento ao Cidadão –
Ministério Público Federal

MPF.MP.BR

Curtir · 42 sem

Postagem 4:

<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1832071543702125>






The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top left is a circular profile picture of a woman. To its right, the name "Barbara Dressler" is displayed in bold blue text, followed by a right-pointing triangle and the page name "O lado obscuro das Vacinas" in blue. Three dots are visible in the top right corner. Below the name, the date "23 de fevereiro de 2017" and location "Santo André" are shown in grey. The main text of the post reads: "Pessoal, bom dia. Procede essa informação de a vacina de um ano em bebês pode gerar autismo? Desculpem a pergunta, mas andei lendo algo sobre isso e estou assustada." Below the text are two buttons: "Curtir" with a thumbs-up icon and "Compartilhar" with a share icon. At the bottom left, there is a blue thumbs-up icon followed by the number "29".

Barbara Dressler ▶ **O lado obscuro das Vacinas** ...

23 de fevereiro de 2017 · Santo André · 🌐

Pessoal, bom dia. Procede essa informação de a vacina de um ano em bebês pode gerar autismo? Desculpem a pergunta, mas andei lendo algo sobre isso e estou assustada.

 Curtir  Compartilhar

 29



A screenshot of a Facebook comment thread. The background is light blue. Each comment is in a white rounded rectangle with a profile picture on the left and a thumbs-up icon with a count on the right. The text is in a sans-serif font.

Fabiana Salaçar É a tríplice viral que tem essa fama. Digo fama pq nenhum artigo científico comprova, mas tem mães que dizem que foi a vacina. Tem que pesquisar pra decidir dar ou não.
Curtir · 49 sem 2


Eliseti Marcolino Vc vai dar no seu bebê?
Curtir · 49 sem

Fabiana Salaçar Não tô com vontade não Eliseti Marcolino...
Eu não conversei com o pediatra dele, vou levar quando tiver perto de fazer um ano, pra ter uma explicação. Pq assim, difícil uma criança que não tem sarampo ou caxumba né, então se vacinou pq tem? Mesma coisa da pólio de gotas que pode causar paralisia. A pólio está extinta, então não tem necessidade.
Curtir · 49 sem 3

Fabiana Salaçar O que eu tenho certeza é que vou dar separadas: meningocócica e pneumocócica com um ano, tríplice com um ano e 45 dias. E a pólio depois da de um ano e três meses.
Curtir · 49 sem 1

Vanessa Ahuja Vilasini O que não existe são artigos científicos provando que a vacina funciona. As vacinas não são consideradas como remédio e por isso não precisam passar por testes com grupo controlado e placebo assim como os medicamentos normais. Por outro lado existem m... Ver mais
Curtir · 49 sem 9

Priscila Pinheiro de Almeida Exatamente Vanessa. Tenho um aluno que o autismo veio através de intoxicação por metais pesados. Até 1 ano nunca tinha sido sequer desconfiado de traços de autismo. Eu não daria em meu filho.

 **Isma De Sousa** Usar algo ineficiente, com tanto tóxicos, prá adoecer o corpo e sem garantia de proteção! Vocês estão com medo de não dar?

A única proteção que funciona e cria imunidade prá toda vida, é a doença em forma natural!

Curtir · 48 sem



 **Alex Spencer Maymone** Tem ótimos documentários sobre vacinação para você tirar as próprias conclusões.

Curtir · 49 sem



^ Ocultar 12 respostas

 **Camila Scolari** Quais? 

Curtir · 49 sem

 **Natália Ramos A. Camacho** Alex passa pra mim o nome dos documentários por favor! Grata!

Curtir · 48 sem



 **Alex Spencer Maymone** <https://youtu.be/qaK39MVKHsw>



DOUTORA SUZANNE...

YOUTUBE.COM

Curtir · 48 sem



 **Alex Spencer Maymone** <https://youtu.be/2U16Qgh0KIU>



Por Que a Dra. Tenpenny Se Opõe Às Vacinas? -2011- LEG

YOUTUBE.COM

Curtir · 48 sem



 **Alex Spencer Maymone** <https://youtu.be/fnPgNYcl3aY>



Autismo, alterações mentais, lesões neurológicas e vacinas.

YOUTUBE.COM

Curtir · 48 sem



 **Alex Spencer Maymone** <https://youtu.be/67SZRpOg6w0>



VACINAÇÃO - A verdade oculta 1998 (Leg. Pt)


 **Natália Ramos A. Camacho** Uau! Muito agradecida pela atenção Alex!

Curtir · 48 sem



 **Giovanna Carnetti** Gilaine Araújo

Curtir · 48 sem

 **Vanessa Miranda Aje** A maioria das vacinas contêm metais pesados que são danosos ao cérebro, o que pode acabar gerando o autismo. Já vi aqui no grupo uns gráficos que demonstram o aumento de vacinas obrigatórias no calendário de vacinação, comparado à um nível absurdo de aumento nos casos de autismo

Curtir · 49 sem



 **Érica Santiago** Ñ dá p confirmar.... tenho um filho de 3 anos q tomou e é normal graças a Deus...


Curtir · 49 sem



 **Priscila Pinheiro de Almeida** Seu filho é normal graças a Deus assim como a minha também. O triste é que isso é uma verdadeira roleta russa a medida em que não sabemos como a criança reagirá aos metais pesados no organismo.


Curtir · 48 sem



 **Érica Santiago** Exato....agora Priscila Pinheiro de Almeida estou com uma recém nascida de apenas 28 dias q terá q passar por essa "obrigatoriedade" das vacinas....e só Deus para proteger. Mas q sempre fico c medo, isso fico.

Curtir · 48 sem



 **Si Soares** Há mais de 30 anos atrás havia 1 autista para cada 10 mil nascidos. Há mais de 30 anos não havia 1/3 das vacinas que temos hoje. Isto é logica. Hoje a cada 50 crianças nascidas, 1 desenvolve alergia alimentar + disfunção sensorial, dificuldades sociais, distúrbio na fala, distúrbio do sono + TOCs + doenças gastrointestinais = AUTISMO. O autismo é este Combo que os Metais pesados entregam de presente para a Família da criança.


Curtir · 48 sem · Editado



 **Si Soares** Um Autista tem tudo isto e muito mais.

Curtir · 48 sem



 **Si Soares** Se a criança tiver uma genética capaz de eliminar os metais, levante as mãos para o céu e agradeça a Deus. Os que não tem = TDHA, Dislexias, Dislalias, Autismos e , enfim ... desorganização no desenvolvimento.

Curtir · 48 sem





Érica Santiago Tania Kurta olha q interessante...o q a Si Soares comentou aqui...



Há mais de 30 anos atras havia 1 autista para cada 10 mil nascidos. Há mais de 30 anos não havia 1/3 das vacinas que temos hoje. Isto é logica. Hoje a cada 50 crianças nascidas, 1 desenvolve alergia alimentar + disfunção sensorial, dificuldades sociais, distúrbio na fala, distúrbio do sono + TOCs + doenças gastrointestinais = AUTISMO. O autismo é este Combo que os Metais pesados entregam de presente para a Família da criança.

Curtir · 48 sem



1



Isma De Sousa Decidi não vacinar meu terceiro bebê, e ela é totalmente normal, graças a Deus! Imagina em 2 anos, ela ter dado febre apenas 2 vezes nesses dois anos e total dias de febre 2 e sem sequer está gripada! Dorme bem, se alimenta bem! Nunca teve enjojo, ou choro por conta dos dentinhos!

Isso é maravilhoso! Depois dos dois primeiros vacinados que eu achava ser normal, agora sei, qual o normal da saúde no corpo de um bebê não vacinado!

E sempre que os irmãos mais velhos adoececem, sempre levei ela junto pra o hospital, porque não tinha com quem deixar!

Curtir · 48 sem



4



Claudia M. Gaeta A predisposição "genética" para autismo é algo que tenha agredido a flora microbiana, como cursos de antibióticos(ou outros fatores ambientais), tanto no bebê qto na mãe, antes da gravidez. As vacinas não podem causar só autismo....mas asma, doenças autoimunes, como esclerose múltipla, artrite reumatóide, cancer, epilepsia e morte. A asma do meu filho só aconteceu com 6 anos de idade, mas foi das vacinas q ele tomou até os 18 meses. Consequencia vacinal é cumulativa, e pode mostrar efeitos em até 8 anos depois.

Curtir · 48 sem



3



Si Soares Exatamente.. o leque de doenças é enorme. A lista qse infinita.

Curtir · 48 sem



1



Aicha Elshamy Ac

Curtir · 49 sem



Aline Montagner Radomile Sim. MMR e DPT. O problema é o mercúrio Q contém nessas vacinas. Muita atenção a todos os "TDHs". Infelizmente as vacinas são as grandes culpadas

Curtir · 49 sem



5



Paulo de Tarso Cientista do CDG admite que dados sobre vacinas e autismo foram desprezados. <https://www.youtube.com/watch?>



Eloa Fernandes Alarcon Vacinas parecem causar autismo, tdah, TOD e outros distúrbios. Não é somente a MMR. Normalmente são crianças que são muito alérgicas (problemas com sono e disfunções gastrointestinais) que tem mais propensão a ter algum problema

Curtir · 49 sem



Isma De Sousa Sim verdade, existem crianças mais sensíveis a vacinas!

Curtir · 48 sem



Rose Valentim Minha filha é dessas

APLV tomou a vacina de 1 ano e regrediu muito. Deixou de falar palavrinhas que falava desde 10 meses e aprendeu a se expressar com 3 anos e meio. Tinha todas as características de autismo
Hoje tem quase 5 anos e a neuro suspeita de asperger... ainda a ser confirmado

Foi bebê típico... super sociável... em aleitamento exclusivo e super ativa.
Depois da vacina de 1 ano, ENTROU NUMA GONGHA... só brincava sozinha, e se eu sentasse no tapete pra brincar junto, ela virava para a parede agarrada com seu brinquedo favorito (de apego)

Curtir · 48 sem



Eloa Fernandes Alarcon Rose Valentim ela não é asperger. Ela pode ser autista de alto funcionamento. Asperger não tem atraso da fala. Mas acredite, asperger pode não ser melhor que autista. Na verdade hj é a mesma coisa.

Curtir · 48 sem



Paulo de Tarso Tribunal italiano vincula o Mercurio e Alumínio em vacinas com as causas do autismo.
<https://brasilsemvacinas.wordpress.com/.../tribunal.../>

Curtir · 49 sem · Editado



Salete Almeida Damin Rafael Almeida Damin

Curtir · 49 sem



Kelly Valente Sim
Assista o VAXXED



Curtir · 49 sem



Janny Lennon <http://autismohomeopatia.blogspot.com.br/?m=1>



Autismo e homeopatia



Janny Lennon quarta-feira, 7 de janeiro de 2015

Vacinas x Autismo

Do blog

<http://maralmeida68.blogspot.com.br/>

O Governo dos EUA sempre negou a ligação entre autismo e vacinas. No entanto, o governo americano secretamente recompensou no Juizado Especial da Vacina mais de 83 famílias com crianças autistas, admitindo desta forma a correlação entre autismo vacinas. Aqui está um estudo sobre esta questão.

Por mais de 20 anos, o governo federal negou publicamente uma ligação entre a vacina e o autismo, mas ao mesmo tempo, seu "Programa de Compensação por Lesões Gausadas Por Vacinas" (VICP) pagou indenizações por danos de vacinas para crianças com lesão cerebral, convulsão e autismo. Uma nova investigação, com base em dados verificáveis do governo, traz novas informações ao controverso debate sobre a ligação entre as vacinas e o autismo. A investigação revelou que um número substancial de crianças recompensadas por danos da vacina também tinham autismo e que esses casos que já existiam desde 1989, um ano após o VICP ter sido formado.

O Diretor Executivo da SafeMinds, Lyn Redwood, comentou: "Este estudo muda dramaticamente o debate sobre autismo e vacinas. A questão não é mais se é possível que as vacinas causem o autismo? A resposta é clara. Agora, temos de perguntar: Quantos casos de autismo as vacinas causaram e como nós podemos prevenir novos casos?" O governo tem afirmado que "não monitora" a ocorrência de autismo entre aqueles lesados por vacina. O SafeMinds responde que não procurar é a maneira mais fácil de não encontrar coisa alguma. SafeMinds está pedindo uma imediata investigação federal nos mecanismos de lesão nestas crianças em um esforço de proteger outras crianças contra futuros danos, e pede também a ação do Congresso para reformar o VICP.

O estudo peer-reviewed analisou os casos de lesão por vacinas que foram recompensados monetariamente pelo Programa Federal por Danos de Vacinas. O estudo foi publicado duas semanas atrás no jornal acadêmico Pace Environmental Law Review. O estudo investigou aproximadamente 1.300 casos de lesão cerebral infantil como resultado de vacinas em que o Juizado Especial da Vacina deu o ganho de causa para os demandantes, em busca de referências ao autismo, sintomas de autismo ou desordens comumente associadas ao autismo. O estudo mostrou que 21 casos realmente mencionavam "autismo ou os sintomas como os do autismo" nos registros do tribunal. Os pesquisadores então identificaram e contataram as mais de 150 famílias recompensadas pelo tribunal para descobrir se as crianças tinham autismo. Eles foram capazes de encontrar um adicional de 62 casos (superior a 40% de sua amostra) totalizando 83 casos de autismo. Em 39 casos (47%) houve confirmação de autismo, além do próprio reporte dos pais.

O governo federal americano tem chamado o autismo de uma "emergência de saúde nacional", que afeta pelo menos 1 em cada 110 crianças e custa ao país bilhões de dólares a cada ano. Se

uma parcela destes casos de autismo são induzidas pelas vacinas e houver evidências de que os funcionários fizeram "vista grossa", isto não pode ser tolerado. A recente tentativa do VICP de recusar mais de 5.000 casos do Omnibus Autism Proceedings é suspeito à luz destas novas descobertas com base em seus próprios registros. <http://www.anovaordemmundial.com/.../vacinas-x-autismo...>

Fontes:

- * [ESTUDO] Unanswered Questions from the Vaccine Injury Compensation Program: A Review of Compensated Cases of Vaccine-Induced Brain Injury (PDF)
- * Vigilant Citizen: Government Secretly Settled 83 Vaccine-Autism Cases in the Last 20 Years
- * Pr News Wire: 83 Cases of Autism Associated with Childhood Vaccine Injury Compensated in Federal Vaccine Court
- * Safeminds Press-Release



MERCÚRIO, O LADO NEGRO DAS VACINAS. O AUTISMO

MARALMEIDA68.BLOGSPOT.COM

Curtir · 49 sem



Rosana Maryhelle Sou prova disso! Depois dá tríplice viral, tudo mudou! E tenho um TEA aqui comigo!

Curtir · 49 sem



Gih Wainer como assim? O que é TEA?

Curtir · 48 sem



Priscila Pinheiro de Almeida Que pena 😞

Curtir · 48 sem



Eloa Fernandes Alarcon TEA: transtorno do espectro autista

Curtir · 48 sem



Janaina Da Costa Ferreira Rosana Maryhelle já ouviu falar no MMS (GDS) ?????
Tem um vídeo do Dr Lair Ribeiro falando q cura autismo com esse procedimento.

Curtir · 48 sem



Agatha Oliveira Tenho um amigo que tem um filhinho que com um ano e meio de vida começou a apresentar alergia a alimentos e sinais de autismo. Uma das coisas que o gastro disse a ele foi a questão das vacinas.

Curtir · 48 sem



Priscila Pinheiro de Almeida A verdade é que as vacinas são verdadeiras roletas russas. Ninguém faz teste no seu filho antes de vacina-lo sendo assim não sabe como o mesmo reagirá a essa

droga aplicada ao seu organismo. Tenho um aluno que era normal até 1 ano, depois dá vacina adquiriu autismo severo e foi comprovada a intoxicação por metais pesados. Eu não arriscaria!

Curtir · 48 sem · Editado



12



Si Soares Todo Autista tem metais pesados no organismo. Isto qualquer exame de metais pesados comprova. Facilmente. De onde vieram este alumínio, chumbo e mercúrio?? Simples, vacinas.

Curtir · 48 sem · Editado



12



Si Soares Bia Rocha , o exame é pedido sempre por Médicos que trabalham em prol da recuperação, no Protocolo DAN - uma sigla em inglês para DERRUBE O AUTISMO JÁ.

Curtir · 48 sem



Si Soares No Brasil só temos 4 Médicos que trabalham de verdade para recuperar. O restante diz que é genético, dá um "sinto muito" para os Pais e de consolo, os psicotropicos que só pioraram a criança a longo prazo.

Curtir · 48 sem



2



Aline Iannuzzi Moraes meu tb mudou  2

Curtir · 48 sem



Aline Iannuzzi Moraes meu mudou e depois aos 5 anos alem do estrago por conservantes da vacina, descobrimos que ele era alergico. Ele mudou apos 20 dias da vacina triplice.

Curtir · 48 sem



Aline Iannuzzi Moraes meu tb tinha desenvolvimento normal, a mudança foi brusca.

Curtir · 48 sem




Andreia Do Prado Tavares Então, meu filho teve desenvolvimento normal até um ano, depois que tomou a vacina apresentou alergias e começou a parar de falar, parar de brincar e etc, hoje temos laudo de autismo infantil

Curtir · 48 sem



3



Karina Azevedo Gente, estou assustada!  1

Curtir · 48 sem

↳ 8 Respostas



Alex Spencer Maymone Sílen Cremonese, André MA

Curtir · 48 sem · Editado



2



Simone Francesinha Eh complicado.



Flavia Azevedo Vamos parar de ter medos das doenças.

Sabe o que não contaram pra vocês? que as doenças foram quase erradicadas quando um sistema de saneamento básico eficiente foi instalado nas maiores cidades, quando simples métodos de higiene pessoal foram ensinados ao povo e quando uma alimentação de qualidade foi viável a população geral.

Agora, tem um monte de pai e mãe com medo das doenças e das vacinas mas não sabem o que fazer, se informem, perguntem, leiam, briguem, aprendam inglês!! A maioria dos artigos bons e sérios estão em inglês.

E o principal, parem, apenas parem de comer alimentos processados e frituras, que a sua vida já vai melhorar muito.

Respondendo a moça do tópico, todas as vacinas podem causar lesões neurológicas, quer ter certeza? Simples, peça para ler a bula integral da vacina, lá o fabricante já escreveu isso, simples assim.

Gente, no meu mural tem muitos vídeos sobre o assunto caso queiram dar uma olhadinha.

Curtir · 48 sem



9



Si Soares Fiz exatamente isto há 4 anos atrás. Entrei em um ótimo Curso de Inglês, pois percebi que os melhores vídeos e informações estavam em inglês. Não dá para esperar as coisas chegarem no Brasil. Foram muitas madrugadas estudando e pesquisando.

Curtir · 48 sem



1



Flavia Azevedo 🍌🍌🍌🍌

Curtir · 48 sem



Anna Bolzoni Estou muito assustada com tantos casos de autismo causa dos pelas vacinas. Tenho uma filha de 4 anos que graças a Deus não teve nenhuma reação a qualquer vacina, porém agora eu estou grávida do meu segundo filho e confesso que estou com medo de ser vacinada na gravidez e de vacinar o meu bebê qdo nascer!

Curtir · 48 sem



3



Monique Souza Sim, infelizmente. Se a criança tiver tendência a alergia no sistema nervoso, coisa que só alergistas e profissionais mais atualizados percebem antes de dar a dose, e pelo histórico familiar, hiperatividade, déficit de atenção, reage a medicamentos, alimentos com hiperatividade, tudo isso é um sinal de alerta pra família. É uma tendência de algumas crianças em relação a essa vacina. Minha filha não tomou pq contei os sintomas dela, e foi considerado prudente pelo alergista não dar.


Curtir · 48 sem




3




Janaina Da Costa Ferreira Conta p gente o q falou p o alergista p q ele pudesse dar o laudo p não vacinar seu filho . Por favor!!! Gratidão

 **Andreia Caetano** Tb gostaria de saber  1

Curtir · 48 sem

 **Si Soares** Historico em geral de doenças do sistema nervoso na familia já é motivo para evitar vacinas, mas são poucos médicos que concordam. Na familia da minha o sogra já tinham muitos casos de Alzheimer, e um com Esquizofrenia. Ou seja, o gatilho para estas doenças não pode ser acinonado. Vacinas acionam com violência.

Curtir · 48 sem

 **Flavia Azevedo** Casos de criança com língua presa (freio na língua ou nos lábios) tb são sinais de alterações no sistema nervoso central.

Curtir · 48 sem

 **Sergio Mulet**




Curtir · 48 sem

 **Sergio Mulet**



Curtir · 48 sem

 **Paulo de Tarso** Agora tem-se o cenário para medicamentos em massa, atuantes na mente das crianças, supostamente para combater o autismo. Ou seja, agora a própria mente pode ser manipulada numa nova fase de controle.

**Sergio Mulet**

Modelo de texto de bula
vacina sarampo, caxumba, rubéola e varicela (atenuada)

vacina sarampo, caxumba, rubéola e varicela (atenuada) - Tetra Viral

Formas farmacêuticas, vias de administração e apresentações comercializadas.

Pó liofilo para reconstituição com diluente para administração subcutânea.

Embalagens com:
1, 10 ou 100 frascos-ampola + 1, 10 ou 100 seringas presenchidas que contêm diluente + 0,5 mL.
1, 10 ou 100 frascos-ampola + 1, 10 ou 100 seringas que contêm diluente + 0,5 mL.

Composição
Cada dose (0,5 mL) da vacina reconstituída contém:
Vírus do sarampo atenuado vivo (cepas Schwarz) x 10⁶ CCID₅₀^a
Vírus da caxumba atenuado vivo (cepas Sch 430) x 10⁶ CCID₅₀^a
Vírus da rubéola atenuado vivo (cepas RA 27/37) x 10⁶ CCID₅₀^a
Vírus da varicela atenuado vivo (cepas CVL) x 10⁶ PFU

Sabe o que é RA 27/37? Células provenientes de feto abortado. Pesquisas!



3

Curtir · 48 sem

**Naiara Villas Boas** Somente a tríplice a traz esse risco?

Curtir · 48 sem

**Flavia Azevedo** Todas as vacinas podem causar autismo ou danos neurológicos, leia a bula da vacina, está escrito lá!

Curtir · 48 sem



1

**Isma De Sousa** <http://www.noticiasnaturais.com/.../medico-explica-que.../>**Médico Explica que Medo em Relação à Vacina Tríplice por Danos Cerebrais é...**

NOTICIASNATURAIS.COM

Curtir · 48 sem



1

**Isma De Sousa** Aprendam sobre o conteúdo das vacinas. Se a bula não for o suficiente, aprendam sobre os conteúdos das vacinas. Assim você saberá identificar os riscos nas vacinas através da origem do conteúdo também!

O material genético do qual muitas vacinas virais são produzidas parece ser um gatilho de ambos autismo e câncer, de acordo com a chocante pesquisa compilada por uma fisiologista molecular e celular de renome da Universidade de Stanford, na Califórnia.

A Dra. Theresa Deisher, Ph.D., que foi a primeira pessoa a descobrir as células-tronco cardíacas derivadas de adultos, descobriu que o DNA celular residual de bebês abortados apresentam características oncogênicas e infecciosas em vacinas.

O tecido humano fetal abortado tem sido usado na produção de vacinas, além do fato de vestígios de DNA deste tecido poderem persistir no produto final. As consequências disto, diz a Dra. Deisher, pode incluir tanto o dano genético como marcadores de autismo.

<https://www.cdc.gov/.../appendices/b/excipient-table-2.pdf>

Leia mais: <http://www.noticiasnaturais.com/.../vacinas-possuem.../>

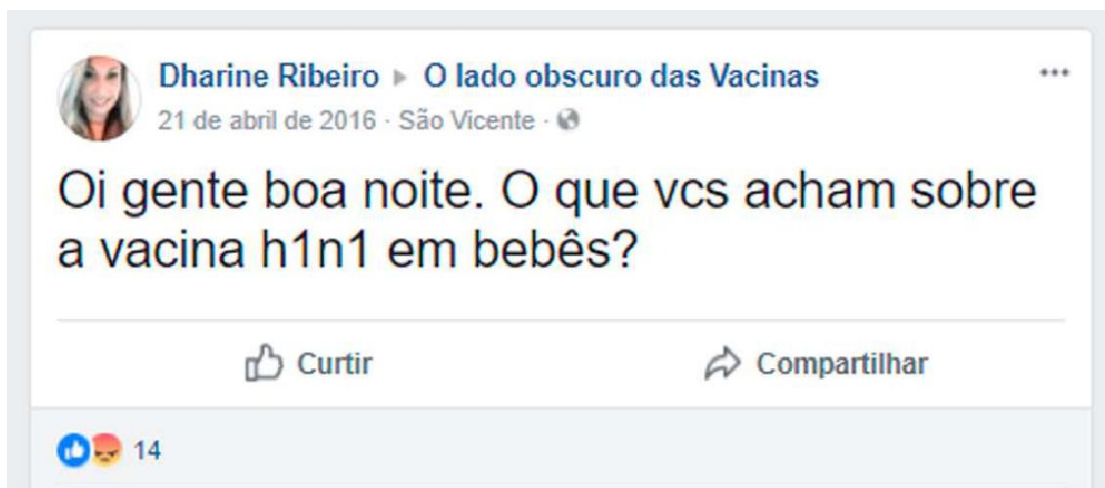
Curtir · 48 sem



5

Postagem 5:



<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1703051029937511>





A screenshot of a Facebook post. At the top left is a circular profile picture of a woman with long blonde hair. To its right is the name "Dharine Ribeiro" in bold blue text, followed by a right-pointing triangle and the page name "O lado obscuro das Vacinas" in blue. In the top right corner of the post area are three dots. Below the name and page name is the date and location: "21 de abril de 2016 · São Vicente · 🌐". The main text of the post is "Oi gente boa noite. O que vcs acham sobre a vacina h1n1 em bebês?". Below the text are two buttons: "Curtir" with a thumbs-up icon and "Compartilhar" with a share icon. At the bottom left of the post area, there are two reaction icons (a thumbs-up and a sad face) followed by the number "14".

Dharine Ribeiro ▶ **O lado obscuro das Vacinas** ...
21 de abril de 2016 · São Vicente · 🌐

Oi gente boa noite. O que vcs acham sobre a vacina h1n1 em bebês?

 Curtir  Compartilhar

  14



Eliane Maria Membrive Pedrotti Zimbardi Eu ai da não dei em minha filha de 2 meses e n vou dar afinal essas e outras vacinas são venenos.

Curtir · 1 a  2

Tavares Renata A vacina contém conservantes tóxicos que poderão causar graves efeitos colaterais e até doenças muito graves, consta na própria bula da vacina.

Curtir · 1 a  4

Ronaldo Candido Paula LIXO  4

Curtir · 1 a

Riquely Contessoto Um crime!
Meu filho é autista... Mas foi normal ate uma certo tempo... Enfim, se fosse hj eu naum daria nenhuma vacina, pois foi o que fiz com minha segunda filha que é perfeita!
O que penso daria um texto enorme e explicaria melhor minha posição... Mas naum cabe aki. Abraços.

Curtir · 1 a  14

^ Ocultar 35 respostas

Ariella Barros Até qto tempo ele era normal?? Falava???

Nossa fico tão preocupada com tudo isso...

Curtir · 1 a  1

Bruna Bsh Ola, tb queria saber quanto tempo levou pra manifestar sintomas...e se coincidiu com a aplicação de alguma vacina.

Curtir · 1 a  2

Patricia Magalhães Ac

Curtir · 1 a

Claudia M. Gaeta É pra preocupar mesmo, Ariella Barros. Participo de grupos de pais de autistas e o que mais temos é filmes de antes e depois das vacinas. Impressionante.

Tenho indícios de q pode levar anos a aparecerem as sequelas de vacina. Tenho um estudo sobre fadiga crônica com alumínio intramuscular q pode levar até 96 meses pra aparecer.... isso pode confundir os pais e disfarçar a causa. <http://myofasciite.fr/.../2001...>

Curtir · 1 a



Ariella Barros Por isso o número de autistas tem crescido tanto né. .. mais até q idade ele era um bebê sem autismo???? Ele chegou a desenvolver a fala?? Ele teve um desenvolvimento normal tipo sentar, engatinhar???

Curtir · 1 a · Editado



Claudia M. Gaeta O meu foi vacinado com 2 dias de hepatite B e BCG. Dá pra comparar??? sinceramente, às vezes acho q é de propósito.

Curtir · 1 a



Jessica Santis Lima Gomes Não sei se é de propósito, mas Claudia M. Gaeta Brasil engatinha em tudo sobre nascimento. Odent já jogava a necessidade de acabar com a ocitocina sintética no parto porque não se sabe se a longo prazo a humanidade não vai deixar de produzir este hormo... Ver mais

Curtir · 1 a · Editado



Saulo Bueno Riquely Contessoto recomendo o livro Healing the Symptoms Known as Autism da Kerri Rivera, esse livro será lançado em português em maio ou você pode baixar grátis pela internet em inglês.

Curtir · 1 a



Saulo Bueno Segue o link do lançamento do livro <https://www.facebook.com/events/487859901422408/>



Tarde de autógrafos com Kerri Rivera

ESTE EVENTO FOI CANCELADO

Curtir · 1 a



Flavia Arcangelo Medo Ariella Barros

Curtir · 1 a



Riquely Contessoto Bom, naum posso de forma alguma atribuir o autismo a vacinação. Mas como vivo com isso, e sei que é irreversível, naum desejo a nenhuma mae e a nenhuma criança. Meus argumentos seriam muito abrangentes... E naum quero ser responsável por influenciar ninguém. Mas, vejam bem: tenho meu filhote autista, e a irmã neurotípica (normal) mas ele acabou sendo cobaia para ela (sentido figurado)

Naum participo de campanha nenhuma... Essas ainda mto insistentes mto menos.
 Nosso dever é olhar por nossos filhos e cuidar.
 Minha experiencia é essa. Naum arrisco vacinar minha filha e desencadear a síndrome... Naum corro o risco!!! Pq amados, é profundamente triste frustrante, naum para mim, pq o amor prevalece demais, mas sofro por ele futuramente, e para isso naum tem remedio.

Curtir · 1 a



2



Dharine Ribeiro Riquely mas vc agora não da vacina nenhuma para os seus filhos., digo as vacinas da carteira de vacinação, Ou vc só não da as vacinas dessas de campanha?

Curtir · 1 a



1



Riquely Contessoto Ariella Barros meu filho foi saudavel e normal ate os seis meses de vida. Eu sempre fui mto atenta, e percebia que depois disso seu desenvolvimento naum condizia com as outras crianças da mesma idade... Com 18 meses tive que tirar a peneira q eu tapava o sol. Pq meu filho desapareceu... Ele "sumiu" da noite para o dia... Ele sempre foi imensamente inteligente, enfim, resumindo: ele interagiu com tudo e todos e falava, e passou a naum falar nada e nem olhar qdo eu o chamava.
 O autismo é um grande misterio.
 Naum se sabe sua verdadeira origem... Mas ele existe!
 Por isso naum atribuo a cauda da síndrome a nada... Porem, em qquer suspeita, aconselho naum arriscar.
 Meu filho pode ser o que ele quiser... Minha filha tbem... Ela será... Ele, quem sabe.
 Por isso vou repetir: cada pessoa faz o q considera melhor para os filhos... Mas eu considero que as campanhas e as vacinas são levianas, inconsequente e puramente comerciais...
 Soi da area da saúde e considerava vacinação um ato de amor... Depois de tudo e de acordo como vivemos aqui em casa, naum mais!
 Abraços a todos... Naum quero gerar polemica de forma alguma...

Curtir · 1 a



4



Bruna Bsh Riquely Contessoto te entendo...tenho um bb de dois meses e estou me decidindo se o vacino ou nao. A mais velha de dois anos nao vai mais tomar vacinas de campanhas

Curtir · 1 a



3



Dharine Ribeiro Vacina de campanha eu não dou, agora essas da carteira de vacinação, eles te obrigam a dar.

Curtir · 1 a



Bruna Bsh Dharine, eu ja decidi nao dar a vacina do rotavírus...posso ser cobrada por isso? Minha mais velha

teve reacao e so tomou a primeira dose

Curtir · 1 a



1



Ariella Barros Exatamente Dharine Ribeiro as obrigatórias se nao der os caras vem na sua casa buscar as crianças pra vacinar... a Acs me disse q se eu nao vacinasse o conselho tutelar viria aqui só pq a vacina estava um mês atrasada....afff

Curtir · 1 a



1



Riquely Contessoto Dharine Ribeiro , eu tive que que me apegar a sorte e na tentativa da idade. Depois de mto estudar sobre autismo, um dos pontos chave era a descoberta do mesmo:18 meses. Enfim, para meu gosto, jamais vacinaria minha filha, mas para a idade escolar, existe a obrigatoriedade... Se eu naum cumprir, sou presa. Mas, sendo flexivel (pq fui obrigada) posterguei enquanto pude... Mas consegui esperar ate os 3 anos. Mas te juro... Eu ainda espero que é possivel que aconteça... E soffro diariamente. Mas, se vc tem segurança, vacine seus filhos. Naum existe base cientifica para a minha suspeita... So existe intuição de mãe. Deus te abençoe.

Curtir · 1 a



4



Bruna Bsh Mas como vem buscar? Ninguém nunca veio em casa nem pra saber se meus filhos sao vivos... O segundo ja completou dois meses e nao acho a vacina hexa em nenhum laboratório pra dar, e nao quero dar a penta+Salk do laboratório nem mto menos a do posto.

Curtir · 1 a



1



Ariella Barros Aqui a agente de saúde vem todo mês e quer ver a carteira de vacina.... É um saco....

Curtir · 1 a



1



Bruna Bsh AFF...ainda bem que aqui nao tem isso!

Curtir · 1 a



1



Dharine Ribeiro Bom eu sempre fui com o pé meio atrás com vacinas, acho eles tão pequenos para tomar tantas vacinas, mas com quem eu conversava falava, que a vacinação é importante, pois muitas doenças foram erradicadas por causa da msm, ai eu fico super na dúvida se e... Ver mais

Curtir · 1 a



Bruna Bsh Minha primeira filha tomou so uma dose da rotavírus. Teve colicas e refluxo por meses...um inferno. O segundo nao toma nem sob decreto.

Curtir · 1 a



2

Dharine Ribeiro Bruna Bsh então em relação a rotavírus eu fiquei com muito medo de dar na época, eu quase pirei. Fui no posto e disse que essa eu não daria, foi maior coisa. Dei obg. Ai depois conversei com uma pediatra amiga e expliquei os casos, ela me disse que tem que dar sim, se a criança teve reação contrária, a doença se manifestando, é porque independente de dar, isso com o tempo ia se manifestar msm não dando a vacina. Duas pediatras de lugares diferentes falaram a msm coisa.

Curtir · 1 a

Riquely Contessoto Ariella Barros ele era perfeito e falante... E depois "desapareceu" Naum desejo a ninguem passar por essa angustia, e por esse diagnostico... E volto a falar: eu naum posso culpar as vacinas pelo quadro do meu filho, mas naum tive e naum tenho coragem de arriscar. Bjaop

Curtir · 1 a



2

Bruna Bsh Eles falam isso pq nao é o filho deles que mama e vomita todo o leite, que berra ate perder o ar o dia todo e para de ganhar peso. Isso nao é normal. Insistir é torturar o próprio filho. Quando voltei no posto e disse q nao daria a enfermeira apenas disse 'essa vacina é cruel mesmo' e anotou na carteira 'criança teve reacao, nao vacinar'

Curtir · 1 a



3

Bruna Bsh Riquely Contessoto meu irmao é autista. Foi uma criança normal ate 1 ano e alguns meses...tb penso que possa ser vacina.

Curtir · 1 a



4

Ariella Barros Riquely Contessoto até q idade? Nossa q situação difícil. ..

Curtir · 1 a



1

Dharine Ribeiro Bruna Bsh pois é, só Deus msm nas nossas vidas e na vida dos nossos filhos para nos guardar.

Curtir · 1 a



3

Claudia M. Gaeta Riquely Contessoto não só tem bases científicas a associação das vacinas com o autismo, como é o assunto do momento....VAXXED, o filme....mas veja.... dá um google tradutor nisso... <http://oneradionetwork.com/.../30-scientific-studies.../>



30 Scientific Studies That Prove Vaccines Cause Autism

ONERADIONETWORK.COM

Curtir · 1 a



1

Claudia M. Gaeta Dharine Ribeiro voce previne rotavirus com PROBIÓTICO. Meu filho tomou lactobacillus reuterii desde bebê de colo, e nem diarreia normal ele teve....

Curtir · 1 a



Taty Anne Claudia qual lactobacilos reuterii você da? Pode dar sempre? Qual idade??

Curtir · 1 a

Claudia M. Gaeta Pode dar qqr idade sim. Faz mais efeito em bebês, porq é tirada do leite materno, mas meu filho tomou até aos 3 anos. Chama-se ColiKids, ba bioGaia. Dei gotas, q não tinham aditivos.

Curtir · 1 a



Patricia Magalhães Onde acha isso?

Curtir · 1 a

Claudia M. Gaeta No iHerb deve ter....alguém me tinha dito q uma farmácia tinha em São Paulo.... olha....no Brasil é proVance....
[http://www.fazfarmanet.com.br/.../prova.../campanha_id/1/...](http://www.fazfarmanet.com.br/.../prova.../campanha_id/1/)



Provance Suplemento Probiótico 30 Comprimidos Mastigáveis |

FAZFARMANET.COM.BR

Curtir · 1 a

Michelle Bastos Reis Minha filha tmb é autista. E tmb era "normal" até 1 ano e 5 meses. Eu condeno vacinas que são cheias de agentes nocivos a saúde.

Curtir · 1 a



^ Ocultar 20 respostas

Saulo Bueno Michelle Bastos Reis recomendo o livro Healing the Symptoms Known as Autism da Kerri Rivera, esse livro será lançado em português em maio ou você pode baixar grátis pela internet em inglês.

Curtir · 1 a


Saulo Bueno Segue o link do lançamento do livro
<https://www.facebook.com/events/487859901422408/>




Tarde de autógrafos com Kerri Rivera

ESTE EVENTO FOI CANCELADO

Curtir · 1 a

 **Ariella Barros** Michelle mais ela falava algo?? Ela apontava qdo tinha um aninho??? Nossa preocupada com esse relato....q medo

Curtir · 1 a

 **Claudia M. Gaeta** Ariella Barros, os neurologistas chamam de "autismo regressivo"....mas acontece normalmente depois das piores vacinas, por volta dos 2 aninhos.....daí eles dizem q é coincidência! Dá uma raiva essa cegueira.....


Curtir · 1 a

 3

 **Michelle Bastos Reis** Saulo Bueno faço uso do mms


Curtir · 1 a

 1

 **Michelle Bastos Reis** Ariella Barros ela batia parabéns, fazia 1... mas mudou. É o mesmo aconteceu com a 2... tenho duas autistas a segunda eh grau mais leve porque acordei a tempo. Não acordei... tive médicos corretos.


Curtir · 1 a

 3

 **Saulo Bueno** Que bom saber, no livro CDS do Dr. Andreas Kalcker na pag. 28 ele fala que autismo é vacinose parasitária, nesse livro da Kerri no capítulo 8 tem o protocolo do Dr. Andreas para tratar parasitas, mesmo para quem não for autista seria interessante fazer, pois é muito difícil identificar parasitas no exame de fezes.


Curtir · 1 a

 2

 **Monique Souza** Otimas infos Saulo Bueno Obrigada. Mts pais ate hoje nao sabem tambem que, hiperatividade faz parte do espectro do autismo. Nao é à toa que vem aumentando tb.

Curtir · 1 a

 1

 **Monique Souza** Michelle Bastos Reis tem o Dr. Aderbal Sabra que consegue melhorar muito os sintomas do autismo.. ele atende aqui no Rj, mas viaja pelo Brasil. Seu ultimo trabalho foi premiado la fora, pois observou que os autistas tem uma inflamação linfática e nervosa (n sei explicar ao certo), mas pela alimentação tem melhoras.


Curtir · 1 a

 4

 **Michelle Bastos Reis** Monique Souza tmb sou paciente dele. Mas parei no momento pra fazer mms.

Curtir · 1 a

 3

 **Isa Fontes** Descobrindo o mundo azul (autismo) no momento aqui com meu BB de 2 anos e 3 meses. Pena q minha cidade é pequena e jamais esse Dr. Aderbal passará por aqui.

Curtir · 1 a

 1

Claudia M. Gaeta Maisa Machado se vc parar de vacinar e se informar sobre tratamentos biomédicos do autismo (até homeopático funciona!), voce vai a tempo de recuperar seu bebê do autismo! Faz uma forcinha e viaje pra ter o atestado do Dr.Sabrá, pra não vacinar mais. Cada vacina o deixará mais comprometido, podendo chegar a autismo clássico e severo.

Curtir · 1 a



4

Ariella Barros Maisa Machado como descobriu o autismo??? Q situação complicada isso das vacinas viu.... só Deus em nossas vidas.... tenho 3 bebês os dois mais velhos são gêmeos e prematuros estão com dois anos e 8 meses tomaram todas vacinas e nao tem nada de problem... Ver mais

Curtir · 1 a



2

Claudia M. Gaeta Se voce desconfia do menor, vá ao dr.Sabrá. Ele atende em clínica popular no Botafogo, se não me engano.

Curtir · 1 a · Editado



1

Ariella Barros Minha preocupação Claudia M. Gaeta é por conta dessas vacinas... o comportamento dele é todo dentro do esperado pra idade... mais tenho medo desse autismo regressivo q foi citado... só Deus viu....

Curtir · 1 a



1

Monique Souza Michelle Bastos Reis oque é mms?

Curtir · 1 a

Isa Fontes Claudia M. Gaeta ele da atestado isentando da vacina ? Nesse caso vale mesmo a pena.

Curtir · 1 a



1

Claudia M. Gaeta Dá sim, Maisa Machado! Se suspeitar de autismo, tem licença pra nunca mais vacinar. Até se for muito alérgico.

Curtir · 1 a



2

Isa Fontes Obrigada Claudia M. Gaeta vou atrás.

Curtir · 1 a



1

Valdelice Delis Alguém sabe dizer algum médico que dê atestado para não tomar as vacinas em São Paulo?

Curtir · 1 a



Angélica Braga Não vou vacinar meus filhos. Não confio!

Curtir · 1 a



3



Kelly Bizinoto Minha filha vai completar 6 meses depois de amanhã e não vou Vacinar!! A exemplo, minha sogra, uma mulher saudável, tomou essa vacina há 15 dias e está com reação forte até hj, uma gripe que vai e vem. Tb não confio!!

Curtir · 1 a



4



Monique Souza Minha filha de 7 meses tomou teve febre de mais de 40.. teve que entrar no antibiótico

Curtir · 1 a



1



Tavares Renata Reações Adversas da Vacina Influenza Trivalente

Reações adversas observadas em estudos clínicos A segurança da vacina influenza trivalente inativada é avaliada em estudo clínico aberto, não controlado, realizado como requisito de atualização anual, e que inclui pelo menos 50 adultos entre 18 a 60 anos de idade e pelo menos 50 idosos com 61 anos ou mais. A avaliação da segurança é realizada durante os 3 primeiros dias após a vacinação.

As seguintes reações adversas foram observadas durante os ensaios clínicos com as seguintes frequências:

Reações comuns (? 1/100 e <1/10):

- Distúrbios do Sistema Nervoso: cefaleia*;
- Distúrbios da pele e tecido subcutâneo: sudorese*;
- Distúrbios músculo-esquelético e do tecido conectivo: mialgia e artralgia*;
- Distúrbios gerais e no local de administração: febre, mal estar, calafrio, fadiga. Reações locais: eritema, edema, dor, equimose e endureção.*

* Estas reações são transitórias e normalmente desaparecem espontaneamente em 1-2 dias.

Reações adversas relatadas pela Farmacovigilância após comercialização

As reações adversas relatadas pela Farmacovigilância após comercialização são semelhantes às reações observadas durante os estudos clínicos, e estão descritas a seguir:

- Distúrbios do Sistema linfático e hematopoiético: trombocitopenia e linfadenopatia transitórias;
- Distúrbios do Sistema Imunológico: reações alérgicas, em casos raros levando a estado de choque, angioedema;
- Distúrbios do Sistema Nervoso: neuralgia, parestesia, convulsões febris, alterações neurológicas, tais como: encefalomielites, neurites e síndrome de Guillain Barré;
- Distúrbios vasculares: vasculite associada em casos muito raros com envolvimento renal transitório;
- Distúrbios da pele e tecido subcutâneo: reações cutâneas generalizadas incluindo prurido, urticária ou rash não específico.

Em casos de eventos adversos, notifique ao Sistema de Notificações em Vigilância Sanitária ? NOTIVISA, disponível em w.anvisa.gov.br/hotsite/notivisa/index.htm, ou para a Vigilância Sanitária Estadual ou Municipal. Informe também à empresa através do seu serviço de atendimento lll) Dizeres Legais da Vacina Influenza Trivalente

MS: 1.0553.0336

Farm. Resp.: Ana Paula Antunes Azevedo

Sanitária Estadual ou Municipal. Informe também à empresa através do seu serviço de atendimento Iii) Dizeres Legais da Vacina Influenza Trivalente

MS: 1.0553.0336

Farm. Resp.: Ana Paula Antunes Azevedo
GRF-RJ nº 6572

Fabricado por: Abbott Biologicals B.V.
Weesp - Holanda

Embalado por: Abbott Biologicals B.V.
Olst - Holanda

Importado por: Abbott Laboratórios do Brasil Ltda.
Rio de Janeiro ? Brasil
INDÚSTRIA BRASILEIRA

Registrado por: Abbott Laboratórios do Brasil Ltda.
Rua Michigan, 735
São Paulo ? SP
CNPJ 56.998.701/0001-16

VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA

ABBOTT CENTER
Central de Relacionamento com o Cliente
0800 703 1050

Esta bula foi aprovada pela Anvisa em 15/01/2015.

VACINA INFLUENZA TRIVALENTE - Laboratório

ABBOTT
Rua Nova York, 245 - Brooklin
São Paulo/SP - CEP: 04560-108
Tel: 11-5536-7000
Fax: 011-5531-7205
Site: <http://www.abottbrasil.com.br/>

Ver outros medicamentos do laboratório "ABBOTT"

Parte copiada da bula da vacina influenza trivalente.
(fonte da informação: ww.bulas.med.br)

Curtir · 1 a · Editado



4



Tavares Renata Existem mais de uma bula e mais de um tipo de vacina contra vários tipos de gripe, convém pedir a bula nos postos de saúde e ou clínicas particulares para ler antes de tomar a vacina, eu já optei, não tomo e não recomendo.

Curtir · 1 a



5


















Dharine Ribeiro Eu tbm não sou muito a favor de vacinas. Como essas são de campanhas eu não vou dar não. Agora as outras que estão na carteira de vacinação, eles obrigam a dar. Fui uma vez não querer dar a rotavírus, foi maior confusão. Não tive jeito, acabei tendo que dar contra minha vontade. Graças a Deus não aconteceu nada com meu pequeno.

Curtir · 1 a




2

-  **Saulo Bueno** Dharine Ribeiro eles sempre ameaçam, na próxima vez peça para a enfermeira ou agente de saúde que está de ameaçando, a pegar a bula da vacina e ler sobre as reações adversas, depois de lido peça para ela assinar um termo se responsabilizando caso aconteça algo com seu filho. Será que vão fazer?
- Curtir · 1 a  7
-  **Dharine Ribeiro** Eu falei com a enfermeira chefe, disse tudo isso, mostrei os casos. Ela falou que aqui onde eu moro não tinha nenhum caso, certamente não tinha msm. Ai falou um monte de coisas eu argumentei. Disse que se aconteceu aqui é porque as mães não voltam e não dão queixa, se elas não fazem isso, não tem como saber, ai me colocou medo falando se eu não der a vacina e algo acontecer, ai eu ia lá correndo argumentar e colocar a culpa nelas. Conclusão não teve jeito, tive que dar. Graças a Deus o Senhor sempre guarda meu filho.
- Curtir · 1 a  2
-  **Isma De Sousa** Dharine, tens toda razão...maioria dos pais não fazem a mínima ideia que os filhos tiveram problemas ou morreram por conta de vacinas!
- Nos Estados Unidos o cdc aprecia que apenas 10% de reações são documentadas ou registradas! No Brasil não quero nem imaginar essa porcentagem e especialmente quando nem sequer existe um fundo de indenização !
- Curtir · 1 a  4
-  **Katia Guariroba** Carlos Esdra Rose Gonçalves Mariane Miranda da Silva Déia Andréia Guariroba
- Curtir · 1 a · Editado
-  **Claudia Cavalcante** Eu já vaciei, mas tenho muito medo pela quantidade dos metais pesados
- Curtir · 1 a  2
-  **Isma De Sousa** Eu também vacinei meus meninos e um deles tem a imunidade super debilitada!
- Recebeu todas as vacinadas recomendadas, e deveria então ser super saudável né? Pois é...é super frágil, fica doente fácil, e não tem uma vida normal como ele mesmo gostaria de ter! ... Ver mais
- Curtir · 1 a  3
-  **Claudia Cavalcante** Mts pessoas sabem dos malefícios e continuam tomando... qdo chega essa época a imprensa começa a pressionar com informações de mortes etc. Os benefícios da venda das vacinas vão para os bolsos dos laboratórios(donos).
- Curtir · 1 a  4
-  **Bruna Bsh** Essa vacina não é obrigatória para o grupo de risco e eu não dou...ha outras formas de estimular o sistema imunológico principalmente através da alimentação e VIT D que é de graça.
-  7

-  **Jessica Guedes** Eu não vou dar  4
Curtir · 1 a
-  **Daniela Couto** Crime!  2
Curtir · 1 a
-  **Ariella Barros** Eu tb nao vou dar....  3
Curtir · 1 a
-  **Andrea Giordana** Não vacine seu bebê!  1
Curtir · 1 a
-  **Talita Fernades** To com .muito medo de dar ainda nem sei Dharine Ribeiro 😞
Curtir · 1 a
-  **Dharine Ribeiro** Vou te chamar in box
Curtir · 1 a
-  **Monique Souza** varicela > catapora  1
Curtir · 1 a
-  **Juliana Puello** Nao quero nem comentar.veneno é elogio p essa porcaria. Ainda bem que tenho atestado médico p nunca aaaaaaaa mais vacinar meu filho.  3
Curtir · 1 a
- ↳  **Eliane Maria Membrive Pedrotti Zimbardi** respondeu · 3 Respostas
-  **Dharine Ribeiro**


Curtir · 1 a
-  **Eliane Maria Membrive Pedrotti Zimbardi** Vou até o fim pra não vacinar minha filha meu bem mais precioso.  2
Curtir · 1 a
-  **Alessandra Gouveia Fogar** Eu tenho uma conhecida que tem filho autista na igreja Q já comentou a realação do filho ser autista c essa vacinas... Mas por outro lado eu penso se o fato de N ter algo Q comprove cientificamente o pq de acreditar...a mesma coisa falam da microcefalia Q N tem nada haver c o mosquito da dengue Q é por causa de um lote de vacinada condenado Q foi aplicado...sendo Q conheço caso de pessoa próxima Q teve dengue na gestação e o filho nasceu c microcéfalo...só colocando a vida dos nossos filhos nas mãos de Deus mesmo
Curtir · 1 a


 **Isma De Sousa** Comprometimento bitalâmico na encefalomielite aguda disseminada após vacina H1N1.

Um menino de 5 anos de idade, foi internado com história de febre, náuseas, vômitos e sonolência que tinha começado dois dias após a vacinação contra a gripe H1N1. Exame neurológico, mostrou ataxia de marcha suave, Oftalmo-paresia vertical e reflexos profundos de tendões. A RM - ressonância magnética de Cérebro MRI re-ealou lesões frontal direita e lesões nos talâmicos bilaterais com sinal aumentado em em T2 flair imagens (Figuras A, B, C, D). A análise do líquido cefalorraquidiano mostrou pleocitose lym-linfocintica suave. O paciente teve uma melhora clínica acentuada depois de corticosteróides orais foi iniciada.

Lesões talâmicos bilaterais têm sido relatados em 12% dos pacientes pediátricos com ADEM. Este é o primeiro caso de ADEM após a vacina H1N1 relatados no Brasil.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext...



Curtir · 1 a · Editado  2


 **Girlanne Figueredo** Ac

Curtir · 1 a



Postagem 6:



<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1777155389193741>

 **Hemmile Anzini** ▶ **O lado obscuro das Vacinas** 


26 de outubro de 2016 · Blumenau · 

pessoal...sou advogada e atua na área dos serviços da saúde. Estou defendendo uma cliente, que possui uma filha com diagnóstico de autismo, comprovadamente causado por agentes externos (metais pesados, etc.). Agora ela teve o segundo filho e não pretende vacinar, tendo inclusive atestado médico. o que preciso é de estudos científicos que corroborem com as alegações de malefícios das vacinas do calendário de vacinação. alguém consegue me ajudar? temos urgência pois o Conselho tutelar já encaminhou ao MP



 Curtir  Compartilhar

  50


3 compartilhamentos 34 comentários


 **Hilda de Moraes Kelly Valente**  1
Curtir · 1 a


 **Mariane Azevedo** Estou fazendo meu TCC sobre isso e te falo com propriedade que é muito difícil você achar estudos científicos que falem isso com todas as letras... Mas procura por "Nelson Vaz", ele é um imunologista e fala bastante a respeito!
Curtir · 1 a  10


 **Hemmile Anzini** Mariane Azevedo....quando concluires gostaria de ler seu trabalho.
Curtir · 1 a  4

 **Mariane Azevedo** Só pro meio ou final do ano que vem, mas mostro sim! Se você achar mais artigos alem desses do autor que mencionei, agradeço se puder me mandar, pq é muito difícil!
Curtir · 1 a  4

 **Luana Pedron** Quero saber tb 😊  1
Curtir · 1 a

 **Pâmela Arumaa** Mariane Azevedo, procure por José Garrofe Dórea.
Curtir · 1 a  1

 **Mariane Azevedo** Pâmela Arumaa vou procurar sim! Obrigada!!!
Curtir · 1 a

 **Pâmela Arumaa** Ele é brasileiro, e referência do movimento anti-vacinação nos EUA e estuda isso há décadas.

Curtir · 1 a



Andreia Deia Simone Gadotti Strelow olha isso o que vc diz tem?

Curtir · 1 a



Patrícia Grey Danielas 

Curtir · 1 a



Danielas Brasil Poisé minha filha a mamãe fica sem palavras!!

Curtir · 1 a



Kelly Valente Inbox

Curtir · 1 a



Carol Moro Ac

Curtir · 1 a



Leandro Santos 22 estudos científicos que provam que vacinas podem causar autismo¹. Um estudo publicado na revista *Annals of Epidemiology* mostrou que dar a vacina contra a hepatite B para meninos recém-nascidos pode triplicar o risco de desenvolver um transtorno do espectro do autismo em comparação com os rapazes que não foram vacinados como recém-nascidos. A pesquisa foi realizada em Stony Brook University Medical Center, em Nova Iorque. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21058170>



Hepatitis B vaccination of male neonates and autism diagnosis, NHIS 1997-2002....

NCBI.NLM.NIH.GOV

Curtir · 1 a



Leandro Santos 2 . Um estudo publicado no *Journal of Inorganic Biochemistry* por pesquisadores da Neural Dynamics Group, Departamento de Oftalmologia e Ciências Visuais da Universidade de British Columbia determinou que o alumínio, um metal altamente neurotóxico e o adjuvante de vacinas mais comumente utilizado pode ser um fator que contribui significativamente para o aumento da prevalência de ASD (Desordens do Espectro Autista) no mundo ocidental. Eles mostraram que a correlação entre a prevalência de ASD e a exposição do adjuvante alumínio parece ser mais elevada em 3-4 meses de idade. Os estudos também mostram que as crianças dos países com maior ASD parecem ter uma exposição muito maior de alumínio a partir de vacinas. O estudo aponta que vários marcos importantes do desenvolvimento do cérebro coincidem com grandes períodos de vacinação para crianças. Estas incluem o aparecimento de sinaptogênese (nascimento), velocidade de crescimento máxima do hipocampo e começo da maturação da amígdala. Além disso, a grande transição de desenvolvimento em

muitos sintomas bio-comportamentais, tais como padrões de onda do sono, regulação da temperatura, respiração e ondas cerebrais, os quais são regulados pela rede neuroendócrina. Muitos destes aspectos da função cerebral são conhecidos por serem prejudicados no autismo, como padrões de ondas cerebrais e sono. <http://omsj.org/reports/tomljenovic%202011.pdf>

Curtir · 1 a



5



Leandro Santos 1. Um estudo realizado pelo Hospital Geral de Massachusetts, no Centro de Análise morfométrica pelo departamento de Neurologia Pediátrica ilustra como os cérebros autistas têm um surto de crescimento logo após o nascimento e, em seguida, desaceleram o crescimento em poucos anos mais tarde. Os investigadores determinaram que a neuroinflamação parece estar presente em tecido de cérebro autista desde a infância até à idade adulta. O artigo diz: "O estresse oxidativo, a inflamação do cérebro e microgliose foram pouco documentadas em associação com exposições tóxicas, incluindo vários metais pesados. A consciência de que o cérebro, bem como condições médicas de crianças com autismo podem ser condicionadas por anormalidades biomédicas crônicas, como inflamação, abre a possibilidade de que as intervenções biomédicas significativas podem ter passado pela janela da neuroplasticidade máxima na primeira infância, porque a base para supor que todos os défices podem ser atribuídos a alterações precoces de desenvolvimento fixos em líquido." <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16151044>

PubMed

Large brains in autism: the challenge of pervasive abnormality. - PubMed - NCBI

NCBI.NLM.NIH.GOV

Curtir · 1 a



3



Luana Pedron Gratidão pelas informações. Conseguir me enviar por email? luana.pedron@gmail.com

Curtir · 1 a



Alessandra Perez Adriana Cirilogomes veja as pesquisas...

Curtir · 1 a



1



Leandro Santos 21. Um estudo publicado pela revista Laboratório de Medicina determinou que a vacinação pode ser um dos gatilhos para o autismo. Os pesquisadores descobriram que os dados substanciais demonstram anormalidades imunológicas em muitas crianças autistas consistentes com resistência diminuída a infecções, ativação de respostas inflamatórias e auto-imunidade. Resistência prejudicada pode predispor a lesões por vacina no autismo. <http://labmed.oxfordjournals.org/.../33/9/708.full.pdf>

Curtir · 1 a



3



Noeli M. Sangiovo de Souza Ac

Curtir · 1 a



Mayra Tesseroli Zuconelli Adriana Tesseroli Rocha será vdd??

Curtir · 1 a



Janny Lennon Documentário Vaxxed, que inclusive foi barrado aqui no Brasil. Vê no YouTube

Curtir · 1 a



1



Hemmile Anzini Obrigada



1

Curtir · 1 a



Flávia Zuin Delfino Simone Braga

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula aki tem tudo que precisa
<http://www.tudosobrevacina.com/search...>



Tudo sobre Vacina

TUDOSOBREVACINA.COM

Curtir · 1 a



2



Hemmile Anzini Muito obrigada



1

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula Hemmile Anzini de nada

Curtir · 1 a



Luana Pedron Ac

Curtir · 1 a



Ariadne Oliveira Fernanda Rochaolha isso

Curtir · 1 a



Hemmile Anzini obrigada a todos...podria haver um tópico fixo com essas informações para as pessoas que querem se iterar sobre o assunto tenham acesso rápido à essas informações.

Curtir · 1 a



8



Isma De Sousa É possível fazer um documento e colocar nos files do grupo?

Curtir · 1 a




Marcela Martinucci Hemmile Anzini vc pode me informar qual foi o exame que comprovou que o autismo da criança foi desencadeado por metais pesados? Queria o nome do exame. Te agradeço. Obrigada

Curtir · 1 a



1

 **Hemmile Anzini** Tava pensando aqui...acho que na verdade é a conclusão do médico....mas o tratamento inclusive funcionou e ela não tem mais diagnóstico de autismo 🙏

Curtir · 1 a



1

 **Marcela Martinucci** Entendo. E qual o nome do médico?

Curtir · 1 a

 **Juliana Arndt da Trindade**
<http://www.gpl4u.com/portuguese/test1.html>

Laboratório Great Plains, seu centro de testes para Autismo, PDD, levedura, candida, fadiga...

GPL4U.COM


Curtir · 1 a



1

 **Juliana Arndt da Trindade** fiz esse e o do cabelo tmbm

Curtir · 1 a

 **Juliana Arndt da Trindade** trato meu filho com Dr Rogerio Rita

Curtir · 1 a



1

 **Hemmile Anzini** Juliana Arndt da Trindade , esse mesmo

Curtir · 1 a




Sueli Schmitt Ola Hemmile Anzini, pode ser artigos em Ingles?

Curtir · 1 a

 **Hemmile Anzini** Pode sim

Curtir · 1 a

 **Sueli Schmitt** Hemmile, voce consegue bulas das vacinas que a crianca recebeu, dai nas bulas tem o nome dos ingredientes que tem em cada vacina . A partir dai voce pode tracar uma defesa ou ataque porque cada ingrediente e mais perigoso que o outro. Voce pode utilizar informacoes do google onde diz que esses ingredientes sao toxicos, mas os medicos injetam isso nas crianas. Ha uma diferenca entre injetar e ingerir, voce pode usar isso tambem na sua defesa .

Curtir · 1 a



5



Sueli Schmitt Proven to be what? Immunosuppressive? Unsafe? Toxic? Contaminated? Unnatural? Artificial-Man Made? Given Unphysiologically?

Proven to be over the safe amounts of (Mercury, Aluminum and DNA).

Proven to have GDC secret meetings (Simpsonwood GDC secret meeting)

Unphysiologically?

Proven to be over the safe amounts of (Mercury, Aluminum and DNA).

Proven to have GDC secret meetings (Simpsonwood GDC secret meeting)

Proven to have false claims (Merck false claims act)

Proven that diseases are re-named --Polio > (GBS).

Proven to cause Autism (Rubella Virus).

Proven to have trade secrets (Peanut, Sesame and Fish oil).

Proven to create new diseases. (1955 paralytic polio).

Proven to be confidential. (GSK).

Proven to create outbreaks. (Shedding). Measles.

Proven to be worse than the real wild virus. (atypical measles).

Proven to be contaminated. (SV40). (HERVK).(Mycoplasma). (AIDS).

Proven to be working in their favor (Agenda).

Proven to do more harm than good. (GARDASIL)

Proven that unvaccinated kids are healthier.

Proven to cause impaired blood flow (Ischemia) M.A.S.S.

Proven to contain allergens (Casein and Soy peptone broth)

Proven that some ingredients are not listed because they are considered Inactive.

Proven to be the leading cause of lies and coincidences (Autism and SIDS).

Proven to cause injury (Since 1989 vaccine injury compensations exceed 3,500,000,000+).

Proven to cause (Death and life long Diseases, Dysfunctions and Disabilities).

Proven to have not been studied on (Synergistic Toxicity).

Proven to have studies that are limited to short time periods only (Gardasil).

Proven that No batch can be safe.

(SIDS)

Proven that some batches are not identical.

Proven to be dangerous and experimental. (Rotashield)

Proven to cause narcolepsy and cataplexy (Swine flu vaccine).

Proven to cause a "Cytokine Storm".

Proven to have Foreign /Human protein.

Proven to up-regulate asthma , allergy and cancer genes.

(Pharmacogenomics).

Proven to cross the BBB

(Polysorbate 80 + Aluminum).

Proven that testosterone is an enhancer of mercury toxicity

(More boys get Autism than girls).

Proven to interfere with the Immunological programming of the brain.

Proven to over activate and or prime the Microglia.

Proven that Thimerosal has been linked to a number of animal reproductive toxicities including teratogenicity, mutagenicity and fetal death.

Proven that "Small Amounts"

Can cause anaphylactic shock.

Proven that Natural exposure to measles was followed by lifelong immunity from re-infection, whereas vaccine immunity wanes over time, leaving adults unprotected by their childhood shots.

Proven that there is no Immunity to dirty wounds (Tetanus).

Proven they cannot guarantee that their vaccine will not damage your fertility and that has not been evaluated for carcinogenic or

mutagenic potential. (Fluarix)
 Proven that the albumin in vaccines is known to carry pathogens and prions.
 Proven to have disgusting ingredients (Serum From Aborted Galf Fetus Blood).
 Proven to have sterilizing compounds (Polysorbate 80).
 Proven to cost tax payers money (from \$.75 – \$2.25 depending on the vaccine) .
 Proven to not be protected against the disease they were vaccinated against. (whooping cough).
 Proven to be temporary (Booster).
 Proven to contain at least one or more Neurotoxin, Immunotoxin, Carcinogen, Excitotoxin, Nephrotoxin, or Systemic toxin.
 Proven to bypass the normal immune system (Abnormal entrance = Abnormal immune response).
 Proven that "NOTHING" should interfere with the immunologic programming, especially during the first three years of life. Normal brain development depends on the baby maintaining a non-inflammatory state. Vaccines drive excessive inflammation and can derail normal brain development.
 PROVEN!!
 That the only way to eradicate paralytic poliomyelitis is to STOP VACCINATING!!!
<http://www.bmj.com/content/344/bmj.e2398/rr/578260>

Re: Polio eradication: a complex end game

BMJ.COM

Curtir · 1 a



Andreza Correia Gente, não vacinei e fiquei quietinha no meu canto. Nunca deu nada. O que acontece que leva isso a chegar em Conselho tutelar? Denúncia?

Curtir · 1 a



^ Ocultar 18 respostas



Hemmile Anzini Ela se recusou na maternidade (bcg e hepatite b)...e a vigilância epidemiológica e o pediatra acionaram o conselho tutelar

Curtir · 1 a



Andreza Correia Garamba.....

Curtir · 1 a



Hemmile Anzini Na maternidade vcs não vacinaram?

Curtir · 1 a



Andreza Correia Na maternidade sim. Na época não tinha me ligado nosso. Depois babau nunca mais.

Curtir · 1 a



Helena Chaves Mahk A minha filha nasceu de 7 meses prematura, ela saiu da maternidade com 2 meses, ela tomou umas 3 vacinas, mais ja tava com 4 meses, na clínica não vacinavam os bebezinhos, a Perinatal na época não vacinava

Curtir · 1 a · Editado



1



Hemmile Anzini Por isso gente...eles não tem um controle efetivo...mas qdo vc apresenta negativa na maternidade é a mesma coisa que chegar no agente de saúde e dizer "olha aqui, esse é meu bebe e eu não vou vacinar"

Curtir · 1 a



Mariane Azevedo Acho que algumas escolas particulares também pedem a carteirinha preenchida... E escolas e faculdades públicas eles pedem com certeza, inclusive em concursos públicos!

Curtir · 1 a



Agatha Oliveira Hemmile, se ela é cristã, é contra o aborto. A Bíblia fala sobre a não comunicação com as obras das trevas. Vamos lá: a hep B foi feita a partir de linhas de células diploides de feto humano abortado. Os nomes das linhas mais comuns são MRC-5, RA 27/3 e WI-38... há artigos da Fiocruz inclusive, constatando isso. No site ATCC, em inglês, por exemplo, há a descrição dos fetos (etnia, idade gestacional, gênero...)

Curtir · 1 a



1



Agatha Oliveira É um caminho. O Paulo de Tarso dá uma boa luz sobre a questão do alumínio e legislação.

Curtir · 1 a



Hemmile Anzini Agatha Oliveira a jurisprudência tem mostrado que a liberdade religiosa não é mais importante que o direito à saúde da criança...

Curtir · 1 a



2



Agatha Oliveira Entendi.

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso O direito da saúde da criança não é possível com os tóxicos e neurotóxicos degradantes de vacinas. Tratamento a partir de crenças não é adequado à saúde.

Curtir · 1 a · Editado



1



Agatha Oliveira vacinas tem células de aborto comprovadamente. É algo assumido e claro. Não há como entrar com objeção de consciência ou artigo 5º, inciso VIII da Constituição? Só uma dúvida pois sou leiga em Direito e Medicina.

Paulo de Tarso Nem precisa ir para esta área, pois muitas vacinas contêm tóxicos e neurotóxicos degradantes não essenciais ao corpo humano (desumano). Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Curtir · 1 a · Editado



Agatha Oliveira Muito bom. Obrigada.

Curtir · 1 a

Márcia Fogo Em quais vacinas tem célula humana Agata

Curtir · 1 a

Agatha Oliveira Você encontra as siglas MRC-5, RA27/3 e WI-38 nas bulas. Faça uma pesquisa MRC-5 Fiocruz, e encontrará maiores detalhes em português. Essas siglas combinadas com números são linhas de células fetais (confira no site ATCC cada uma delas - página de venda dessas linhas para pesquisas e produção de vacinas por laboratórios). Estão na vacina HepatiteB, polio, catapora (Varivax, por exemplo), sarampo, caxumba.

Curtir · 1 a

Agatha Oliveira Márcia, se quiser, dá uma olhada nessa página que tem postagens sobre o assunto, com referências e em português: [https://m.facebook.com/Movimento-VIDE-BULA-Pela.../...](https://m.facebook.com/Movimento-VIDE-BULA-Pela.../)



Vacinas: VIDE BULA

Comunidade

446 pessoas curtiram isso

Curtir

Curtir · 1 a



Agatha Oliveira Soraya Nascimento

Curtir · 1 a



Isa Fontes Eu queria saber como ela conseguiu saber q a causa é exatamente essa. Acabamos de pegar o diagnóstico do meu filho com TEA (autismo) e não queria piorar a situação dele com essas porcarias mas preciso de provas.

Curtir · 1 a



Hemmile Anzini Marisa....não vai existir um teste que comprove a ligação....essa relação é a conclusão dos médicos. Isso porque, se as vacinas contêm metais pesados, como mercúrio e alumínio, se nos exames do seu filho for constatada a existência de metais pesados, uma

das hipóteses pode ser que tenham sido as vacinações...mas pode ser de agrotóxicos, peixe, amálgamas no dente...então, como não dá pra saber a causa 100%...se exclui todas as prováveis. Pesquise tb sobre dieta cetogenica....em
Muitos casos tem demonstrado melhora....a minha cliente conseguiu reverter i diagnóstico de autismo da filha dela



Curtir · 1 a



2



Hemmile Anzini Com dieta e medicamentos 1

Curtir · 1 a



Isa Fontes Vou pesquisar. Obrigada

Curtir · 1 a



Gilson P. Rodrigues O meu amigo Ronaldo te passou materiais sobre vacinas?

Curtir · 1 a



Hemmile Anzini Gilson P. Rodrigues ainda não

Curtir · 1 a



Ronaldo Candido Paula Gilson P. Rodrigues ja passei tudo sobre vacina

Curtir · 1 a



1



Hemmile Anzini Sim...estamos conversando, obrigada 😊

Curtir · 1 a



1



Alessandra Perez Veja Adriana Girilogomes 1

Curtir · 1 a



Lais Araújo Ac


Curtir · 1 a



Dirce de Christo

<https://www.facebook.com/eleanor.luzes/posts/939370209540599?pnref=story>



 **Decio Canedo** Hemmile Anzini entre a justiça aque no meu estado e no município de Ipatinga pois minha filha tomou a Vacina HPV e ficou muito mal . agora esta recuperando mas ainda tem dificuldade para andar nas processos assim sao muito demorados pois ja tem um ano e nao reve ainda audiencia . voce pode como ja tem experiencia com processo na saude tem como dar-me alguma orientação

Curtir · 1 a



Hemmile Anzini Inbox



Curtir · 1 a



Flavia Azevedo Aqui uma lista de 30 estudos científicos que mostram a ligação dos materiais pesados com alterações comportamentais das crianças. Eu nunca vi um artigo que comprove a relação de um com o outro, todos sugerem as lesões neurológicas. Já está com as bulas das vacinas?

<http://circleofdocs.com/30-solid-scientific-studies-that.../>



30 Solid Scientific Studies That Prove Vaccines Cause Autism | Circle of Docs

CIRCLEOFDOCS.COM

Curtir · 1 a



Decio Canedo Mas quando a area da saude vai se contradizer pois e uma mafia que controla as nossas vidas

Curtir · 1 a



Paulo de Tarso Porém, prosperar é o fluxo natural da vida.

Curtir · 1 a



Luiza Bizu Ac Lucas

Curtir · 1 a · Editado



Simone Filomeno Velasco Se precisar procure a Dra. Simone Pires. Ela é especialista em autismo e faz exames genéticos e entende bastante do assunto

Curtir · 1 a



Isa Fontes Simone

Por favor

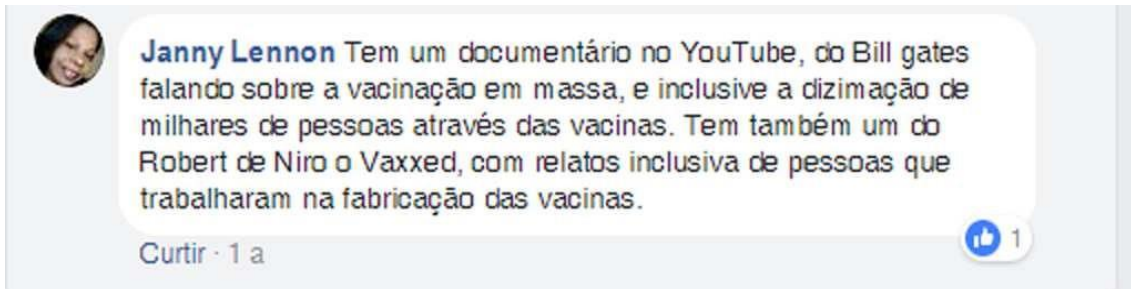
De q cidade ela é ? Como consigo o contato dela?

Curtir · 1 a



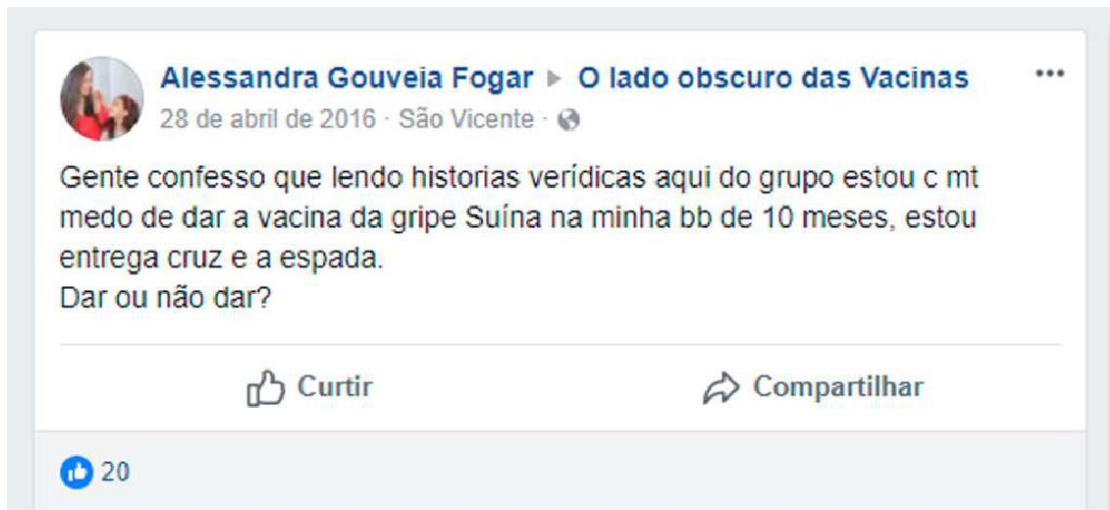
Veridiana Novaes Dharamdev Luiz Gustavo Mendes Rodrigues

Curtir · 1 a



Postagem 7:

<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1705757913000156>





A screenshot of a Facebook post and its comments. The post is by **Caffe Fabi** with the text "Nunca dei nos meus!". Below it are five comments from other users: **Bruna Bsh**, **Romenia Carvalho**, **Ronaldo Candido Paula**, **Márcia Fogo**, and **Valdelice Delis**. The **Márcia Fogo** comment has 13 replies, with three visible: **Márcia Fogo**, **Valdelice Delis**, and **Márcia Fogo**. Each comment includes a profile picture, the user's name, the text of the comment, and a "Curtir" (Like) button with a count.

Caffe Fabi Nunca dei nos meus!  2
Curtir · 1 a

Bruna Bsh Eu nunca dei na minha de dois anos. Nem pretendo dar  2
Curtir · 1 a

Romenia Carvalho Tbem to nessa duvida  2
Curtir · 1 a

Ronaldo Candido Paula Minha está muito bem sem vacinas  2
Curtir · 1 a

Márcia Fogo Da homeopatia H1N1  3
Curtir · 1 a

^ Ocultar 13 respostas

Valdelice Delis Tem um floral que chama-se influenza, não sei se é o mesmo, mas pretendo comprar. Sabe se é o mesmo? Se não for, você conhece o influenza, sabe qual é melhor dos dois?
Curtir · 1 a

Márcia Fogo Valdelice Dellis Passos Pedrazoli vou te marcar em meu post  1
Curtir · 1 a

Valdelice Delis Obrigada
Curtir · 1 a

Márcia Fogo Nao estou conseguindo flor!
Curtir · 1 a

Valdelice Delis Poxa
Curtir · 1 a

 **Valdelice Delis** Está aqui no grupo?
Curtir · 1 a

 **Valdelice Delis** Qual o título do post?
Curtir · 1 a

 **Márcia Fogo** Esse influenzzim H1N1 é bioterapico mas feito na homeopatia é uma vacina oral. Vc teria que ir até um homeopata ou procurar um farmácia de homeopatia de sua confiança
Curtir · 1 a  1

 **Valdelice Delis** Obrigada Márcia!!!
Curtir · 1 a

 **Márcia Fogo** O título do post é eu perguntando. Oq as pessoas acham da vacina homeopatica H1 Ni
Curtir · 1 a  1

 **Márcia Fogo** Vou tentar fazer um post pra resumir tudo é que lá teve muita informação!
Curtir · 1 a  1

 **Márcia Fogo** Alessandra Assunção Valdelice Dellis Passos Pedrazoli acabei de dar up vcs podem colocar meu nome na lupa tmb que vai achar
Curtir · 1 a  1

 **Márcia Fogo** Alessandobrigda  1
Curtir · 1 a

 **Valdelice Delis** Eu não vou dar, meu filho tem 8 meses.
Curtir · 1 a  2

 **Márcia Fogo** acabei de compartilhar na minha pagina um video sobre esse bioterapico h1n1 veja lá
Curtir · 1 a  1

 **Ale Leão Salvioni** Eu dei pra minha filha e ela está com febre há 8 dias, sem diagnóstico.
Curtir · 1 a
^ Ocultar 17 respostas

 **Valdelice Delis** 😞 espero que melhore logo.  1
Curtir · 1 a

 **Márcia Fogo** Febre alta?  1
Curtir · 1 a

-  **Ale Leão Salvioni** Sim. Cada hora dizem uma coisa... Não está respondendo ao antibiótico.
Curtir · 1 a  1
-  **Alessandra Assunção** Essas vacinas ferram com o sistema imunológico. Kaloba costuma resolver essa febre. Já ouviu falar? Ele reforça as defesas do organismo Ale.
Curtir · 1 a  2
-  **Márcia Fogo** Mais é mto tempo! Fizeram ecames nela? Vc deu do posto ou particular Ale Leao sa
Curtir · 1 a
-  **Ale Leão Salvioni** Está tomando antibiótico injetável agora.
Curtir · 1 a  1
-  **Márcia Fogo** não é a primeira criança que acompanho com essa reação! ela vai ficar bem! mas me responda a vacina foi no posto ou particular?
Curtir · 1 a  1
-  **Ale Leão Salvioni** Foi no PSF. Eu tomei particular, peguei um resfriado e não curei até hj
Curtir · 1 a  1
-  **Márcia Fogo** 😞😞😞 seu filho colheu exame de sangue por esses dias, pra saber como está?
Curtir · 1 a  1
-  **Ale Leão Salvioni** Sim, hemograma veio c infecção bacteriana
Curtir · 1 a
-  **Valdelice Delis** Ale, como ela está hoje?  1
Curtir · 1 a
-  **Ale Leão Salvioni** Valdelice, ela está tendo terror noturno. Está bem, mas estou angustiada e com medo...
Curtir · 1 a  1
-  **Valdelice Delis** Imagino... Coitada. O meu filho após ter tomado as vacinas dos 2 meses ficou tão traumatizado que chorava por tudo, mesmo após 1 mês às vacinas. Além da reação severa à rotavírus, ainda teve todo o psicológico abalado. Espero que ela melhore logo. E que você consiga se tranquilizar.
Curtir · 1 a  1
-  **Ale Leão Salvioni** Obrigada, Valdelice Dellis Passos Pedrazoli!



Márcia Fogo Oi Ale Leao passando pra saber como está sua filha?

Curtir · 1 a



Natália Lamounier Ac

Curtir · 1 a



Ale Leão Salvioni Melhorou, graças a Deus!

Curtir · 1 a



Alessandra Gouveia Fogar Aí gente Q coisa não a gente N sabe oq faz eu acho Q N irei dar Tb

Curtir · 1 a



Simone Rosa Aqui a minha experiência.

Moro na Itália há 11 anos e quando houve um surto da doença por aqui a vacina ainda não era indicada a toda a população (estranho?). Apenas casos estritamente de risco. Como ocorre para outras vacinas para os mesmos pacientes de risco.

Os pediatras já aceitavam até mesmo o fato de uma influenza ser devida ao vírus H1N1, mas sem exames clínicos quem comprovava se tinha uma forte gripe por esse ou aquele vírus?

O que digo é que o "efeito pânico" há alguns anos não foi tão forte quanto agora para justificar a corrida à vacina.

Ora, o vírus é o mesmo.

Tantos por aqui contraíram o vírus e passaram por uma gripe sem saber o vilão.

Outros tiveram complicações como existem complicações para uma gripe normal de acordo com as condições físicas de cada um.

Então, estão chamando pessoas saudáveis para serem vacinadas e os grupos de riscos alargaram-se.

Cada pessoa que tire as suas conclusões.

Curtir · 1 a



Mariana Mazur Carvalho Na dúvida, pesquise. Vá a fundo. Pela minha experiência através de estudos, nunca, jamais. Minha conclusão pessoal: realmente uma loteria, nenhuma criança ou pessoa deveria ter sua saúde colocada como peça de um jogo.

Curtir · 1 a



Clarissa Quadros Tb não vou dar, mas fortalecer o sistema imunológico é indispensável. Estou fazendo uso em todos aqui de própolis e vit c, fora alimentação saudável! 😊


Curtir · 1 a



Wayne Neves Hsu Clarissa eu li sobre propolis ajudar, como vcs estão consumindo? Queria dar pra minha filha de 2 anos além de nos mas o gosto é pessimo ne rs dicas? Tb não vou dar essa vacina nela


Curtir · 1 a



 **Mariana Mazur Carvalho** De acordo com as minhas pesquisas este é o caminho... Além de ter uma horta em casa e se livrar do envenenamento dos agrotóxicos. Vamos transformar os seres em pessoas saudáveis, fortes e mentalmente sadios, diferente do que querem de nós.


Curtir · 1 a



 **Clarissa Quadros** Isso mesmo!! Meu filho de 6 anos toma 5 gotas e minha filha de 15, eu e meu marido tomamos 20 gotas. Diluo com pouquinho de água, depois tomamos mais um copo de agora p tirar o gosto, rsrs. Realmente N é muito agradável. Mas pode colocar em suco, talvez disfarce mais.

Curtir · 1 a



 **Dharine Ribeiro** Pode dar própolis para criança de 1 ano?


Curtir · 1 a



 **Clarissa Quadros** Dharine Ribeiro acho que sim, mas se conhecer alguma nutricionista vc pergunta. Sei que mel é recomendado a partir de 2 anos, mas própolis não tenho certeza.


Curtir · 1 a



 **Dharine Ribeiro** É do mel eu sei, mas própolis não sei, eu tomo, mas nunca dei pro meu filho, achava que não podia.


Curtir · 1 a



 **Érica Pacheco** Bom saber do propolis.


Curtir · 1 a



 **Romenia Carvalho** Aqui Tbem estou investigando em vitamina C


Curtir · 1 a



 **Dharine Ribeiro** Nao é somente essa Alessandra Gouveia. Sao todas as vacinas. Leia a bula das vacinas, veja as histórias, não vale a pena arriscar a vida dos nossos pequenos com esse veneno. É assustador.

Curtir · 1 a · Editado



 **Camilla Osbourne** Eu nao vou dar essa e nenhuma outra! Meu filho vai fazer 1 ano e so tomou 2 ate hj, convenci meu marido a nao dar mais e estamos mto bem assim... Sem colicas, sem reações por conta dos dentes, sem resfriados...

Curtir · 1 a



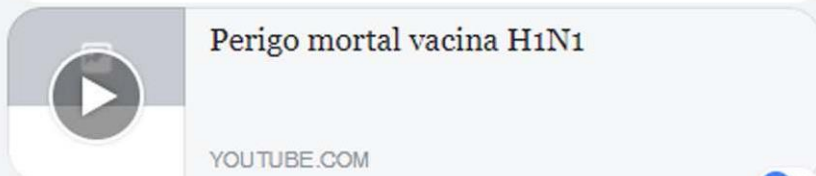
 **Eliane Maria Membrive Pedrotti Zimbardi** Eu ã vou dar vacinas

Curtir · 1 a

 **Eliane Maria Membrive Pedrotti Zimbardi** Queria poder pesar e medir ela no posto vou engabelando eles até onde der. Não quero dar nunca mais vacinas nela ela só tem 3 meses.



Roberto Maracajá Junior Que conversa é essa de dar ou não dar??? É claro que não deve dar! a sua dúvida é a sua falta de informação! Vacinar nos dias de hoje é criar problemas para seus filhos! Sequelas que virão, desde mentais como físicas! é melhor não arriscar! Todas as va... Ver mais



Curtir · 1 a



Geysa Paula Castor Fontes Girlanne Figueredo abre esses links

Curtir · 1 a



Roberto Maracajá Junior 3 linques importante, veja todos e daí vai seguindo no Youtube os demais! Dedique algumas horas por dia para aprender, afinal a maior utilidade da Internet é ter acesso a informação !

Curtir · 1 a



Luciana Faria Roberto, estou ha pouco tempo no grupo e comecando a ler a respeito... Mas os 2. Primeiros links, de videos q vc postou acima nao dizem nada 😞 um eh uma musica com imagens q nao se explicam por si e o do dr lair eh ele falando da vitamina D e nao sobre vacinas) Seriam esses links msm q vc queria postar?

Curtir · 1 a



Roberto Maracajá Junior Luciana Faria Recebi esta denúncia de uma amiga do que vem escrito no rodapé do vídeo! veja este!
<https://canaldescubra.wordpress.com/.../vacinas-causam.../>



Curtir · 1 a




Roberto Maracajá Junior <https://www.youtube.com/watch?v=VJyQ9HKm3JM>



Curtir · 1 a



Roberto Maracajá Junior <https://www.youtube.com/watch?>

 **Roberto Maracajá Junior** Boa sorte e caso queira maiores informações use o Google, mas faça pesquisas inteligentes como por exemplo: "Os perigos da vacinas H1N1", "a verdade sobre as vacinas" e assim por diante! Só assim chegará as denúncias, de outra forma acabará caindo no c... Ver mais

Curtir · 1 a



 **Eliane Maria Membrive Pedrotti Zimbardi** obrigada Roberto Maracaja juniro !!!

Curtir · 1 a


 **Jessica Alves** É a meningococica e a pneumo? Fico preocupada de não dar essas duas

Curtir · 1 a



 **Marta Mendes Fonseca** Haha vc também estar por aqui! Legal!

Curtir · 1 a

 **Lina S. Freitas** A neuropediatra me afirmou que o que casou autismo no meu filho foi essa vacina que eu tomei quando estava grávida

Curtir · 1 a



 **Márcia Fogo** 😞 sinto muito!

Curtir · 1 a

 **Priscila Pinheiro de Almeida** Ta vendo aí Geysa Paula Castor Fontes o caso é sério

Curtir · 1 a

 **Geysa Paula Castor Fontes** Pois é, Priscila, assim como você, estou cada vez mais impressionada.

Curtir · 1 a



 **Priscila Pinheiro de Almeida** Eu não dou mais nenhuma na minha filha

Curtir · 1 a

 **Geysa Paula Castor Fontes** Vou continuar pesquisando, mas estou muito inclinada a não dar mais nenhuma também.


Curtir · 1 a



 **Helena Chaves Mahk** porque gripe suína? onde ta esse surto? como o porco transmite gripe?, relaxa filha não dê vacina, ela não vai servir pra nada além de sequelar seu filho

Curtir · 1 a



 **Roberto Maracajá Junior** Ocorreu na China e se espalhou pelo mundo segundo o que se sabe!

Curtir · 1 a


 **Roberto Maracajá Junior** <https://www.youtube.com/watch?v=2fczUz3V040>



A VACINA H1N1 Ñ TOMEM OU IRÁ MORRER DEPOIS DE 2 ANOS

YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a

 **Bruno Henrique** Porco transmite a gripe do mesmo modo que as outras gripes: gotículas do vírus transmitidas pelos espirros ou líquidos do porco (aquele catarro)

Curtir · 1 a

 **Bruno Henrique** BTW vc iria pegar a gripe de uma pessoa e n de um porco


Curtir · 1 a

 **Nathalie Gouhie** Renata Josephina Dos Santos

Curtir · 1 a

 **Nathalie Gouhie** Anderson Christian Rodrigues


Curtir · 1 a

 **Bruno Henrique** Contra influenza não precisa, apesar de evitar um risco.FLORAL NUNCA FEZ E NUNCA FARÁ EFEITO


Curtir · 1 a

 **Márcia Fogo** Não é floral!

Curtir · 1 a

 **Bruno Henrique** perdão, li um comentário lá em cima que falava de floral.O processo de diluição do floral é de tal modo que no final não tem mais a erva original, só água e conhaque..

Curtir · 1 a

 **Márcia Fogo** Nossa onde vc leu isso?

Curtir · 1 a

 **Simone Rosa** Gente, por favor!

As vacinas contra gripe são desnecessárias na maior parte dos casos. Uma vacinação em massa não se justifica! Não entro nem na metodologia de contraindicação ou não!
O vírus está já no mundo todo. Não é privilégio brasileiro.

E pelo tempo, é bem provável que alguns de vcs e seus filhos já o terem contraído e nem ficaram sabendo!

Todo esse alvoroço não passa de uma forma de terror sanitário. Não entrem nessa ilusão!

Curtir · 1 a · Editado



Claudia M. Gaeta EXATAMENTE Simone Rosa! Bem falado. Esse vírus já é o dominante de gripe há mais de 1 ano aqui na Europa. O fato é q ninguém testa vírus qdo tem gripe. Eu tenho certeza q já tive...Foi em 2008, antes do alvoroço todo...Fiquei de cama e tossia demais....durou quase 2 meses...super incomum! Minhas gripes nunca passaram de 1 semana.... Até tomei antibiótico.....mas ninguém ainda falava sobre isso.

Curtir · 1 a



Roberto Maracajá Junior <https://www.youtube.com/watch?v=yYrR84kDjc0>



CERN: A verdade sobre a Gripe A

YOUTUBE.COM

Curtir · 1 a



Roberto Maracajá Junior Simone Rosa veja e tire suas conclusões! A ideia é acabar com o intelecto das pessoas! Gria zumbis!

Curtir · 1 a · Editado



Maria Noelza na da e nem deicha ninguem tomar a vacina

Curtir · 1 a



Postagem 8:

<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1847844255458187>

 **Isma De Sousa** compartilhou um link no grupo O lado obscuro das Vacinas. ***
30 de março de 2017 · 🌐

Masha Al Musa tem 52 anos e tem uma filha de seis anos de idade que ela ainda amamenta. De acordo com um artigo sobre OurFamilyMagazine, a filha nunca foi vacinada.

A mãe orgulhosamente diz que ela vai Continua a amamentar sua filha em qualquer lugar e a qualquer hora, contanto que sua filha exija isso, porque é seu direito natural e necessário.

Sua filha nunca recebeu qualquer vacina, porque a mãe acredita no poder do leite na amamentação!



Mom Breastfeeds 6 Year Old And Opts Out Of Vaccines
How many of you mothers thing breastfeeding a six-year-old is normal? Do you believe it makes the child healthier in the long run?
VAXXTER.COM

 Curtir  Compartilhar

   58

5 compartilhamentos 12 comentários

 **Rosa Horvath Silva Pavani** Em minha vida só tomei uma única vacina contra a varíola, aos 7 anos para entrar na escola. E graças a Deus nunca me fizeram falta.

Curtir · 44 sem  6

 **Lilian Cipriano** Não é natural uma criança de 6 anos mamando no peito.

Curtir · 44 sem  2

Débora Cancellieri Com todo respeito, você deveria se informar antes de dizer isso. É super natural. Não é natural a criança ser tirada do peito antes do tempo. É uma luta dura quanto esse seu preconceito.. mas graças a Deus temos inúmeros pediatras super atualizados esp... Ver mais

Curtir · 44 sem · Editado



Lilian Cipriano Débora Cancellieri, tbm com todo respeito vc está redondamente equivocada. A OMS recomenda amamentação exclusiva até os 6 MESES e complementar até os 2 ANOS. Até os 6 anos pode inclusive ser prejudicial à saúde emocional da criança. Crianças precisam passar por fases e após os 2 anos ser retirado copo de bico e mamadeiras até para não prejudicar a dentição. Acredito que o peito tbm possa prejudicar, já que os bicos de mamadeira imitam o peito. Segue no próximo comentário texto sobre amamentação retirado do site da OMS.

Curtir · 44 sem · Editado

Lilian Cipriano Desde 1991, a Organização Mundial de Saúde, em associação com a UNICEF, tem vindo a empreender um esforço mundial no sentido de proteger, promover e apoiar o aleitamento materno.

As recomendações da Organização Mundial de Saúde relativas à amamentação são as seguintes:

- As crianças devem fazer aleitamento materno exclusivo até aos 6 meses de idade[1]. Ou seja, até essa idade, o bebê deve tomar apenas leite materno e não deve dar-se nenhum outro alimento complementar ou bebida.
- A partir dos 6 meses de idade todas as crianças devem receber alimentos complementares (sopas, papas, etc.) e manter o aleitamento materno.
- As crianças devem continuar a ser amamentadas, pelo menos, até completarem os 2 anos de idade.

Curtir · 44 sem

Paulo de Tarso
<https://www.facebook.com/FosfoetanolaminaTestimonials/photos/a.750264071746201.1073741828.750253991747209/901987469907193/?type=3&theater>





Fosfoetanolina

21 de agosto de 2016 · 🌐

👍 Curtir Página

No livro "Breastfeeding: A Guide for the Medical Professional", que já está em sua sétima edição, é possível obter a informação sobre a presença de fosfoetanolina no leite materno (pg.117).
www.imgur.com/GSduXgO?r

Curtir · 44 sem



Débora Cancellieri Informa-se melhor. Você está quase lá



Curtir · 44 sem



Débora Cancellieri Informe-se 👍 1

Curtir · 44 sem



Lilian Cipriano Vc citou a OMS e agora não acredita no texto da OMS?

É ridículo uma pessoa amamentar uma criança de 6 anos. Fim!

Curtir · 44 sem



Débora Cancellieri UNICEF/BRZ/Mila Petrillo

Os bebês até os seis meses de idade devem ser alimentados somente com leite materno, não precisam de chás, sucos, outros leites, nem mesmo de água. Após essa idade, deverá ser dada alimentação complementar apropriada, mas a amamentação deve continuar até o segundo ano de vida da criança ou mais. Amamentar os bebês imediatamente após o nascimento pode reduzir a mortalidade neonatal – aquela que acontece até o 28º dia de vida.

Curtir · 44 sem



Débora Cancellieri Haha putz. Vc é a demonstração que o ser humano tem que evoluir mto. Vc precisa aprender a pesquisar ! Isso será importante para você! Não só nesse assunto. Até aqui no de vacinas.

Todos os lugares diz dois anos ou mais. Esse texto que vc pegou pode ter cortado..

Vc não sabe o que diz.

Como sempre ridículo é seu preconceito. Espero que para o bem da humanidade você se cale.. e amamente o seu filho ou filha até qdo vc quiser e deixa essa mãe esperta amamentar qto ela quiser. Se te incomoda feche os olhos e vai se tratar que o buraco é mais embaixo na sua mente.

Curtir · 44 sem



Paulo de Tarso Melhor leite do peito com imunoestimulantes, ou leite de vaca alimentada com agrotóxicos?

Curtir · 44 sem



Débora Cancellieri Vou me calar pq gente como vc não vale a pena mesmo. Não tenho paciente com gente preconceituosa . Sorry!

Curtir · 44 sem



Débora Cancellieri Pois é Paulo! Velha cultura do leite de caixinha..

Curtir · 44 sem



Lilian Cipriano Débora Cancellieri, independente de achar textos contendo "2 anos ou mais", não seja ignorante de achar que 6 anos é esse "mais".
2 anos ou mais é. 2 anos e 1 mês, ou 2 anos e 4 meses, não 6 anos.

Você está forçando a barra.

Curtir · 44 sem · Editado



Lilian Cipriano Mães que amamentam as crianças até depois dos 4 anos tem cultura de aparelho ortodôntico. Pq essas crianças costumam ter os dentes tortos.

Curtir · 44 sem



Lilian Cipriano Paulo de Tarso, outra informação. A mãe da matéria tem 52 anos e está amamentando. Você acha que o leite dela até os 52 anos é fruto da sucção da filha ou a mulher cintura fazendo uso de hormônios para poder amamentar?
Não é saudável.

Curtir · 44 sem



Paulo de Tarso Dentes tortos acontecem com crianças que usam chupeta ou mamadeira. De 4 a 6 anos a face da criança começa a adquirir seus moldes adultos.

Curtir · 44 sem · Editado



Paulo de Tarso "Que o leite materno é um alimento completo e fundamental para a saúde física e mental da criança, muita gente já sabe. Mas que a amamentação também pode contribuir para a correta formação do rosto da criança, e impacta diretamente na saúde bucal do bebê,

você sabia? Thereza Christina Lopes Coutinho (CRORJ 14891), coordenadora do Curso de Especialização em Odontopediatria da Universidade Federal Fluminense explica que o aleitamento materno é extremamente importante para a saúde bucal. "É no movimento de sucção do seio da mãe que a criança desenvolve uma série benefícios para sua saúde e para a correta formação de sua face", afirma a especialista".

Curtir · 44 sem · Editado



4



Lilian Cipriano Sim, Paulo de Tarso, até os 2 anos há vantagens para a funcionalidade bucomaxilofacial, porém, após fase de amamentação e após inserir os alimentos sólidos, a criança precisa mastigar.

Mamar no copinho de bico, peito ou mamadeira após os 2 anos de idade tbm prejudica a dentição.

Sugar o peito só ajuda até a criança ter dentes. Após nascer os 20 dentes de leite, a criança precisa mastigar alimentos firmes para desenvolver melhor a arcada.

Quando isso não acontece, a criança fica com a arcada fechada e às vezes não tem nem espaço suficiente para receber os pré molares e molares.

Curtir · 44 sem



Paulo de Tarso Não confunda as coisas. Mamar até os seis anos não significa dar de mamar em detrimento de comidas sólidas. Significa substituir o leite da vaca, próprio para bezerros e sem imunostimulantes, pelo leite natural com imunostimulantes e próprio do ser humano.

Curtir · 44 sem



9



Lilian Cipriano Paulo de Tarso aí não entrarei no mérito da questão pq é achismo. Quem garante que essa criança não tome iogurtes, bebidas lácteas do soro do leite e outras pessoas industrializadas?

A matéria só diz que a mãe ainda amamenta. E isso, aos 52 anos. A única coisa que dá para imaginar sem estar escrito na matéria é que o leite dela não flui naturalmente. Ela faz reposição hormonal.

Curtir · 44 sem · Editado



Bruna Bsh Aff! Desde quando bico de peito entorta dente?

Curtir · 44 sem



7



Si Soares Kkkkk. Eu amamentei 6 anos e meio. O peito é meu. Meu corpo, minhas regras. Não é moda falar assim agora?? Que seja para amamentar e não para abortar!! Kkk ridículo p quem?? Dane-se a sociedade. com seus padrões entrando em colapso. Kkkkk












Curtir · 44 sem



5



Si Soares Detalhe..Amamentei até 46anos e meio, sem reposição hormonal. Sou MAMIFERA. SÓ ISTO. RS rs

-  **Si Soares** Meu filho come de tudo, é muito bem, menos Leite de vaca, pq ele não é bezerro. Bye.
Curtir · 44 sem  11
-  **Théllys Magnum Ribeiro** Lilian Cipriano o peito é dela e ela amamenta o quanto ela quiser, o leite materno é e sempre será o alimento mais nutritivo do planeta... E foda-se! Qual o problema? O peito é seu? Se ela quer e a filha dela quer qual o problema? E em questão dos dentes, a filha é de quem? Aff, vai cuidar da sua vida!
Curtir · 44 sem  5
-  **Lilian Cipriano** Só gente chique. Estou emocionada. Para mim é retardamento mental dar de mamar no peito para quem já come até churrasco.
MEU CÉREBRO, MEUS PENSAMENTOS, MINHAS REGRAS.
Curtir · 44 sem
-  **Lilian Cipriano** Théllys Magnum Ribeiro, deixa de ser ridículo. Defendendo com unhas e dentes uma australiana que ignora completamente sua existência? Vc nem pode amamentar para ficar de palhaçada comigo. Vai me dizer que ainda mama na mamãezinha para se ofender desse jeito?
Curtir · 44 sem
-  **Isma De Sousa** Não creio que o problema da dentição, seja culpa de chupetas, mamadeiras, ou amamentação! Já que vacinas causam distúrbios no organismo, creio que a parte circulatória e de nervos nessa área bucal também acaba sendo afetada! E aí colocam a culpa no "vilão" errado!
Curtir · 44 sem  3
-  **Mariana Máximo** Entendo seu posicionamento, Lilian, mas a questão ficou "quente" quando lá em cima vc disse que amamentar uma criança até os 06 anos é "ridículo" e aqui você fala em "retardamento mental". São expressões fortes demais para um gesto que está para além da alimentação. É uma forma de amor! ❤️
Curtir · 44 sem  4
-  **Lilian Cipriano** Mariana Máximo, peço desculpas a quem ofendi indiretamente, pois não era minha intenção. Aos que falei marcando ou respondi diretamente, não retiro minhas palavras.
Sobre a mulher de 52 anos amamentando, com certeza ela não engravidou naturalmente. Após os 45 anos, uma mulher que faça inseminação artificial tem 1% de chance de engravidar com seus próprios óvulos, necessitando inclusive de uma doadora.
E para fazer inseminação, o corpo é preparado com muito hormônio.
Para além disso, aos 52 anos não é natural ter filho nessa

idade e muito menos amamentar.
São tantas questões, não sei como alguém pode aceitar o fato de uma criança mamar no peito até os 6 anos. Até a garotinha sente vergonha e é o segredinho dela com a mamãe, pq os coleguinhas não podem saber. Se até a criança se sente desconfortável, como um adulto pode achar normal?

Curtir · 44 sem · Editado



Paulo de Tarso Hoje em dia, tem relatos de "menopausas" acontecendo em jovens pós HPV.

Curtir · 44 sem



Isma De Sousa A mãe e filha parece se sentirem bem com isso! Será que o problema estão com os nossos pré-conceitos? Eu fui no postinho há um tempinho atrás, e a enfermeira me perguntou se eu estava tentando parar com a amamentação, e eu disse que não, não estava havendo problemas! Minha criança estava com 20 meses!

Curtir · 44 sem



Lilian Cipriano Paulo de Tarso, nem discuto a vacina de HPV. Minha filha não vai tomar. Um absurdo, deu errado em todos os países que começaram a aplicar.

Curtir · 44 sem



Lilian Cipriano Isma De Sousa, 20 meses está dentro dos 2 anos ou mais. Até 2 a 11 meses são os 2 anos ou mais que a OMS recomenda.

Lógico que a criança tem algum problema como algum problema neurológico que não a impeça de mamar, seria um crime o desmame, mas se já se alimenta com carnes, frutas, verduras etc, não vejo, sinceramente, motivo para continuar.

Curtir · 44 sem



Isma De Sousa Lilian, eu creio que o corpo tem mecanismos que entram em acordo no caso entre mãe e bebê/criança que amamenta! Creio que o corpo envia sinais do que necessita, e ao seu tempo recebe o que precisa! Creio por isso que muitas mães e crianças com mais idade, continuam a amamentação! Outras crianças e mães não conseguem manter isso por tanto tempo, mesmo que talvez haja uma necessidade, porque é muito cansativo! Mas se a ciência diz que passamos anticorpos na amamentação, talvez não seja tão importante mais tarde ter nutrientes!














(Isma de Sousa)

Curtir · 44 sem



Lilian Cipriano Isma De Sousa, a criança pede a mãe para não falar com ngm que ainda mama. Ela tem vergonha dos coleguinhas pq entende que mamar no peito é coisa de bebês.

O malefício psicológico é maior que qualquer outro benefício que poderia existir.

-  **Isma De Sousa** O ato de pedir é de confiança! Difícil escolher entre a vergonha e o prazer que é provavelmente prá criança também de ser amamentada! Creio que a mãe não obriga! Então é algo muito entre a mãe e a criança!
- Curtir · 44 sem  2
-  **Paulo de Tarso** Quanto mais a criança mamar melhor, a primeira infância é onde ocorre o crescimento inicial dos ossos e onde o sistema imunológico em formação enfrenta suas adversidades. O leite materno é alimento "completo" e o único leite imunoestimulante. Além disso, deve ser atendida ingestão diária recomendada de proteína, vitaminas e minerais baseados em IDR para crianças nas respectivas faixas etárias - resolução nº 269/2005.
- Curtir · 44 sem  3
-  **Amora Oliveira** E totalmente natural sim, crianças mamam até 5,6,7 anos, o desmame deveria acontecer naturalmente, qdo a criança está pronta, oq não é natural e leite de vaca para humanos e principalmente para adultos. Formulas que e leite ARTIFICIAL foram criadas ... Ver mais
- Curtir · 44 sem · Editado  4
-  **Jessica Santis Lima Gomes** Falácia Lilian. Chupetas e mamadeiras mudam a estrutura da boca e do nariz, toda a estrutura oro facial. Deixa a musculatura da boca flácida. Amamentar não. Não existem testes nas populações sobre uso de peito porque a taxa de mulheres que amamentam é muito pequena, quanto mais amamentação tardia. Então não venha com falácia, isso é achismo seu.
- Curtir · 44 sem  4
-  **Jessica Santis Lima Gomes** O desmame natural, natural mesmo sem ser conduzido ocorre com 3, 4, 5 anos, depende da criança. Tenho uma parente que mamou até os sete. É estagiária do meu marido até os cinco. Eu estou conduzindo o desmame do meu agora com quatro.
- Curtir · 44 sem  3
-  **Amora Oliveira** Nossa essa Lilian conseguiu escrever tanta bobagem, mas tanta, uma pior que a outra, e a mãe que amamentou que é retardada?
- Curtir · 43 sem  1
-  **Jessica Santis Lima Gomes** 1) "... a criança pede a mãe para não falar com ninguém que ainda mama. Ela tem vergonha dos coleguinhas porque entende que mamar no peito é coisa de bebês". Assim como a criança que mama mamadeira e chupeta também esconde dos coleguinhas porque sabe que isso é coisa de bebê.
- 2) "O malefício psicológico é maior que qualquer outro benefício que poderia existir".

Não existe malefício psicológico em largar mamadeira e chupeta tardiamente porque teria com o peito?
No entanto, há extensos trabalhos indicando que o desmame desrespeitoso e abrupto é prejudicial a criança.

Eu dentro da minha percepção de antes de engravidar, via uma amamentação extremamente tardia muito estranha. Inclusive, dos meus sobrinhos que largaram mamadeira com mais de 10 anos de idade.

Hoje sendo mãe e tendo um menino de quatro anos que eu sonhava que largaria o peito por si mesmo e vejo que minha melhor opção é conduzir o desmame, porque não quero amamentar até 5, 6 anos... eu entendo o caso. E como disse, já tive casos de conhecidos e na família de desmame bem tardio.

Curtir · 43 sem



1



Paulo de Tarso Trocar anticorpos do leite materno por vergonha de coleguinhas?

Curtir · 43 sem



Camilla Osbourne Meu filho vai mamar até quando ele quiser! ❤️

Curtir · 44 sem



7



Cláudia M. Gaeta A essa mãe que voce chama de retardada mental, Lilian Cipriano, eu dou os parabéns. Porque está bem informada do que realmente é natural e próprio para crianças. Mulheres de 52 anos não precisam de reposição hormonal para amamentar. A oxitocina não é idade-dependente. Eu já vi muita mocinha ter que tomar ervas pra ter leite (isso sim é que funciona e é natural e saudável...erva doce, capim cidreira, etc). A OMS obedece aos lobbies que lhe sustentam, e a indústria alimentícia é um deles (fazem leite NAN e similares). Na minha opinião, aleitamento materno deveria continuar NO MÍNIMO até os 3 anos, ou quando a criança pára de colocar objetos na boca (porque qdo isso acontece, a flora bacteriana já está formada e fixada). Como as crianças hoje em dia têm mais dificuldade de ter acesso a bactérias, o aleitamento também deveria se estender. Parabéns a essa mãe, que sabe que o nosso sistema imunológico é constituído pela nossa microbiota!

Curtir · 44 sem · Editado



8

^ Ocultar 18 respostas



Lilian Cipriano Não vou mais discutir esse assunto pq não faz sentido. Nenhum bicho continua mamando tanto tempo e a nossa necessidade termina assim como a dos animais. Quando deixa de ser bebê e vira criança, que é aos 2 anos de idade.

Curtir · 44 sem



Amora Oliveira Não compare os bichos c os humanos, pq se não sabe nos humanos nascemos prematuros, e nos desenvolvemos c o tempo, os animais já nascem e andam. Pare de passar vergonha na internet.

Claudia M. Gaeta Os primatas - e os índios - mamam até os 5 anos de idade, qdo os dentes "de leite" começam a cair, e paramos de fazer a enzima que digere leite.. FAZ TODO O SENTIDO. Voce precisa parar de assistir à Rede Globo e o que diz a OMS e buscar informação científica real, que não seja influenciada por nenhum lobby.

Curtir · 44 sem · Editado

6

Lilian Cipriano Claudia M. Gaeta, os índios tbm matam crianças gêmeas pq não sabem qual delas é o espírito bom ou mal.
Se a criança não cresce, tbm matam, nasceu aleijada, matam.
"Mim não ser Índia".

Curtir · 44 sem

Lilian Cipriano Amora Oliveira, não vou responder quem tira foto de perfil fazendo cocô. (Isso sim é passar vergonha na net).

Curtir · 44 sem

Amora Oliveira Hahahahahaha a posicao de cocoras e apenas para fazer cocô? Desde qdo?

Curtir · 44 sem

2

Claudia M. Gaeta Hehehe....lá porque alguns índios tinham hábitos cruéis, não quer dizer que eles não sejam mais coerentes em outros aspectos de sua cultura. Se for pra julgar assim, o Catolicismo também é bárbaro, porque praticou a "Santa Inquisição"... e está cheio de escândalos de pedofilia...

Curtir · 44 sem

2


Déborah Fábio Fernandes Parabéns Cláudia... 🙄 .
Quando a pessoa não tem argumentos, conhecimentos ela faz isso mesmo, xinga o outro..... É a mente cauterizada pela mídia.... Ele tem dificuldade de entender o que é diferente do que ela está acostumada.

Curtir · 43 sem

3


Lilian Cipriano É, não tem o que argumentar.
Simplesmente não me convence. Num universo de mães que amamentam só conheci uma que amamentou até os 4 anos.
Esse argumento de vocês é de mãe que tem só um filho, nada contra, tbm só tenho uma. Mas a grande verdade é que o normal é ter filhos e não tomar anticoncepcional e quando nasce um novo filho, como era com um antigamente, as mães paravam de amamentar o filho mais velho para poder amamentar o filho novo.

Esse negócio de amamentar até a idade adulta é modernidade, não é regra, não é correto e por isso, como disse, não me convence.

 **Amora Oliveira** Amamentacao senpre sera o melhor para o bebe, para a mae tbm tem mtos beneficios, oq a mae precisa para amamentar é informacao de qualidade, apoio e ajuda. Ajuda c os afazeres da casa, ou seja, essa mae precisa de rede de apoio. O problema nao esta na amamentacao e sim na falta de apoio, informacao, orientacao, ajuda necesseria para conseguir amamentar.


Curtir · 43 sem



 **Amora Oliveira** Pai nao é ajuda, e ele precisa fazer o seu papel de pai e de marido, dividir as tarefas. Tem mtas maes que amamentam em tandem (amamentam dois filhos) e mtas que cont a amamentar apos os 2 anos mesmo sem apoio e ajuda, eu sou uma. Qdo a gente se informa, sabe os beneficios, sabemos um pouco sobre sobre como a industria do leite artificial joga sujo e baixo, a gente vai alem.


Curtir · 43 sem · Editado




 **Amora Oliveira** Idade adulta? Se esta falando de quem? Onde vc viu isso? Vc esta bem fora da realidade mesmo.

Curtir · 43 sem · Editado




 **Amora Oliveira** Vc nao pode ditar regras, e querer falar oq é correto. Amamentar é a melhor opcao de nutricao para bebes e crianas, se informe. Como vc nao cansa de falar bobegens na internet.

Curtir · 43 sem

 **Amora Oliveira** Seus comentarios deixa nitido que vc tem algum problema interno pra resolver c a questao da amamentacao. Provavelmente nao foi amamentada, se foi sofreu desmame abrupto, deve sexualizar a amamentacao e os seios das mulheres que amamentam....tem feridas aí dentro, ainda que inconsciente. Faça uma reflexao, e estude sobre o assunto, pode ser bom pra vc.

Curtir · 43 sem · Editado

 **Lilian Cipriano** Amora Oliveira, vc é louca? Eu, sexualizando amamentação? Ah, vai analisar seus filhos. Deixe de analisar as pessoas na Internet que você ganha muito mais.

Estude você e veja que o correto é a criança, com mais ou menos dois anos entender que você não é extensão do próprio corpo e ser mais independente. Com 1a4m minha filha já colocava roupa completa, com camiseta de gola redonda sozinha, pq já se via como um indivíduo e não me usava como chupeta para suprir nenhuma necessidade psicológica pq não as tinha.

Passar bem, vc com seus filhos dependentes.

Se quiserem me excluir do grupo, fiquem à vontade. Entrei para aprender e trocar informações sobre vacinação, não sobre essa palhaçada de mulher querendo dar o peito "forevermente" para seus filhotes.



Amora Oliveira Vc é bem baixa e gosta de insultar as pessoas atras das redes sociais ne?! Vc nao estudou sobre amamentacao, e acha que é especialista no assunto. Seus achismos sobre "independencia de bebes sao seus achismo! Bebes que mamam ate qdo as maes quiserem e ... Ver mais

Curtir · 43 sem · Editado



2



Amora Oliveira Filho nao trofeu. Cada um tem seu tempo para se desenvolver, e adiantar as coisas nao é saudavel. A proposito chupeta foi criada para tomar lugar do peito e nao ao contrario. Se vc tem problemas c seu corpo e sua natureza, esse problema é seu!

Curtir · 43 sem · Editado



Amora Oliveira Minha filha é mto segura e tem autonomia adequada e suficiente para idade dela, aos dois anos eles comecam aprender que sao individuos separados da mae, e mamar no peito nao muda isso. Quem se incomodou c a amengacao alheia foi vc. Palhacada foi vc vir falar oq nao sabe.

Curtir · 43 sem



Sandra Maria Andrade de Sá Admiro a decisão dela de não vacinar... porém sua decisão de amamentar não é boa...visto que diversos outros fatores influenciam no crescimento inclusive mental e emocional da criança... e sinceramente, nenhum anticorpo é passado mais pelo liquido materno, que nem mais pode ser chamado de leite e eu não sei classificar se este ato, escondido como forma de amor, não estaria mascarando uma dependência da mãe além da da filha.

Curtir · 44 sem



2



Paulo de Tarso "...O LEITE MATERNO TRANSMITE ANTICORPOS E NUTRIENTES" para os bebês: metade dos casos de diarreia e um terço das infecções respiratórias em crianças seriam evitadas com o leite materno. Também seria possível evitar 72% e 57% das internações hospitalar... Ver mais

Governo do Brasil

Brasil é referência mundial em amamentação

BRASIL.GOV.BR

Curtir · 44 sem



3



Sandra Maria Andrade de Sá Concordo com isso, quando se refere a no máximo 1 ano de idade, passou disso é dengo de mãe e filho.

Curtir · 44 sem



1



Isma De Sousa Sandra, tenho minhas dúvidas, e quero dizer que creio que a mãe continua passando anticorpos

desde que o corpo continue produzindo leite! Quem sabe acho material esclarecendo sobre isso!

Curtir · 44 sem



1



Paulo de Tarso Com ou sem dengo, os imunostimulantes do leite reforçam o sistema imune da criança.

Curtir · 44 sem · Editado



1



Lilian Cipriano Se fosse assim a própria indústria farmacêutica já tinha dado um jeito de tomar conta dos bancos de leite.

Curtir · 44 sem



1



Isma De Sousa As farmaceuticas já dão conta de alterar o sistema imunológico das mães, vacinando elas, já antes do parto. Não se iluda! As farmacêuticas já estão a longo passos de tomar de conta de tudo que é natural, apenas destruindo!

E vocês sabiam que a anestesia epidural, usada para aliviar a dor durante o parto, essas mulheres são mais propensas a ter problemas com a amamentação, comparando a mulheres que não tomam nada!

Então imagine as vacinas?

Se quiserem usar o google tradutor, ou outro, a língua do link abaixo está em sueco!

<https://www.dagensmedicin.se/.../epidural-fick-farre-att.../>

Curtir · 44 sem · Editado



1



Lilian Cipriano Não, Isma De Sousa. O que eu disse é que se tivesse esse benefício todo os nutrientes do leite materno após os 2 anos da criança, as indústrias farmacêuticas já teriam conseguido a administração dos bancos de leite para usar em seu favor.

Curtir · 44 sem



1



Paulo de Tarso Lilian Cipriano Um paciente curado é um cliente a menos?

Curtir · 44 sem · Editado



2



Amora Oliveira Ao contrario do que dizem sobre dependencia psicologica, varias pesquisas recentes mostram que bebes amamentados qto mais tempo melhor, sao mais inteligentes, sao adultos mais seguros, ganham melhores salarios etc...

Curtir · 44 sem



Amora Oliveira A industria esta nos bancos de leite humanos, dependendo da funcionaria que atende ela induz a mae a tomar medicoes e complementar o leite artificail ao invéz de apoia-la e instrui-la para corrigir pega, ensinar ordenha...



Isma De Sousa Amamentação, Dados os benefícios para a saúde dental, e a falta de qualquer evidência de dano da amamentação a longo prazo, nós chamamos para os nossos colegas dentários para apoiar as recomendações DH e da OMS e garantir os pais são suportados a amamentar seus bebês durante o tempo que quiserem.

Existem referências no link abaixo!

<http://www.nature.com/.../v204/n7/full/sj.bdj.2008.254.html>



Breast is best : Article : British Dental Journal

NATURE.COM

Curtir · 44 sem



Isma De Sousa Amamentação protege contra cáries! Já pensou que passamos a vida inteira sendo enganados, em uma situação que é totalmente natural do corpo humano?

<https://www.breastfeeding.asn.au/.../breastfeeding-and...>



Breastfeeding and tooth decay

BREASTFEEDING.ASN.AU

Curtir · 44 sem



Camilla Osbourne Nunca vira água e nem dengo! 🙌

Dos 12 aos 23 meses de idade o bebê, o leite materno fornece:

29% das necessidades energéticas
43% das necessidades de proteínas
36% das necessidades de cálcio
75% das necessidades de vitamina A
76% das necessidades de ácido fólico
94% das necessidades de vitamina B12
60% das necessidades de vitamina C

O leite materno
nunca vira
só água!



Curtir · 44 sem



Si Soares E se fôsse só água, seria a melhor água do planeta, não é mesmo??

Curtir · 44 sem



Camilla Osbourne Com certeza ❤️

Curtir · 44 sem





Araujo Fernando Após 6 meses mamar não acrescenta nada a não ser em crianças desnutridas ou baixo peso

Curtir · 44 sem



Paulo de Tarso <http://revistacrescer.globo.com/.../foto-que-mostra-leite...>



Foto que mostra leite materno combatendo bactérias viraliza na internet

REVISTACRESCER.GLOBO.COM

Curtir · 44 sem



Amora Oliveira Protege contra cancer de mama, ovario e colo...o bebe amamentado qto.mais tempo e maior qtdde, tem protecao qdo adulto. Crianças amamentadas por mais tempo, previne e reduz cancer de sangue.

Curtir · 44 sem



Si Soares Este foi mais um dos motivos porque não desmamei. Fui desmamada. rs rs. Engravidei naturalmente do 3o filho aos 39 anos. Minha saúde só melhorou. Não me arrependo um só dia dos 6 anos e meio de Mamífera (Mãe + fera) rs rs rs IBom para mim, excelente para meu filho.

Curtir · 44 sem



Amora Oliveira Que maravilha Si, parabens 🍷🍷🍷❤️

Curtir · 43 sem



Amora Oliveira Leite materno é ouro! E um alimento vivo maravilhoso, completo e perfeito, a industria tenta imitar, mas não se compara jamais.

Curtir · 43 sem



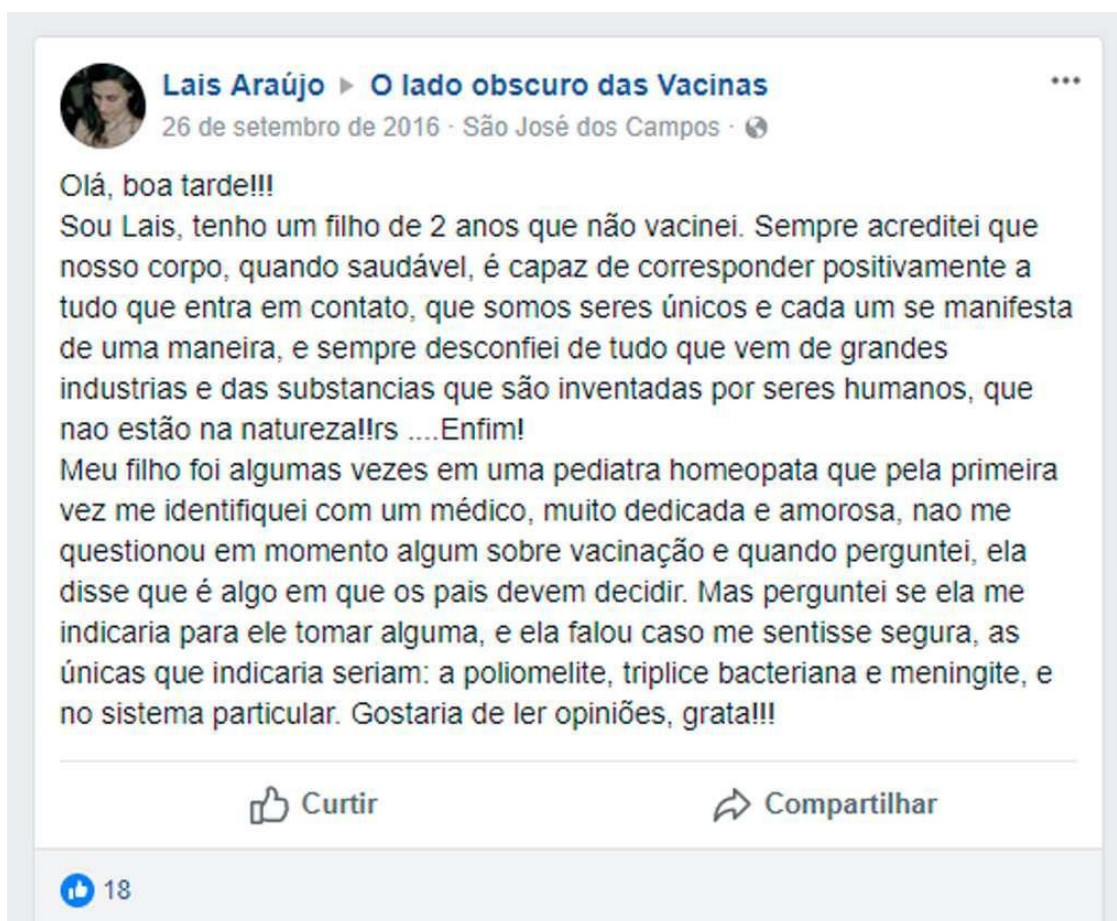
Juliana Sato Nossa, dá desanimo ler esse tipo de discussão tão triste como existe uma inversão de tudo

Curtir · 43 sem



Postagem 9:

<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1762754943967119>



A screenshot of a Facebook post. At the top left is a circular profile picture of a woman. To its right is the name 'Lais Araújo' followed by a right-pointing triangle and the title 'O lado obscuro das Vacinas'. Further right are three dots. Below the name is the date '26 de setembro de 2016' and the location 'São José dos Campos' with a globe icon. The main text of the post is in Portuguese, discussing vaccination and a doctor's advice. At the bottom of the post are two buttons: 'Curtir' with a thumbs-up icon and 'Compartilhar' with a share icon. Below the post area, a blue bar shows a thumbs-up icon and the number '18'.



Lais Araújo ▶ **O lado obscuro das Vacinas** ...


26 de setembro de 2016 · São José dos Campos · 🌐

Olá, boa tarde!!!

Sou Lais, tenho um filho de 2 anos que não vacinei. Sempre acreditei que nosso corpo, quando saudável, é capaz de corresponder positivamente a tudo que entra em contato, que somos seres únicos e cada um se manifesta de uma maneira, e sempre desconfiei de tudo que vem de grandes industrias e das substancias que são inventadas por seres humanos, que nao estão na natureza!!rsEnfim!

Meu filho foi algumas vezes em uma pediatra homeopata que pela primeira vez me identifiquei com um médico, muito dedicada e amorosa, nao me questionou em momento algum sobre vacinação e quando perguntei, ela disse que é algo em que os pais devem decidir. Mas perguntei se ela me indicaria para ele tomar alguma, e ela falou caso me sentisse segura, as únicas que indicaria seriam: a poliomelite, triplíce bacteriana e meningite, e no sistema particular. Gostaria de ler opiniões, grata!!!

 Curtir  Compartilhar

 18



Paula Atagiba Ac

Curtir · 27 de setembro de 2016 às 14:32



Ana Paula Cury Silva Absurdo. A gente custa a ter alguma coisa q presta nesse Brasil e uma delas são as vacinas, aí vem o brasileiro desmerecer. Por isso que o Brasil não consegue mostrar seu valor. Para o mundo que eu quero descer. Mas o mercado de vacinas agradece.

Curtir · 27 de setembro de 2016 às 15:21 · Editado



Isma De Sousa Bom, primeiro vacinas não prestam independentes se na rede particular ou pública!

Curtir · 5 · 27 de setembro de 2016 às 15:46



Yoshida Tomie Quem achar que deve vacinar e defende a vacina que continue a ignorar tantos casos que não são poucos infelizmente e que tb não chegue a condenar ou criticar quem decidiu por não dar a vacina para os filhos e tb de não tomar certas vacinas, afinal cria... Ver mais

Curtir · 4 · 27 de setembro de 2016 às 17:53





Yoshida Tomie Não tem filhos ??? Não concorda ??? Nunca sofreu com isso ??? Parabéns mas acho k.se está aqui é porque quer evoluir com alguma coisa, abra a sua mente pois mitos aqui sofreram sim gravemente e se nunca sofreu não nos critique. Acaso defende alguma coisa ????? Cuida de um serhumaninho que desarruma toda a casa ou um idoso que nos faz delirar mas mesmo assim os cuida com dedicação ??? Sim, cuidar muitas vezes nos exige força indescritível e gera uma dor sem tamanho, se nunca se dedicou então tente aprender e observar pelo menos.

Curtir · 5 · 28 de setembro de 2016 às 02:45 · Editado



Isma De Sousa Não, o mais interessante é o pensamento do povo ser grato ao governo prá ser fudido né? Tem lógica?

 **Yoshida Tomie** Pois é, ainda acreditar que " é uma das poucas coisas de graça " nunca foi nem vai ser de graça e além disso sai muito mais caro pelo valor e pelo prejuizo na qualidade de vida.

Curtir -  1 · 28 de setembro de 2016 às 16:40



Isma De Sousa La Is, tem comentários mesmo aqui de mães que escolheram dar vacinas acelulares no sistema particular pois as oferecidas pelo governo dizem maltratar demais!

Um dos componentes diferentes comentaram das vacinas dadas pelo governo que comentaram não existir nas vacinas da rede particular dizem ser o mercúrio - thimerosal!

Mas de opinião própria, hoje se pudesse voltar no tempo, sem dúvidas não daria nenhuma aos meus filhos!

Só conheço gente vacinado e doente! Quero achar um vacinado e saudável!

Cuidado com a "esmola" do governo!

O Brasil e seu povo já esteve saudável com bem menos vacinas!

Curtir -  4 · 27 de setembro de 2016 às 15:37



Humberto Moller Parabens pelo bom senso. Cabeça foi feita para ser usada. É fácil sair regurgitando as bobagens que a industria farmacêutica e os governos corruptos nos impõe. Quero ver é pensar e refletir. Tô contigo .

Curtir -  2 · 28 de setembro de 2016 às 05:12



Ana Paula Cury Silva Sem comentários. Pior do que eu estava imaginando. Povo doente mesmo.

Curtir -  1 · 27 de setembro de 2016 às 15:48



Isma De Sousa Concordo plenamente com você! E acrescento: Vacinado e doente!

Curtir -  8 · 27 de setembro de 2016 às 16:13



Mariane Azevedo Sou nova no grupo, pois quero apresentar minha tese sobre o assunto então, como o assunto é difícil e abafado, estou buscando por vários canais de informação. Você, Ana Paula, sinceramente acha que vir fazer esse tipo de comentário vai acrescentar alguma coisa na sua vida ou pelo menos fazer alguém aqui repensar sobre suas escolhas ou opiniões? Se você acha que sim... Pq também não pesquisa mais sobre o assunto ao invés de criticar uma coisa que você não conhece?

Curtir -  12 · 27 de setembro de 2016 às 17:55

[Ver mais respostas](#)



Neidi Dila Nossa homeopata também diz a mesma coisa , mas explica que a polio não tem necessidade pq a doença não existe mais . Que a meningo acha importante .

As da gripe ela sempre disse pra não fazer .

Na gestação meu homeopata disse pra não fazer nenhuma .

Enfim ... a gestação foi saudável e meus filhos são saudáveis .

Curtir -  8 · 27 de setembro de 2016 às 15:58




Neidi Dila Hpv também nossa médica é contra .


Curtir -  5 · 27 de setembro de 2016 às 15:59




Lucas Pacheco Ela receitou usar cristais de chakra também? Ouvi dizer que fazem maravilhas esses dias.

 **Claudia M. Gaeta** Homeopatia é ciência organizada e respeitada em países de língua alemã....respeitada também no Brasil... mas vc parece ser mais inteligente do que os alemães, né?!

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 04:14

 **Lucas Pacheco** Provavelmente mais inteligente que um alemão que confia em homeopatia.
Você usou uma falácia de autoridade, mas observe o seguinte:
Só por que algo é organizado e respeitado, não quer dizer que funcione.


Curtir · 1 · 28 de setembro de 2016 às 04:17

 **Claudia M. Gaeta** Homeopatia é respeitada e organizada como ciência que FUNCIONA.


Curtir · 28 de setembro de 2016 às 04:19

 **Cissa Di Jorgi** Lucas Pacheco use o mesmo argumento, e troque homeopatia por vacina.

Curtir · 1 · 29 de setembro de 2016 às 11:22


 **Vanessa Miranda Aje** Um tempo atrás também tive dúvidas entre dar ou não dar algumas específicas, mas eu e meu marido decidimos continuar com nossa linha de pensamento de não dar nenhuma e apostar na imunidade formada por boa alimentação, pés descalços e outros

Curtir · 7 · 27 de setembro de 2016 às 17:41


 **Amora Oliveira** Dei enquanto ã tinha informações, isso foi até os 6 meses. Dei até os 4 meses no SUS, minha filha adoeceu c 2 meses, entrei ate depressao. Depois acabei dando as de 4 meses pq na minha cabeça a imunidade havia aumentando c as primeiras vacinas, e minha filha novamente tem mts reacoes. C 6 meses dei particular, ã teve mts reacoes, mas ficou mto incomodada, reclamava mto, ã dormia bem. Parei de dar, ã dou nenhuma mais. Minha filha voltou a pegar peso, e está mto saudavel. Fora as vacinas terem feito mal pra ela, só adoeceu uma vez c roseola, tem 19meses.

Curtir · 2 · 27 de setembro de 2016 às 20:49


^ Ocultar 11 respostas

 **Mariane Azevedo** Amora, acho que você leu meu comentário acima, sobre estar fazendo minha tese sobre esse assunto... Pode ser que eu não esteja te dando uma informação 100% correta, acredito que isso só mesmo um Imunologista poderá fazer... Mas perguntei a uma professora minha se a partir do momento que foi dado as primeiras vacinas, se pode descontinuar esse processo... E infelizmente a resposta dela foi não, pq na real você ja alterou o material genético de seu bebe... Não quero mudar sua opção de forma alguma, estou apenas te repassando um conhecimento que obtive!


Curtir · 27 de setembro de 2016 às 22:16

 **Isma De Sousa** Amora Oliveira o que você vivenciou, é a realidade que está acontecendo no dia a dia e que médicos e outros profissionais da saúde, se acham no direito de se desfazer! Muitas vacinas são cultivadas em células de fetos abortados e isso quer dizer lógico... Ver mais

Curtir · 2 · 28 de setembro de 2016 às 03:58 · Editado

 **Isma De Sousa** Aqui o link do conteúdo atualizado de 2015, ainda não vi o de 2016! Devemos analisar e ler sobre os conteúdos, e ler prá chegarmos a uma conclusão própria, porque o governo não vai expor a "céu aberto" sobre isso!


<https://www.cdc.gov/.../appendices/b/excipient-table-2.pdf>

 **Valdelice Delis** Eu descontinuei também. A última foi aos 3 meses de idade. Meu filho está super saudável. Tem 13 meses.


Curtir -  2 · 28 de setembro de 2016 às 05:16

 **Amora Oliveira** Isma vou ler. Obgda

Curtir -  1 · 28 de setembro de 2016 às 05:31

 **Amora Oliveira** Mariane obgda pela informação, mas pelo que eu já li até o momento, sei que estou fazendo o melhor. Não creio que contuar dando vacinas que fazem Mal pra minha filha, adoece um bebe saudável, seja melhor.


Curtir -  2 · 28 de setembro de 2016 às 05:33

 **Mariane Azevedo** Amora Oliveira bom, desculpe o comentário, mas pensei que o grupo era troca de informações... Como disse acima, meu intuito não foi de mudar sua escolha ou opinião, apenas repassar uma informação que obtive!


Curtir -  2 · 28 de setembro de 2016 às 05:35

 **Humberto Moller** Está no caminho certo.

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 05:52

 **Claudia M. Gaeta** Mariane Azevedo a sua professora disse que se alterou o material genético do bebê de Amora Oliveira com as vacinas... Pois o material genético do ser humano muda até com mudança de dieta...com mudança de estação do ano. Como mãe de menino autista, eu sei que a microbiota intestinal modula nervos e cérebro. Gracias a Deus e muito estudo, consegui recuperar 90% o meu filho...e parar de vacinar foi crucial! Ainda se sabe muito pouco de genética pra ficar conjecturando em termos genéticos! E eu estou falando de GENETICISTAS PhD... o Dr. Alysson Muotri atuou em uma mutação envolvida em casos de autismo foi com uma ERVA (erva de são joão...*hypericum perforatum*)... a erva reverteu a mutação. O genoma humano é dinâmico, adaptável e plástico.

Curtir -  4 · 28 de setembro de 2016 às 07:07

 **Isma De Sousa** O grupo é sim para troca de informações claro, só que haverá discussões sobre informações mentirosas de estudos se acontecer de "bater de cara" com a realidade do dia a dia! Nós vamos acreditar no que vemos, e não acreditaremos em estudos falsificados se for o caso!


<http://ciencia.estadao.com.br/.../estudo-falso-e-aceito.../>




Estudo falso é aceito para publicação em mais de 150 revistas

CIENCIA.ESTADAO.COM.BR

Curtir -  3 · 28 de setembro de 2016 às 07:20

 **Amora Oliveira** Excelente! Cada ser humano é único! A minha bebê nasceu de parto normal, já nasceu tendo contato com as bactérias necessárias para a melhor formação de uma flora intestinal saudável (intestino). Aleitamento desde as primeiras horas de vida, e será assim... Ver mais

Curtir -  4 · 30 de setembro de 2016 às 09:25 · Editado



Suzan Aleo Lá Is não dei todas as vacinas no meu bebe, ele já tem 1a 3m. Dei polio 1 dose, BCG, hep B e pneumo. Me questiono sobre a quantidade de doses para a imunização, não consegui achar nenhum trabalho científico ainda

sobre o assunto, nem as bulas citam. No mais vou pesquisando, para tomar minhas decisões sobre imunização... Não só sobre isso mas também sobre medicações. Trato meus filhos ao máximo com homeopatia e fitoterapia. Devemos questionar, sempre, pesquisar, sempre. É o gado nunca gostará dos questionadores.

Curtir ·  6 · 28 de setembro de 2016 às 03:49



Izadora Calina Suzan, como você conseguiu selecionar as vacinas?! Foi no posto ou particular?

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 05:31



Suzan Aleo Dei tudo particular. Mas impus minha vontade é as enfermeiras tentaram me ameaçar, me colocar medo, mas ninguém tem embasamento pra conversar logo caem no é assim e pronto. Nem a minha pediatra tem argumentos que me convenceram, na verdade nem paciência pra discutir a situação. Os médicos se acham muito superiores acham que a gente tem que acatar o que eles falam como se fossem autoridade maior.

Curtir ·  3 · 28 de setembro de 2016 às 05:41



Izadora Calina É exatamente assim. Queria dar particular, mas não estou em condições. Por isso ainda não fui dar no posto, e como ele vai completar três meses, estou com medo de darem as dos dois meses e a de três de uma vez só!

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 06:04



Isma De Sousa São tão vacinados que apenas aprenderam a dizer, é assim e pronto!

Curtir ·  2 · 28 de setembro de 2016 às 10:34



Amora Oliveira Izadora se vc for ao posto, ainda mais em campanha vai te precionar a dar varias de uma vez.

Curtir ·  2 · 28 de setembro de 2016 às 14:18



Izadora Calina Amora, ja estava pensando nisso. Vou deixar a campanha acabar. Por sinal, acaba no dia que ele completa os três meses!

Mas, por agora, infelizmente, so posso vacinar no posto!

Curtir ·  1 · 28 de setembro de 2016 às 16:35



Suzan Aleo Me incomoda muito que uma criança tome 6 doses de polio até os 2,3 anos com a justificativas x. Entre outras a pneumo, 3 doses. Li que em Portugal se a imunização de pneumo é feita após um ano é somente uma dose.

Curtir ·  2 · 28 de setembro de 2016 às 03:52



Ronaldo Candido Paula não existe vacina boa

Curtir ·  3 · 28 de setembro de 2016 às 04:18



Ronaldo Candido Paula esses medicos são comprados pela industria farmaceutica

Curtir ·  2 · 28 de setembro de 2016 às 04:19



Isma De Sousa Alguns? 😊

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 06:06



Ronaldo Candido Paula qual pediatra se diz contra as vacinas ???

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 06:08



Valdelice Delis Gostaria de indicações de pediatra Homeopata em São Paulo, alguém tem?



Ronaldo Candido Paula nem perca seu tempo indo atrás de um

Curtir · 1 · 28 de setembro de 2016 às 06:08



Valdelice Delis Tenho que ir em algum Pediatra, afinal tenho um bebê. E se for por indicação melhor. Ou não?

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 06:31



Ronaldo Candido Paula Valdelice Dellis Passos Pedrazoli todos os pediatras são a favor a vacina

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 06:32



Valdelice Delis Eu não pedi indicação para discutir sobre as questões das vacinas. Pedi indicação de médico bom.

Curtir · 1 · 28 de setembro de 2016 às 06:34



Ronaldo Candido Paula Valdelice Dellis Passos Pedrazoli se encontrar me avisa

Curtir · 1 · 28 de setembro de 2016 às 06:34



Valdelice Delis Sim!

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 06:35



Ronaldo Candido Paula Valdelice Dellis Passos Pedrazoli boa sorte

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 06:36



Isma De Sousa Valdelice, até concordo de não ir atrás de pediatra, mas entendo porque as mães querem levar!

Curtir · 28 de setembro de 2016 às 10:35



Amora Oliveira Valdelice Dellis Passos Pedrazoli medicos antroposoficos tbm sao uma boa nestas questoes. em Sp tem.

Curtir · 2 · 28 de setembro de 2016 às 05:35 · Editado



Isma De Sousa Prá lembrar Quando alguém diz: "Meus filhos foram vacinados e eles estão muito bem," há algumas coisas que me vêm à mente como resposta.

By Angela Coral Eisenhauer - 2 September 2016 3:21 pm

<https://www.facebook.com/angelaoffer/posts/1149472071808045?pnref=story>

1. Eu sou tão grato e feliz por você. Você teve sorte. Muitas crianças e Eu não tivemos tanta sorte.

2. O seu filho está "muito bem", mas é alérgico a amendoim e tem que levar um epi-pen com adrenalina caso tenha alguma reação? Pesquise sobre o óleo de amendoim em vacinas. Essa é a fonte da explosão de alergia a amendoim.

3. O seu filho está "muito bem", mas tem asma e um inalador no escritório da enfermeira da escola? A asma é ligada a lesão pós vacina.

4. O seu filho está "muito bem", mas tem eczema? Você sabia eczema está ligada a lesões de vacina e que tem sido conhecida desde a década de 1950? Sim! É chamado de "Eczema vaccinatum." Foi descoberto pela primeira vez em associação com a vacina contra a varíola. Utilize o Google.

5. O seu filho está "muito bem", mas tem infecções de ouvido de vez em quando? Você sabia que as vacinas são a promoção de novas superbactérias que causam infecções de ouvido? Estes são resistentes aos antibióticos existentes no mercado. Muitas crianças estão recebendo tubos em seus ouvidos, mas eles são "muito bem."

6. Seu filho está "muito bem", mas está tomando medicamentos para TDAH e ansiedade? Você sabia que as vacinas perturbam os processos no corpo que são responsáveis pela produção de neurotransmissores, incluindo a dopamina, serotonina e norepinefrina - todos os quais estão envolvidos na forma como a criança frequenta, comporta-se, dorme, e modula as suas emoções?

7. Você já ouviu falar de alguém morrer de uma reação alérgica à penicilina? Sim. Eu também. Meu filho pode tomar penicilina e não morre. Isso não significa que isso não aconteça a outras crianças.

8. Não há nada na medicina que é seguro para 100% da população, no entanto, espera-se que acreditamos que podemos vacinar 100% dos lactentes às crianças, como se eles fossem todos iguais? Isso não faz sentido.

9. As vacinas contêm neurotoxinas imunitário, tais como o alumínio, mercúrio, formaldeído, polissorbato 80, Triton X-100, 2-fenoxietanol, e mais. Os (Material Safety Data Sheets) MSDS para os ingredientes no estado de vacinas que são cancerígenos (causar cancro), mutagénicas (altera DNA, o que provoca o cancro), e comprometer a fertilidade. No entanto, se você olhar para inserções do fabricante da vacina para cada uma das vacinas que são dadas aos nossos bebês e crianças, no ponto 13.1, que afirma: "Esta vacina não tem sido estudado para efeitos cancerígenos e mutagénicos, ou para efeitos na fertilidade." Então .. enquanto seu filho pode ser "muito bem" agora, o julgamento ainda é atual.

Você não pode injetar toxinas neuro-imune no corpo de uma criança sem que haja algum tipo de dano, lesões. A diferença no grau de reação é o momento: Reação imediata e aguda, ou e contra a reação retardada e/ou crônica. Se você optar por vacinar, "Que a sorte esteja sempre em seu favor."

By Angela Coral Eisenhauer.



Angela Coral Eisenhauer

2 de setembro de 2016 · 🌐

When someone says, "My children were vaccinated and they're just fine," there are a few things that come to mind as a response.

1. I'm so thankful and happy for you. You are very fortunate. Many children and I were not so lucky.
2. Your child is "just fine" but is allergic to peanuts and has to carry an epi-pen? Research peanut oil in vaccines. That's the source of the explosion of peanut allergies.
3. Your child is "just fine" but has asthma and an inhaler in the school nurse's office? Asthma is linked to vaccine-injury.
4. Your child is "just fine" but has eczema? Did you know eczema is linked to vaccine-injury and that's been known since the 1950s? Yeah! It's called "Eczema Vaccinatum." It was first discovered in association with the Smallpox vaccine. Google it.
5. Your child is "just fine" but has reoccurring ear infections. Did you know vaccines are promoting new superbugs that cause ear infections? These are resistant to the current antibiotics on the market. Many kids are getting tubes in their ears but they are "just fine."
6. Your child is "just fine" but is taking medications for ADHD and anxiety? Did you know that vaccines disrupt the processes in the body that are responsible for producing neurotransmitters, including dopamine, serotonin, and norepinephrine - all of which are involved in how a child attends, behaves, sleeps, and modulates his or her emotions?
7. Have you ever heard of anyone dying from an allergic reaction to penicillin? Yeah. Me, too. My child can take penicillin and doesn't die. That doesn't mean it doesn't happen to other children.

8. There is nothing in medicine that is safe for 100% of the population, yet we are expected to believe we can vaccinate 100% of infants and children as if they are all the same? That doesn't make sense.

9. Vaccines contain neuro-immune toxins, such as aluminum, mercury, formaldehyde, Polysorbate 80, Triton X-100, 2-phenoxyethanol, and more. The MSDS (Material Safety Data Sheets) for ingredients in vaccines state they are carcinogenic (cause cancer), mutagenic (alter DNA, which causes cancer), and impair fertility. Yet, if you look at the vaccine manufacturer's inserts for every one of the vaccines that are given to our babies and children, in Section 13.1 it states, "This vaccine has not been studied for carcinogenic or mutagenic effects, or for effects on fertility." So.. while your child may be "just fine" now, the jury is still out.

You cannot inject neuro-immune toxins into an infant's body without there being some form of damage. The difference is in the degree and the timing: Immediate and acute vs. delayed and chronic.

If you choose to vaccinate, "May the odds be ever in your favor."

Curtir ·  4 · 28 de setembro de 2016 às 10:10



Lais Araújo Grata pela partilha de todos...os diversos pontos de vista só reafirma que seja uma busca individual mesmo, com o que está disposto a enfrentar mesmo! Tenho um irmão com paralisia cerebral, frequentei muitos e muitos anos com ele uma clinica que ele fazia fisioterapia, fono e etc...e lá entrei em contato com crianças e pessoas que sofreram efeitos da vacina e tbm crianças e pessoas que nao vacinaram e adquiriram a doença e também tiveram consequencias! Ainda sinto um terreno delicado para conversa, tanto para quem concorda em dar quanto para quem nao concorda...mas fico feliz e muito grata pelo espaço aqui para conversar sobre!!!

Curtir ·  6 · 28 de setembro de 2016 às 15:16



Monique Souza Condordo com a polio , dtp e meg.

Curtir ·  1 · 28 de setembro de 2016 às 16:40



Gaia Vivá La Is a poliometite foi erradicada no Brasil há 20anos. Não sei porque ainda dão... Já ouvi que é uma forma de controle, já que a vacina entra no corpo e depois vai pro ambiente. Enfim, meu pai não vacinou nem eu nem meus irmãos, estamos todos vivos e bem de saúde. Também não vacinei minha filha.

Curtir ·  5 · 28 de setembro de 2016 às 18:08



Lais Araújo eiaaa gaiaa!!! 😊 gratidão...nao sabia que tinha tanto tempo assim erradicado

Curtir ·  2 · 29 de setembro de 2016 às 10:30



Isma De Sousa Vocês conhecem a síndrome de Guillian Barré?

Curtir ·  1 · 29 de setembro de 2016 às 10:49



Lais Araújo não

Curtir · 1 · 29 de setembro de 2016 às 11:00



Isma De Sousa Ela é igualzinha a pólio, só que tem outro nome e dizem ser de causa desconhecida, ou autoimune!

Mas a pólio foi erradicada, 🙄

Curtir · 2 · 29 de setembro de 2016 às 11:04



Luiza Bizu Lucas Mendonça

Curtir · 29 de setembro de 2016 às 10:35



Lau Ana Cissa não sei se já sanou as dúvidas, mas dê uma lida na postagem e comentários 😊

Curtir · 1 · 29 de setembro de 2016 às 11:11



Cissa Di Jorgi Gracias! Vou ler ❤️

Curtir · 2 · 29 de setembro de 2016 às 12:17



Cissa Di Jorgi Reinaldo Vendrame

Curtir · 1 · 29 de setembro de 2016 às 13:10



Alessandra Barreto Vacinei o meu primeiro filho e tenho aqui em casa uma lesão vacinal causada pela triplice viral e agora meu segundo filho não darei nenhuma vacina Ele está com 6 meses e seu corpinho está bem longe destes vírus e toxidade maldita

Curtir · 4 · 29 de setembro de 2016 às 21:24



Taty Anne Alessandra como lesão vacinal? O q ele tem??

Curtir · 1 · 1 de outubro de 2016 às 12:52




Renata Guilhermino Renata Lorenzato

Curtir · 1 · 1 de outubro de 2016 às 18:46

Postagem 10:



<https://www.facebook.com/1541114232797859/posts/1835822153327064>





Leila Bongiovani ▶ **O lado obscuro das Vacinas** ...

4 de março de 2017 · 🌐

Sou do Espírito Santo. Há uma epidemia de febre amarela. Há macacos mortos por todo lugar. No jornal diz que já morreram 18 pessoas. Hoje cedo há um mutirão de vacinação. Há pessoas que dormiram na fila para tomar a vacina e dar à seus filhos . Voltam felizes na sensação de estarem seguros e protegidos contra a febre amarela. E eu, nem posso pensar em falar que ninguém vacina na minha casa, porque me olham como se eu fosse um ET. Agora fico pensando.....
Será que existe mesmo o risco?
Será que essas mortes anunciadas realmente foram por causa da febre amarela?
Ou isso tudo é um grande golpe para uma despopulação em massa?

 Curtir  Compartilhar

  47

3 compartilhamentos 28 comentários



Jorge Gonçalves Também sou do Estado. Me vacino todo dia com 20.000 uis de vitamina d3

Curtir · 8 · 4 de março de 2017 às 11:57 · Editado



Leila Bongiovani Muito bom. Boa ideia.

Jorge vc acha que isso tudo é verdade?

Curtir · 4 de março de 2017 às 07:28



Adilis Alexandria de França De que forma a vitamina d3 age protegendo contra a febre amarela?

Curtir · 4 de março de 2017 às 07:52



Jose Luiz Anaya D3 fortalece o nosso sistema imunológico, dessa forma que nos protege.

Curtir · 7 · 4 de março de 2017 às 08:01



Bia Rocha E caso eu tome e ela fique em excesso no organismo pode dar problema?

Curtir · 4 de março de 2017 às 08:50



Marise Oliveira D3? É assim mesmo que pede na farmácia?

Curtir · 4 de março de 2017 às 11:00



Jorge Gonçalves Marise Oliveira pede pra manipular 20.000 uis de vitamina d3 é uma dose segura pois no sol pega essa quantidade. É dose fisiológica

Curtir · 1 · 4 de março de 2017 às 11:56



Marise Oliveira Obrigada pela informação.

Curtir · 1 · 4 de março de 2017 às 14:05



Claudia M. Gaeta Tomar D3 em grandes quantidades é perigoso, gente! Pode dar calcificação renal e complicações hepáticas a curto/longo prazo, dependendo da saúde de cada um. O sol fabrica hormônio D, de que a D3 é apenas uma parte. O óleo de fígado de bacalhau tem todos os cofatores, na proporção certa, mas também é

preciso q se use com parcimonia. Só o sol consegue fabricar sulfato de colesterol na nossa pele, o maior benefício da helioterapia (banhos de sol). Tomar D3 com um médico, que examina saúde hepática e renal, pode ser melhor... Mas saibam que a D3 sozinha age como anti-inflamatório e imunoSSUPRESSOR, como se a pessoa tomasse cortisona. O perigo a longo prazo é cancer.

Curtir ·  5 · 5 de março de 2017 às 00:40



Vinicius Barbosa Schultz Tem que tomar a d3 junto com a k2

Curtir · 5 de março de 2017 às 16:34



Claudia M. Gaeta Apesar da K2 ser de suma importancia, as bacterias de pele exercem função fundamental no metabolismo do hormonio D. E depois não tem lógica nenhuma tomar hormonio em grande quantidade....se vc toma estrogenio demais, o corpo não o reconhece como hormônio, simplesmente.

Curtir ·  1 · 6 de março de 2017 às 00:37



José Lucas Tomaz Eu usei homeopatia e vacinei, mas creio que foi mais alarmar as pessoas

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 07:34

^ Ocultar 14 respostas



Leila Bongiovani Aqui uso própolis , homeopatias e fitoterápicos . Também acho que alarmou as pessoas.

Curtir ·  5 · 4 de março de 2017 às 07:37



José Lucas Tomaz Sou do Espírito Santo tbm

Curtir ·  2 · 4 de março de 2017 às 07:37



Bia Rocha Homeopatia pra febre amarela? Tem?!!

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 08:50



José Lucas Tomaz Sim, preventivo homeopático

Curtir ·  2 · 4 de março de 2017 às 09:06



Michael Alessandra Como eu consigo e uma vacina ? Gostaria de saber mais sobre isso

Curtir · 4 de março de 2017 às 09:14



José Lucas Tomaz Homeopatia pra prevenção

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 09:15




Yoshida Tomie Já passei muito mau com vacina de influenza e nunca mais quero, fiz profilaxia de renite e a renite veio mais forte e nunca mais tomei anti-alérgico, tudo marketing e comércio.

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 12:05



Yoshida Tomie Quem garante que foi mesmo essa tal febre que matou os macaquinhos ?????

Curtir ·  2 · 4 de março de 2017 às 12:06



José Lucas Tomaz Num site estava dizendo que os macacos estavam sendo envenenados ou mortos à tiro

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 12:10




Leila Bongiovani Faz tudo junto em só vidro?

Curtir · 4 de março de 2017 às 14:52



Leila Bongiovani Obrigada

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 14:59



Bia Rocha Obrigada!!

Curtir · 1 · 4 de março de 2017 às 15:24



Yoshida Tomie



Curtir · 4 de março de 2017 às 15:35



Izadora Calina Daisy Correia, onde você conseguiu essa fórmula? algum homeopata te recomendou?

Curtir · 5 de março de 2017 às 05:09



Humberto Moller Pode usar o MMS também

Curtir · 6 · 4 de março de 2017 às 07:43



Bia Rocha Que isso?

Curtir · 4 de março de 2017 às 08:50



Jorge Gonçalves mms tambem

Curtir · 2 · 4 de março de 2017 às 07:47



Sueli Schmitt Qtos morrem todo dia de outras doenças, de fome, de acidentes de carro ou fumantes e nem por isso o pessoal faz mutirão pra se vacinar ou deixar de fumar nem desistem de dirigir. E o cúmulo disso.

Curtir · 9 · 4 de março de 2017 às 07:49



Lenita Rossow Também sou do ES...fico pensando se não contaminaram esses macacos para venderem vacinas....pois há décadas ninguém ouvia falar disso....outros exemplo é o surto de microcefalia...vi os gráficos no jornal na região afetada e não estão nascendo mais crianças doentes....mataram todos os mosquitos? Não né...tudo muito estranho

Curtir · 17 · 4 de março de 2017 às 08:10



Leila Bongiovani Pois é. Acho que há um motivo obscuro nessas vacinações. Assim como a vacina da dengue, vão colocar mais essa no calendário de vacinas!!!

Haja saúde!

E o pior é que o povo acredita em tudo, vão que o boi para o abate. É triste mesmo.

Curtir · 10 · 4 de março de 2017 às 08:25



Kelly Valente Parece o fim do mundo. As pessoas estão robotizadas. Elas nem questionam mais nada, acredita em tudo que a mídia fala.

Que loucura

Vontade de sumir desse planeta com minha família.

Curtir · 13 · 4 de março de 2017 às 08:28



Simone Arruda Quando fui falar sobre uma determinada vacina para um conhecido eu fui literalmente crucificada, eu não caio mais nessa!! Informação é tudo...


Curtir · 3 · 4 de março de 2017 às 08:34



Denise Resende Z. Simões É uma tristeza muito grande tudo isso, minha filha falava normalmente e depois da tríplice parou de falar e veio o maldito autismo.

Curtir · 13 · 4 de março de 2017 às 08:35


^ Ocultar 13 respostas

 **Isma De Sousa** Me assusta ver o povo/maioria ignorando um assunto tão delicado e importante, como é a relação autismo pós vacinal!

Curtir ·  3 · 4 de março de 2017 às 08:41

 **Bia Rocha** Aham a mim tb. E se enfurecem se falamos contra.

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 08:52

 **Bia Rocha** Faz a desintoxicação nela pela terapia cease! Tem bastante relato de melhoras significativas e até de cura!

Curtir ·  5 · 4 de março de 2017 às 08:53

 **Tâmara Monteiro** Tbm acredito muito que a vacina causa autismo.

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 09:03

 **Leila Bongiovani** Muito triste mesmo.

Curtir ·  2 · 4 de março de 2017 às 11:24

 **Denise Resende Z. Simões** Bia Rocha, estou fazendo cease com muita esperança! Obrigada!

Curtir ·  4 · 4 de março de 2017 às 12:53

 **Érica Santiago** Q triste Denise Resende Z. Simões. Deus abençowme q sua filha seja curada.

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 15:21

 **Bia Rocha** Torço pela cura dela!!!

Curtir ·  2 · 4 de março de 2017 às 15:25

 **Denise Resende Z. Simões** Obrigada Érica e Bia 😊

Curtir ·  2 · 4 de março de 2017 às 16:04

 **Juliana Alves** Está toma com qual idade mesmo?

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 19:08

 **Eliane F. S. Gabriel** Torço muito por vocês Denise Resende Z. Simões, beijo na Gabi.


Curtir ·  1 · 5 de março de 2017 às 03:38

 **Denise Resende Z. Simões** Obrigada Eliane, dou sim! 🍷🙏🙏🙏🙏


Curtir ·  1 · 5 de março de 2017 às 04:01

 **Natália Lamounier** Ac


Curtir · 5 de março de 2017 às 04:02

 **Humberto Moller** Sabe aquela série Walking Deads? Estamos vivendo uma zumbização em massa. Cada um que salve a si mesmo. E a sua família, se possível. Quem for inteligente, sensível e bem informado vai saber o que fazer.

Curtir ·  3 · 4 de março de 2017 às 09:00

 **Aline Silva Dexheimer** O governo sempre tem que manter sua população com algum medo. A mídia faz seu papel.


Curtir ·  3 · 4 de março de 2017 às 09:38

 **Gilson P. Rodrigues** Denise Resende Z. Simões, a sua filha tomou a vacina nos postos de saúde ou em clínicas particulares???


Curtir ·  2 · 4 de março de 2017 às 11:21

 **Denise Resende Z. Simões** Postos de saúde!


Curtir · 4 de março de 2017 às 13:14

 **Manuela Alves** Tem alguma coisa a vê a vacina de posto e particular?

Curtir · 4 de março de 2017 às 13:25

 **Márcia Fogo** A minha tomou a primeira dose no particular está falando que é sem mercúrio!
Não sei se o mercúrio é o vilão, mas mesmo assim não voltei pra dar a segunda!


Curtir · 4 de março de 2017 às 16:50

 **Claudia M. Gaeta** Não é só o mercúrio o vilão. TODA a vacina tríplice viral é nociva....porq colocaram 3 vírus VIVOS incompatíveis entre si juntos. Se uma criança se infecta com sarampo e rubéola juntos, por exemplo, ela precisa ser internada, porque tem risco de DANO CEREBRAL. E foi isso o q o dr.Wakerfield tentou alertar o serviço de saúde inglês, e retiraram sua licença de clinicar.

Curtir ·  3 · 5 de março de 2017 às 01:25

 **Camila Martinez Précoma** Claudia M. Gaeta onde encontro mais leitura sobre isso? Bjs

Curtir · 6 de março de 2017 às 13:57

 **Claudia M. Gaeta** Isso da tríplice viral foi do livro da dra.Natasha Campbell McBride "Gut&Psychology syndrome".

Curtir ·  1 · 7 de março de 2017 às 06:35



Lilian Cipriano Já chorei e ainda estou muito ansiosa por conta dessa vacina de febre amarela.

Tenho uma filha de 5 anos e não nos vacinamos, mas estou morrendo de medo.

Moro no ES tbm e apareceu essa semana o primeiro caso de febre amarela aqui.... Ver mais

Curtir ·  1 · 4 de março de 2017 às 18:24



Jorge Gonçalves De vitamina d3 pra família inteira

Curtir ·  1 · 5 de março de 2017 às 01:28



Erica Freitas Ac

Curtir · 5 de março de 2017 às 00:44



Claudia M. Gaeta As pessoas se esquecem do desastre de Mariana, em que metais pesados enlamearam ecossistemas, matando flora e fauna. Quem sabe esses macacos ficaram sem o que comer?! Sei é que os sapos, que comem os mosquitos da dengue e etc, morreram quase todos....é um desastre ecológico, e o povo ignora as consequências e dimensões desses eventos através do tempo.

Curtir ·  9 · 5 de março de 2017 às 01:33



Izadora Calina Quando o meu teve a reação alérgica ao ovo, o médico que o atendeu falou a mesma coisa!

Curtir ·  2 · 5 de março de 2017 às 04:53



Natália Lamounier Foi comprovado que um macaco q morreu aqui na minha cidade foi de febre amarela. Não sei o que fazer : tenho filho pequeno. E não sei se é pior a vacina ou a doença.

Curtir ·  1 · 5 de março de 2017 às 04:06



Humberto Moller Moro do lado do parque Lage aqui no Rio de Janeiro. De vez em quando, morrem alguns macacos por se alimentarem com o lixo deixado pelos humanos. Imagina o que deve estar acontecendo com a fauna da região afetada pela barragem de Mariana. Isso é um Teatro macabro.

Curtir ·  4 · 5 de março de 2017 às 04:07

Lilian Cipriano Aqui no ES já fizeram testes. E os macacos que morreram aqui na região sul do ES moram em locais de mata, não tem lixo, nem casas, nada de poluição.

Curtir · 9 de março de 2017 às 17:05 · Editado

Paulo de Tarso Mosquitos transgênicos da Oxitec, os quais foram geneticamente modificados pela Fundação Rockefeller estão sendo soltos em varias cidades no Brasil. <http://www1.folha.uol.com.br/.../1596898-mosquito-da...>



Mosquito da dengue geneticamente modificado será solto em Piracicaba

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Curtir · 4 · 5 de março de 2017 às 06:01

Paulo de Tarso E precisam de um ambiente com menos predadores naturais para prosperarem e cumprirem seu objetivo. Uma vez que os mosquitos soltos são machos e não picam, porém seus filhos com seus genes modificados picam.



Curtir · 2 · 5 de março de 2017 às 06:06 · Editado

Sueli Schmitt Eu aposto que os macacos nao tem nada a ver com a febre amarela.

Curtir · 1 · 5 de março de 2017 às 06:50

Lilian Cipriano Sueli Schmitt, os macacos pegam a febre amarela como os humanos. Eles não transmitem.

Curtir · 9 de março de 2017 às 17:07

Bia Rocha Isso me lembra Jurassic Park... alguma caca vem aí...

Curtir · 1 · 5 de março de 2017 às 06:52

Sueli Schmitt Paulo - a Oxitec precisa sobreviver e continuar empregando as pessoas que trabalham pra eles. A Zika ja nao e moda mais... entao a onda agora e febre amarela. No proximo ano sera febre roxa causada por algum tipo de mosca, talvez a mosca da banana

Curtir · 3 · 5 de março de 2017 às 06:53

Bia Rocha hahahahahhahahah seria comico se não fosse tragico, mas eu ri kkk

Curtir · 5 de março de 2017 às 06:54

Paulo de Tarso Pior que a Fundação Rockefeller esta "erradicando" a Febre Amarela no Brasil há mais de um século. "Em 1916, a Fundação Rockefeller, através de sua agência, a International Health



Sueli Schmitt Eu aposto que os macacos nao tem nada a ver com a febre amarela.

Curtir · 1 · 5 de março de 2017 às 06:50



Lilian Cipriano Sueli Schmitt, os macacos pegam a febre amarela como os humanos. Eles não transmitem.

Curtir · 9 de março de 2017 às 17:07



Bia Rocha Isso me lembra Jurassic Park... alguma caca vem aí...

Curtir · 1 · 5 de março de 2017 às 06:52



Sueli Schmitt Paulo - a Oxitec precisa sobreviver e continuar empregando as pessoas que trabalham pra eles. A Zika ja nao e moda mais... entao a onda agora e febre amarela. No proximo ano sera febre roxa causada por algum tipo de mosca, talvez a mosca da banana

Curtir · 3 · 5 de março de 2017 às 06:53



Bia Rocha hahahahahahahahah seria comico se não fosse tragico, mas eu ri kkk

Curtir · 5 de março de 2017 às 06:54



Paulo de Tarso Pior que a Fundação Rockefeller esta "erradicando" a Febre Amarela no Brasil há mais de um século. "Em 1916, a Fundação Rockefeller, através de sua agência, a International Health Board, enviou ao Brasil uma missão especial para investigar as possibili... [Ver mais](#)

Curtir · 5 de março de 2017 às 07:01 · Editado



Bia Rocha Eu vou matar tudo que zumbir no meu ouvido, só digo isso pra Oxitec!

Curtir · 5 de março de 2017 às 06:54 · Editado



Sueli Schmitt Pense assim gente: a unica razao pras vacinas existirem segundo o governo e que elas previnem doencas. Agora pensem nos hospitais publicos cheio de gente morrendo sem medico, sem aparelhos, sem camas decente... se o governo esta tao interessado na saude publica a ponto de obrigadas pessoas a se vacinarem, nao e contraditorio que esse mesmo governo deixe as pessoas morrendo na fila do SUS ou no chao dos hospitais publicos?

Curtir · 7 · 5 de março de 2017 às 07:04



Bia Rocha verdade...

Curtir · 5 de março de 2017 às 07:11



Leila Bongiovani Exatamente.

Curtir · 5 de março de 2017 às 07:35



Denise Resende Z. Simões Kellen Fontana Guimarães

Curtir · 5 de março de 2017 às 14:57



Helena Chaves Mahk

